



Número especial 10 (2024) Rhêtorikê

ARGUMENTAÇÃO, RETÓRICA E ANÁLISE DO DISCURSO

Este dossiê especial da Rhêtorikê – revista digital de retórica reúne uma coletânea de artigos que foram apresentados por ocasião do I Colóquio Internacional sobre Argumentação, Retórica e Análise do Discurso (CIARD), cujo tema foi o seguinte: sujeitos, discursos e pós-verdade. Este evento ocorreu entre os dias 8 a 10 de abril de 2024, de forma presencial, nas dependências da Universidade Federal do Piauí, em Teresina/Brasil.

O I CIARD contou com palestras, mesas-redondas, minicursos, sessão de pôsteres e comunicações orais em simpósios temáticos. Foi um colóquio de grande expressividade, pois propiciou uma rede de discussões com pesquisadores de diferentes instituições. Contou, ainda, com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/BRASIL), o qual foi imprescindível para a realização do colóquio.

O nosso I CIARD teve como presidente da comissão organizadora o professor doutor João Benvindo de Moura, docente do curso de Letras da Universidade Federal do Piauí. Esse professor e pesquisador tem, ao longo dos anos, trilhado as searas dos estudos retóricos, argumentativos e discursivos da linguagem, razão por que fomentou a ideia de organizar um evento inédito que, de alguma maneira, contemplasse essas áreas do conhecimento.

Com o principal objetivo de compartilhar uma parte dos trabalhos apresentados em nosso evento internacional, decidimos, em concordância com a Rhêtorikê, organizar um número especial nesse importante periódico, mostrando a importância de pesquisas nos âmbitos argumentativo, retórico e discursivo. Certamente, o conjunto de artigos publicados neste número específico terá uma grande visibilidade e repercussão mundo afora.

Neste número especial, temos um total de 11 artigos que trabalham com algumas teorias, a exemplo da Argumentação no discurso, da Retórica, da Semiologia, da Análise Crítica do Discurso, da Análise Dialógica da Argumentação, entre outras. Embora filiados a diferentes perspectivas teóricas e analíticas, todos os artigos que compõem este dossiê permanecem enredados às questões argumentativas e discursivas da linguagem.

Discursos político, religioso e midiático são alguns dos tipos de discurso que são analisados nos artigos que contemplam esse dossiê. Almejamos que os leitores possam apreciar cada texto, mas também que possam criticar, refletir, expandir, ou seja, estabelecer uma resposta sobre as impressões racionais e emocionais despertadas. Afinal, como já dizia o mestre grego Aristóteles, todos nós somos movidos por diferentes paixões.

Ademais, apresentaremos, de forma breve, cada artigo que faz parte desta coletânea. É pertinente destacar que os autores e as autoras cederam, gentilmente, os seus textos para que fosse possível compor esse número especial. Por isso, registramos aqui o nosso agradecimento pela confiança depositada, inicialmente, em nosso evento e, agora, nesta nova empreitada acadêmica que, como vemos, atravessa o oceano e desembarca em Portugal.

No primeiro artigo, intitulado “Retórica e manipulação no discurso neopentecostal da Igreja Santa de Jesus Cristo”, os autores Max Silva da Rocha, Francisco Herbert da Silva e João Benvindo de Moura, ancorados nos estudos retóricos e argumentativos da linguagem, realizam análises em três atos argumentativos de um documentário da Igreja Santa de Jesus Cristo. Como resultados alcançados, esses pesquisadores constataam um discurso instaurado em figuras de negação, a exemplo da mentira, da má-fé, da denegação e da impostura.

No segundo artigo, com o título “Um estudo acerca da argumentação na construção dos imaginários da população em situação de rua”, as autoras Janayna Rocha da Silva e Ilana da Silva Rebello investigam quais imaginários sociodiscursivos são criados em textos que, a princípio, não apresentam uma visada argumentativa, mas apenas uma dimensão argumentativa, acerca da população em situação de rua. As autoras mobilizam categorias da argumentação e da semiolinguística para realizarem as suas análises.

No terceiro artigo, nomeado “As polêmicas nas tentações de Jesus em Mateus 4:1-11 à luz da análise dialógica da argumentação”, os pesquisadores Fagner Carvalho Silva, Lucas Nascimento e Brian Gordon Lutalo Kibuuka analisam a construção dos posicionamentos no evento polêmico da tentação em Mateus 4:1-11 e verificam a formação de uma polêmica aberta entre as personagens, mas, mais significativamente, uma polêmica velada, um conflito oculto entre a comunidade de Mateus, cujo discurso é representado pela personagem Jesus, e o judaísmo formativo tem seu discurso representado pela figura do Diabo.

No quarto artigo, intitulado “As figuras de retórica como dispositivo argumentativo no pronunciamento de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva”, os articulistas Eduardo Pantaleão de Moraes, Leandro Vieira dos Santos e José Nildo Barbosa de Melo Junior estudam minuciosamente as figuras de retórica como Dispositivo argumentativo que justifica o emprego de estratégias argumentativas utilizadas por Lula em seu pronunciamento de posse, na Esplanada dos Ministérios, tornando o discurso desse orador mais persuasivo.

No quinto artigo, com o título “Estratégias retóricas em votações de deputados federais do Piauí sobre o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff”, os pesquisadores Patrícia Rodrigues Tomaz

e Max Silva da Rocha investigam as provas retóricas formadas pelo *ethos*, *logos* e *pathos* e os efeitos de sentido dos discursos proferidos pelos deputados federais do estado do Piauí/Brasil, decorrentes desses posicionamentos, sendo cinco favoráveis e cinco contrários ao processo de *impeachment* da então presidente do Brasil. Os autores mostram, de forma detalhada, os aspectos persuasivos instaurados nas votações estudadas.

No sexto artigo, nomeado “A retórica da identidade em “poema de um assimilado”, de Agnelo Regalla” o pesquisador João Adalberto Campato Jr., fundamentado em um delineamento qualitativo e bibliográfico, submete o poema de Regalla ao método retórico de análise textual de modo a evidenciar a sua organização persuasiva e os numerosos efeitos de sentido daí advindos. Esse trabalho mostra como os fios argumentativos estão presentes no discurso do orador que tenta, estrategicamente, persuadir o seu auditório.

No sétimo artigo, intitulado “A argumentação na cantiga de capoeira “Dona Isabel”, de Toni Vargas: em busca da verdade e da liberdade”, os autores Dalila Maria Silva de Macedo e João Benvindo de Moura analisam o modo argumentativo em uma cantiga de capoeira que aborda como temática os verdadeiros abolicionistas da escravização. Para tanto, os autores utilizam como referencial teórico-metodológico a arquitetura da Análise do Discurso Semiociolinguística do linguista francês Patrick Charaudeau.

No oitavo artigo, nomeado “Análise do *ethos* da personagem Yoon Se-ri no k-drama pousando no amor”, os pesquisadores Flávio Passos Santana e Daniela Santos Macedo estudam as imagens discursivas da personagem Yoon Se-ri no k-drama pousando no amor, disponível na plataforma de *streaming Netflix*. Identificam o *ethos* de Se-ri, enquanto vivia na Coreia do Sul, de uma mulher autônoma e de muito sucesso em seu trabalho, o qual ela dava muito valor.

No nono artigo, sob o título “Análise de aspectos retórico-críticos em discursos de ódio na *internet*”, os autores Marcos Vinicius Lucio Fragoso e Deywid Wagner de Melo investigam como a retórica e os aspectos críticos da linguagem constituem discursos de ódio em ambientes digitais. Além disso, se debruçam sobre o papel das plataformas digitais na disseminação e amplificação desse tipo de discurso que está presente em nossa sociedade.

No décimo artigo, intitulado “O Brasil é um só povo: uma análise semiociolinguística da argumentação em uma propaganda do Governo Federal”, os autores Luis Felipe da Silva Castelo Branco e João Benvindo de Moura procedem a uma análise sobre uma propaganda como ato de linguagem, desvelando as restrições e estratégias de seu contrato de comunicação e verificando a sua dimensão argumentativa. Identificam que o contrato de comunicação utiliza estratégias de neutralidade, engajamento e captação para a construção de um *ethos* positivo.

Finalmente, no décimo primeiro artigo, sob o título“(Contra)ataques identitários entre direita e esquerda: análise semiociolinguística de memes no *Instagram*”, os autores Eveline Coelho Cardoso e Rafael Guimarães Nogueira identificam imagens discursivas da direita e da esquerda brasileira, descrevendo as estratégias de persuasão e de sedução de que se serviu, pela via do humor, cada polo

político. À luz da Teoria Semiociuística, esses articulistas descrevem como cada grupo político confere, a seu opositor, traços negativos.

Por fim, resta-nos dizer que este número só foi possível graças à parceria estabelecida entre pesquisadores de diferentes instituições, a exemplo do professor doutor Deywid Wagner de Melo, vinculado à Universidade Federal de Alagoas; e do professor doutor Eduardo Pantaleão de Moraes, filiado à Universidade Estadual de Alagoas, pois ambos contribuíram decisivamente para a organização deste dossiê. Além disso, esses pesquisadores aceitaram o desafio de realizar o II CIARD no estado de Alagoas/Brasil, em 2025. Será possível organizar, no próximo ano, uma outra edição especial nesta revista? Esperamos que sim!

Desejamos a todos e a todas uma boa leitura!

Os organizadores,

Prof. Dr. João Benvindo de Moura

Universidade Federal do Piauí (UFPI-BRASIL)

Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo

Universidade Federal de Alagoas (UFAL-BRASIL)

Prof. Dr. Eduardo Pantaleão de Moraes

Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL-BRASIL)



RETÓRICA E MANIPULAÇÃO NO DISCURSO NEOPENTECOSTAL DA IGREJA SANTA DE JESUS CRISTO

Max Silva da Rocha
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: msrletras@ufpi.edu.br

Francisco Herbert da Silva
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: franherberthysilva@gmail.com

João Benvindo de Moura
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: jbenvindo@ufpi.edu.br

Resumo: Este trabalho, fundamentado nos estudos retóricos e argumentativos da linguagem, tem como principal objetivo realizar uma análise retórica em três fragmentos de um documentário da Igreja Santa de Jesus Cristo. Para tanto, nos servimos dos postulados teóricos da retórica, da argumentação, além de contribuições da teoria semiolinguística de análise do discurso. Os resultados apontam que o líder máximo da referida instituição religiosa enaltece sua imagem como um homem usado por Deus, possuidor de um chamado pastoral. Além disso, recorre a argumentos racionais que buscam comprovar suas asserções, sobretudo, por meio dos argumentos de autoridade e pragmático. Visualizamos, também, a tentativa do despertar de paixões, como forma de comover e mover os ânimos do auditório. No campo da manipulação, constatamos um discurso instaurado em figuras de negação, a exemplo da mentira, da má-fé, da denegação e da impostura. Esses aspectos encontrados corroboram o discurso manifestado na citada igreja, pautado, sobretudo, no engodo, numa falácia que convence e persuade aqueles que, de algum modo, estão disponíveis para serem interpelados por meio da argumentação.

Palavras-chave: Argumentação. Discurso religioso. Pastor evangélico.

Abstract: This work, based on rhetorical and argumentative studies of language, has as its main objective to carry out a rhetorical analysis of three fragments of a documentary about the Holy Church of Jesus Christ. To do so, we use the theoretical postulates of rhetoric and argumentation, as well as contributions from the semiolinguistic theory of discourse analysis. The results indicate that the top leader of the aforementioned religious institution enhances his image as a man used by God, possessing a pastoral calling. Furthermore, it uses rational arguments that seek to prove its assertions, above all, through authoritative and pragmatic arguments. We also visualize the attempt to awaken passions, as a way of moving and moving the mood of the audience. In the field of manipulation, we see a discourse based on figures of denial, such as lies, bad faith, denial and imposture. These aspects found corroborate the discourse expressed in the aforementioned church, based, above all, on deception, a fallacy that convinces and persuades those who, in some way, are available to be challenged through argumentation.

Keywords: *Argumentation. Religious discourse. Evangelical pastor.*

INTRODUÇÃO

A Igreja Santa de Jesus Cristo (doravante, ISJC) possui mais de 50 templos religiosos espalhados pelo estado de Alagoas/Brasil. É uma denominação religiosa cristã que possui mais de 35 anos de existência. Tem sua sede na cidade de Arapiraca, que é o segundo maior município do referido estado. O seu fundador, líder e atual administrador é Marcelo Oliveira, um ex-pastor dissidente da Igreja Universal do Reino de Deus. A cada ano, a ISJC vem crescendo de forma robusta, tanto em número de membros e templos quanto em influência social e política. Seu principal líder é, assumidamente, signatário da extrema direita brasileira e, em sua igreja, promove as ideologias dessa corrente política. Na ISJC, a religião e a política partidária se misturam de tal maneira que é difícil fazer uma separação capaz de demarcar fronteiras.

Com base nessas informações, surgiram alguns questionamentos que norteiam este trabalho. A) Como a tríade retórica está disposta em um sermão do pastor Marcelo Oliveira? B) De que modo estão apresentadas as figuras de negação no discurso desse chefe religioso? C) A argumentação desse líder evangélico segue uma perspectiva racional ou emotiva? D) Quais sentidos podem ser depreendidos da pregação desse pastor? A busca por responder a essas perguntas é o fio condutor para a realização desta pesquisa. Certamente, entenderemos, mesmo que em apenas três fragmentos, como atua discursivamente esse pastor. Os resultados encontrados nesta investigação poderão abrir possibilidades para outras pesquisas.

Neste trabalho, temos como principal objetivo realizar uma análise retórica em três fragmentos de um documentário da Igreja Santa de Jesus Cristo. Nesse sentido, categorias como tríade retórica e

discurso manipulatório são o enfoque desta pesquisa. De forma mais específica, almejamos identificar a disposição da tríade retórica em três fragmentos do documentário selecionado; descrever a utilização da manipulação e as figuras de negação presentes discursivamente; e explicar os possíveis interpretativos manifestados de maneira explícita ou implícita. Todo esse percurso mostrará como o discurso é constituído por elementos de natureza persuasiva que podem conduzir as crenças e as ações do auditório visado.

A presente pesquisa se torna relevante porque ainda não existe, ou pelo menos não encontramos, nenhum trabalho, em qualquer gênero acadêmico, que investigou as querelas retóricas e argumentativas presentes em discursos da ISJC. Assim, existe uma lacuna de pesquisa e, com este estudo, preencheremos parte dela. Existem trabalhos que investigaram chefes religiosos e suas estratégias argumentativas, a exemplo do artigo de Rocha, Moura, Melo e Morais (2023), que estudaram a argumentação em orações do Missionário Romildo Ribeiro Soares (R.R. Soares), fundador, líder e administrador da Igreja Internacional da Graça de Deus; e do Apóstolo Valdemiro Santiago de Oliveira, fundador, líder e administrador da Igreja Mundial do Poder de Deus. Os autores identificaram uma série de estratégias argumentativas utilizadas por esses pastores para convencer, persuadir e manter a persuasão já conquistada.

Entretanto, esse trabalho mencionado não trilhou o caminho do discurso manipulatório como fazemos aqui. A manipulação da verdade necessita ser percebida com um olhar mais profundo, pois é algo disfarçado, sorrateiro. Abdicar de investigar como o discurso manipula pode bloquear uma análise que investigue os recônditos das estratégias argumentativas que esses líderes religiosos utilizam comumente em suas pregações. Justificamos a importância do nosso trabalho por dar ênfase à manipulação e suas categorias. Mesmo em templos religiosos, a figura da mentira é utilizada para enganar um auditório que se acha disponível e, em muitos casos, parece mesmo que se deixa manipular, pois inculca as ideias que o pastor promulga.

O discurso religioso praticado na ISJC é de vertente neopentecostal, assim como nas principais denominações religiosas midiáticas do Brasil contemporâneo, a exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus. Dessa maneira, o neopentecostalismo é um ramo do protestantismo, mas com suas próprias singularidades e independente daquele. “O discurso religioso neopentecostal apresenta novos elementos discursivos com suas ênfases na Teologia da Prosperidade, assim como nas curas e milagres, acrescentando-se ainda a dimensão político-partidária” (Peña-Alfaro, 2005, p. 60). A prosperidade, a cura, o milagre, o exorcismo, tudo isso constitui esse movimento que surgiu nos Estados Unidos e encontrou no Brasil um terreno fértil para o seu amplo desenvolvimento e crescimento avassalador em nossa sociedade.

Ademais, para a consecução deste trabalho, dividimo-lo em algumas partes. Na primeira, mostramos uma fundamentação teórica sobre os estudos retóricos e argumentativos da linguagem, apresentando definições de categorias basilares, a exemplo da tríade retórica. Na segunda, percorremos as nuances do discurso manipulatório, bem como suas figuras de negação, conceituando cada uma delas. Na terceira, destacamos os aspectos metodológicos que utilizamos nesta pesquisa. Na quarta, realizamos as nossas análises dos trechos selecionados, observando as categorias elencadas para este estudo. Por fim, apresentamos as considerações finais, abordando os resultados alcançados; as referências utilizadas aparecem ao final. Esperamos que todos esses passos seguidos possam, de alguma maneira, contribuir com a pesquisa em retórica e argumentação, tomando o discurso religioso como objeto de análise.

QUESTÕES RETÓRICAS E ARGUMENTATIVAS

Inicialmente, partimos de uma ideia primária de que todos nós somos seres retóricos por natureza. Essa assertiva de Ferreira (2015) nos mostra que, de um modo ou de outro, temos opiniões, crenças, valores, visões de mundo que são lançadas a um determinado auditório como se fossem “verdades” irrefutáveis. Assim sendo, podemos compreender que todo discurso tem, em sua constituição, uma dimensão argumentativa que busca alguma finalidade específica, como, por exemplo, orientar pensamentos, modificar crenças e opiniões, fazendo com que o auditório acredite no que é anunciado pelo orador. Essa ideia de dimensão argumentativa é concebida por Amossy (2020) e tem como objetivo fulcral demarcar as diferenças entre dimensão e visada argumentativas presentes em discursos diversos. Um pouco mais à frente, veremos como esses dois conceitos são caracterizados no escopo da argumentação.

Entendemos, neste trabalho, que a retórica e a argumentação são campos distintos das atividades linguageiras realizadas por diferentes oradores. Sobre a primeira, o nosso mestre Aristóteles a define do seguinte modo: “Pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função” (Aristóteles, 2011, p. 44). Em seguida, endossa ainda mais a sua conceituação: “Quanto à retórica, todavia, vemo-la como o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir” (Aristóteles, 2011, p. 44). A partir dessas definições, compreendemos que a retórica é mesmo uma técnica que busca contribuir para o desvelar de elementos persuasivos nos discursos e nos textos. “Em primeiro lugar, **a Retórica é uma técnica** no sentido de

um conjunto de preceitos que se podem pôr em prática com o fim de convencer o auditório” (Mateus, 2018, p. 36, grifos do autor).

Sobre a segunda, a argumentação, podemos entendê-la como um outro campo do saber, no sentido de contemplar diferentes perspectivas, a exemplo da argumentação na língua, argumentação com base na lógica informal, argumentação no texto e argumentação no discurso, entre outras correntes. Estamos filiados, neste trabalho, a uma perspectiva de argumentação voltada aos estudos discursivos da linguagem, mas sem esquecer do arcabouço retórico de base aristotélica e perelmaniana. Seguimos o entendimento de Amossy (2020), quando essa analista do discurso postula que a argumentação é entendida como “os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece [...]” (Amossy, 2020, p. 47). Essa conceituação implica posições importantes no cenário dos estudos retóricos e argumentativos da linguagem, visto que não preconiza somente a persuasão como resultado.

É aqui que temos a distinção entre dimensão argumentativa e visada argumentativa. A primeira acontece quando surge “uma simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário” (Amossy, 2020, p. 44). Alguns gêneros discursivos que contemplam essa perspectiva são artigos científicos, romances, contos, descrição jornalística, entre outros. A segunda ocorre quando existe “uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo” (Amossy, 2020, p. 44). Alguns gêneros discursivos estão nesse âmbito, a exemplo do sermão na igreja, pronunciamento político, defesa e acusação em tribunal de júri, entre outros. Essas duas categorias estão imbricadas, uma vez que todo discurso apresenta uma dimensão argumentativa, mas nem todo discurso apresenta uma visada argumentativa.

Com essa definição mais atual que vimos anteriormente, fundamentada em um avanço da nova retórica perelmaniana, percebemos que a argumentação pensada nesses moldes não visa somente a persuasão custe o que custar. Ao contrário, às vezes, é possível perseguir apenas uma orientação ou modificação de opiniões, de ideias. Entendemos que a persuasão só é obtida quando fazemos com que o nosso auditório pense como nós, mas também que aja de acordo com o que desejamos. Se o auditório apenas pensar como nós, estaremos no campo do convencimento e não da persuasão, afinal de contas, aprendemos com nossos pioneiros da nova retórica que convencer é diferente de persuadir e isso incide de forma imprescindível no processo argumentativo em que estivermos engajados. “Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira

fase que leva à ação. [...] Em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 30).

Algumas categorias são imprescindíveis para o entendimento de práticas argumentativas que almejam mover o pensamento e as ações de um auditório. Em nosso estudo, trabalhamos com as provas retóricas formuladas pela construção da imagem de si (*ethos*); com o encadeamento de argumentos racionais (*logos*); e com o despertar de paixões que podem gerar sensações de dor ou prazer no auditório (*pathos*). Além disso, outras categorias são evocadas neste estudo, a exemplo da manipulação da verdade e as figuras da negação, como mentira, denegação, má-fé e impostura. Lançamos mão desses dispositivos argumentativos com o objetivo de analisar o discurso proferido pelo pastor Marcelo Oliveira. Para um entendimento mais consistente, explicaremos cada categoria analítica pautada neste trabalho.

A CONSTITUIÇÃO DAS TRÊS PROVAS RETÓRICAS

Acerca do tripé retórico, é importante, mais uma vez, evocar o mestre Aristóteles, que é o pioneiro na constituição desse dispositivo. “Há três tipos de meios de persuasão supridos pela palavra falada. O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espíritos; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar” (Aristóteles, 2011, p. 45). Esses três elementos estão inter-relacionados, mas podem ser separados com fins metodológicos de uma pesquisa que busque, por exemplo, focalizar o estudo do *ethos*. Entretanto, essas provas retóricas constituem a base de um discurso argumentativo. Existe um orador, um discurso e um auditório. Essa formulação se mantém até os dias de hoje, embora tenha sofrido modificações e atualizações, tendo em vista que não estamos mais na Grécia Antiga, por volta de 400 anos antes de Cristo.

Mesmo assim, trataremos o *ethos* como a construção da imagem de si, quando o orador, por meio do seu discurso, se revela ou se esconde. Também conceberemos o *pathos* como um conjunto de paixões que podem despertar no auditório sensações que provoquem dor ou prazer. Não falaremos em efeitos dados, mas em efeitos possíveis. Quanto ao *logos*, compreenderemos todos os argumentos que o orador lança mão para tentar influenciar seu auditório. Não entraremos no embate sobre as novas concepções de *ethos*, *logos* e *pathos*, ao contrário, faremos um cotejamento entre os autores, entendendo que as discussões retóricas são a base do que temos hoje e que ainda está em pleno vigor. Atualmente, temos assistido às novas formulações de estudos retóricos em ambientes digitais, a partir

de ideias como tecnotexto e tecnodiscurso, revelando que já existem novas perspectivas teórico-analíticas para esse ambiente.

O professor Samuel Mateus, por exemplo, desenvolveu um verdadeiro tratado sobre a retórica no século XXI, pontuando uma retórica midiática. Esse autor português afirma que a retórica, mesmo midiaticizada, permanece viva e vigorosa na contemporaneidade, já que uma retórica digital “significa, assim, novas oportunidades de não apenas interrogar a aplicabilidade da teoria retórica, como também, inesperadas ocasiões de confirmar os amplísimos efeitos da Retórica na era dos ambientes e tecnologias digitais” (Mateus, 2018, p. 232). O assunto é muito importante, mas neste artigo não iremos nos aprofundar porque não é o nosso objetivo. De todo modo, não é honesto afirmar que a retórica está em desuso, foi sobrepujada ou algo dessa natureza. A obra de Mateus (2018) traz à tona uma importante contribuição para o avanço dos estudos retóricos de base estritamente aristotélica, passando pelo sistema retórico, os gêneros do discurso retórico, as provas retóricas e toda a arquitetura de uma área do conhecimento que possui mais de dois séculos e meio e que permanece mais viva do que nunca.

No Brasil, por exemplo, temos grupos de pesquisa renomados que mantêm atualizados os estudos retóricos de cunho aristotélico. Destacamos alguns deles, como o Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos (ERA), sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenado pelo professor doutor Luiz Antonio Ferreira. Também o Grupo de Pesquisa em Argumentação e Retórica (PARE), com sede na Universidade de Franca, coordenado pela professora doutora Maria Flávia Figueiredo. Entendemos que esses dois grupos têm, de maneira distinta, preservado e ampliado os estudos em teoria retórica, a partir de um grande volume de publicações anuais através de temáticas extremamente importantes à retórica.

AS CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO MANIPULATÓRIO

No tocante à manipulação da verdade, ou discurso manipulatório, recorreremos aos estudos recentes do linguista francês Patrick Charaudeau. Em Charaudeau (2020), na obra “A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas” e em Charaudeau (2022), na obra “A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade”, encontramos dois tratados sobremaneira imprescindíveis para o entendimento de práticas languageiras que buscam enganar o auditório acerca de diferentes questões. Esse mesmo autor afirma que a “manipulação é acompanhada, pois, de uma *falsidade*, pelo fato de que há uma relação entre um influenciador-manipulador que esconde sua intenção e um influenciado-manipulado que a ignora” (Charaudeau, 2020, p. 69, grifo do

autor). Constatamos que o orador não mostra sua verdadeira intenção. Na verdade, ele apresenta um discurso disfarçado.

O referido linguista francês, que é pai da teoria semiolinguística de análise do discurso, preleciona que o **carisma** é um aspecto crucial para o discurso manipulatório. Ligado ao *ethos* do orador, o carisma funciona no campo da credibilidade e da captação do auditório. Carisma é uma palavra que vem do grego cristão (kharis > kharisma), que significa dom, favor, graça de origem divina. Paulo, escritor bíblico, foi o responsável por introduzir essa palavra nas Escrituras Sagradas. Posteriormente, Charaudeau (2020) enfatiza que essa mesma expressão foi utilizada na Sociologia Política, significando autoridade, fascinação irresistível exercida por um homem sobre um grupo humano. Assim sendo, temos dois caminhos: um com a ideia de inspiração proveniente de uma fonte invisível; e outro com a ideia de atração. Nosso linguista francês acrescenta, ainda, uma terceira opção: a presença de uma pessoa, de um corpo.

Nesse sentido, o carisma é constituído pela fonte, pelo corpo e pela atração. **A fonte** representa algo que está para um lugar invisível, de ordem divina, que não é palpável. “É verdade que o carisma se liga a personalidades excepcionais que, de algum modo iniciadas, tomam muitas vezes a figura de ‘profetas’, apresentando-se como salvadores, vindos de algum lugar para trazer a salvação à Terra. Por isso, pode-se dizer que há algo de sagrado que impregna o carisma” (Charaudeau, 2020, p. 76). Não poucas vezes, o líder máximo da ISJC se apresenta como um profeta de Deus, capaz de guiar os fiéis dessa instituição religiosa para o tão prometido Reino dos Céus. Certamente, as pessoas que já foram convencidas e persuadidas são impactadas com um discurso de manutenção da adesão conquistada outrora e outras ainda não participantes ativamente são interpeladas para que aceitem a proposta lançada pelo orador sacro.

O **corpo** representa a necessidade de fazer uma mediação entre a força sobrenatural, invisível e não palpável com os seres humanos. Charaudeau (2020) ressalta que não é qualquer pessoa que detém o carisma. É preciso ter condições de personalidade, uma vez que o “líder carismático deve ser digno de representar essas forças do além para anunciar a mensagem que ele quer propagar sobre a Terra. Seu próprio corpo deve se mostrar portador dessas forças benéficas ou maléficas que o inspiram fora de toda contingência humana” (Charaudeau, 2020, p. 77). Quando pensamos no pastor Marcelo Oliveira, fundador, líder e atual administrador da ISJC, identificamos um homem branco, alto, forte, sério, de postura rígida, aventureiro, se apresenta com armas, pois é atirador esportivo, seguidor de uma política de extrema direita no Brasil. Esses aspectos podem corroborar a ideia de que se trata de um homem ativo, que possui um chamado divino como sacerdote para guiar o seu povo a um modelo específico de comportamento social, pautado, sobretudo, num modelo de extremismo religioso.

A **atração** representa um sentido de alteridade entre os participantes, mas com requisitos assimétricos. Como o carisma é uma questão de troca e de interação, “é preciso que a pessoa carismática se apresente como um *espelho-mediador* desse além, de maneira que o público seja atraído por um movimento de identificação, mas, ao mesmo tempo, saiba que por trás do espelho há um ideal (uma pureza, um absoluto, um mal) inatingível” (Charaudeau, 2020, p. 78, grifos do autor). Conforme pontua esse mesmo teórico, é preciso que o auditório esteja numa situação de expectativa ou necessidade, que, sofredor, vítima, decaído ou infeliz, tenha como meta principal um objeto de desejo ou de busca, que não sabe o que é, na esperança de que apareça um homem providencial, capaz de resolver os problemas do seu povo. Na ISJC, seria esse homem o pastor Marcelo Oliveira, que se diz um escolhido de Deus? Veremos depois.

Para Charaudeau (2020), o carismático, dessa maneira, atua de modo a atrair as pessoas que estão precisando de algum tipo de ajuda. Ele é o suporte de identificação capaz de fazer chegar a um ideal e deve ser sentido como tal por aqueles que sofrem ou são alienados por alguém. No universo religioso, por exemplo, temos que o carisma repousa “num dom sagrado e constitui um messianismo, com seus porta-vozes que são os profetas – a menos que a potência divina, se fazendo homem, venha em pessoa salvar os homens. Os textos sagrados trazem narrativas épicas e hagiográficas que permitem ao imaginário humano seguir esses ‘mensageiros’” (Charaudeau, 2020, p. 78-79) que se dizem representantes de Deus na terra.

O pastor Marcelo Oliveira, em sua instituição religiosa, se apresenta como um mensageiro da parte de Deus. Ele afirma que é capaz de curar as enfermidades, vencer o mal e libertar as pessoas que sofrem por causa de espíritos malignos. Seus fiéis acreditam nesse discurso e, cada vez mais, a ISJC aumenta seu número de templos, de seguidores e, principalmente, de doadores. Muitas vezes, são pessoas extremamente pobres, doentes, desvalidas, sem nenhum tipo de escolarização, sem instrução alguma, que são arrebatadas via discurso manipulatório de um orador que sabe perscrutar os recônditos da alma, conquistando, dessa maneira, mente e coração daqueles que buscam alguma melhoria de vida.

AS FIGURAS DE NEGAÇÃO DO DISCURSO MANIPULATÓRIO

De acordo com Charaudeau (2022), existem pelo menos quatro figuras que expressam os meios pelos quais ocorre o fenômeno da manipulação. Esse teórico francês elenca a mentira, a denegação, a má-fé e a impostura. Para esse autor, “o discurso comum frequentemente tende a confundir algumas dessas figuras. No entanto, elas se distinguem conforme o sujeito falante procure esconder o seu saber (mentira), esteja ou não consciente do seu saber (denegação e má-fé), fazendo-se passar por aquilo que

não é (impostura)” (Charaudeau, 2022, p. 60). É sobremaneira importante descrever e explicar cada uma dessas figuras de negação, tendo em vista que elas são as responsáveis pela constituição de um discurso manipulador.

A **mentira** é uma enunciação voluntária que obedece a pelo menos cinco passos diferentes: 1) o orador que fala julga que o auditório não deve conhecer seu pensamento; 2) o orador diz algo diferente do que pensa ou sabe; 3) o orador sabe que o que ele diz é diferente ou ao contrário do que ele pensa; 4) o orador precisa dar sinais para que o auditório acredite que o que ele diz é idêntico ao que pensa; 5) e o orador precisa acreditar que o que ele pensa é verdadeiro, visto que para esconder a verdade, ele terá de conhecê-la. Com base nisso, entendemos que a mentira “é a negação do dizer do sujeito falante em seu ato de enunciação em face de seu interlocutor singular ou plural. A mentira também não é uma recusa de dizer, mas procede, por parte do sujeito falante, de uma vontade de mascarar o que ele pensa” (Charaudeau, 2022, p. 61), pois aquele que mente sabe distinguir o verdadeiro do falso.

A **denegação** é regida por alguns princípios que fazem com que o orador negue aquilo que pensa e assuma aquilo que diz. Apresentamos três aspectos: 1) o orador assume o que diz, o que considera ser verdadeiro; 2) o orador recusa, de forma inconsciente, o que sabe, pensa ou poderia saber, o que o transforma em um ato involuntário; 3) o orador precisa de um sujeito externo para, eventualmente, tomar consciência disso. Em resumo, a denegação “é um ato de enunciação pelo qual o sujeito locutor nega o que pensa, assumindo a veracidade do que diz, sem poder ou querer reconhecer, no fundo de si mesmo, o que ele nega, aquilo que o fere, difama ou que o faz sofrer” (Charaudeau, 2022, p. 65). O orador que denega só poderia tomar consciência de seu ato se alguém reagisse, ou seja, tratando-o como hipócrita ou se fizesse uma acusação, mostrando um pensamento antagônico ao que foi anunciado.

A **má-fé** é uma outra figura de negação regida pelo fato de o orador buscar esconder o seu pensamento, mesmo que este seja colocado em discussão por um adversário. A má-fé atende aos seguintes critérios: 1) o orador parece assumir que ele considera verdadeiro o que diz; 2) mas não ignora completamente o que sabe ou pensa; 3) ele simplesmente se cala, deixa de lado, não quer pensar nisso e quer acreditar no que diz; 4) é apenas outro sujeito que pode fazê-lo perceber que ele não pensa no que diz. “A má-fé é um ato de camuflagem do seu próprio pensamento, mas sempre se colocará a questão para o receptor – e talvez, também, para o próprio locutor – se ele acredita ou não no que diz” (Charaudeau, 2022, p. 69).

Para fins de um entendimento mais consistente, esse mesmo autor ora citado mostra que a má-fé é diferente da mentira e da denegação. A primeira foi conceituada como uma forma de enunciação

em que o orador está totalmente consciente de sua posição, de sua verdade, para esconder algo do auditório. No caso da má-fé, o orador mente para si mesmo, escondendo de si mesmo a sua verdade, pois lhe falta lucidez. No caso da denegação, o orador parecer ter uma venda nos olhos, pois não há consciência do ato de linguagem. Já na má-fé essa venda está furada e o orador planeja de forma consciente sua enunciação, mesmo sendo insustentável. O orador defende a todo custo uma ideia inversa e contra toda evidência (Charaudeau, 2022).

A **impostura** é formulada a partir de um jogo de lugares do orador, lançando ao seu auditório algo falso como se fosse verdadeiro. Assim, o orador projeta uma falsa imagem de si que é dada como verdadeira perante o auditório. A impostura, desse modo, mostra um jogo de usurpação de lugar que não existe na mentira, nem na denegação, nem na má-fé. “A impostura resulta, portanto, de um processo de substituição de instâncias de fala, um jogo de ser e parecer entre essas figuras de sujeitos, uma mistificação que engana os outros” (Charaudeau, 2022, p. 77). Aquele que é impostor busca preservar a sua própria face, deixando transparecer como se fosse alguém crível aos olhos do auditório. Para tanto, lança mão, também, de um trabalho de persuasão e de sedução dos outros, a fim de fazer com que o personagem que ele exhibe é uma pessoa autêntica e legítima. Por isso, o *ethos* é o fio condutor da impostura.

O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Partimos de uma análise retórica do discurso. Como lembra Ferreira (2022), o interesse da retórica é investigar como um discurso é proferido por um orador, a fim de provocar efeitos de sentido que ensinem, comovam ou agradem o auditório. “Nesse sentido, a retórica, então, é o meio de procurar, em qualquer situação, os recursos persuasivos disponíveis num contexto situado em que há um auditório presumido ou real” (Ferreira, 2022, p. 232). O analista retórico é um analista do discurso, capaz de desvelar os fios persuasivos presentes em diferentes atos de linguagem, levando sempre em consideração o contexto de produção, já que, como sabemos, nenhum discurso surge do nada. “A análise retórica do discurso é um exercício de desvendar a palavra pública em suas dimensões persuasivas e técnicas” (Ferreira, 2022, p. 247).

Nesse mesmo sentido, Mateus (2018) também aborda a questão da análise retórica. Para esse autor português, esse tipo de análise não consiste em uma simples interpretação de discursos. Ela se diferencia da análise do discurso, análise do conteúdo e da hermenêutica porque almeja interpretar os discursos a partir das estruturas argumentativas que suportam o processo geral de persuasão e convencimento. Desse modo, a análise retórica assim entendida explica como determinado texto ou

discurso consegue nos persuadir acerca da validade do seu ponto de vista. “Preocupa-se, assim, em identificar e investigar o modo como o orador comunica, e as estratégias por si empregues para conquistar a adesão do auditório, estabelecer as suas teses, justificá-las e persuadir a necessidade de aceitar aquilo que lhe é proposto” (Mateus, 2018, p. 191). Esse tipo de análise é o que fundamenta a nossa interpretação.

Quanto aos tipos de pesquisa, seguimos, neste trabalho, as diretrizes que são apresentadas por Paiva (2019). Segundo essa autora brasileira, a pesquisa científica pode ser classificada de acordo com a natureza, o gênero, as fontes de informação, a abordagem, o objetivo, os métodos e os instrumentos de coleta de dados. Acerca da natureza, seguimos uma pesquisa básica, que tem por objetivo principal aumentar o conhecimento científico, sem necessariamente aplicá-lo à resolução de um problema específico. Sobre o gênero, centramos nossa investigação em uma pesquisa teórica, tendo em vista que se propõe a estudar teorias, construir ou modificar uma teoria ou ainda contribuir com novos conceitos. No tocante às fontes de informação, focalizamos a pesquisa primária, já que se baseia em dados coletados pelo próprio pesquisador, que os seleciona e os interpreta ancorado na teoria escolhida.

No que concerne à abordagem, trilhamos uma pesquisa qualitativa, compreendendo, descrevendo e explicando um fenômeno em estudo. Acerca do objetivo, utilizamos as pesquisas descritiva e explicativa, haja vista que o nosso tipo de análise tem como base a interpretação de aspectos retórico-argumentativos em um discurso religioso neopentecostal. Quanto aos métodos e instrumentos de coleta, recorreremos ao método indutivo, a fim de estudar e entender como acontece o fenômeno investigado neste trabalho; para coletar os dados, foi necessário localizar, transcrever, identificar e interpretar as informações encontradas nesta pesquisa.

O nosso material de análise é constituído por três fragmentos de um documentário sobre a vida do pastor Marcelo Oliveira e sobre as origens da sua igreja. Seguindo o sistema retórico, selecionamos um fragmento do início (exórdio), outro da metade do vídeo (narração/confirmação) e o último da parte final (peroração). O documentário encontra-se publicado no canal oficial da ISJC no YouTube¹. A escolha desse material e não de outro se deu porque o orador lança mão de argumentações que estão formuladas no campo da manipulação, razão por que nos interessou mais de perto trabalhar com esse discurso que, de modo contumaz, tenta manipular. Além disso, é o único material que apresenta detalhes minuciosos da história do pastor e de sua igreja.

O documentário em tela intitula-se “Documentário Sou Cristocêntrico”. Foi publicado em 15 de abril de 2022, está com livre acesso no domínio público e qualquer pessoa pode ter contato. A

¹O documentário na íntegra está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://youtu.be/BqUh1gNevUE?si=1ze0QG7WukeyWpie>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

seguir, em nossa análise, mostraremos como são dadas as tentativas de manipulação da verdade por parte de um dos principais líderes evangélicos do estado de Alagoas.

ANÁLISE RETÓRICO-ARGUMENTATIVA NO DISCURSO RELIGIOSO DA ISJC

Nesta seção, apresentamos, de acordo com os nossos postulados teóricos, três momentos retóricos nos quais analisamos o discurso religioso da ISJC. Observamos de que maneira a tríade retórica, bem como os dispositivos do discurso manipulatório com as figuras de negação estão presentes na argumentação do pastor Marcelo Oliveira.

Análise do momento retórico 1

Neste primeiro momento retórico, notamos de que maneira o orador se relacionou com práticas de religiões espíritas² e como ele as considera.

Eu me envolvi com feitiçaria, bruxaria, macumbaria, idolatria... então a minha vida ficou muito assim... oprimida...eu fiquei muito oprimido espiritualmente... e estava ali em busca da verdade... eu queria a verdade só que... quando não se conhece a verdade... não se tem familiaridade com a bíblia a gente fica acreditando em tudo... e é muito fácil de se enganar alguém que não tem um conhecimento de fato da bíblia... e eu sempre busquei poder... o poder de poder ajudar... e... eu achava que também que na feitiçaria... na macumbaria... essas coisas... eu encontraria algum poder para me ajudar e ajudar as pessoas... mas aí a minha vida se tornou um caos... eu era tomado por espíritos imundos... influenciado por eles...

Inicialmente, o orador revela, implicitamente, que se envolveu com uma religião espírita e isso lhe rendeu sérios problemas, a exemplo da opressão. “Eu me envolvi com feitiçaria, bruxaria, macumbaria, idolatria... então a minha vida ficou muito assim... oprimida...eu fiquei muito oprimido espiritualmente”. Nesse recorte, percebemos uma visada argumentativa lançada explicitamente ao auditório, a fim de mostrar que espíritos imundos são maus e atacam as pessoas. No tocante à construção da imagem de si, esse pastor evangélico engendra um *ethos* de vítima, pois diz que foi acometido por uma opressão impetrada por espíritos devido ao seu envolvimento com eles.

Ao mesmo tempo em que se apresenta com uma imagem de vítima, podemos pensar no despertar de paixões, uma vez que tal discurso poderá desencadear no auditório o medo desses

² Neste trabalho, todas as vezes que mencionamos o termo “espírita”, entendemos por isso todas as práticas religiosas que, de alguma maneira, estabelecem algum contato com espíritos desencarnados. Não se trata, a priori, de uma religião específica, tendo em vista que o orador não declara isso explicitamente em seu discurso.

espíritos, no sentido de também vir a sofrer alguma opressão demoníaca; poderá, também, sentir ódio de pessoas que praticam feitiços, macumba, idolatria, ou seja, rituais místicos encontrados, muitas vezes, em religiões de linha afrodescendente e em outras. Um discurso como este pode acarretar sérios problemas, como, por exemplo, perseguições e mortes de pessoas com práticas espíritas ou de outras vertentes religiosas.

O argumento utilizado pelo orador é o pragmático, haja vista que o envolvimento com feitiçaria ou macumbaria gera consequências, segundo o pastor, desfavoráveis, a exemplo da opressão espiritual. A argumentação em tela trilha um caminho de intolerância religiosa, no sentido de condenar as religiões ou práticas religiosas de vertente espiritualista.

O líder máximo da ISJC ressalta que a sua entrada na religião de base espírita se deu por conta da busca incessante pela verdade. Ele revela: “estava ali em busca da verdade... eu queria a verdade só que... quando não se conhece a verdade... não se tem familiaridade com a bíblia a gente fica acreditando em tudo...e é muito fácil de se enganar alguém que não tem um conhecimento de fato da bíblia...”. Nesse momento, identificamos que o orador, implicitamente, afirma que as práticas espíritas estão enraizadas em mentiras e que a verdade está apenas no conhecimento, na familiaridade com a Bíblia, portanto, no Cristianismo. Isso enfatiza, mais uma vez, o discurso vociferado desse pastor contra práticas não cristãs.

Nesse sentido, o orador formula um *ethos* de conselheiro, já que mostra ao seu auditório que não se pode buscar a verdade em ambientes de culto a espíritos, mas sim em lugares (igrejas) que consideram a Bíblia como sendo a Palavra de Deus. Com essa argumentação, o auditório poderá sentir confiança nas palavras do pastor, visto que, certamente, acredita na Bíblia e em tudo o que ela prescreve, compreendendo-a como se fosse a boca de Deus falando ao seu povo na terra, através de um hiperenunciador, neste caso, o Espírito Santo.

Ademais, o orador lança o argumento de autoridade, pois ressalta que a verdade é encontrada na Bíblia e não em lugares de culto a espíritos. A Bíblia, no universo religioso cristão, é considerada um livro sagrado, constituído por histórias, poesias, cartas, que revelam uma mensagem de Deus, um ser imortal, direcionada aos mortais, aos seres humanos.

Observamos que o orador segue fazendo um ataque contundente às religiões espíritas, ao passo que enaltece a sua religião de base cristã, despertando, assim, paixões inflamadas no auditório, a exemplo do ódio em desfavor de segmentos espíritas e seus praticantes. Em seguida, esse líder sacro pontua que sempre buscou poder a fim de ajudar outras pessoas. Podemos visualizar essa afirmação no seguinte momento: “e eu sempre busquei poder... o poder de poder ajudar... e... eu achava que também que na feitiçaria... na macumbaria... essas coisas... eu encontraria algum poder para me ajudar e ajudar

as pessoas... mas aí a minha vida se tornou um caos... eu era tomado por espíritos imundos... influenciado por eles...”.

Nesse fragmento, notamos a formulação de um *ethos* de solidário, pois o orador demonstra que a busca por poderes aconteceu porque ele tinha o objetivo de praticar a caridade, ou seja, ajudar as pessoas necessitadas. No entanto, segundo o orador, o poder encontrado em práticas espíritas promoveu um “caos” em sua vida. Novamente, ressurge o *ethos* de vítima, de alguém que foi acometido por algum infortúnio, neste caso, provocado pelos espíritos imundos. Esse pastor faz um jogo de imagens de si, mostrando para o seu auditório que suas intenções sempre foram boas, mas que estava buscando em “lugares errados”.

O argumento do vínculo causal é engatilhado nesse trecho da argumentação, visto que, segundo o orador, estar vinculado com a feitiçaria, a macumbaria, a idolatria, entre outras práticas místicas, desenvolve uma vida caótica, tomada e influenciada por espíritos maus. Esse argumento faz com que paixões possam ser suscitadas no auditório, a exemplo do medo, já que ninguém, em plena consciência, deseja ser atormentado por espíritos malignos; da compaixão, ao saber que seu pastor foi vítima de tais espíritos; da felicidade, ao saber que o pastor venceu; e do ódio, pois pessoas poderão atacar adeptos de religiões de vertente espírita.

Acerca do discurso enquanto manipulação, compreendemos que existem algumas figuras de negação nessa argumentação em tela. Em nosso entendimento, a mentira é projetada por esse orador, uma vez que existem milhares de pessoas que são espíritas e vivem uma vida feliz, sem nenhum tipo de opressão por parte de um espírito maligno. O orador sabe disso, mesmo assim atua de forma a endossar mais ainda uma intolerância religiosa que existe, no Brasil, em desfavor de religiões espíritas. Na mentira, o orador está consciente do seu saber, da sua verdade e ele procura esconder isso do auditório. É justamente o que faz o pastor Marcelo Oliveira, ao afirmar que o vínculo com práticas espíritas gera opressão maligna.

Também, nesse discurso do orador, identificamos a má-fé, haja vista que o chefe religioso em destaque esconde do seu auditório que existem religiões espíritas em que os participantes têm uma vida feliz, próspera. O orador se cala sobre isso, deixando em evidência para o seu auditório apenas que a relação com práticas espíritas gera perseguição maligna e uma vida completamente destruída. Agindo dessa forma, o pastor mente para si mesmo, no sentido de querer acreditar apenas naquilo que ele está anunciado ao auditório para comovê-lo.

A impostura é outra figura de negação presente no discurso em análise. Ela acontece porque o orador sacro se projeta como vítima dos espíritos malignos. Notamos uma encenação do pastor a fim de mostrar ao seu auditório que sofreu uma perseguição maligna ao fazer parte de religiões espíritas. A

mensagem é esta: vocês não podem participar dessas práticas, pois também sofrerão ataques desses espíritos imundos assim como eu sofri um dia. Como o *ethos* é o fiador da impostura, o orador se apresenta como alguém experiente, que vivenciou e que sofreu influências dos maus espíritos. Cria-se, desse modo, um jogo de persuasão e de sedução para que o auditório acredite realmente no que é dito por esse orador que, como vemos, corrobora a intolerância religiosa e endossa, mais ainda, o preconceito religioso.

Portanto, nesse trecho destacado, visualizamos a utilização de imagens de si, de paixões, de argumentos racionais e de figuras de negação que, inter-relacionados, fundamentam a arquitetura argumentativa do orador em destaque. Se apresentar como vítima e, depois, como vencedor do mal pode fazer com que o auditório veja, nesse pastor, a figura de um senhor da guerra espiritual, capaz de vencer as lutas contra as forças malignas. Lançar argumentos racionais como de autoridade contribui para a visada argumentativa de base racional, mostrando ao auditório algo sólido, que está fundamentado em um discurso da razão.

Comover os ânimos por meio de paixões como confiança, medo e ódio faz com que o auditório experimente sensações que podem determinar diferentes tomadas de posição. Efeitos passionais são excitados, mas os efeitos efetivos não são acessíveis e não há como controlá-los e nem como medir sua dimensão ao impactar o auditório visado. As figuras de negação mostram, de forma consistente, como o discurso manipula a verdade e comunica uma pós-verdade que é alicerçada no engodo. É preciso, desse modo, desvelar de que modo o discurso é organizado retoricamente para fazer saber, fazer sentir, fazer crer e fazer agir.

Análise do momento retórico 2

Neste segundo momento retórico, identificamos que o orador descreve para o seu auditório algumas características do tipo de ministério que realiza na ISJC.

Meu ministério sempre foi marcado por momentos muito bons, especiais por muitas curas, libertações e conversões. Eu já batizei muita gente, através de mim o Senhor Jesus já operou milagres extraordinários, até muitas curas e libertação. O meu ministério, o meu sacerdócio ele tem essa marca. As pessoas vêm, ouvem a minha pregação, vem e são curadas, são libertas de perturbações, de opressões espirituais essas opressões muita das vezes confundidas com depressões, enfim todas as pessoas que chegam à nossa igreja são transformadas de algum modo todas são abençoadas.

Observamos que o pastor revela alguns aspectos que são fundamentais no neopentecostalismo, a exemplo da cura ou milagre e da libertação. Comumente, notamos que esses dois aspectos, aliado a

um terceiro, à teologia da prosperidade, constituem o cerne do referido movimento religioso cristão. Logo em seguida, o líder evangélico elenca os feitos que ele tem realizado durante seu sacerdócio na ISJC: “Eu já batizei muita gente, através de mim o Senhor Jesus já operou milagres extraordinários, até muitas curas e libertação”.

Com um discurso apresentado dessa forma, entendemos que o orador faz surgir um *ethos* de profeta de Deus, já que é capaz de realizar curas, milagres, libertação. O orador, diante de seu auditório, se projeta como alguém que realmente conhece e participa dos mistérios divinos da religião cristã, razão por que, também, visualizamos um *ethos* de experiente, de alguém que já batizou muita gente e que há muito tempo atua como sacerdote evangélico.

Além disso, encaixa, nesse discurso, o argumento quase-lógico da transitividade, ao enunciar que Deus o tem usado para ser um instrumento de cura e libertação. O poder divino é passado para o pastor e esse pastor passa para as pessoas que lhe procuram na ISJC. Existe, desse modo, um tipo de transição, neste caso, de poder espiritual que emana cura. O chefe religioso lança essa visada argumentativa em busca de conseguir manter a persuasão já conquistada em outro momento, mas também com o objetivo de arrebatrar novos fiéis para sua instituição religiosa neopentecostal que, como já dissemos, cresce robustamente.

Compreendemos que a paixão da confiança é insuflada nesse momento argumentativo, uma vez que o orador proclama ao seu auditório as conquistas que têm angariado através de pregações. Isso pode despertar, também, a paixão da felicidade, pois o auditório está diante de um pastor evangélico que tem, ao longo dos anos, obtido êxito em seu ministério sacerdotal à frente da ISJC. Comover os ânimos do auditório é uma das principais armas retóricas que estão ao dispor do orador para influenciar as crenças e as ações daqueles que se quer persuadir.

Mais à frente, o líder religioso argumenta: “O meu ministério, o meu sacerdócio ele tem essa marca”. Na verdade, essa marca de cura, libertação, milagres, exorcismos, entre outros aspectos, não vem da ISJC, tampouco do pastor Marcelo Oliveira. Esses traços vêm dos Estados Unidos, sobretudo, do movimento chamado pentecostalismo autônomo ou simplesmente neopentecostalismo. É um ramo dissidente do protestantismo, mas que incorporou características próprias, fazendo com que se distanciasse dos reformadores. Um auditório mais desavisado poderá acreditar que, realmente, esses aspectos são exclusivos da ISJC.

Por isso, identificamos, neste trecho destacado, a figura de negação da mentira. O pastor sabe que tais elementos não são marcas do seu ministério, antes, na verdade, ele incorporou esses critérios advindos do movimento neopentecostal. Assim, comunica uma mentira ao seu auditório, mesmo sabendo que em outras igrejas neopentecostais, a exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja

Mundial do Poder de Deus e Igreja Internacional da Graça de Deus existem essas mesmas marcas que foram mencionadas. Em resumo, o movimento neopentecostal é um só: tem milagres, exorcismos e a famigerada prosperidade.

Ademais, o orador postula que “As pessoas vêm, ouvem a minha pregação, vem e são curadas, são libertas de perturbações, de opressões espirituais”. Aqui identificamos que o pastor se utiliza, mais uma vez, do *ethos* de profeta de Deus, com a imagem de um homem escolhido por uma divindade para ministrar a cura na vida das pessoas. Para que a cura ou a libertação aconteça, as pessoas precisam sair de casa, irem até a igreja, ouvirem a pregação e, só depois disso, é que são curadas. O argumento pragmático é engatilhado nessa argumentação, pois o ato de ir pode gerar uma consequência favorável ao auditório: ser curado, ser liberto.

O auditório é impactado passionalmente, tendo em vista que a cura só irá acontecer se as pessoas se deslocarem até o templo da ISJC para ouvirem a pregação do pastor. Todavia, é preciso despertar, nesse mesmo auditório, a paixão da confiança. Sem ela, certamente o auditório não atenderá ao chamado do pastor. O orador faz um uso bem enfático do discurso passional, buscando atingir o terreno emocional de um auditório que pode estar aberto a sentir determinadas paixões, as quais têm a capacidade de angariar a adesão pretendida pelo orador.

O pregador sacro advoga que as opressões que as pessoas sofrem estão relacionadas à atuação de espíritos malignos. Ele afirma: “essas opressões muita das vezes confundidas com depressões, enfim todas as pessoas que chegam à nossa igreja são transformadas de algum modo todas são abençoadas”. Nesse trecho destacado, a manipulação da verdade encontra guarida. O orador afirma que a depressão é, na verdade, uma opressão maligna. Assim sendo, podemos entender que todas as pessoas depressivas estão possuídas por algum tipo de demônio. Logo, se essas pessoas passarem por uma sessão de exorcismos, elas ficarão curadas da depressão.

Esse pastor mente para o seu auditório, haja vista que ele próprio sabe que a depressão, na verdade, se trata de uma doença e não de uma possessão demoníaca. Além da mentira, a má-fé é outra figura de negação que está presente nessa argumentação falaciosa, uma vez que o orador deixa de dizer ao seu auditório que existem estudos na medicina que comprovam ser a depressão um tipo específico de doença. Ele esconde essa informação a fim de que o auditório acredite apenas que se trata de atuação de espíritos malignos e, por isso, as pessoas precisam procurar a ISJC, bem como o seu pastor para que a libertação do mal seja realizada.

Entendemos que a impostura também é outra figura de negação que foi evocada nesse discurso enganador do pastor evangélico. O orador se utiliza de seu lugar de prestígio e de seu *ethos* de profeta de Deus para anular o conhecimento científico e enaltecer o conhecimento formulado no saber de

crença. Assim, o pastor atua de modo a confundir o auditório, transmitindo uma ideia mentirosa como se fosse uma verdade incontestável.

Nesse segundo momento de análise, identificamos que o orador se reveste de seu *ethos* de profeta de Deus para agir sobre o seu auditório, promovendo credibilidade. Além do mais, apresenta argumentos racionais a fim de comprovar a sua argumentação. No campo passional, busca despertar paixões que podem, de algum modo, comover o auditório para que acredite na argumentação que lhe é apresentada ao assentimento. Acerca da manipulação da verdade, a mentira, a má-fé e a impostura são apregoadas nesse discurso, haja vista a argumentação falaciosa utilizada pelo orador como forma de “alimentar” o seu auditório.

Análise do momento retórico 3

Neste terceiro momento retórico, o pastor Marcelo Oliveira enaltece a sua igreja, a obra que realiza, a si próprio e as pessoas que ele lidera.

A Igreja Santa de Jesus Cristo como eu a enxergo? Como uma obra autêntica de Deus. Uma obra feita com muita verdade, com muita sinceridade. Não sou perfeito, as pessoas que fazem essa obra comigo não são perfeitas. Eu posso dizer eu sou sim sincero com a obra de Deus, eu sou honesto, eu faço a obra de Deus por convicção. Acredito no que faço, acredito no que sou. E se eu não acreditasse, eu não subiria o altar por dinheiro nenhum, pois não faço nada por dinheiro, faço por convicção, faço por missão. Por acreditar no que faço e eu sei e acredito nisso eu sou um sacerdote legítimo, eu tenho sacerdócio, eu tenho um ministério que Deus me deu, acredito 100% nisso e desafio Satanás, ele e o inferno todo provar o contrário. É assim que é a minha confiança.

No exórdio desse momento retórico, podemos reconhecer que o orador, por meio do argumento quase-lógico da definição, conceitua a sua igreja como “uma obra autêntica de Deus”. E complementa: “Uma obra feita com muita verdade, com muita sinceridade. Não sou perfeito, as pessoas que fazem essa obra comigo não são perfeitas”. Neste recorte, o pastor evangélico projeta um *ethos* de sinceridade, uma vez que advoga a ideia de que nem ele, nem os membros que o ajudam são “pessoas perfeitas”. Essa imagem de si que é construída discursivamente transmite para o auditório que o orador é alguém que reconhece suas limitações, mas que segue fazendo uma “obra com muita verdade, com muita sinceridade”.

Entendemos que uma argumentação posta desse modo tem o poder de despertar paixões no auditório, sobretudo, neste caso, as paixões da confiança e a da amizade. Da confiança porque é necessário que o auditório tome por verdade e acredite nessa asserção apresentada pelo orador; de

amizade porque o orador demonstra que não faz a obra sozinho, ao contrário, existem pessoas que contribuem para que seja realizada “uma obra autêntica de Deus”. Um sentido possível nesse campo passional é que o pastor trabalha em sintonia com as suas ovelhas. Estas, de algum modo, obedecem e seguem os ideários que lhes são apresentados pelo pastor.

Observamos, pelo menos neste fragmento, que a posição do pastor não é exclusivista, mas sim inclusiva, já que existem pessoas que contribuem com o seu ministério na ISJC. Adiante, o orador endossa ainda mais a imagem de si, ao formular: “Eu posso dizer eu sou sim sincero com a obra de Deus, eu sou honesto, eu faço a obra de Deus por convicção. Acredito no que faço, acredito no que sou”. Notamos aqui um *ethos* de guia-pastor, ou seja, aquele que busca guiar o seu povo, iluminando os seus caminhos, mas, sobretudo, orientando pensamentos e ações. Por meio de adjetivações (sincero, honesto), o orador projeta para o seu auditório as possíveis qualidades que possui. As repetições excessivas da primeira pessoa do singular servem como gatilho para enfatizar o modo como argumenta o orador, lançando sobre o seu auditório esse *ethos* de “homem de Deus”, capaz de conduzir o seu povo da ISJC.

Em seguida, percebemos que o orador se utiliza do discurso de justificação para refutar prováveis antagonismos. “E se eu não acreditasse, eu não subiria o altar por dinheiro nenhum, pois não faço nada por dinheiro, faço por convicção, faço por missão”. A fim de resguardar o seu *ethos*, o orador antecipa sua justificação para inocentar suas práticas. Alguém poderia argumentar: “mas tudo o que o senhor faz é por dinheiro”. De forma estratégica, o orador produz um discurso que, como vemos, parece blindar o seu *ethos*. O auditório poderá enxergar um orador que não tem nenhum interesse econômico, um homem honesto, sincero, que tudo o que faz na ISJC é com o objetivo de fazer avançar a missão que Deus lhe confiou.

O argumento do sacrifício está manifestado nessa argumentação, visto que o pastor anuncia uma asserção que demonstra que ele se doa para a missão evangelística de sua igreja. Assim sendo, os esforços do pastor para manter e fazer crescer a ISJC são apresentados implicitamente nesse discurso. O orador ainda acrescenta: “Por acreditar no que faço e eu sei e acredito nisso eu sou um sacerdote legítimo, eu tenho sacerdócio, eu tenho um ministério que Deus me deu, acredito 100% nisso”. Além do argumento do sacrifício, identificamos a presença do argumento de autoridade, pois foi Deus quem lhe deu um sacerdócio, conforme o orador. A chancela dessa asserção recai sobre um nome que pertence a uma voz autorizada, a uma fonte de origem divina como é explicado em um dos aspectos do carismático.

Através de um *ethos* de profeta de Deus, constituído por ser um sacerdote e possuir um ministério, além do dom de curar as pessoas, o orador enfatiza de forma contundente a posição de

superioridade que ocupa dentro da ISJC. Ele é o sacerdote, o pastor, o líder e os membros, bem como os pastores sob sua supervisão são seus seguidores. Existe, aqui, uma relação assimétrica de cima para baixo, na qual mostra, claramente, o lugar de prestígio que esse pastor ocupa em sua instituição religiosa. Com base nisso, podemos pensar, também, no *ethos* de chefe, manifestado na figura do comandante com características agressivas, belicosas.

Esses traços mais autoritários são perceptíveis em vários sermões desse pastor. Neste trecho do documentário que vimos analisando, temos o seguinte momento: “desafio Satanás, ele e o inferno todo provar o contrário. É assim que é a minha confiança”. Constatamos que o orador insufla o seu *ethos* de chefe, como alguém que é capaz de guerrear contra o mal e vencê-lo. O auditório poderá ser acometido pela paixão da confiança, acreditando que possui um líder com poderes sobrenaturais. É um discurso que trilha, com maior ênfase, uma seara passional.

Na esfera do discurso manipulatório, compreendemos que o recorte analisado apresenta a figura de negação da mentira. Isso porque o orador afirma que não faz nada por dinheiro, demonstrando que trabalha apenas por convicção e missão. O pastor sabe que não é assim, pois sua instituição é de linha neopentecostal e a teologia da prosperidade é, por excelência, um dos pontos elementares dessa corrente religiosa evangélica. E os dízimos, as ofertas, as campanhas, os votos? Entendemos que a má-fé também é outra figura de negação que se sobressai nessa argumentação destacada. O orador deixa de lado o que ele sabe e apresenta uma informação totalmente sem aderência com a realidade dos fatos encontrados na ISJC. A impostura também encontra guarida, pois afirmar que não faz nada por dinheiro é uma forma de mascar um *ethos* mercantilista que comumente se reconhece em igrejas neopentecostais do Brasil. A denegação aparece nesse momento retórico, visto que o orador busca se autojustificar, criando, desse modo, um ato de defesa inconsciente. Ele recusa o que sabe ou poderia saber.

Finalmente, neste terceiro gesto de análise, identificamos como o orador atua de modo a lançar visadas argumentativas ante o seu auditório. Revestindo-se de um *ethos* de profeta de Deus, de sinceridade, de guia-pastor, de chefe, o orador busca fortalecer sua credibilidade diante de seu povo e de outras pessoas que tiverem contato com esse discurso. Também vimos a utilização de um discurso passional, visando suscitar paixões retóricas que atestem o *ethos* positivo do orador. Argumentos racionais foram postos no discurso a fim de comprovar as asserções proferidas pelo orador sacro. E as figuras de negação apareceram como forma de desvelar as nuances de um discurso que gira em torno da manipulação da verdade.

Servindo-se dos postulados teóricos e metodológicos dos estudos retórico-argumentativos da linguagem, foi possível analisar algumas estratégias persuasivas presentes no discurso religioso neopentecostal da ISJC, enfatizando seu líder máximo como porta-voz dessa instituição. Identificamos que a formulação do *ethos* que é apresentada ao auditório trilha um caminho que enaltece o pastor Marcelo Oliveira como profeta de Deus, guia-pastor, conselheiro, ou seja, alguém que tem o poder de despertar credibilidade.

No campo do *pathos*, observamos que algumas paixões retóricas são despertadas pelo orador, a exemplo da confiança, da amizade, mas também do ódio, em desfavor de pessoas que aderem à linha espírita. Trata-se de um discurso que remete a outros discursos de natureza totalitária, pois considera outras formas de religião como sendo demoníacas e isso pode fazer com que essa diversidade religiosa seja perseguida e atacada de distintas formas. O discurso do líder máximo da ISJC é inflamado e pode desencadear sérios problemas.

Acerca do *logos*, constatamos argumentos de autoridade, pragmático, definição, vínculo causal, sacrifício, entre outros, como forma de mostrar uma racionalização do discurso que é apresentado ao auditório. Todavia, notamos que existe uma predominância de um discurso que é mais passional e que busca comover os ânimos do auditório, impactando o terreno das emoções. Marcelo Oliveira possui um lugar de prestígio, um tipo de chamado pastoral e se utiliza desse lugar para agir discursivamente diante de seu auditório evangélico.

No tocante à manipulação da verdade, todas as figuras de negação (mentira, má-fé, denegação e impostura) aparecem no material analisado. Por isso, assumimos que, nos trechos selecionados, o pastor Marcelo Oliveira apregoa um discurso falacioso, fundamentado, sobretudo, nas figuras da mentira e da má-fé, pois ambas aparecem de forma mais recorrente.

Acreditamos que conseguimos responder às perguntas do início deste trabalho. Todavia, há muito ainda a ser pesquisado. Esta investigação nos direciona para um olhar mais reflexivo sobre o poder do discurso religioso que é praticado em igrejas evangélicas brasileiras, sobremaneira, de linha neopentecostal como é o nosso caso de estudo. Com as redes sociais, esses discursos ganharam força e estão a um clique de um auditório multifacetado. É preciso, a nosso ver, rastrear esses novos formatos de tecnotexto e tecnodiscurso. É uma missão que pretendemos desenvolver futuramente, ingressando em outros estudos nessa seara do discurso religioso contemporâneo.

Gostaríamos de concluir as nossas discussões com a seguinte citação que, em nosso entendimento, encapsula aquilo que defendemos neste artigo: “Manipular pessoas envolve manipular

suas mentes, ou seja, as crenças das pessoas, tais como seus conhecimentos, suas opiniões e suas ideologias, os quais por sua vez controlam suas ações” (Dijk, 2023, p. 240).

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. (2020). *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto.
- ARISTÓTELES. (2011). *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro.
- CHARAUDEAU, P. (2020). *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto.
- CHARAUDEAU, P. (2022). *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sobras da pós-verdade*. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha; André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto.
- DIJK, T. A. v. (2023). *Discurso e poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto.
- FERREIRA, L. A. (2015). *Leitura e persuasão: princípios de análise Retórica*. São Paulo: Contexto.
- FERREIRA, L. A. (2022). Princípios de análise retórica do discurso: a quaestio. In: AZEVEDO, I. C. M.; DAMASCENO-MORAIS, R. (Orgs.) (2022). *Introdução à análise da argumentação*. Campinas/SP: Pontes Editores.
- MATEUS, S. (2018). *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: Editora LabCom.IFP.
- PAIVA, V. L. M. O. (2019). *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola.
- PEÑA-ALFARO, A. A. (2005). *Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neopentecostal*. 2005. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7707>
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (2014). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- ROCHA, M; MOURA, J. B; MELO, D. W; MORAIS, E. P. (2023). A argumentação em orações religiosas cristãs encenadas por líderes evangélicos neopentecostais do Brasil. *Revista Rhêtorikê*. (9): 57-76. <https://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/rhetorike/article/view/1292>



UM ESTUDO ACERCA DA ARGUMENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DOS IMAGINÁRIOS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Janayna Rocha da Silva
Universidade Federal Fluminense (UFF/BRASIL)
E-mail: rochajanayna1412@gmail.com

Ilana da Silva Rebello
Universidade Federal Fluminense (UFF/BRASIL)
E-mail: ilanarebello@id.uff.br

Resumo: A argumentação é uma esfera da atividade da linguagem que exerce fascínio no homem desde a Antiguidade. Argumentar faz parte da experiência humana, porque o sujeito, ao tomar a palavra, constrói, por meio de saberes sobre o mundo e de suas crenças, o seu projeto de dizer e, conseqüentemente, visa a alcançar a adesão de seu interlocutor. Neste sentido, a partir do estudo do modo argumentativo, este trabalho tem como objetivo principal investigar quais imaginários sociodiscursivos são criados, em textos que, a princípio, não apresentam uma visada argumentativa, mas apenas uma dimensão argumentativa, acerca da população em situação de rua. Três *posts* veiculados na página *SP invisível* serão analisados - um na parte teórica e dois na seção de análise. Para tanto, a investigação será pautada, prioritariamente, na Teoria Semiollingüística de Análise do Discurso. Como resultados, espera-se contribuir com o estudo da argumentação e com a discussão acerca dos imaginários que circulam na sociedade a respeito da população que se encontra em situação de rua.

Palavras-chave: Argumentação. Imaginários sociodiscursivos. *Posts*. População em situação de rua.

Abstract: Argumentation is a realm of language activity that has fascinated humans since ancient times. Arguing is part of the human experience because the subject, when speaking, constructs, through knowledge about the world and their beliefs, their project of speech and, consequently, aims to achieve the adherence of their interlocutor. In this sense, based on the study of the argumentative mode, this work aims to investigate which sociodiscursive imaginaries are created in texts that, initially, do not

Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

present an argumentative perspective, but only an argumentative dimension, about the homeless population. Three posts published on the SP Invisível page will be analyzed - one in the theoretical part and two in the analysis section. Therefore, the investigation will be primarily based on the Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis. As results, it is expected to contribute to the study of argumentation and the discussion about the imaginaries that circulate in society regarding the homeless population.

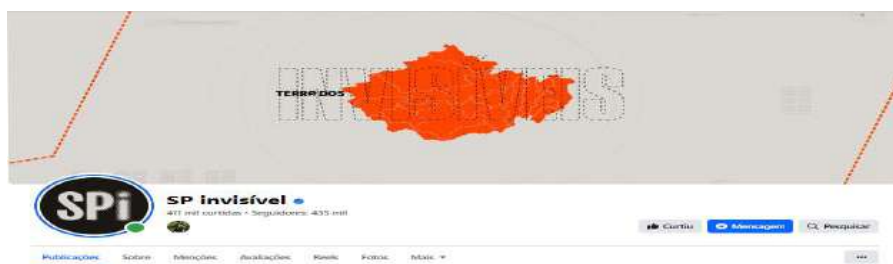
Keywords: Argumentation. Sociodiscursive imaginaries. Posts. Homeless population.

Introdução

Há 10 anos, em março de 2014, surgiu a página *SP invisível*, que buscava dar visibilidade a uma parcela da população tão comumente invisibilizada pelo poder público e pela sociedade civil. Essa página, que possui um estilo semelhante ao da americana *Humans of New York*, narra a história de vida de pessoas em situação de rua na rede social *Facebook*. *SP invisível* foi criada pelo jornalista e ativista Vinicius Lima e pelo cineasta e escritor André Soler. Vinicius e André, estudantes à época, participaram de uma ação, organizada pela Igreja Batista da Água Branca, na qual deveriam fotografar tudo o que consideravam invisível na cidade de São Paulo. Após o evento, os jovens chegaram à conclusão de que as pessoas em situação de rua não eram invisíveis, mas as suas histórias. Dessa forma, decidiram começar a contá-las. Em 1º de maio de 2024, a página, no *Facebook*, já estava com 411 mil curtidas e 435 mil seguidores.

Figura 1

Página *São Paulo invisível*



Fonte¹: São Paulo invisível

Segundo a reportagem publicada por Gisele Souza para o site *Tech Tudo*, a empresa *We are social* realizou uma pesquisa na qual revela que a rede social digital mais utilizada pelos brasileiros no

¹ Acesso ao link “São Paulo invisível” www.facebook.com/spinvisivel?locale=pt_BR

ano de 2023 foi o *WhatsApp* – 93,4% dos brasileiros que usam internet, no país, utilizam o mensageiro. Em segundo e terceiro lugares, respectivamente, aparecem o *Youtube*, com 142 milhões de contas, e o *Instagram*, com 113,5 milhões de contas. No entanto, o *Facebook* ainda apresenta números expressivos em terras brasileiras, com 109,1 milhões de usuários ativos, sendo, portanto, quarta rede social digital mais utilizada. Por intermédio do *Facebook*, muitos brasileiros conhecem o mundo, mantêm contatos com os outros e usam essa rede como fonte de notícias.

Como consequência do avanço tecnológico, Recuero (2009, p. 24) aponta que

o advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa (...) é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador.

A rede social digital, como instrumento de interação, propiciou aos usuários comuns a possibilidade de produzirem conteúdos. Assim, passa-se de consumidor a produtor de informações. A página *SP invisível*, portanto, busca, por meio dos relatos, colocar em cena narrativas que são, muitas vezes, silenciadas, promovendo um ativismo digital. Dessa forma, o trabalho proposto visa a refletir acerca dos relatos postados na página. Para isso, três *posts* serão analisados - um na parte teórica e dois na seção de análise, a fim de pensarmos quais imaginários sociodiscursivos são sustentados a partir da dimensão argumentativa das postagens. Em relação à argumentação, tomaremos como base os pressupostos de Charaudeau (2016), Amossy (2020) e Koch e Elias (2018). No que tange aos imaginários sociodiscursivos, utilizaremos as contribuições de Charaudeau (2015). Por fim, trataremos da parcela imagética a partir de Barthes (1990) e Peirce (2010). Assim, após esta breve contextualização, na próxima seção, iniciaremos o estudo dos pressupostos teóricos, seguido da análise do *corpus*, das considerações finais e das referências, respectivamente.

A ARGUMENTAÇÃO

No nosso dia a dia, estamos sempre argumentando. Quando um aluno justifica para o professor a não realização de um trabalho, quando apresenta razões para um determinado posicionamento ou, até mesmo, quando tem a intenção de convencer uma pessoa a realizar coisas simples, como um passeio A e não B. Koch e Elias (2018, p.23) apontam que “se o uso da linguagem se dá na forma de textos e se os textos são construídos por sujeitos em interação, seus quereres e saberes, então, *argumentar é humano*”. Aliado à essa perspectiva, Breton (2003, p. 19) aponta que

saber argumentar não é um luxo, mas uma necessidade. Não saber argumentar não seria, aliás, uma das grandes causas recorrentes da desigualdade cultural, que se sobrepõe às tradicionais desigualdades sociais e econômicas, reforçando-as? Não saber tomar a palavra para convencer não seria, no final das contas, uma das grandes causas da exclusão? Uma sociedade que não propõe a todos os seus membros os meios para serem cidadãos, isto é, para terem uma verdadeira competência ao tomar a palavra, seria verdadeiramente democrática?

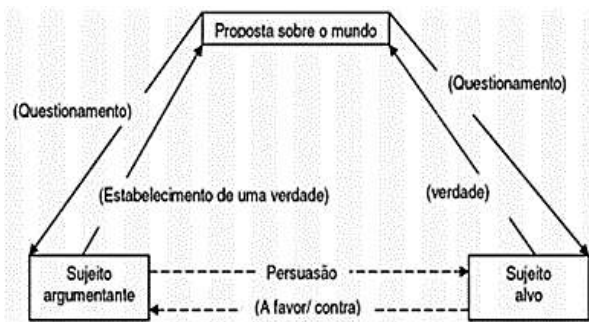
Nesse viés, argumentar faz parte da experiência humana. O sujeito, ao tomar a palavra, constrói, por meio de saberes sobre o mundo e de suas crenças, o seu projeto de dizer e, conseqüentemente, visa a alcançar a adesão de seu interlocutor. Segundo Charaudeau (2016, p. 205), a argumentação deve estar pautada em uma relação triangular, composta de:

- uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento, em alguém, quanto à sua legitimidade (um questionamento quanto à legitimidade da proposta).
- um sujeito que se engaje em relação a esse questionamento (convicção) e desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade (quer seja própria ou universal, quer se trate de uma simples aceitabilidade ou de uma legitimidade) quanto a essa proposta.
- um outro sujeito que, relacionado com a mesma proposta, questionamento e verdade, constitua-se no alvo da argumentação. Trata-se da pessoa a que se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a compartilhar da mesma verdade (persuasão), sabendo que ela pode aceitar (ficar a favor) ou refutar (ficar contra) a argumentação.

O autor, portanto, define a argumentação por meio de uma relação triangular, na qual, em uma ponta, está o sujeito que argumenta, em outra, uma proposta sobre o mundo e, na terceira ponta, o sujeito que é alvo dessa argumentação. Sendo assim, há uma relação de troca entre os sujeitos e aquele que argumenta que, imbuído de seus imaginários, busca estabelecer uma verdade, fazendo com que o sujeito com quem interage adira à sua proposta. Há sempre, em termos bakhtinianos, o dialogismo, já que a palavra é uma reação à palavra do outro. Portanto, Charaudeau sintetiza em um esquema a relação triangular da argumentação:

Figura 2

Representação triangular da argumentação



Fonte: Charaudeau (2016, p.205)

Dessa forma, argumentar é, para o referido autor, uma atividade discursiva que, por parte do sujeito argumentante, participa de uma dupla busca: a busca de racionalidade, que visa à explicação de fenômenos do universo, e a busca de influência, que visa a atingir o interlocutor, a fim de que ele “compre” a verdade enunciada pelo locutor. Além disso, Charaudeau (2016) também apresenta que toda relação argumentativa é composta por três elementos: uma asserção de partida (dado, premissa), uma asserção de chegada (conclusão, resultado) e uma (ou várias) asserção/asserções de passagem/passagens (inferência, prova, argumento). A asserção de partida é um enunciado acerca de um fato do mundo, já a asserção de chegada é a conclusão realizada a partir da asserção de partida, enquanto a asserção de passagem é a justificativa estabelecida entre a asserção de partida e a de chegada, a partir da relação de causalidade que as une.

Em 15 de junho de 2021, a página *São Paulo invisível* apresenta o relato de Godói, que reproduzimos a seguir.

Figura 3

Relato de Godói

SP Invisível
15 de junho às 11:00

"Já vi gente morrer de frio aqui, não foi uma, nem duas, nem três... Foi todo mundo que eu já conheci. Já vi morrer de fome também, nas ruas tudo isso é normal!

Estou nessa situação por conta de uma desilusão com a vida, com o amor, com a esperança... Meu pai já morreu, minha mãe já morreu, meu avô, primo, todos meus amigos também. Então pra quê voltar pra casa e fingir que está tudo bem? Não está!!!

Já sofri demais nessa vida lidando com tantas perdas, pra mim chega. Prefiro não me apegar às pessoas antes que elas saiam da minha vida... A gente já começa a morrer a partir do momento que nascemos, entende?

As têm medo de mim por eu ser cabibaixo e isolado, mas isso é só a depressão. Eu sou bonzinho, e se tivesse condições, adoraria ajudar os outros igual vocês me ajudam..."

Jair de Godói, em situação de rua. (Minhocão)

Aqueça um coração neste Inverno Invisível e DOE um kit:
www.spinvisivel.org/inverno

já vi muita gente morrer de frio aqui

não foi nem uma, nem duas, nem três...

foi todo mundo que já conheci

Fonte²: São Paulo invisível

O *post* é o resultado de um ato de linguagem. No espaço externo ao texto, encontram-se os parceiros da troca linguageira: o eu-comunicante e o tu-interpretante, seres sociais. No exemplo em tela, além do jornalista, o Godói também é um eu-comunicante. No espaço interno, encontram-se os sujeitos discursivos: o eu-enunciador (a identidade que o jornalista e Godói assumem no texto) e o tu-destinatário (interlocutor projetado).

Assim, no momento da entrevista, esses papéis de sujeitos se alternam, pois, no início, o jornalista é aquele que comunica e Godói, o que interpreta. Ao tomar a palavra, Godói passa a comunicante e o jornalista, a interpretante e, por isso, o tu-destinatário idealizado pelo Godói, possivelmente, é o jornalista, receptor direto da entrevista.

Pensando na organização discursiva, no relato de Godói, é possível inferir que há o estabelecimento de um raciocínio lógico composto por três elementos: uma asserção de partida, uma asserção de chegada e uma (ou várias) asserção/asserções de passagem/passagens. Assim, a relação argumentativa estabelecida, na macro história contada pela página *SP invisível*, pode ser entendida, por exemplo, como: “pessoas em situação de rua morrem de frio e de fome” (asserção de partida), “Godói é uma pessoa em situação de rua”, “A causa de Godói viver em situação de rua foram as várias perdas que sofreu ao longo da vida”, “Godói tem depressão” (asserções de passagem), “logo, Godói precisa de ajuda, doe um Kit para a campanha de inverno” (asserção de chegada). Nesse viés, é possível compreender que, a partir da história de Godói, busca-se não só humanizar as pessoas em situação de vulnerabilidade social que habitam as ruas de São Paulo, como também evidenciar a importância de se colaborar com a campanha.

Ainda corroborando com o projeto de influência da página *SP invisível*, a micro história colocada em cena apresenta o próprio depoimento de Godói como asserção de partida: "Meu pai já morreu, minha mãe já morreu, meu avô, primo, todos meus amigos também"; como asserção de passagem: "Então pra quê voltar pra casa e fingir que está tudo bem? Já sofri demais nessa vida lidando com tantas perdas, pra mim chega.", e, como asserção de chegada: "Prefiro não me apegar às pessoas antes que elas saiam da minha vida."

Um aspecto que merece destaque aqui é a utilização do discurso relatado. O *eu-enunciador* toma por objeto um outro ato de enunciação. É uma modalidade de discurso complexa, que depende da

² Acesso ao link “São Paulo invisível” www.facebook.com/spinvisivel

posição dos interlocutores, das maneiras de narrar um discurso já enunciado e da descrição dos modos de enunciação de origem. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p.176),

[...] Não se cita da mesma maneira em uma revista de física nuclear e em uma conversação, num jornal cujo público alvo é uma elite e em um jornal popular. Para um texto dado, em matéria de discurso citado, pode-se atentar para três grandes direções: (1) *A posição de quem cita e do destinatário: quem cita o quê para quem?* (2) *As diferentes maneiras de citar:* existem múltiplas formas de discurso citado - por exemplo, Charaudeau (1992, p. 622) as reagrupa em quatro conjuntos: “discurso citado”, “discurso integrado”, “discurso narrativizado”, “discurso evocado”. (3) *A maneira pela qual quem cita avalia o enunciado citado para integrá-lo (dizer “ele finge que” é pressupor que o propósito citado é falso...).*

Nesse sentido, “o discurso relatado se constrói ao término de uma dupla operação de reconstrução/desconstrução” (Charaudeau, 2006, p. 163). No *post*, o jornalista faz a reconstrução ao tomar a fala do entrevistado e reintegrá-la em um ato de enunciação maior - *post* da página *SP invisível*. Por outro lado, há ainda a desconstrução, porque o jornalista também tira a entrevista (o dito de origem) de um outro ato de enunciação (entrevista na rua). Nessa perspectiva, o discurso relatado funciona estrategicamente como uma prova para a argumentação que se pretende empreender, pois produz efeito de autenticidade (“Isso foi realmente dito por Godói.”), de responsabilidade (“Foi Godói quem disse isso.”) e de verdade (“Isso fundamenta os propósitos do jornalista: você deve colaborar com a campanha.”).

O *post* em tela não é predominante argumentativo, mas narrativo. Há o relato do Godói. Charaudeau aponta que ‘narração e argumentação revelam duas atitudes diferentes, mas complementares do sujeito falante’ (2004, p.33). Enquanto a narração apresenta uma atitude projetiva, a argumentação apresenta uma atitude impositiva. Na narração, é permitido ao leitor se identificar com os personagens. Assim, ao descrever as qualidades dos seres do mundo e suas ações, o produtor do texto não se impõe ao outro (aquele que recebe a narrativa); pelo contrário, ele apresenta ao seu interlocutor um mundo no qual é possível a sua participação. Em contrapartida, ao produzir a argumentação, o produtor do texto explica o porquê e o como dos fatos, incluindo, dessa forma, o outro – o alvo de sua argumentação – em um certo esquema de verdade. A atitude argumentativa é impositiva porque impõe ao outro o seu modo de raciocínio e seus argumentos. O teórico salienta que “essas duas atitudes se mesclam, se interpenetram em muitos atos de comunicação” (Charaudeau, 2004, p.33).

Como podemos observar, o relato de Godói busca transmitir uma verdade íntima e individual, expondo as dores e os desejos das pessoas em situação de rua. Há um amálgama entre a biografia e a autobiografia. A biografia é um gênero textual no qual o autor narra a história de vida de uma ou mais pessoas. Já na autobiografia, o autor narra a sua própria história de vida. Os *posts* divulgados, na rede

social, são produzidos a partir das ideias e do texto dos jornalistas moderadores da página, contudo partem de conversas face a face entre os moderadores e as pessoas em situação de rua, protagonistas dos relatos. Há uma tentativa de resguardar a autobiografia, já que se busca divulgar as histórias conforme os relatos fornecidos pelos sujeitos que as viveram. Dessa forma, a narração faz com que o leitor se projete no relato narrado e, conseqüentemente, adira ao projeto de dizer construído pela página.

Ruth Amossy, autora cujos postulados também foram adotados nesta investigação, assume o pressuposto de que a argumentação é intrínseca ao funcionamento discursivo, estando na escala de um *continuum* de argumentatividade, que vai desde um confronto explícito de teses à co-construção de uma resposta a uma dada questão e à expressão espontânea de um ponto de vista pessoal. Assim, para Amossy (2008),

cada discurso comporta sua própria situação de enunciação e realiza uma verbalização singular da tese ou do ponto de vista proposto ao auditório. Ele depende ainda de uma estrutura de troca global na qual se realiza a ação de persuasão. Trata-se aqui de tipos de troca argumentativa que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona num quadro tanto dialógico quanto dialógico (s/n).

A autora, então, defende que o discurso que busca a adesão de uma tese apresenta uma *visada* argumentativa, já o discurso que tem por objetivo modificar a orientação dos modos de ver e de sentir apresenta uma *dimensão* argumentativa. Assim, é preciso distinguir discursos que possuam uma estratégia de persuasão programada dos que visam a orientar os modos de ver dos parceiros. No primeiro caso, o discurso eleitoral ou o publicitário são exemplos flagrantes de discursos com uma clara intenção argumentativa. Já os relatos que constituem o *corpus* de nossa investigação exemplificam o segundo tipo.

Amossy (2008), então, descreve seis modalidades argumentativas. De modo geral, elas são modelos de trocas verbais que determinam como argumentar. São elas: demonstrativa, patêmica, pedagógica, de coconstrução, negociada e polêmica.

No relato de Godói, por exemplo, há a presença, primordialmente, da modalidade patêmica. O texto visa à adesão do leitor à campanha de inverno. Para isso, a narrativa é iniciada com o depoimento de Godói acerca das mortes que ele já presenciou, vivendo nas ruas: “Já vi gente morrer de frio aqui, não foi uma, nem duas, nem três... Foi todo mundo que eu já conheci. Já vi morrer de fome também, nas ruas tudo isso é normal!”. A morte é uma temática que, em nossa sociedade, geralmente, é atrelada a sentimentos como tristeza e dor. Assim, ao enunciar que, nas ruas, muitas pessoas morrem de frio e de fome, busca-se suscitar no leitor a compaixão e a solidariedade, desejando que ele adira à campanha e doe. Ademais, ao construir a imagem de Godói por meio de qualificadores como: ‘cabisbaixo’,

‘isolado’ e ‘bonzinho’, busca-se mostrar um homem solitário que não precisa ser temido, mas ajudado. Há, portanto, a tentativa do rompimento de estereótipos tão comumente encontrados em nossa sociedade acerca da população em situação de rua, produzindo, conseqüentemente, um novo imaginário, tema da próxima seção.

OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Charaudeau (2015, p. 190) aponta que “o homem tem tanta necessidade da realidade para significá-la quanto a realidade tem necessidade do homem para ser significada”. Nesse sentido, o teórico estabelece uma distinção entre realidade e real significante. A realidade corresponde ao mundo empírico, é um lugar de não significação que se impõe ao homem em seu estado bruto. Já o real significante corresponde ao mundo dotado de significado, ou seja, ao mundo semiotizado por meio da atividade significante em suas diversas operações mentais: denominação, caracterização e explicação.

Partindo dessas considerações, Charaudeau (2017) postula que

o imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. (p. 578)

Assim, é por meio dos imaginários que o homem imprime significação ao mundo que lhe é apresentado. Os imaginários são concretizados por meio de enunciados linguageiros. Dessa forma, o teórico os qualifica como sociodiscursivos na medida em que, para ele, o seu sintoma é a fala. Neste ponto, concordamos com Mendes (2010) ao afirmar que o sintoma de um imaginário não é exclusivamente a fala, haja vista que é possível incluir as imagens produzidas ou projetadas por uma determinada sociedade, portanto, o sintoma é verbo-icônico, podendo ser percebido nas manifestações linguageiras, verbais, mas também nas imagéticas que, de forma análoga, constroem e interpretam o real.

Os imaginários sociodiscursivos, portanto, estruturam-se a partir de sistemas de pensamento que são organizados por dois grandes grupos de saberes: os saberes de conhecimento e os saberes de crença. A diferença entre eles é encontrada na relação homem/mundo. Nos saberes de conhecimento, o mundo se impõe ao homem, e os saberes são fundados a partir de uma verdade exterior, portanto, não são subjetivos. Buscam estabelecer uma verdade acerca dos fatos do mundo, propondo explicações sobre os fenômenos que são produzidos nele. Os saberes de conhecimento dão origem a dois tipos de saberes: saber científico e saber de revelação. O saber científico é aquele que é comprovado cientificamente, presente, por exemplo, nas teorias. Trata-se, portanto, de um “saber *objetivante*”, que

independe do sujeito que o enuncia. (Charaudeau, 2022, p. 28). Já o saber de revelação é “completamente fechado em si mesmo, e os discursos que os sustentam se apresentam sob a forma de evidência”, por exemplo, as doutrinas e as ideologias. (Charaudeau, 2022, p. 30) Assim como o saber científico, a fonte de verdade do saber de revelação também é externa ao sujeito.

Nos saberes de crença, o homem se impõe ao mundo, e os saberes são fundados a partir de um julgamento feito pelo homem acerca do mundo, logo, são subjetivos. Buscam avaliar, apreciar, julgar eventos e seres; o pensamento e o comportamento deles, sendo construídos a partir de uma avaliação axiológica. Os saberes de crença também dão origem a dois tipos de saberes: saber de experiência e saber de opinião. O saber de experiência ocorre por intermédio do indivíduo e de sua experiência com o mundo, ou seja, não é comprovado cientificamente, mas por intermédio das vivências do ser. O saber de opinião, por outro lado, é construído por meio de uma avaliação axiologizada. O sujeito não enuncia uma verdade sobre o mundo, mas um ponto de vista sobre as verdades do mundo. Assim, ao passo que o saber de experiência depende de uma experimentação do sujeito, o saber de opinião depende apenas que o sujeito enuncie um julgamento de valor pessoal ou comum sobre os seres ou os acontecimentos do mundo. O saber de opinião produz, assim, a opinião pessoal ou a opinião comum (esta última, no sentido de coletiva).

A seguir, um quadro a partir dos conceitos postulados por Charaudeau (2022):

Figura 4

Saberes de conhecimento e saberes de crença



Fonte: Criação nossa, a partir de Charaudeau (2022).

É importante salientarmos que a linha divisória entre esses dois grandes saberes – de conhecimento e de crença - é muito tênue. Dessa forma, o sujeito pode, para um determinado fim, utilizar um saber no lugar do outro.

Os imaginários sociodiscursivos, portanto, veiculam, por meio de discursos, as imagens/ideias que o sujeito possui acerca do mundo e dos seres que ali habitam. Além disso, é a partir deles que os sujeitos formulam a sua argumentação, tendo em vista que, ao argumentar, o sujeito constrói o seu enunciado por intermédio de sua visão de mundo.

Após essa breve explanação a respeito dos imaginários, como o *corpus* para análise é verbo-visual, na próxima seção, discorreremos sobre a imagem.

A IMAGEM

A polissemia do vocábulo imagem tem sua gênese no termo grego *eikon*, que abarcava todos os tipos de imagem. Neste trabalho, focaremos nas imagens denominadas de “representações”, cuja produção e criação são feitas pelos seres humanos nas sociedades em que vivem, podendo refletir elementos culturais universais, mas também particulares.

As representações visuais são artificialmente criadas, podem ser ou fixas, ou em movimento, ou animadas e necessitam da mediação de habilidades, instrumentos, suportes, técnicas e tecnologias. Para Santaella (2012), há uma diferença entre imagens técnicas e tecnológicas. As imagens técnicas são aquelas cuja produção é realizada pelo homem, a partir de um fazer manual, já as imagens tecnológicas são aquelas cuja criação ocorre a partir da integração de uma máquina e uma técnica.

Santaella (2012) aponta também que as imagens apresentam um caráter duplo, uma vez que representam aspectos do mundo visível, por meio da relação de semelhança. Contudo, nem sempre a imagem reproduz algo que é naturalmente visível. Em vista disso, a autora apresenta três modalidades de imagem no domínio das representações visuais: as imagens em si mesmas, que se apresentam como formas puras, abstratas e coloridas; as imagens figurativas, que se assemelham a algo existente ou supostamente existente no mundo, como as figuras mitológicas; e as imagens simbólicas, que representam significados além daquilo que podemos ver.

As imagens como representações visuais diferem de acordo com a sua finalidade. Assim, a finalidade de uma imagem pode ser, por exemplo, a de ampliar nossa capacidade perceptiva, a de afetar a nossa sensibilidade, a de capturar o nosso desejo pela aquisição de produtos, etc.

De acordo com Charaudeau (2013), a imagem material é construída a partir de uma relação triádica: um mundo, um olhar e uma aparelhagem. Sendo assim, no processo de produção da imagem, há um sujeito que se encontra diante de um mundo em estado bruto e, para captá-lo, utiliza-se de artefatos, construindo, assim, um mundo representado a partir de um enquadramento.

Já no processo de recepção da imagem, há um sujeito que observa a imagem como um mundo representado a partir de um duplo papel: substituição (a imagem substitui o objeto físico) e

Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

apresentação (a imagem exhibe o objeto). Dessa forma, o sujeito receptor da imagem é convocado a desenvolver uma dupla atividade: a de sentir e a de interpretar a imagem.

Chauradeau (2013) aponta que a relação estabelecida entre a imagem e o mundo pode ser uma relação de semelhança ou de dessemelhança. A semelhança nos dá a falsa ideia de que há uma transparência entre imagem e mundo, ou seja, a imagem seria “uma passagem que daria acesso direto ao mundo e ofereceria a ilusão de poder tocá-lo” (CHARAUDEAU, 2013, p. 385). Já a dessemelhança nos lembra que o que vemos não é o mundo físico, mas um mundo representado, enquadrado, ou seja, uma parte da realidade.

Assim, a relação de semelhança aponta para o visível, enquanto a dessemelhança para o não visível. Segundo Charaudeau (2013, p. 386), “o visível nunca é a totalidade do que o olho vê. Ele é o dado a ver em um quadro”, ou seja, o visível é aquilo que nos é mostrado por meio de um enquadramento que, por sua vez, é realizado a partir de um ponto de vista. Já o não visível é tudo aquilo que se encontra fora desse enquadramento. De acordo com o teórico, “o que está fora do quadro resulta de uma operação de truncamento do visível, fazendo pensar que alguma coisa se encontra no prolongamento do visível, como um visível não presente” (p. 388).

Há de se destacar que o visível é, frequentemente, manipulado, já que aquilo que os nossos olhos veem é apenas uma parte da realidade, e não a sua totalidade. A mídia recorre com certa frequência a essa prática, a fim de provocar determinados efeitos em seu destinatário que, a partir da perspectiva semi-discursiva, são: 1) os efeitos visados, que correspondem à intencionalidade do sujeito comunicante ao produzir o ato comunicativo, seja ele icônico ou verbal; 2) os efeitos produzidos, que correspondem à compreensão do ato comunicativo alcançada pelo sujeito interpretante e 3) os efeitos possíveis, que são o resultado da interseção entre os efeitos visados e os efeitos produzidos.

Essa distinção baseia-se na hipótese de que as intenções do sujeito comunicante podem não ser totalmente percebidas pelo sujeito receptor. Este, por sua vez, construiria sua própria compreensão, de forma que acrescentaria sentidos àqueles pretendidos pelo sujeito comunicante. Assim, com a alteração do receptor, novos efeitos poderão ser acrescentados. Para Charaudeau, essa hipótese pode ser estendida ao texto visual, já que as cores, as linhas, as texturas, os ângulos, etc. são portadores de significados, sendo assim, a imagem também está sujeita a diversas compreensões.

Barthes (1990, p. 32) afirma que “toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma “cadeia flutuante” de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros”. No entanto, em todas as sociedades, a fim de tornar fixas essas cadeias flutuantes, desenvolvem-se técnicas para combater os múltiplos sentidos que uma imagem é capaz de produzir. O texto linguístico, por exemplo, é uma das estratégias utilizadas. É importante salientarmos que tanto o signo linguístico quanto o signo imagético guardam um sentido literal e outro simbólico. Assim, para

Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

Barthes (1990), a imagem pode ser denotada (a pura representação dos objetos) ou conotada (simbólica). Em relação à significação de imagens fotográficas, no contexto publicitário, o autor ressalta, por um lado, a característica icônica das imagens, visto que elas apontam diretamente para os objetos do mundo real, estabelecendo, a princípio, uma relação de denotação com a realidade representada. Por outro lado, ressalta também a característica de conotação, já que, em contato com os dados da situação comunicativa, com as intencionalidades do sujeito produtor e com os saberespartilhados entre este e seu interlocutor, a fotografia pode adquirir significações que ultrapassam o mundo mostrado, adquirindo valores indiciais e simbólicos.

Outro teórico importante que nos ajuda a pensar a imagem é Charles Sanders Peirce. Para o semioticista, um signo é qualquer coisa de qualquer espécie que representa uma outra coisa, produzindo um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial. Desse modo, Peirce estabelece uma relação solidária entre o representâmen (a face material do signo), o objeto (aquilo que é representado) e o interpretante (significado).

A relação triádica estabelecida por Peirce é divisível em três tricotomias: a primeira pensa a relação do signo consigo mesmo, ou seja, nas propriedades internas do signo, no seu poder para significar; a segunda pensa a relação do signo com seu objeto, ou seja, na referência àquilo que ele indica, refere ou representa; já a terceira pensa a relação do signo com seu interpretante, ou seja, nos efeitos que ele está apto a produzir em seus receptores.

Para este trabalho, daremos enfoque à segunda tricotomia, a partir da qual um signo pode ser um ícone, um índice ou um símbolo. O ícone é um signo que se refere ao objeto, estabelecendo uma relação de semelhança. O índice, por sua vez, é um signo que se refere ao objeto, estabelecendo uma relação de contiguidade, de referencialidade. Já o símbolo é um signo que se refere ao objeto, estabelecendo uma relação por meio de uma convenção, de uma associação.

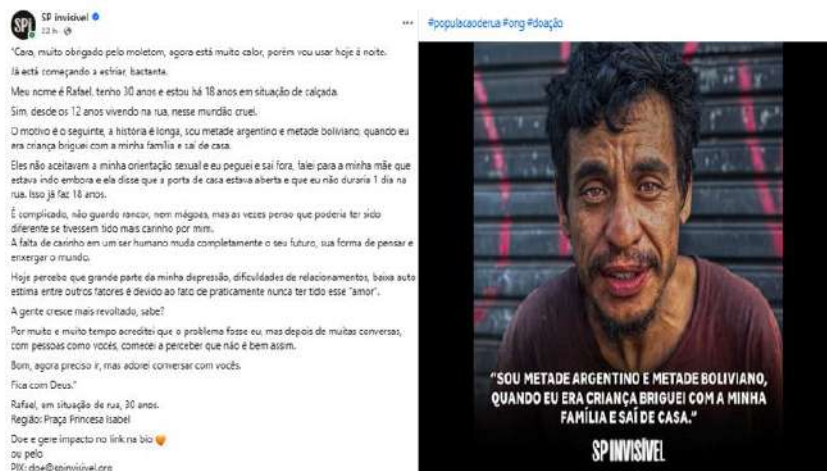
No relato de Godói, o signo imagético é composto por uma colagem de três fotos. Na parcela denotada, vemos Godói vestindo um casaco com capuz preto, sentado sozinho em um sofá. O plano de fundo da composição da imagem nos revela que o sofá se encontra na rua. A imagem, portanto, corrobora com a parcela verbal do texto: Jair é um homem que vive nas ruas. Na parcela conotada, é possível inferir que o signo icônico ‘casaco’ funciona também como índice, pois aponta para o frio da cidade de São Paulo. Novamente, ao final do *post*, há o convite para que o leitor faça uma contribuição financeira para a página *spinvisível*, que se propõe a ajudar as pessoas em situação de rua.

Analisaremos mais dois *posts* da página *SP invisível*, a fim de compreendermos se, a partir da argumentação empreendida, os textos constroem novos imaginários ou cristalizam as imagens já existentes acerca da população em situação de rua.

Os outros dois *posts* selecionados para esta análise foram postados na primeira quinzena de maio deste ano.

Figura 5

Relato de Rafael

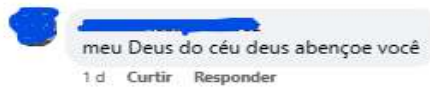


Fonte³: São Paulo invisível

Até a data da coleta, a postagem contava com 61 reações, sendo: curtir (41 vezes), força (11 vezes) e tristeza (10 vezes). As redes sociais são um ambiente propício à interação, tendo em vista que alimentam um diálogo entre texto e usuários e entre usuários sobre o texto. No *Facebook*, os *emojis* funcionam como uma reação do usuário à postagem. Dessa forma, a possível emoção sentida pelo usuário, ao entrar em contato com a postagem, pode ser materializada por meio de um ícone. No relato da figura 1, o *emoji* mais recorrente foi o ‘curtir’. Tal reação seria uma forma de reconhecimento no universo das redes digitais, sendo assim, a pessoa que teve contato com a postagem sobre Rafael e realizou o movimento de ‘curtir’ buscou demonstrar uma ‘empatia virtual’, ou seja, buscou estabelecer uma conexão com o outro por meio digital.

Além disso, três comentários foram realizados na postagem, assim como quatro compartilhamentos. Muitas vezes, nos comentários, alguns usuários formulam enunciados como se estivessem dialogando diretamente com as pessoas em situação de rua. Tal ação é reveladora de uma certa identificação com a história narrada, como podemos observar no comentário a seguir:

³ Acesso ao link “São Paulo invisível” www.facebook.com/spinvisivel?locale=pt_BR



O usuário, em um movimento responsivo, ao desejar a Rafael que Deus o abençoe, mostra-se sensibilizado com o relato. Como aponta Feres (2019, p. 21), a narração não é impositiva, mas projetiva, ou seja, por meio dos actantes e dos fatos narrados, é possível que haja a identificação do leitor/usuário e, conseqüentemente, o seu convencimento, pois

a construção textual é preparada para expor dramaticamente fatos, situações, relações pessoais, para que o sujeito interpretante seja não somente afetado pela patemização programada na textualização, mas, indiretamente, convencido de uma ideia, ou ainda levado a agir de uma determinada maneira.

A micro história, ou seja, o próprio depoimento de Rafael é composto por doze parágrafos. O primeiro parágrafo versa sobre o tema do frio na cidade de São Paulo. O segundo e o terceiro parágrafos apresentam informações básicas acerca de Rafael, como o seu nome, a sua idade e o tempo em que está vivendo em situação de rua. Do quarto ao décimo parágrafo, é revelado o motivo de Rafael estar nas ruas e as possíveis conseqüências disso na construção de sua subjetividade. O décimo primeiro e o décimo segundo parágrafos trazem a despedida e a saudação final. Em relação à macro história, ou seja, na postagem realizada pela página *SP invisível*, há mais três parágrafos: um que sintetiza as informações básicas a respeito de Rafael, outro que apresenta a região onde se encontra Rafael e, por fim, um que convoca o leitor a realizar uma doação.

O relato de Rafael, embora seja uma narrativa, apresenta uma dimensão argumentativa, tendo em vista que se busca, por meio da postagem, o fazer ver (levar o leitor a tomar conhecimento da história de Rafael), o fazer crer (levar o leitor a acreditar na história) e o fazer sentir (afetar o leitor com a história). Há a tentativa de convencer o leitor de que existem pessoas invisibilizadas tanto pelo poder público, quanto pela própria população, e que precisam de ajuda. Logo, quando os três efeitos visados (ver, crer e sentir) são suscitados, ou seja, são de fato produzidos, a probabilidade de adesão ao que emana o sujeito argumentante - ‘Doe e gere impacto no link na bio ou pelo pix:doe@spinvisivel.org.br - torna-se maior.

Em relação à macro história, é possível inferirmos que o comunicante cria uma relação argumentativa que pode ser entendida como: “Já está esfriando na cidade de São Paulo” (asserção de partida), “Rafael vive em situação de rua há 18 anos devido a uma briga familiar”/“Por viver, atualmente, nas ruas da cidade de São Paulo, Rafael pode passar frio” (asserções de passagem), “Portanto, doe” (asserção de chegada). Já em relação à micro história, podemos identificar algumas

relações argumentativas, dentre elas: “Sim, desde os 12 anos vivendo na rua, nesse mundão cruel” (asserção de partida), “Sou metade argentino e metade boliviano, quando eu era criança briguei com a minha família e saí de casa” / “Eles não aceitavam a minha orientação sexual e eu peguei e saí fora, falei para a minha mãe que estava ido embora e ela disse que a porta estava aberta e que eu não duraria 1 dia na rua” (asserções de passagem), “A falta de carinho em um ser humano muda completamente o seu futuro, sua forma de pensar e enxergar o mundo” (asserção de chegada),

Em relação aos imaginários sociodiscursivos, tanto na macro história, quanto na micro história, busca-se humanizar Rafael, mostrando que a causa de ele ocupar as ruas foi a não aceitação de sua família em relação à sua orientação sexual. Dessa forma, rompe-se com um dos imaginários presentes em nossa sociedade de que as pessoas se encontram em situação de rua por quererem ou pelo vício em drogas. Além disso, ao enunciar: “Hoje percebo que grande parte da minha depressão, dificuldades de relacionamentos, baixa autoestima entre outros fatores é devido ao fato de praticamente nunca ter tido esse “amor””, nota-se uma busca de conduzir o interlocutor à empatia e à afetividade em relação a um corpo que foi ‘apagado’ pela família, pelo poder público e pela sociedade. Assim, nessa postagem, há uma tentativa de romper com o imaginário vigente acerca desse segmento da sociedade.

Já em relação à parcela imagética, observamos, em primeiro plano, o elemento fotografado, Rafael. Com o olhar fixo, possivelmente, na câmera, Rafael “interpela” o leitor. É um olhar que busca contato. Rafael está enquadrado em um plano fechado, o que diminui a distância entre ele e aquele que entrou em contato com o *post*. No entanto, o plano fechado produz também uma imagem de abandono, de solidão. A imagem mostra um homem de pele branca bastante marcada e de olhos claros, vestindo uma camisa vinho aparentemente gasta. A impressão que temos é que Rafael foi fotografado, em frente a uma porta de aço de enrolar, possivelmente de um comércio, com pichações, enquanto estava a entrevista. O formato da boca é de alguém que está falando. Todos esses ícones operam por semelhança, fazendo referência ao ser representado.

Ainda sobre a imagem do *post* do Rafael, a aparência da pele aponta para alguém que foi ‘castigado’ pela vida. Tal fato é também corroborado pela parcela verbal do texto. Nesse sentido, para além das relações icônicas, as relações de contiguidade e de causalidade na imagem fotográfica mostram a sua natureza indicial. Sendo assim, a parte imagética e a parte verbal da postagem se complementam, possivelmente induzindo o leitor a acreditar que Rafael precisa de ajuda. O depoimento e a imagem produzem, dessa forma, efeito de veracidade, de autenticidade e de responsabilidade.

O segundo *post* traz o relato de Carlos, também uma pessoa em situação de rua.

Figura 6

Relato de Carlos



Fonte⁴: São Paulo invisível

A postagem, até a data da coleta, obteve 62 reações, sendo: curtir (38 vezes), tristeza (13 vezes) e força (11 vezes). Igualmente ao *post* analisado anteriormente, a ação de curtir predomina. Nessa publicação, a reação de tristeza foi mais recorrente que a de força, talvez pelo fato de os sujeitos estarem nas ruas por motivos diferentes: enquanto Rafael foi para as ruas porque a família não aceitou a sua orientação sexual, Carlos foi para as ruas porque se viciou em drogas. A postagem não obteve nenhum comentário, mas teve quatro compartilhamentos. O compartilhamento nas redes sociais digitais funciona como uma forma de dar visibilidade à informação, expandindo-a. Assim, os quatro usuários que optaram por compartilhar o relato de Carlos divulgaram a narrativa em suas páginas. Recuero (2014, p. 120) salienta que

compartilhar uma informação também é tomar parte na difusão da conversação, na medida em que permite que os usuários construam algo que pode ser passível de discussão, uma vez que é de seu interesse, para sua rede social. O compartilhamento também pode legitimar e reforçar a face, na medida em que contribui para a reputação do compartilhado e valoriza a informação que foi originalmente publicada. Embora tenhamos observado em alguns casos, o compartilhamento para crítica, de um modo geral, o compartilhamento parece ser positivo, no sentido de apoiar uma determinada ideia, um manifesto ou uma mensagem.

⁴ Acesso ao link “São Paulo invisível” www.facebook.com/spinvisivel?locale=pt_BR

Em relação à estrutura do texto verbal, a micro história tem seis parágrafos. O primeiro e o segundo parágrafos abordam a questão do frio. O terceiro apresenta informações básicas acerca de Carlos (nome, idade e a quanto tempo ele se encontra em situação de rua). O quarto e o quinto parágrafos revelam o motivo de ele viver nas ruas de São Paulo. Por fim, o sexto parágrafo apresenta uma súplica do entrevistado. Na macro história, são acrescentados mais três parágrafos: uma síntese das informações acerca de Carlos, o local em que ele se encontra e um convite à doação. Os *posts*, portanto, seguem a mesma estrutura.

A relação argumentativa estabelecida, na macro história, pode ser entendida como: “O frio é o mais difícil para quem vive em situação de rua” (asserção de partida), “Carlos vive nas ruas de São Paulo”/“Carlos encontra-se nessa situação há 23 anos”/“Carlos está nas ruas porque se viciou em drogas” (asserções de passagem), “Logo, Carlos precisa de ajuda. Doe” (asserção de chegada). Há, novamente, uma busca por *fazer saber*, *fazer crer* e *fazer sentir*, visando à adesão do leitor/usuário e, conseqüentemente, a doação.

Em relação à micro história, é possível inferirmos a seguinte relação argumentativa: “O mais difícil da rua é essa época de frio... (asserção de partida), “Agora está até quentinho no sol, mas de noite meu amigo, o bicho pega...”/“O principal motivo foram as drogas e também o conflito familiar, que veio com o uso abusivo das drogas”/“Cara, para ser bem sincero, me entreguei para as drogas, já tentei parar diversas vezes, mas é muito difícil” (asserções de passagem), “Logo, Peço a Deus todos os dias uma luz para conseguir sair dessa vida” (asserção de chegada).

Tanto na macro história quanto na micro história, há uma tentativa de dar voz a quem é, muitas vezes, silenciado. A história de Carlos é atravessada pelas drogas. É possível inferirmos, por meio do relato, algumas ações concernentes à trajetória de Carlos: ele se viciou, brigou com a família por conta do uso abusivo de drogas, foi morar na rua e já tentou parar de usar drogas, mas não obteve êxito. A postagem corrobora com o imaginário corrente, em nossa sociedade, de que as pessoas em situação de rua encontram-se nessa condição devido ao uso de drogas. Contudo, ao tematizar o frio, há uma tentativa de tornar humano quem muitas vezes não é considerado assim.

Em relação à parcela imagética, em primeiro plano, encontra-se Carlos, fotografado em um lugar verde, próximo a uma árvore. A câmera foi levemente inclinada, mantendo-se novamente o plano fechado. O olhar de Carlos, assim como o de Rafael, encontra-se direcionado a um possível leitor/usuário. Tal opção fotográfica pode ser compreendida, portanto, como um convite ao diálogo e à troca. Carlos faz um sinal de positivo com a mão esquerda, nos dando a impressão de que posou para a foto.

A imagem fotográfica, quando representa um ser da realidade, estabelece uma relação icônica, no entanto, quando vemos os olhos pequenos e aparentemente perdidos de Carlos, podemos inferir, a
Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

partir de uma relação de contiguidade, cansaço. O plano fechado, com o enquadramento apenas do Carlos, mas em um espaço amplo, produz uma ideia de abandono e de solidão, o que também é corroborado pelo texto verbal.

Pelo exposto, nos dois *posts*, os textos, a princípio, se complementam, no entanto, o imagético intensifica a ideia de dor e de abandono e contribui com o projeto de escrita do sujeito comunicante. O texto verbal, por sua vez, desconstrói o imaginário de que a pessoa se encontra em situação de rua por opção e humaniza os seres que são, normalmente, invisibilizados pela sociedade. Nos *três* posts analisados, os sujeitos têm consciência da sua condição social e esboçam desejo de mudança, reforçando que, por trás de corpos sujos e marcados, há histórias de rejeição e de dor que precisam ser ouvidas e compreendidas.

CONCLUSÕES

Objetivamos, neste artigo, a partir do aporte teórico principal da Semiologia de Análise do Discurso, investigar quais imaginários sociodiscursivos foram criados, em três *posts* verbo-visuais que, a princípio, não apresentam uma visada argumentativa, mas apenas uma dimensão argumentativa, acerca da população em situação de rua. Na parcela verbal, o jornalista moderador reproduz, entre aspas, a fala da pessoa em situação de rua, que expõe os motivos que a levaram para rua, atendendo à visada de *fazer saber*. Ao utilizar o discurso relatado, além de *fazer saber*, o eu-comunicante também *faz crer*, pois produz efeitos de veracidade, autenticidade e de responsabilidade.

Assim, nos três *posts* analisados, predomina a narração, que é usada como prova e como estratégia de sensibilização para levar o tu-interpretante a aderir à causa e fazer uma contribuição em dinheiro. Não predomina a atitude impositiva característica da argumentação. Pelo contrário, a visada para *fazer crer* incide sobre a projeção persuasiva que as narrativas engendram. O *fazer sentir*, com a dor e o abandono expressos na parcela verbal, complementados pela parcela imagética, está a serviço do fazer crer, pois a narrativa serve para convencer e incitar o tu-interpretante a tomar uma posição a favor da tese defendida - as pessoas em situação de rua precisam de ajuda.

Junto à parcela verbal, a imagem fotográfica dos seres que, normalmente, são invisibilizados pela sociedade, contribui com a projeção persuasiva. Em um primeiro momento, a fotografia é icônica por representar os seres da realidade, no entanto, ao focar em signos que nos levam a inferir cansaço e sofrimento, também é indicial. Os seres enquadrados estão machucados pelas suas histórias e pela situação em que se encontram. São seres de carne e osso, que também sentem dores. São sujeitos, vítimas. Nesses *posts*, o narrar está a serviço do convencer.

Por fim, nos três *posts*, o eu-comunicante escolhe o que quer mostrar e enfatizar. A parcela visível nos leva a pensar na parte que está invisível, que não foi enquadrada pela mídia. Ademais, os relatos de Jair Godói e de Rafael vão de encontro aos imaginários cristalizados socialmente – o de que o vício em drogas é a causa da situação de rua-tendo em vista que o primeiro ocupa às ruas devido a perdas familiares, enquanto o segundo pela não aceitação, por parte de sua família, da sua orientação sexual. No entanto, o relato de Carlos reafirma esse imaginário. Dessa forma, compreendemos que há uma convivência de imagens nas postagens realizadas pela *SP invisível*. Contudo, é inegável que os três casos revelam a exclusão sofrida por esses indivíduos. Sendo assim, urge refletirmos acerca das imagens que circulam em nossa sociedade no que tange às pessoas em condição de vulnerabilidade social, a fim de não replicarmos movimentos discriminatórios e contribuirmos para a mudança necessária.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G.M.P; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (orgs.). (2008). *Análises do discurso hoje*, volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

AMOSSY, R. (2020). *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto.

BRETON, P. (2003). *A argumentação na comunicação*. São Paulo: EDUSC.

BARTHES, R. A retórica da imagem. In: BARTHES, R. (1990). *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos*. (pp 27-43). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CHARAUDEAU, P. A argumentação talvez não seja o que parece ser. In: GIERING, M. E.; TEIXEIRA, M.; (orgs.). (2004) *Investigando a linguagem em uso: estudos em Linguística Aplicada*. (pp. 33-44). São Leopoldo: Ed. Unisinos.

CHARAUDEAU, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, P. (2013). Imagem, mídia e política: construção, efeitos de sentido, dramatização, ética. In: MENDES, E; MACHADO, I. L.; LIMA, H.; LYSARDO-DIAS, D. (orgs.). (2013) *Imagem e discurso* (pp. 383-405). Belo Horizonte: FALE/UFMG. Disponível em: [imagem.pdf \(ufmg.br\)](#). Acesso em: 03 mai. 2024.

CHARAUDEAU, P. (2015). *Discurso político*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, P. (2016). *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, P. (2017). Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Tradução André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. *Revista Entrepalavras*. 7, p.571-591. <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.1.571-591>

CHARAUDEAU, P. (2022). *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

Feres, B. (2019). Só acredito lendo: resistência social em contos ilustrados para crianças. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, 19(2), 18-32. <https://doi.org/10.17648/eidea-19-v2-2348>

KOCH, I.; ELIAS, V. (2018). *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto.

MENDES, E. (2010). Publicidade e imagem: uma proposta de estudo. In: *Anais do II Fórum Internacional de Análise do discurso: discurso, texto e enunciação*. Rio de Janeiro: Anais. Disponível em: [MENDES, Emilia. Publicidade e imagem.pdf \(ufmg.br\)](#). Acesso em: 01 mai. 2024.

PEIRCE, C. S. Divisão dos signos: ícone, índice e símbolo. (2010) *Semiótica*. (pp.45-76). São Paulo: Perspectiva.

RECUERO, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.

RECUERO, R. (2014). *Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook*. Verso e Reverso. 19(68), p.114-124. Disponível em: [Vista do Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook \(unisin.br\)](#). Acesso em 10 mai.2024.

SANTAELLA, L. (2012). *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos.



AS POLÊMICAS NA TENTAÇÃO DE JESUS EM MATEUS 4:1-11 À LUZ DA ANÁLISE DIALÓGICA DA ARGUMENTAÇÃO

Fagner Carvalho Silva
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/BRASIL)
E-mail: carvalho_fagner@hotmail.com

Lucas Nascimento(UEFS)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/BRASIL)
E-mail: lsilva2@uefs.br

Brian Gordon LutaloKibuuka(UEFS)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/BRASIL)
E-mail: bgkibuuka@uefs.br

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar a construção dos posicionamentos no evento polêmico da tentação em Mateus 4:1-11 à luz da análise dialógica da argumentação, visando compreender o funcionamento da polêmica, tanto aberta quanto velada. Os resultados indicam a formação de uma polêmica aberta entre as personagens, mas, mais significativamente, uma polêmica velada, um conflito oculto, entre a comunidade de Mateus, cujo discurso é representado pela personagem Jesus, e o judaísmo formativo tem seu discurso representado pela figura do Diabo.

Palavras-chave: Polêmica. Argumentação. Discurso. Evangelho de Mateus.

Abstract: The objective of this study is to analyze the construction of positions in the controversial event of temptation in Matthew 4:1-11 in the light of the dialogic analysis of argumentation, aiming to understand the functioning of polemics, both open and veiled. The results indicate the formation of an open polemic between the characters, but, more significantly, a veiled polemic, a hidden conflict, between Matthew's community, whose discourse is represented by the character Jesus, and formative Judaism has its discourse represented by the figure of the Devil.

Keywords: Controversy. Argumentation. Speech. Gospel of Matthew.

INTRODUÇÃO

O Evangelho de Mateus é um dos mais importantes documentos do cristianismo. Como documento canônico influenciou e influencia significativamente o imaginário ocidental. No campo das ciências bíblicas são muitas as pesquisas que analisam esta importante obra em diferentes abordagens e perspectivas. Este artigo, fruto do projeto de pesquisa de mestrado desenvolvido e defendido no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, situada no estado da Bahia, Brasil, cujo título é “Uma análise dialógica da argumentação na tentação de Jesus em Mateus 4:1-11”, visa contribuir sob um olhar retórico-discursivo no debate que orbita o Evangelho de Mateus.

Nesta esteira, apresentaremos a análise dialógica da argumentação (Nascimento, 2018) não apenas em seu aspecto teórico-metodológico, mas, sobretudo, como um possível método de interpretação de textos bíblicos. Defenderemos a hipótese de que na tentação de Jesus há uma dinâmica entre a polêmica aberta e velada evidenciada nas interações argumentativas entre as personagens Jesus e Diabo. Nesse contexto, apresentaremos a hipótese de um “cronotopo da tentação”, isto é, um processo de rememoração de três importantes períodos da história de Israel sintetizados cronotopicamente. Essa hipótese é a base para a análise dos argumentos e posicionamentos polêmicos em cada uma das interações argumentativas entre as personagens.

ANÁLISE DIALÓGICA DA ARGUMENTAÇÃO

A análise dialógica da argumentação (ADA) representa o encontro epistemológico entre o dialogismo bakhtiniano e a Nova Retórica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (Nascimento, 2018). Esta abordagem metodológica foca no fenômeno argumentativo, especialmente no desacordo profundo, ou seja, a polêmica, em vez de priorizar apenas o consenso. Assim, investiga os efeitos de sentido entre os sujeitos argumentantes, considerando-os como indivíduos que defendem e contestam não pessoas, mas sim valores.

Nesse contexto, foram desenvolvidas quatro hipóteses. A primeira delas diz respeito à noção de polêmica, entendida como um desacordo profundo manifestado argumentativamente, caracterizado principalmente pela polarização, cujas especificidades são delineadas durante o processo argumentativo. A segunda hipótese, derivada da primeira, é o conceito de evento polêmico. Esse evento é o encontro de posicionamentos polêmicos, que fundamentam dois campos discursivos antagônicos, disputando os sentidos de um mesmo objeto do discurso por sujeitos argumentantes em um dado cronotopo.

O evento polêmico fortalece discursiva e semanticamente os atos, como, por exemplo, as palavras, os argumentos e as estratégias retóricas. Desse modo, pode-se afirmar que um ato polêmico

também poder ser constituído por microatos. Entende-se que o microato polêmico pode ser uma palavra, uma expressão valorada ou energizada por uma polêmica. É um produto posto em ato, cujo sentido concreto se atualiza dependendo da posição do sujeito argumentante nos campos discursivos em disputa no seio do evento polêmico. O evento polêmico consiste em atos polêmicos, conforme destaca Nascimento (2018, p. 209), definindo-os como “produtos polêmicos postos em ato pelos sujeitos argumentantes”. Esses atos incluem acordos, argumentos, estratégias argumentativas e posicionamentos mobilizados no processo argumentativo durante o evento polêmico.

Sendo assim, consideramos o Evangelho de Mateus como fruto de uma polêmica entre dois grupos: a comunidade de Mateus e o judaísmo formativo. Abordaremos, então, a tentação como um evento polêmico fundamental na estrutura argumentativa do Evangelho. Da mesma forma, entendemos que as estratégias argumentativas e escolhas lexicais feitas pelo autor, sujeito do discurso, são atos polêmicos que aparecem, também, como elementos de acabamento que organiza a narrativa e perpassa todo o Evangelho de Mateus.

O JUDAÍSMO FORMATIVO

É seguro afirmar que nunca existiu apenas um cristianismo, da mesma forma que é necessário reconhecer que nunca existiu apenas um judaísmo. A história de Israel durante o período bíblico tem sido objeto de muitos debates. Enquanto alguns teólogos sustentam a historicidade da Bíblia Hebraica, há fortes indícios de que a história de Israel nesse período é uma construção literária longa, que combina teologia e ideais de nação (Finkelstein, 2015).

Apesar dos debates em torno da Bíblia Hebraica, os pesquisadores concordam unanimemente com a mudança radical que ocorreu no judaísmo após a queda de Jerusalém em 547 a.C., quando a Babilônia invadiu a cidade, saqueou-a e deportou parte da população, evento conhecido como “exílio babilônico”. Foi nesse ponto da história judaica que ocorreram as principais mudanças e acréscimos à sua religião. A convicção de que havia batalhas entre deuses é uma característica do imaginário religioso babilônico e influenciou escritores judeus dando início a chamada literatura apocalíptica. Antes do exílio, os judeus não acreditavam em uma força contrária a Deus. Com a necessidade de explicar as catástrofes que ocorriam regularmente entre o povo, a crença de que não havia nada entre Deus e a humanidade foi reformulada.

Foram desenvolvidas, principalmente, duas respostas. Segundo a primeira, as catástrofes eram consequência do pecado humano, portanto, Deus não era o culpado. A segunda, influenciada pelo imaginário babilônico e, posteriormente o persa, sugere que existem forças que se opõem a Deus, gerando um grande conflito. A assimilação desse conceito de uma força negativa contrária a Deus é um exemplo claro de sincretismo religioso causado pelo exílio babilônico. Além da Babilônia, o

zoroastrismo exerceu significativa influência sobre a religião judaica durante a reconstrução do templo, período de domínio persa, e posteriormente sobre o cristianismo. Os dualismos como céu e inferno, Deus e Diabo, encontrados nos textos bíblicos, têm origem no zoroastrismo.

Esse movimento sincrético foi fundamental na reconstrução religiosa de Israel e na criação de respostas imediatas às necessidades do povo. No entanto, o imaginário anterior não desapareceu completamente. Diversos acontecimentos históricos após o exílio babilônico, como a influência helênica e a ascensão do Império Romano, contribuíram para o desenvolvimento do judaísmo do segundo templo, assim como para a ascensão de grupos sectários. Durante o período em que Jesus disseminou sua mensagem, quatro grandes grupos religiosos se destacavam: os Saduceus, Essênios, Zelotes e Fariseus. As tensões eram constantes e as revoltas eram comuns entre o povo judeu. A figura do Messias era central nesse período, e Jesus emergiu como um possível candidato, especialmente entre as pessoas do campo.

Após a morte de Jesus, os primeiros cristãos começaram a desenvolver teologias para responder às questões sobre a natureza de Cristo. Nas cartas do apóstolo Paulo são evidentes os debates nas primeiras comunidades cristãs. O Evangelho de Mateus surgiu como uma resposta teológica aos desafios enfrentados pela comunidade mateana. Esse evangelho destaca os fariseus e saduceus como os principais oponentes de Jesus e apresenta intensos debates sobre questões como ressurreição, guarda do sábado e mandamentos, destacando Jesus como aquele que interpreta corretamente a história de Israel narrada na Bíblia Hebraica. A destruição do templo (70 d.C.) exigiu mais uma reformulação da religião judaica. Surgiu uma nova síntese religiosa, construção necessária para a sobrevivência do judaísmo. Essa síntese, assim como o processo de construção, é chamado de judaísmo formativo (Overman, 2020). Portanto, o Evangelho de Mateus pode ser visto como uma defesa da comunidade mateana e como um reflexo do processo complexo de formação do cristianismo primitivo. O cronotopo da tentação evidencia isso.

O CRONOTOPO DA TENTAÇÃO

Bakhtin afirma que “ocronotopo é a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura” (2018, p.11). Ao considerarmos o termo “artisticamente” caminhamos em direção a eventos que perderam o contato com a realidade imediata. Leni Soares Vieira, em sua tese intitulada “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar”: os efeitos dos cronotopos no Evangelho de Mateus, defendida em 2019, analisa os cronotopos da estrada e do encontro. Para a autora, a peregrinação de Jesus é apresentada através desses cronotopos e, no percurso, principalmente através dos encontros, o terceiro e mais importante cronotopo delineado e ganha força no Evangelho de Mateus: o cronotopo do Reino de Deus. Para a

Revista Rhetorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

autora, no Evangelho de Mateus ocorre uma interação complexa entre esses três cronotopos (Vieira, 2019).

Uma afirmação merece destaque: “compreendemos o evangelho de Mateus como uma série de encontros” (Vieira, 2019, p. 43). Alguns desses encontros são listados como, por exemplo, Mt 8:1-2 que narra o encontro de Jesus com um leproso que o pede cura e Mt 15:1-2 que narra o embate de Jesus com escribas e fariseus de Jerusalém. A autora defende que:

Os *cronotopos* da estrada, do encontro e do reino no evangelho de Mateus são responsáveis por revelar gradativamente a identidade do protagonista. Por outro lado, os discursos de Jesus, suas falas e seus ensinamentos sobre o reino, que são revelados nessa estrada e durante esses encontros impregnam os *cronotopos* da estrada, do encontro e do reino de significados (Vieira, 2019, p. 46).

O posicionamento da autora é exitoso e muito bem construído. Porém, cabe destacar que a tentação é abordada como um elemento que evidencia a constituição do cronotopo do reino, logo, a tentação em si não tem um destaque. Vieira cita a tentação ao analisar a relação intertextual entre os Evangelhos de Mateus e Marcos. A preocupação primordial é apresentar essa relação mesmo ocorrendo a análise de “alguns trechos do evangelho de Mateus referentes também ao cronotopo do reino em que podemos identificar sua intertextualidade com o evangelho de Marcos” (Vieira, 2019, p. 61) e um desses trechos analisados é a tentação de Jesus. O olhar é especialmente literário. Percebe-se uma preocupação significativa com a relação entre Mateus e a Fonte Q¹. A autora salienta que a tentação de Jesus em Mateus é uma expansão da narrativa de Marcos, resultado da utilização da Fonte Q. A tentação é uma tentativa de demonstrar a identidade de Jesus antes do início do seu ministério visando apresentar ao seu ouvinte/leitor o reino dos céus sendo instaurado.

A última interação² entre Jesus e o Diabo ganha um leve destaque para a autora: “consideramos a inclusão dessa tentação sobre o poder sobre os reinos da terra extremamente significativa para o enredo de Mateus: Jesus vem para estabelecer o reino dos céus na terra” (Vieira, 2019, p. 68). E ao considerar o início do Evangelho e o caminho até a tentação (cap. 4) destaca que:

O narrador de Mateus, como já dissemos, inicia a narrativa com a genealogia de Jesus para validar sua identidade e autoridade e, em seguida, narra seu nascimento e começo de vida cercado de cuidados de Deus para preservar sua vida. No capítulo 4, o narrador coloca a confrontação entre Jesus e o Diabo e sua recusa ao aceitar os reinos da terra o autoriza a pregar o reino dos céus (Vieira, 2019, p. 68).

¹Quelle: Fonte. Refere-se a hipótese de que Mateus e Lucas tiveram duas fontes em comum: o Evangelho de Marcos e um Evangelho mais antigo que os canônicos, a Fonte Q (Kloppenborg, 2008). Há pesquisadores que questionam essa hipótese. No Brasil, o principal estudioso que contesta esse modelo é o biblista Marcelo Carneiro (Carneiro, 2016).

²Adotaremos o termo “interação” do modelo proposto por Plantin (2008).

De fato, os eventos que antecedem a tentação funcionam como elementos que validam a identidade de Jesus. Porém, esses eventos rememoram a história de Israel, ou os principais estágios, com o objetivo de apresentar Jesus como o modelo a ser seguido. Isto é, Jesus é apresentado como o ideal de um Israel. Por isso é importante olharmos para o cronotopo da tentação não apenas como a evidência da chegada do reino de Deus, mas como a materialização de períodos da história de Israel. Defenderemos a hipótese de que na tentação o autor retoma três períodos da história de Israel: a caminhada no deserto após a saída do Egito e a abertura do mar vermelho; a centralização do poder político e religioso em Jerusalém sob a tutela de Davi e o período dos judaísmos do segundo templo.

Os primeiros eventos no Evangelho de Mateus remetem aos mais significativos eventos da história de Israel: criação; entrada no Egito de Jacó e sua família dando origem a Israel; saída do povo de Israel do Egito; passagem pelas águas; ida para o deserto. Na tentação, o autor dá um grande salto temporal e, cronotopicamente, sintetiza os três principais momentos posteriores. Situaremos, brevemente, esses três momentos. A questão central é a importância da tradição, isto é, a memória de Israel, o que não depende de confirmações históricas ou arqueológicas, afinal, interessa-nos o sentido atribuído. Finkelstein afirma que a tradição do Êxodo-deserto é um dos mitos fundantes do chamado Reino do Norte (Israel).

O autor enfatiza que “os mitos foram trazidos para Judá pelos israelitas depois da queda do Reino do Norte e foram mais tarde adotados dentro da ideologia e narrativas de identidade, elaborados e incorporados em textos bíblicos, e redigidos” (Finkelstein, 2015, p. 170). Os mitos aos quais o autor se refere são o mito do Êxodo-deserto e, a não menos importante, história de Jacó. É provável que a história de Jacó seja o mais antigo material na história patriarcal materializada em Gênesis. Logo, aponta Finkelstein, “a configuração colocada em Abraão (o herói das terras altas do Sul) em primeiro lugar na ordem patriarcal e Jacó na última é também uma construção tardia, que visa subordinar as histórias de Jacó à de Abraão, em essência, subordinando Israel a Judá” (Finkelstein, 2015, p. 172). Considerando essa hipótese, a construção da história patriarcal (Abraão; Isaque; Jacó) nada mais é do que uma construção literária que retoma tradições distintas estabelecendo uma organização que visa construção de identidade e hierarquia social.

Já a caminhada no deserto é um material que, provavelmente, surgiu no período monárquico tardio para o pós-exílico e foi unido ao bloco patriarcal tardiamente pelos sacerdotes. Logo, destaca Finkelstein,

Isso significa que o êxodo e a tradição da caminhada no deserto, como a conhecemos hoje, é produto final de um longo processo de desenvolvimento e crescimento, primeiro oral e depois escrito, e uma história complexa de redações em função da evolução das realidades políticas e históricas (2015, p. 176).

É essa construção final, que elabora uma identidade israelita, que o autor do Evangelho de Mateus tenta retomar e materializar no cronotopo da tentação, dando vida a um novo Israel, a saber,

Jesus. O segundo período é o monárquico. Esse período é importante, basicamente, por dois motivos. Primeiro, a relação do rei Davi com a história de Israel. Cabe destacar que Davi não é unanimidade nem mesmo na Bíblia Hebraica. Considerando que a Bíblia Hebraica é formada por tradições distintas e, automaticamente, olhares distintos para a história de Israel, percebemos algumas críticas que são feitas ao rei Davi. Os deuteronomistas, por exemplo, tece várias críticas ao rei, inclusive o chamando de assassino (2Sm 16:7). No entanto, as alianças entre YHWH e Davi supera todos os aspectos negativos e o rei transcende tornando-se o rei mais celebrado da história de Israel até hoje. Segundo, Davi centraliza o poder político e religioso em Jerusalém após a conquistar.

No capítulo 5 do segundo livro de Samuel, Davi é constituído rei de todo Israel. Antes, ele era o líder do reino do Sul, porém, a narrativa conta que todas as tribos foram a Davi e o lembraram que, sendo Saul ainda rei, era ele que saía em batalha e, ainda mais importante, o Senhor o havia escolhido para reinar. Nesse mesmo capítulo a narrativa informa que Davi fez um pacto³ (בְּרִית) com os anciãos de Israel e Davi foi ungido rei sobre Israel. Sem preocupar-se com questões espaço-temporais, o narrador conta que Davi partiu com os seus homens para Jerusalém com o objetivo de tomá-la. A narrativa informa que ele habitou ali e a chamou de Cidade de Davi. A empreitada seguinte foi levar a arca de YHWH para Jerusalém. Ao habitar em Jerusalém ele centraliza o poder político e, ao levar a arca, centraliza o poder religioso. Jerusalém torna-se o centro religioso, político e cultural de Israel. Essa é a tradição que o autor de Mateus materializa na segunda interação.

O terceiro período, é o período conhecido como período do segundo templo. Interessa-nos, principalmente, o domínio do Império romano. Pedro Paulo Funari destaca que nos primeiros quatro séculos da história de Roma, os romanos entraram em conflitos e assim, dominaram ou fizeram alianças com os povos vizinhos (Funari, 2020). O autor ainda ressalta que,

Os conquistados recebiam tratamento muito diversificado, segundo sua posição em relação ao poder romano. Os que se aliassem recebiam direitos totais ou parciais de cidadania, enquanto os derrotados que não cedessem eram subjugados, muitos vendidos como escravos, outros eram submetidos a tratados muito desiguais e que davam ao Estado romano grandes rendas na forma de impostos e tributos (Funari, 2020, p. 95).

Richard A. Horsley, ao refletir sobre o imperialismo romano e sua política de expansão, afirma que “o que era uma nova ordem mundial para os que detinham o poder e privilégios era vivido como uma nova desordem mundial fragmentadora, desorientadora e até devastadora, por muitos povos subjugados” (Horsley, 2004, p. 27). Horsley ainda destaca que os romanos desprezavam os judeus e os viam como supersticiosos, exclusivistas e úteis apenas como escravos. Fica evidente o motivo pelo qual os discursos de Jesus, que envolviam amor e oração pelo inimigo, não foi bem recebido por alguns

³ O significado de pacto neste contexto é aliança; contrato.

grupos. Por esta razão, é possível afirmar que o reino de Deus em Mateus não são apenas ideias abstratas e deslocadas da realidade concreta, mas um reino concreto, palpável, que é vivenciado e evidenciado nas ações. Esse período de crise, período berço do Evangelho de Mateus, é materializado na terceira e última interação entre Jesus e o Diabo. O tempo, na tentação, é materializado e os sentidos são construídos via memória. O autor instaura um novo espaço-tempo que é caracterizado pelas ações do novo Israel: Jesus. A história de Israel é referenciada, porém, na linguagem (de Mateus), que é o único habitat natural do cronotopo, um novo evento é constituído, uma nova espaço-temporalidade.

A concepção de tempo carrega uma concepção de homem, isso significa que “a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem” (Amorim, 2018, p. 103). Amorim ainda realça que quando o analista consegue identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, ele consegue deduzir uma determinada visão de homem. É a visão de Mateus, a relação com o herói, que é posta em evidência. A nova temporalidade corresponde a um novo Israel, uma nova chance, esperança.

O que chama a atenção do leitor são as características apocalípticas que marcam a tentação. Para além da origem e sentido apocalíptico da tentação na Fonte Q⁴, os movimentos do herói, sempre passivo, remete a uma espécie de cronotopo apocalíptico. Michael Vines (2007) destaca que o cronotopo apocalíptico tem uma característica que nos parece fundamental: tempo e espaço ilimitados. A jornada do visionário pode ocorrer em regiões celestiais em que o tempo não passa da mesma forma que na realidade concreta. Da mesma forma, o limite espacial não existe de modo que o visionário pode estar em lugares distintos em um curto tempo.

De fato, a matriz apocalíptica da tentação em Mateus é mantida, porém, a jornada do herói não nos parece evidenciar, em Mateus, um interesse apocalíptico na tentação. As interações não ocorrem em regiões celestiais e o autor preocupa-se com questões geográficas. É necessário considerarmos o confronto entre a comunidade de Mateus e o judaísmo formativo. Com isso queremos afirmar que há uma intencionalidade autoral que visa estruturar e compreender a sua própria realidade, isto é, o cronotopo em que esse confronto ocorre. O tempo e espaço ilimitado na tentação não enfatizam, em Mateus, um imaginário apocalíptico, mas uma síntese da história de Israel, história essa que tem a marca de uma ideologia e escatologia apocalíptica.

Os períodos retomados na narrativa remetem a crises enfrentadas por Israel e decisões equivocadas do povo. Logo, as interações entre Jesus e o Diabo não são simples diálogos, mas a evidência de que em momentos de crise, decisões corretas podem ser tomadas à luz das Escrituras quando interpretadas corretamente. O centro das interações é a tentação, o teste, a prova. A forma como as tentações se materializaram ao longo do tempo, especificamente na história de Israel, torna-se a principal questão espaço-temporal na narrativa. Logo, é profícuo chamarmos o cronotopo da narrativa

⁴ (Schiavo, 2006).

de: “cronotopo da tentação”. Hipótese fundamental para analisarmos os posicionamentos e argumentos polêmicos.

OS POSICIONAMENTOS E ARGUMENTOS POLÊMICOS

Cabe, inicialmente, retomarmos a noção de polêmica velada e polêmica aberta proposta por Bakhtin ao analisar o discurso em Dostoiévski. Nascimento (2018) destaca que nas obras de Dostoiévski encontramos personagens que amam e odeiam e assim, temos um “conflito de vozes e cosmovisões que apontam para mundos irreconciliáveis” (p. 195-196). Assim, o autor destaca que:

dessa forma, é razoável considerar Dostoiévski brinda-nos não apenas como o gênero romance polifônico, mas também com seus personagens com os quais nos apresenta a natureza discursiva de um homem polêmico, este que ama e odeia certa ordem de valores e, portanto, ao enunciar, tal ato determina a estrutura e os sentidos de seus enunciados (Nascimento, 2018, p. 196).

A polêmica é constituída dialogicamente e assim é na tentação. Em Bakhtin (2013), encontramos a noção de polêmica aberta como a retomada da fala do outro como objeto de refutação e a polêmica velada como o embate de vozes, o discurso do outro, um diálogo velado. Na tentação, os posicionamentos polêmicos são constituídos em uma dinâmica de polêmica aberta e velada. Nessa dinâmica os argumentos são apresentados e os valores são hierarquizados de um modo complexo. Na seção “figuras e tabelas” apresentaremos a nossa proposta de tradução da narrativa. Na primeira tentativa do Diabo, encontramos uma premissa implícita: o Filho de Deus (Messias) não passa fome.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) salientam que a escolha das premissas “raramente estão isentas de valor argumentativo” (p. 73). Essas escolhas são uma preparação para o raciocínio que não apenas introduz os elementos, mas já é “um primeiro passo para a sua utilização persuasiva” (p. 73). Os autores afirmam que o orador utiliza as premissas como base para a sua construção e conta com a adesão dos ouvintes às proposições iniciais, porém, acentuam que pode ocorrer uma recusa. Os ouvintes podem recusar as proposições iniciais por não aderirem ao que é apresentado pelo orador, por perceberem o caráter unilateral da escolha das premissas ou por perceberem a tendenciosidade da apresentação das premissas. Jesus, o ouvinte do Diabo no evento da tentação, recusa a proposição inicial. A proposta feita pelo Diabo pode estar indicando um raciocínio entimemático.

Cabe destacar que Aristóteles (2012, 1356b) apresenta o entimema como um “silogismo retórico”. O filósofo grego afirma que “demonstrar que, de certas premissas, pode resultar uma proposição nova e diferente só porque elas são sempre ou quase sempre verdadeiras, a isso se chama em dialética silogismo e entimema na retórica” (2012, 1356b). Ao comentar as afirmações de Aristóteles, Rui Grácio destaca que o entimema é um silogismo retórico “caracterizado não pelo certo, mas pelo provável” (2013, p. 69). Aristóteles caracteriza o entimema como um silogismo de poucas

premissas. Destaca ainda que se alguma premissa é bem conhecida não é necessário enunciá-la. A premissa implícita era bem conhecida, não só na comunidade mateana, mas no judaísmo do primeiro século e é provável que tenha sido entendida pela comunidade. O que mostra que ocorre o que Grácio (2013) chama de articulação com as exigências práticas de comunicação e com os propósitos da retórica.

Na proposta do Diabo há uma estrutura entimemática que coloca em questão a identidade de Jesus. Propor que as pedras sejam transformadas em pães como sinal, funciona como um argumento que questiona a identidade, que põe em questão o que é ser Filho de Deus. É importante destacar que os autores do Tratado analisam argumentos que “pretendem certa força de convicção, na medida em que se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos” (p. 219). Esses argumentos são chamados de “argumentos quase-lógicos”. Fiorin (2020) ressalta que os argumentos quase-lógicos “lembram a estrutura de um raciocínio lógico, mas suas conclusões não são logicamente necessárias” (p. 116).

Perelman e Olbrechts-Tyteca afirmam que uma das técnicas essenciais da argumentação quase-lógica é a identificação entre os vários elementos que são o objeto do discurso (2014). Os autores realçam que só qualifica de quase-lógica a identificação de seres, de acontecimentos ou de conceitos que não é considerada nem totalmente arbitrária e nem evidente, ou seja, quando abre a possibilidade de argumentação. O modo mais típico de identificação é o uso das definições. Sobre a definição, Fiorin (2020, p. 118) afirma que “para os propósitos argumentativos, pode-se dizer que a definição é uma resposta à indagação Que é uma coisa?” e destaca que “as definições são argumentos quase-lógicos fundados no princípio da identidade, porque, ao contrário do que se pensa o senso comum, não há uma maneira unívoca de definir um objeto, ao contrário, o modo de definir depende das finalidades argumentativas”.

Ao título Filho de Deus é atribuído um sentido. Schiavo (2006) no capítulo “Jesus, Filho de Deus” apresenta a sua investigação sobre a origem e o desenvolvimento da cristologia. É importante salientar que o estudo desenvolvido por Schiavo tem como objeto a tentação em Q. Mesmo analisando a tentação em Q, o autor apresenta significativas contribuições para a nossa análise. Schiavo afirma que em Q “a expressão Filho de Deus se refere a alguém cuja condição é divina, celestial, sobrenatural, a exemplo dos anjos, excluindo, porém, uma referência direta a um Filho de Deus específico, que poderia ter causado problemas no monoteísmo judaico” (p. 76).

Porém, o autor destaca que no mundo cultural helenístico-romano, o rei e imperador eram considerados filhos de Deus, pois acreditava-se que eles eram os elementos que uniam o humano e divino, figuras que poderiam implantar a ordem e a paz no mundo. Os cristãos podem ter aplicado o título a Jesus como uma forma de oposição ao império, afirmando que o verdadeiro salvador era Jesus. Dessa forma o título Filho de Deus ganha um caráter messiânico e exclusivista (Jesus é o único Filho

de Deus, Salvador). Schiavo propõe a hipótese de que pode ter ocorrido “a junção de dois significados num mesmo título” (p. 84). Para o autor ocorre uma evolução da compreensão da figura de Jesus: profeta operador de milagres; Filho de Deus, figura celestial encarnada (Fonte Q); “até ser considerado o Filho de Deus pelas primeiras comunidades helenísticas (Marcos e sinóticos)” (p. 84). Sendo Jesus essa figura celestial e messiânica não poderia estar naquela condição. É o que propõe o tentador.

O objetivo do Diabo é separar Jesus do Espírito e travar a sua missão, logo, é adequado interpretar que o questionamento não é do próprio Diabo, mas uma tentativa de gerá-lo em Jesus, ou seja, gerar em Jesus a dúvida sobre a sua natureza e missão. A resposta de Jesus retoma a fala do Diabo (o outro) afirmando que o homem não viverá apenas sobre o pão. Logo, uma polêmica aberta é evidenciada, ou seja, a polêmica entre as personagens que são elementos do evento polêmico. Essa retomada, que é também uma refutação, evidencia dois importantes pontos. A personagem Jesus, ao dizer que o homem “não viverá apenas sobre o pão”, não diminui a importância do pão. Diferentes eventos, no Evangelho de Mateus, destacam a importância e partilha do pão e, talvez, o mais importante evento seja a conhecida “multiplicação dos pães e peixes” (Mt 14:11-21), narrativa que tem a partilha como tema principal. Assim, “o pão”, ou seja, o alimento ou a condição de alimentar-se é um valor compartilhado. As personagens Jesus e Diabo concordam que o pão é importante.

Porém, na resposta de Jesus há um posicionamento que apresenta no seu argumento um valor superior e constitui um posicionamento contrário, isto é, polêmico. O pão, de fato, é importante, mas a palavra que tem Deus como origem e o homem como destino é mais importante. Essa palavra é vida, logo, a missão do Messias é levar vida. A ênfase que é dada no emprego da expressão “Está escrito!” evidencia uma espécie de aversão que marca a polêmica aberta, pois “diferentes tons podem marcar a oposição das vozes no discurso, ou seja, a palavra alheia pode ser introduzida com acentos e expressões de indignação, zombaria, ironia, dúvida [...]” (Ribeiro, 2019, p. 13). O tom de aversão na resposta de Jesus o põe em polêmica com o Diabo, afinal, apresenta uma nova maneira de enxergar a figura e missão do Messias.

Ao mesmo tempo em que a polêmica aberta começa a ser evidenciada e os posicionamentos constituídos, indícios de uma polêmica velada começam aparecer. O autor, ao construir o evento polêmico, constitui uma relação dialógica com o judaísmo formativo, pois ocorre não apenas a interação entre as personagens, mas um encontro de vozes, a do autor, sujeito do discurso, e a do judaísmo formativo, um outro que aparentemente não está presente no discurso do autor. Essa polêmica velada torna-se uma polêmica aberta ao longo do Evangelho de Mateus nos embates entre Jesus e os fariseus.

Questionar a identidade de Jesus é uma estratégia retórica, o Diabo desqualifica o seu adversário (Jesus). Amossy (2017) salienta que o Oponente que age na polêmica, assume o papel de adversário que confunde e/ou deslegitima. Esse é o papel do Diabo, o Oponente adversário que tenta

confundir e deslegitimar o herói. Um olhar sincrônico é importante. No terceiro capítulo do Evangelho, Jesus é batizado e dois importantes fatos são relatados: O Espírito de Deus desce sobre (ἐπί⁵) ele e uma voz dos céus afirma que ele é o Filho amado. Não há, na narrativa, a identificação da voz, porém, por inferência afirmamos que é a voz de Deus. Assim, temos a união de Jesus com o Espírito simbolizando autoridade, e a afirmação de que ele é Filho de Deus. Na tentação, propor que Jesus transforme pedras em pães como sinal de que ele é o Filho de Deus, é confundi-lo a tal ponto de questionar os acontecimentos anteriores, isto é, a descida do Espírito e a sua comunhão com ele e a afirmação de que ele é o Filho de Deus.

A personagem Diabo ecoa a voz do judaísmo formativo, isto é, encontramos veladamente o questionamento de um grupo contrário ao posicionamento da comunidade de Mateus. A resposta de Jesus não só evidencia a polêmica aberta, mas nos dá indícios de uma polêmica velada, pois retoma o discurso do grupo contrário à comunidade como se ali não estivesse presente. Ao afirmar que “Está escrito”, a aversão é evidenciada e reforça a hipótese de uma polêmica velada entre a comunidade mateana e o judaísmo formativo. No conhecido sermão do monte, por exemplo, diversas vezes encontramos a expressão “eu, porém, vos digo”, característica da retórica de excesso (Kermode, 1997). No capítulo 5:17, Jesus adverte o seu auditório de que ele não veio dissolver (καταλύω⁶) a lei ou os profetas, mas, interpretar, cumprir o que foi dito. Assim, retomar a lei, no Evangelho de Mateus, é questionar o que estava estabelecido. No evento da tentação, o posicionamento polêmico de Jesus refuta não apenas o que foi dito pelo Diabo, mas, o discurso dos líderes judaicos de seu tempo.

Na segunda interação, mais uma vez, a identidade de Jesus é questionada. No entanto, é importante destacar que a polêmica, até então velada, começa a ser delineada com contornos mais largos e os indícios de uma polêmica aberta tornam-se mais fortes, apesar de, quanto a polêmica aberta, afirma (Ribeiro, 2019, p. 13), “o choque entre as vozes acontece de forma indireta, escamoteada no próprio discurso objetual do autor”. Nessa interação o acesso livre do Diabo ao Templo torna-se central e o posicionamento polêmico do autor é firmado. Em Mateus, destacar o Templo como lugar de embates entre Jesus e os fariseus é um posicionamento polêmico, pois por ser um lugar sagrado, centro da cultura e religião judaica, apresentar o Templo como um lugar “contaminado”, vendido, é posicionar-se contra o que ocorria nesse lugar. Esse posicionamento que questiona as ações no Templo é uma denúncia e o ponto de partida é a segunda interação na tentação.

Nessa polêmica velada ocorre um choque significativo para a comunidade pelo fato de o Templo não existir mais. Encontramos outra premissa implícita: aquele que está no topo do Sagrado (o messias) tem privilégios por direito. No Tratado, os autores ao discutirem sobre os argumentos quase lógicos chamam a atenção para a aplicação da regra da justiça. Os autores destacam que

⁵ Sentido concreto: sobre; sentido figurado com acusativo: autoridade.

⁶ Preposição κατά (para baixo) + verbo λύω (destruir; separar).

a regra da justiça requer a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou a situações que são integrados numa mesma categoria. A racionalidade dessa regra e a validade que lhe reconhecem se reportam ao princípio de inércia, do qual resulta, notadamente, a importância conferida ao precedente (Olbrechts-Tyteca; Perelman, 2014, p. 248).

Se Davi, o grande rei, teve privilégios, o messias, seu descendente e libertador de Israel também deve ter por direito. De fato, os contextos de Davi e Jesus são distintos. Mesmo não sendo Davi o construtor a “ideia” de edificar uma casa para YHWH nasce nele e, a construção dessa casa torna-se símbolo da aliança de YHWH com Davi. O trono é de Davi. O messias, na tradição judaica, reinará nesse trono e trará paz para a terra. De fato, os contextos de Davi e Jesus são distintos, porém, Olbrechts-Tyteca e Perelman afirmam que

para que a regra da justiça constitua o fundamento de uma demonstração rigorosa, os objetos aos quais ela se aplica deveriam ser idênticos, ou seja, completamente intercambiáveis. Mas, na verdade, isso nunca acontece. Os objetos sempre diferem em algum aspecto, e o grande problema, o que suscita a maioria das controvérsias, é decidir se as diferenças constatadas são ou não irrelevantes ou, em outros termos, se os objetos não diferem pelas características que se consideram essenciais, isto é, os únicos a serem levados em conta na administração da justiça (Olbrechts-Tyteca; Perelman, 2014, p. 248).

Jesus e Davi são duas pontas de um mesmo fio e a genealogia em Mateus rememora isso. Sendo assim, há precedentes que indicam a maneira como Jesus deveria ser tratado. O lugar dele deveria ser no topo do Sagrado com privilégios de origem divina, proteção e cuidado. No Tratado os autores enfatizam que “a regra da justiça fornecerá o fundamento que permite passar de casos anteriores a casos futuros, ela é que permitirá apresentar sob forma de argumentação quase-lógica o uso do precedente” (Olbrechts-Tyteca; Perelman, 2014, p. 248).

É plausível abordarmos a polêmica velada e aberta na segunda interação considerando o argumento de reciprocidade que visa “aplicar o mesmo tratamento a duas situações correspondentes” (Olbrechts-Tyteca; Perelman, 2014, p. 250). Se Davi foi rei e teve regalias e o direito de estar no topo era dele, Jesus merecia o mesmo tratamento. Os argumentos de reciprocidade são comuns no Evangelho de Mateus.

Enfatizamos o argumento de reciprocidade na polêmica velada e aberta na segunda interação, pois ao mesmo tempo que o Diabo oferece privilégios a Jesus visando tentá-lo, a interação como acontecimento artístico-literário que compõe um evento polêmico funciona como um argumento de reciprocidade do autor que visa a comunidade. Considerando a crise que a comunidade enfrentava, o autor enfatiza que assim como Jesus rejeitou os privilégios oferecidos pelo Diabo, a comunidade também deveria fazer o mesmo. Se Jesus, o principal líder desse novo movimento, viveu uma vida sem privilégios, mesmo sendo o messias, a comunidade deveria viver a simplicidade da unidade da mesma forma que o seu mestre.

Como já foi dito, na análise do cronotopo, o Templo é uma construção que, ainda que tenha sido destruído e reconstruído, rememora o período monárquico. Reconstruir a imagem do messias foi uma produção ousada e complexa. O templo, no chamado período interbíblico⁷, torna-se o centro catalisador da unidade nacional e destino das peregrinações (Reinke, 2021, p. 291). Não entraremos em pormenores quanto aos revolucionários, porém, é importante destacarmos alguns pontos para entendermos a complexidade da reconstrução da imagem do Messias, a denúncia contra o Templo e o argumento de reciprocidade do autor. Inicialmente, é importante destacarmos que o helenismo era uma forma de viver a vida que estava diretamente ligada às camadas superiores da sociedade, porém, não podemos descartar o fato de que era uma imposição civilizacional (Reinke, 2021).

Quem assimilava os princípios gregos ascendia socialmente e muitos judeus assimilaram alguns desses costumes em busca de benefícios, o que não significava abandono da identidade judaica. A lei foi associada ao conhecimento filosófico, e a sinagoga a escola em que ocorre esse processo (Reinke, 2021).

Os embates argumentativos entre Jesus e os fariseus ficam mais claros ao considerarmos essa importante informação contextual. Não apenas isso, mas tal questão evidencia a importância do ensino de Jesus na vida dos indivíduos que o seguia, afinal, ensinar a Torá àquelas pessoas era também contribuir na ascensão social de pessoas das camadas subalternas.

O Templo passa a ter uma importância não vista antes. No entanto, mesmo grande parte dos judeus se posicionando a favor do helenismo⁸, existiram aqueles que optaram pela fidelidade às tradições. Esse posicionamento deu origem a chamada revolta dos macabeus, cujo principal herói foi o sacerdote autoexilado, Matatias, pai do líder Judas Macabeu. O que de fato nos interessa neste trabalho é que o posicionamento contrário da família de Matatias aos selêucidas gerou uma espécie de movimento de guerrilha com elementos de guerra religiosa, com uma linguagem quase apocalíptica: o bem contra o mal. Mais importante é o fato de que essa revolução provocada pelos macabeus gerou uma expectativa messiânica em seus apoiadores. No entanto, havia uma resistência por parte de pessoas mais benevolentes, pois os descendentes⁹ dos macabeus agiam como tiranos. Ocorreu que a contestação ao messianismo dos sacerdotes aumentou e o segundo templo caiu em descrédito (Reinke, 2021). É nessa efervescência político-religiosa que o movimento de Jesus surge e posteriormente, com a destruição do templo, o Evangelho de Mateus. Isso torna, o posicionamento do autor, que constrói uma nova imagem messiânica, ainda mais complexo, porém, audacioso e corajoso.

⁷ Os protestantes chamam de período interbíblico o hiato entre Malaquias (último livro do Antigo Testamento) e o Evangelho de Mateus (primeiro livro do Novo Testamento), em especial a atividade de João Batista que é considerado o último profeta.

⁸ Principalmente os sacerdotes e os mais ricos.

⁹Os asmoneus.

Então, apesar de utilizarem o mesmo tipo de argumento, a resposta de Jesus questiona a doxa até então vigente: a de um messias soberano. A resposta é uma sinalização na polêmica aberta, o que, evidentemente, é de suma importância na construção de sentido no evento polêmico e a inserção desse evento na obra. A Torá e o Templo, como valores, são mantidos, porém, Jesus e a sua missão são superiores na linguagem de Mateus, e ambos são vítimas de deturpações o que aponta para uma sinalização na polêmica velada entre a comunidade e os fariseus. Alguns textos proféticos e apocalípticos estão dialogicamente relacionados à essa interação e os valores que estão em disputa, por exemplo:

Isaías 48:2:

E da cidade santa invocam e apoiam-se sobre o Deus de Israel; YHWH dos exércitos é o seu nome¹⁰.

Apocalipse 11:2:

E o átrio¹¹ que está fora do templo deixe-o fora e não o meças, pois foi entregue às nações e pisarão a Cidade Santa por quarenta e dois meses¹².

Uma questão importante a ser pensada, porém, neste trabalho não será possível aprofundá-la, é como uma disputa que envolve valores tão complexos foi recepcionado pela comunidade. Há indícios, considerando a polêmica velada que se transforma em uma polêmica aberta ao longo do Evangelho, que o autor conhece minuciosamente a sua comunidade o que contribui na construção discursiva do seu posicionamento. Além disso, a transmissão desse Evangelho é um indício fortíssimo de que ele foi bem recepcionado pela comunidade. Outra questão de suma importância é analisar, profundamente, a complexidade da polêmica aberta, visto que, há significativas evidências de que os fariseus e saduceus derivaram de grupos revolucionários. Questões sociais e discursivas importantíssimas para o estudo da constituição do Evangelho, mas que estão veladas na tentação.

Na terceira interação, o Diabo oferece a Jesus todos os reinos da terra. A cena é apocalíptica, como já dito, o tempo e o espaço parecem não terem limites, o que possibilita a construção de uma imagem sem, necessariamente, gerar um incômodo nos leitores originais. A glória que o Diabo oferece a Jesus é terrena. Esse contraponto entre o que é celestial e terreno é uma característica do imaginário apocalíptico. Ao oferecer os reinos e a sua glória em troca da adoração, explicitamente, o Diabo propõe um sacrifício. Jesus sacrificaria o seu reinado futuro por um reinado no presente. A questão, muito bem colocada pelo autor, é se esse sacrifício valeria a pena. Essa reflexão torna-se elemento fundamental

¹⁰Tradução do texto hebraico (BHS): כִּי־מַעִיר הַקֹּדֶשׁ נִקְרָאוּ וְעַל־אֶלְהֵי יִשְׂרָאֵל נִמְדָּו; הַיְהוָה יְבָרְכֵם וְתִשְׁכַּח שְׂמֵךְ

¹¹ “átrio” Praça fora do edifício do Templo.

¹² Tradução do texto grego: καὶ τὴν αὐλὴν τὴν ἔξωθεν τοῦ ναοῦ ἔκβαλε ἔξωθεν καὶ μὴ αὐτὴν μετρήσης, ὅτι ἐδόθη τοῖς ἔθνεσιν, καὶ τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν πατήσουσιν μῆνας τεσσαράκοντα [καὶ] δύο.

não apenas para a personagem, mas para a comunidade. Mais uma vez a dinâmica entre a polêmica aberta e velada é central.

No Tratado, os autores nos apresentam a argumentação pelo sacrifício afirmando que “um dos argumentos de comparação utilizados com mais frequência é o que alega o sacrifício a que se está disposta a sujeitar-se para obter certo resultado” (Olbrechts-Tyteca; Perelman, 2014, p. 281). Aqui nos deparamos com um ponto importante: a disposição. No mundo axiologicamente construído pelo autor, mundo esse que o herói caminha, cria-se uma expectativa grande quanto a resposta de Jesus. Jesus negou a operação de um milagre na primeira tentativa como sinal da sua verdadeira identidade, negou lançar-se do pináculo do Templo, isto é, contra argumentou quanto a reciprocidade apresentada pelo Diabo, porém, a última tentativa do Diabo nesse evento parece colocar em jogo simplesmente tudo (πᾶς).

Cabe ressaltar que no Evangelho de Lucas, texto que, ao que tudo indica, embasa-se na mesma fonte que Mateus, essa interação apresenta algumas diferenças. Primeiramente, essa é a segunda interação o que, evidentemente, muda a construção de sentido. Porém, a forma como ela é apresentada nos leva a uma breve comparação:

E, levando-o, mostrou-lhe todos os reinos do mundo num instante de tempo. E disse-lhe o Diabo: te darei todo este poder e glória, porque a mim foi entregue, e dou a quem eu quiser. Por isso, se te prostrares diante de mim¹³, tudo será seu (Lc 4:5-7)¹⁴.

A construção apocalíptica é mais evidente em Lucas devido aos elementos de acabamento¹⁵. Detalhes abrem as possibilidades de construção de imaginário, porém, a ênfase em “num instante de tempo”, evidencia uma experiência mística. Tudo, ainda que em um instante, foi visto e oferecido a Jesus. Mateus opta em construir o seu mundo no ambiente terreno por questões de estratégia com fins persuasivos. O elemento principal, o que mais nos interessa, é que o Diabo, em Lucas, afirma que tudo é dele e ele dar a quem ele quiser. Em Mateus e Lucas, ainda que aparentemente os eventos ocorram em planos distintos, o Diabo é quem manda no “mundo”. Mundo que, evidentemente, é o mundo limitado aos autores, o mundo imperial.

O olhar de um leitor cristão do século XXI pode enxergar nessa proposta um argumento cômico. Cômico porque ao comparar o que está sendo oferecido pelo Diabo ao que Jesus alcançaria cumprindo a sua missão, percebe-se uma discrepância, uma irracionalidade. O valor do reino celestial é, na visão cristã, superior ao valor dos reinos desse mundo. Porém, essa é a provável visão do leitor, de

¹³ἐνώπιον (na minha presença).

¹⁴ Tradução do texto grego: Καὶ ἀναγαγὼν αὐτὸν ἔδειξεν αὐτῷ πάσας τὰς βασιλείας τῆς οἰκουμένης ἐν στιγμῇ χρόνου καὶ εἶπεν αὐτῷ ὁ διάβολος· σοὶ δώσω τὴν ἐξουσίαν ταύτην ἅπασαν καὶ τὴν δόξαν αὐτῶν, ὅτι ἐμοὶ παραδέδοται καὶ ἃ ἂν θέλω δίδωμι αὐτήν· σὺ οὖν ἐὰν προσκυνήσῃς ἐνώπιον ἐμοῦ, ἔσται σοῦ πάντα.

¹⁵Escolhas do autor que delineiam a narrativa.

alguém que foi alcançado por dois mil anos de história do cristianismo, que foi influenciado por teologias distintas ainda que inconscientemente. No mundo em que o herói caminha, mundo construído pelo autor, não há evidências, há expectativas. Nesse mundo a identidade do herói é construída, revelada.

Isso significa que o sacrifício proposto pelo Diabo na interação não é cômico, mas, válido. A validade e coerência da proposta é atestada pelo próprio evento. O objetivo do Diabo, no evento, é separar Jesus do Espírito, travar o seu papel, confundi-lo. Ou seja, as propostas são coerentes quando consideramos o evento em si, o objetivo da personagem Diabo e os valores amados pelo autor. A argumentação pelo sacrifício é um argumento de comparação. Os autores do Tratado enfatizam que “a argumentação não poderia ir muito longe sem recorrer a comparações” (Olbrechts-Tyteca; Perelman, 2014, p. 274). No Novo Testamento, o argumento de comparação é comum. Ainda que nem sempre de forma explícita, no Novo Testamento a comparação é fundamental para a manutenção da esperança, visto que os primeiros cristãos entendiam que não há nada mais valioso aqui na terra do que aquilo que será entregue, por Deus, para aqueles que permanecerem fieis. No Novo Testamento, a comparação não deve ser feita entre a vida dos menos abastados e dos mais abastados, mas entre aquilo que podemos ter aqui e o que ganharemos caso a fidelidade vença. Isso exige sacrifício.

Na tentação, negar os reinos e os seus poderes é um sacrifício que engrandece o messianismo defendido pelo autor, ou seja, engrandece a vida de Jesus. Destacam os autores do Tratado que “na argumentação pelo sacrifício, este deve medir o valor atribuído àquilo por que se faz o sacrifício” (2014, p. 282). Se Jesus nega os poderes deste mundo é porque a obra que ele deveria cumprir é muito importante, ou seja, o sacrifício dele mede o valor daquilo pelo qual ele sacrifica. É importante lembrarmos que estamos analisando um mundo axiologicamente construído, fruto do evento da rememoração que pressupõe seletividade. Destacamos isso, pois no mundo do Evangelho de Mateus Jesus morre em uma cruz. Aparentemente, o sacrifício na tentação resultou em morte e não em glória. Essa é a grande construção do autor, mostrar através da argumentação pelo sacrifício que Jesus viveu uma vida de desvantagens, inferioridade, sendo que, o maior dos sacrifícios foi morrer na cruz, mesmo que inocente, para que o mundo pudesse viver sob sua tutela em mundo de paz, ainda que futuro.

Esse sacrifício e o valor daquilo pelo qual se sacrifica é reconhecido pelo autor no evento da crucificação, após a morte de Jesus:

E abriram-se os sepulcros e muitos corpos dos santos que dormiam¹⁶ ressuscitaram. E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele¹⁷, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos (Mt 27: 52-53).¹⁸

¹⁶ Referência aos mortos.

¹⁷ O sentido da palavra “dele” é Jesus.

O autor mostra que já na morte e ressurreição de Jesus houve sinais e uma projeção do que ocorrerá no fim dos tempos. A argumentação pelo sacrifício ocorre, como já mostramos, na polêmica aberta, mas também ocorre na polêmica velada, no encontro de vozes. A terceira interação funciona como uma argumentação pelo sacrifício que visa a comunidade. Diante da crise enfrentada e das adversidades causada pelo conflito com o judaísmo formativo, convém à comunidade privar-se dos privilégios, pois o bem de maior valor é a vida futura, com o messias glorificado. Essa ideia não é estranha no Novo Testamento:

Fp 3:19-21¹⁹:

O fim deles é a destruição, o deus deles é o ventre, e a glória é para desonra deles, e os pensamentos terrenos. Mas a nossa cidade²⁰ está nos céus, de onde também esperamos o salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso, pela força que lhe dá poder de sujeitar a si todas as coisas.

Rm 8:16-17²¹:

O próprio Espírito testemunha com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo; se com ele realmente sofremos, para que também com ele sejamos glorificados.

No Novo Testamento, em especial pela influência do imaginário apocalíptico, a comparação entre os céus e a terra, o futuro de glória e o presente de aflição são comuns. A comunidade deveria fazer uma escolha, assim como Jesus fez. O autor, persuasivamente, aponta o que ele julga como a escolha certa, tendo como base valores, e por isso o seu posicionamento é polêmico. As três interações evidenciam os posicionamentos do autor. Esses posicionamentos são polêmicos, pois questionam a visão de messias cristalizada. Nessa dinâmica entre a polêmica aberta e velada no evento polêmico da tentação ocorre uma atualização da imagem de messias em Jesus.

FIGURAS E TABELAS

¹⁸Tradução do texto grego: καὶ τὰ μνημεῖα ἀνεώχθησαν καὶ πολλὰ σώματα τῶν κεκοιμημένων ἁγίων ἠγέρθησαν, καὶ ἐξεληθόντες ἐκ τῶν μνημείων μετὰ τὴν ἔγερσιν αὐτοῦ εἰσῆλθον εἰς τὴν ἁγίαν πόλιν καὶ ἐνεφανίσθησαν πολλοῖς.

¹⁹ Tradução do texto grego: ὣν τὸ τέλος ἀπώλεια, ὣν ὁ θεὸς ἡ κοιλία καὶ ἡ δόξα ἐν τῇ αἰσχύνη αὐτῶν, οἱ τὰ ἐπίγεια φρονοῦντες. ἡμῶν γὰρ τὸ πολίτευμα ἐν οὐρανοῖς ὑπάρχει, ἐξ οὗ καὶ σωτήρα ἀπεκδεχόμεθα κύριον Ἰησοῦν Χριστόν, ὃς μετασχηματίζει τὸ σῶμα τῆς ταπεινώσεως ἡμῶν σύμμορφον τῷ σώματι τῆς δόξης αὐτοῦ κατὰ τὴν ἐνέργειαν τοῦ δύνασθαι αὐτὸν καὶ ὑποτάξαι αὐτῷ τὰ πάντα.

²⁰ Substantivo πολίτευμα: lugar de cidadania; comunidade; estado.

²¹ Tradução do texto grego: αὐτὸ τὸ πνεῦμα συμμαρτυρεῖ τῷ πνεύματι ἡμῶν ὅτι ἐσμὲν τέκνα θεοῦ. εἰ δὲ τέκνα, καὶ κληρονόμοι· κληρονόμοι μὲν θεοῦ, συγκληρονόμοι δὲ Χριστοῦ, εἴπερ συμπάσχομεν ἵνα καὶ συνδοξασθῶμεν.

Quadro 1 - Tradução do texto grego Mt 4:1-11 1²²

Texto grego	Tradução
1 Τότε ὁ Ἰησοῦς ἀνήχθη εἰς τὴν ἔρημον ὑπὸ τοῦ πνεύματος πειρασθῆναι ὑπὸ τοῦ διαβόλου.	Então, Jesus foi conduzido ²³ para o deserto debaixo do Espírito para ser tentado debaixo do Diabo.
2 καὶ νηστεύσας ἡμέρας τεσσεράκοντα καὶ νύκτας τεσσεράκοντα, ὕστερον ἐπείνασεν.	e depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites teve fome na barriga.
3 καὶ προσελθὼν ὁ πειράζων εἶπεν αὐτῷ· εἰ υἱὸς εἶ τοῦ θεοῦ, εἰπέ ἵνα οἱ λίθοι οὗτοι ἄρτοι γένωνται.	E depois de se aproximar, o tentador disse para ele: se és o Filho de Deus, diga para estas pedras se tornarem pães.
4 ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν· γέγραπται· οὐκ ἐπ’ ἄρτῳ μόνῳ ζήσεται ὁ ἄνθρωπος, ἀλλ’ ἐπὶ παντὶ ῥήματι ἐκπορευομένῳ διὰ στόματος θεοῦ.	Ele respondeu dizendo: Está escrito: não sobre pão apenas viverá o homem, mas sobre toda palavra que sai da boca de Deus e atravessa.
5 Τότε παραλαμβάνει αὐτὸν ὁ διάβολος εἰς τὴν ἁγίαν πόλιν καὶ ἔστησεν αὐτὸν ἐπὶ τὸ πτερύγιον τοῦ ἱεροῦ	Então, tomou-o para junto de si o Diabo para a Santa Cidade e o colocou sobre o ponto mais alto do Templo.
6 καὶ λέγει αὐτῷ· εἰ υἱὸς εἶ τοῦ θεοῦ, βάλε σεαυτὸν κάτω· γέγραπται γὰρ ὅτι οἱ ἄγγελοι αὐτοῦ ἐντελεῖται περὶ σοῦ ἐπὶ χειρῶν ἰσχυρῶν σου, καὶ ἰσχυροῦσιν σε ἐπὶ τοῦ πέδιλου τοῦ ποδός σου, καὶ ποτε προσκώψης πρὸς λίθον τὸν πόδα σου.	E disse: se és o Filho de Deus, lança-te abaixo, pois escrito está: aos seus anjos dará ordem a respeito de ti e tomar-te-ão pelas mãos e te elevarão para que não bata os pés contra as pedras.
7 ἔφη αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· πάλιν γέγραπται· οὐκ ἐκπειράσεις κύριον τὸν θεόν σου.	Respondeu Jesus: novamente, está escrito: não tentarás o Senhor, teu Deus.
8 Πάλιν παραλαμβάνει αὐτὸν ὁ διάβολος εἰς ὄρος ὑψηλὸν λίαν καὶ δείκνυσιν αὐτῷ πάσας τὰς βασιλείας τοῦ κόσμου καὶ τὴν δόξαν αὐτῶν	De novo, tomou-o com suas mãos para perto de si o Diabo para um monte alto e grande e o mostrou todos os reinos do mundo e a glória deles.
9 καὶ εἶπεν αὐτῷ· ταῦτά σοι πάντα δώσω, ἐὰν πεσὼν προσκυνήσῃς μοι.	e disse para ele: todas essas coisas eu darei para ti se puderes cair e adorar-me.
10 τότε λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· ὕπαγε, σατανᾶ· γέγραπται γὰρ· κύριον τὸν θεόν σου προσκυνήσεις καὶ αὐτῷ μόνῳ λατρεύσεις.	Então disse para ele Jesus: debaixo de mim Satanás! Pois está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e para ele apenas darás culto.
11 Τότε ἀφίησιν αὐτὸν ὁ διάβολος, καὶ ἰδοὺ ἄγγελοι προσῆλθον καὶ διηκόνουν αὐτῷ.	Então, foi-se o Diabo e eis que os anjos vieram e os serviram.

Fonte: Elaboração e tradução dos autores

²² Texto grego base: Novum Testamentum Graece, Nestle-Aland (NA28).

²³ Elevado; subido.

CONCLUSÕES

A tentação de Jesus é uma narrativa basilar no Evangelho de Mateus. Neste trabalho propomos algumas hipóteses que podem contribuir não apenas na análise da tentação no capítulo 4 do Evangelho, mas, sobretudo, na estrutura argumentativa da obra. Na narrativa o autor rememora, cronotopicamente, três importantes estágios da história do Israel bíblico: êxodo-deserto; monarquia; período do segundo templo. Essa hipótese fundamentou a análise dos argumentos e posicionamentos polêmicos em cada uma das interações entre as personagens Jesus e Diabo.

As interações ocorrem em uma dinâmica entre polêmica velada e aberta, o que significa que a narrativa visa a proteção da comunidade mateana que tem como adversário o judaísmo formativo. O Diabo, que utilizou os argumentos de identidade, reciprocidade e sacrifício, representa, discursivamente, o judaísmo formativo, ou seja, as respostas de Jesus é, também, uma resposta à comunidade que enfrentava uma crise. Em suma, o Evangelho de Mateus é produto de uma polêmica entre a comunidade mateana e o judaísmo formativo, uma resposta que contribuiu no processo de vir a ser desse grupo que compôs o protocristianismo.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. (2018). Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto.
- AMOSSY, R. (2017). *Apologia da polêmica*. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; tradução: Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto [et al] São Paulo: Contexto.
- ARISTÓTELES. (2012). *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse, Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- BAKHTIN, M. (2018). *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34.
- BAKHTIN, M. (2013). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. (1997). K. Elliger, W. Rudolph (ed.), Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.
- CARNEIRO, M. (2016). *Os evangelhos sinóticos: origens, memória e identidade*. São Paulo: Fonte Editorial, Edições Terceira Via.
- FINKELSTEIN, I. (2015). *O reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte*. São Paulo: Paulus.
- FUNARI, P. P. (2020). *Grécia e Roma*. 6. ed. São Paulo: Contexto.

- GRÁCIO, R. A. (2013). *Vocabulário Crítico de Argumentação*. Coimbra: Grácio Editor.
- HORSLEY, R. A. (2004). *Jesus e o império: O Reino de Deus e a nova desordem mundial*. Tradução Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus.
- KERMODE, F. (1997). Mateus. In: ALTER, Robert; FRANK, Kermode (org). *Guia Literário da Bíblia*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.
- KLOPPENBORG, J. S. (2008). *Q, the earliest Gospel: an introduction to the original stories and sayings of Jesus* / John S. Kloppenborg. — 1st ed.
- NASCIMENTO, L. S. (2018). *Análise dialógica da argumentação: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político*. 2018. 557f. (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- NOVUM Testamentum Graece, Nestle-Aland (NA28). 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- OVERMAN, J. A. (2020). *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti. 1. ed. São Paulo: Loyola.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (2005). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- PLANTIN, C. (2008). *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial.
- RIBEIRO, K. R. (2019). A construção da polêmica em ilustrações de Carol Rossetti: enfoque dialógico. *Intersecções* – Edição 27 – Ano 12 – Número 1.
- REINKE, A. D. (2021). *Aqueles da bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino*. 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.
- SCHIAVO, L. (2006). *Anjos e Messias: messianismos judaicos e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas.
- SILVA, F. C. (2023). *Uma análise dialógica da argumentação na tentação de Jesus em Mateus 4:1-11*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
- VIEIRA, L. S. (2019). “*O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar*”: os efeitos dos cronotopos no evangelho de Mateus. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.
- VINES, M. E. (2007). The Apocalyptic Chronotope. In: BOER, Roland. Bakhtin and genre theory in biblical studies. *Society of Biblical Literature Semeia Studies*, n. 63.



AS FIGURAS DE RETÓRICA COMO DISPOSITIVO ARGUMENTATIVO NO PRONUNCIAMENTO DE POSSE DO PRESIDENTE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Eduardo Pantaleão de Moraes
Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL/BRASIL)
E-mail:eduardo.pantaleao@uneal.edu.br

Leandro Vieira dos Santos
Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL/BRASIL)
E-mail:leandro.santos.2021@alunos.uneal.edu.br

José Nildo Barbosa de Melo Junior
Instituto Federal de Alagoas (IFAL/BRASIL)
E-mail:nildo.barbosa@ifal.edu.br

Resumo: Este artigo centra-se na análise de figuras de retórica como Dispositivo argumentativo que justifica o emprego de estratégias argumentativas utilizadas por Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República, eleito em 2022, em seu pronunciamento de posse, na Esplanada dos Ministérios. A pesquisa fundamenta-se em estudos sobre a Retórica Argumentativa, o gênero discursivo Pronunciamento e o discurso político na mídia. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e, segundo os objetivos, de caráter descritivo e explicativo, visto que não só observa, identifica, registra e analisa o Dispositivo argumentativo que contribui para potencializar a persuasão no gênero Pronunciamento, mas também explica como e por que tal mecanismo linguístico atua na argumentação do presidente eleito. A relevância do trabalho deu-se por analisar, à luz da Retórica argumentativa, de forma descritivo-interpretativa, um pronunciamento de extrema significação para o contexto sociopolítico brasileiro. Os resultados mostraram que as figuras de retórica embasaram a argumentação do referido pronunciamento, contribuindo para um maior poder de persuasão no discurso do presidente.

Palavras-chave: Contexto sociopolítico brasileiro. Discurso presidencial. Dispositivos argumentativos. Figuras de retórica. Gênero Pronunciamento. Retórica.

Abstract— This article focuses on the analysis of figures of rhetoric as argumentative device that justifies the use of argumentative strategies used by Luiz Inácio Lula da Silva, President of the Republic, elected in 2022, in his inauguration speech, at the Esplanada dos Ministérios. The research is based on studies about Argumentative Rhetoric, the discursive genre Pronouncement and political discourse in the media. Methodologically, research was carried out with a qualitative approach, of applied nature and, according to the objectives, of a descriptive and explicative nature, since not only observes, identifies, records and analyzes the argumentative device that contributes to enhancing persuasion in the Pronouncement genre, but also explains how and why such linguistic mechanism acts in the argumentation of the president-elect. The relevance of the work was due to analyzing, in the light of Argumentative Rhetoric, in a descriptive-interpretative way, a pronouncement of extreme significance for the Brazilian sociopolitical context. The results showed that the figures of rhetoric supported the argumentation of the pronouncement, contributing to greater persuasive power in the president's speech.

Keywords: Brazilian sociopolitical context. Presidential discourse. Argumentative devices. Figures of rhetoric. Genre Pronouncement. Rhetoric.

INTRODUÇÃO

Este estudo é o resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), entre os anos de 2023-2024, no Cursos de Letras, da Universidade Estadual de Alagoas, *Campus IV*. A proposta que originou o referido estudo foi motivada pelo cenário político-midiático conturbado no Brasil, revelado no governo Bolsonaro, período marcado pelo aumento da inflação, abandono das relações internacionais e humanitárias, pela depreciação das instituições públicas, por escândalos de corrupção e pelo descrédito na Ciência, em pleno contexto pandêmico da Covid-19.

Diante do exposto, analisar o pronunciamento de posse do presidente Lula, após a derrota eleitoral do ex-presidente Bolsonaro, mostrou ser um importante meio de compreender os mecanismos argumentativos do pronunciamento de Lula, considerando o espectro sociopolítico brasileiro. Em sua primeira aparição pública, na Esplanada dos Ministérios, o presidente eleito utilizou-se de uma argumentação baseada nas Figuras de retórica, com o objetivo de ampliar a carga persuasiva de suas ideias no gênero discursivo Pronunciamento.

No que diz respeito às motivações temáticas presentes em sua fala, aparecem questões humanitárias urgentes, contrapondo o cenário e os discursos engendrados no governo anterior,

marcados por violência, fome, intolerância, preconceito contra as maiorias minorizadas e acentuadas desigualdades sociais. Por essa razão, o objetivo geral deste trabalho é analisar o funcionamento de figuras de retórica como principal Dispositivo argumentativo presente no discurso de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 1º de janeiro de 2023.

O discurso político traz, em sua construção, a identidade política daquele que o profere. Notadamente, é uma comunicação que prima por estratégias argumentativas capazes de alcançar a maior adesão possível do público-ouvinte, telespectador ou internauta, construindo uma imagem (*ethos* presidencial).

A relevância deste estudo deu-se, inicialmente, por haver poucos estudos que se debruçaram a investigar o referido pronunciamento, e em seguida, por construir um aporte teórico-metodológico que possibilitou compreender e analisar o funcionamento argumentativo de um dos principais eventos políticos da atualidade. Tal relevância ganha projeção devido aos acontecimentos políticos e históricos, percebidos nos últimos anos no Brasil, sobretudo, após o já reconhecido golpe político de 2016.

A arquitetura teórica da pesquisa alicerçou-se nos estudos da Retórica argumentativa, a partir de Aristóteles (2005), Mateus (2018), Meyer (2007), Morais (2019), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), Reboul (2005) e outros, em consonância com a perspectiva dos estudos em gêneros discursivos, trazendo apontamentos teóricos sobre o gênero discursivo Pronunciamento. Nesse contexto, a Retórica aparece como “a arte de persuadir pelo discurso” (Reboul, 2005, p. XVI), por meio da qual orador e auditório social, em múltiplos espaços sociais, acionam argumentos e negociam suas diferenças.

Nesta proposta, o interesse pelo tema, dentro do contexto político-midiático, associado à Retórica argumentativa, buscou gerar novos conhecimentos, por meio da análise do funcionamento argumentativo do gênero Pronunciamento. Assim, o estudo revisita o conceito de Dispositivos argumentativos – conceito recente nos estudos retórico-argumentativos, proposto por Morais (2019) – e contribui para ampliar o desenvolvimento dos estudos retóricos atuais, ao investigar o discurso político presidencial e refletir sobre os sentidos mobilizados pelas figuras de retórica em tal discurso.

RETÓRICA ARGUMENTATIVA NO DISCURSO MIDIÁTICO

Os estudos retóricos vêm ganhando projeção, dada a plasticidade de suas categorias analíticas e o seu olhar sobre o funcionamento do discurso, possibilitando reconhecer uma comunicação retórica

como convincente e persuasiva. Conforme aponta Mateus (2018, p. 23), “Como toda a comunicação, a Retórica é um campo de possibilidades. A persuasão, ao pressupor um sujeito livre, passível de aceitar ser convencido, possibilita a discussão dessas possibilidades orientada para uma efetiva tomada de decisão”.

Atualmente, o discurso midiático amplia o funcionamento argumentativo dos discursos orais ou escritos e cria um efeito dinâmico e veloz na propagação das informações nos meios digitais. Desse modo, a presença do discurso midiático, em suas diversas faces, projeta uma realidade tecnológica a partir da qual os desejos de consumo e a construção de imagens pessoais nas mídias criam “o fascínio contemporâneo pelo que é bem realizado tecnologicamente” (Fidalgo, 2010, p. 10).

Logo, a massificação dos meios de informação digitais diminui o número de pessoas interagindo de forma presencial, aumenta o contingente de internautas, reúne pessoas em torno de um mesmo assunto e de assuntos semelhantes, permite ampliar os diálogos relativos às informações transmitidas na rede e ainda possibilita que haja uma interação entre os internautas. Para Sodré (2002, p. 70), há uma diminuição do público presencial e um aumento do público a distância, pois, “com o predomínio da comunicação midiática, os auditórios encontram-se em regressão”. Endossando essa assertiva,

Na retórica presencial, o orador era um indivíduo a quem o saber e a experiência emprestavam autoridade e credibilidade na apresentação dos argumentos. Hoje, temos, no local de quem fala e quer ser persuasivo, não tanto indivíduos, mas entidades coletivas, de natureza política, cultural, social ou empresarial. (Fidalgo, 2010, p. 10).

No discurso midiático, a manifestação da linguagem persuasiva “consiste em abandonar os nossos pensamentos à inferência de outrem e fornecer-lhe os meios de os alcançar para que a comunicação seja eficaz” (Meyer, 2007, p. 84). Desse modo, a Retórica possibilita os meios de persuasão que se imprimem nos telespectadores, efetivando uma comunicação a partir de um discurso que torna possível ao outro refletir sobre pontos ainda desconhecidos ou pouco conhecidos. Outrossim,

Podemos acrescentar, que resulta da Retórica o enaltecimento do provável e do plausível contra os absolutos, a necessidade ou os universais, contra o imutável e a unidade. A Retórica é, pois, o campo da diversidade e da discussão provável dos assuntos humanos. Da pluralidade e do direito à diferença. (Mateus, 2018, p. 24).

Isso permite conjecturar que os discursos defendidos como verdades absolutas podem ser questionáveis e questionados quando se observam as realidades sociais por que circundam tais

discursos, assim como importa verificar a veracidade dos argumentos mobilizados para persuadir o auditório. Com efeito, a Retórica é lugar das crenças sustentadas pelo domínio argumentativo, por meio do qual os Dispositivos argumentativos, de que o orador lança mão para construir seus discursos, e passa a ser um campo de batalha pela adesão das mentes.

Consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca(1996, p. 304), “toda argumentação visa a uma mudança no pensamento dos ouvintes, trata-se de modificar as próprias teses às quais aderem ou simplesmente a intensidade dessa adesão, medida pelas consequências posteriores que ela tende a produzir na ação”. Por isso, o ato da argumentação ganha destaque no jornalismo midiático-televisivo, pois, ao argumentar, o repórter tende a mudar o estado de espírito do telespectador, gerando um sentimento de confiança, de revolta, de medo, de justiça, entre outros sentimentos.

Para Aristóteles (2005, p. 33), a Retórica “é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão”. Essa definição implica um reconhecimento de que os argumentos já constituem a argumentação em discursos orais e/ou escritos e se revestem dessa característica persuasiva para alcançar a adesão do auditório no ambiente jurídico, político e em tantos outros espaços sociais, nos quais seja necessário utilizar o viés persuasivo. A argumentação é, por assim dizer, um meio por que o orador pode se colocar numa posição discursiva de estrategista da linguagem, podendo influenciar o seu auditório (ouvinte ou leitor) a mover-se ante os argumentos formulados em determinadas situações.

Como declara Mateus (2018, p. 15), a retórica, “simultaneamente, é também uma técnica e uma prática que nos ensina a tornar aquilo que dizemos mais decisivo e categórico”. Por isso, é fundamental entender que a Retórica não se limita a uma análise daquilo que pode ou não produzir um efeito de argumentação na linguagem, porque, ao investigar os mecanismos argumentativos que tornam o discurso persuasivo, a situação e o contexto discursivo também devem ser evidenciados no processo interpretativo. É relevante interpretar o contexto de produção dos discursos, de modo a compreender os sentidos que dialogam com o contexto e a circunscrição temporal de cada discurso em circulação.

Nessa perspectiva, a função persuasiva configura o caráter mais poderoso de todas as funções argumentativas, pois se entende que, para ganhar uma causa, independentemente de sua natureza, o orador busca a persuasão do auditório. Para tanto, mobiliza fatos, acontecimentos, dados e outros Dispositivos argumentativos possíveis. O propósito maior é levar o público a aderir às suas posições ou às suas ideias, acionando argumentos que gerem influência sobre as mentes do auditório, movendo-o a atender às expectativas do orador. Consoante Grácio (2010, p. 13):

Uma das formas mais generalizadas de abordar a argumentação consiste em inseri-la na problemática da influência através do discurso, ou seja, em explicá-la através dos seus *efeitos persuasivos*: argumentamos *para* persuadir. Esta visão instrumental e funcional, que define a argumentação a partir de uma finalidade, é o primeiro passo para dela fazermos uma abordagem *técnica*, em termos de *meios para*.

O alcance do potencial argumentativo nos discursos está sujeito a uma confluência entre orador e auditório. Esse alcance do potencial argumentativo está situado no entrelaçamento do orador com seu propósito, do discurso com sua materialidade linguística e do auditório com suas expectativas, produzindo uma triangulação inerente ao propósito de estabelecer um acordo capaz de provocar um efeito de persuasão ou de convencimento no auditório.

Para Rocha (2022, p. 52), “a proximidade do orador com o auditório contribui para a obtenção da adesão”. É por meio desse viés interativo que a argumentação se realiza, a partir dos Dispositivos argumentativos de que o orador lança mão com o intuito de elaborar seus discursos. Conforme Meyer (2008, p. 1), “o primeiro objetivo é convencer outra pessoa, ou seja, fazê-la mudar de opinião ou, pelo menos, tentar. Podendo até dizer que essa mudança de opinião constitui o único sinal patente da eficácia de uma argumentação”.

OS DISPOSITIVOS ARGUMENTATIVOS

De acordo com Moraes (2019), Dispositivo argumentativo é “todo mecanismo linguístico que serve de gatilho para a efetivação, sustentação e o fortalecimento do argumento, fazendo com que este seja aquele elemento linguístico que propiciará a persuasão” (Moraes, 2019, p. 52). Entre esses importantes recursos retóricos na instauração do ato de argumentar, aparecem as figuras de Retórica, os argumentos baseados em pressupostos jurídicos (provas e testemunhos, por exemplo), as descrições de ambientes, os exemplos, as citações de autoridades, o uso de repetições enfáticas, o domínio de uma das faces de *ethos* ou mesmo a ênfase na transição de um *ethos* para o outro, a metalinguagem, as formas verbais que servem de marcadores de afetividade no tratamento para com o outro, as formas de imperativo, a estabilização de um lugar argumentativo, as enumerações de ações negativas ou positivas dos acusados ou defendidos, as construções de enunciados de assentimento ou de desassentimento, os trocadilhos de palavras, o apelo ao sentimentalismo, as comparações com elementos contextuais e as perguntas retóricas.

No que se refere ao Dispositivo argumentativo deste estudo, verificou-se que as figuras de retórica aparecem como um mecanismo argumentativo recorrente no pronunciamento de posse do

presidente Luiz Inácio Lula da Silva e têm o poder de comover, emocionar, chocar, isto é, de despertar sentimentos que podem facilitar o processo de adesão às mentes do auditório. Observou-se o modo como esse dispositivo conduziu a produção de efeitos de persuasão e de convencimento no público, tanto presencialmente quanto a distância, por meio das redes midiáticas de televisão, internet e rádio.

AS FIGURAS DE RETÓRICA

As figuras de retórica são um recurso argumentativo bastante utilizados no meio político, jurídico, religioso e em instâncias discursivas, sobretudo, por ser um Dispositivo argumentativo utilizado com o objetivo de criar um impacto perante o público (auditório), despertando paixões. Elas servem de estratégia para levar beleza, emoção, mas principalmente para fornecer uma carga de persuasão ou de convencimento maior ao texto, permitindo o despertar de sentimentos no auditório social, seja por meio da comparação, metáfora, ironia, antítese, paradoxo, repetição, seja por outras figuras, cada qual com suas especificidades retóricas.

Para Reboul (2005, p. 113), “a expressão figuras de retórica não é pleonasma, pois existem figuras não retóricas, que são poéticas, humorísticas ou simplesmente de palavras. A figura só é de retórica quando desempenha papel persuasivo”. Nesse tocante, o fato de serem ou não retóricas perpassa pelo crivo do orador, pois este pode lançar mão de figuras puramente para embelezar seu discurso, mas pode também enfatizar um sentido pretendido para desempenhar a função persuasiva da retórica.

As figuras de retórica são importantes recursos para prender a atenção do receptor naqueles argumentos articulados pelo discurso. As figuras, ou translações, como as definem certos autores, cumprem a função de redefinir um determinado campo de informação, criando efeitos novos e que sejam de atrair a atenção do receptor. São expressões figurativas que conseguem quebrar a significação própria e esperada daquele campo de palavras. (Citelli, 2002, p. 19)

A capacidade de prender a atenção do auditório está associada diretamente com o efeito de persuasão por trás de cada figura de retórica, pois, nos discursos orais e escritos, o potencial argumentativo e a plasticidade das figuras oferecem possibilidades de criar efeitos de persuasão em diferentes auditórios, trazendo à tona discursos criativos e fortemente carregados de efeitos de persuasão e de convencimento. Enquanto recurso linguístico, o uso das figuras atravessa os conhecimentos prévios (de mundo, linguístico e compartilhado) adquirido ao longo da vida dos oradores e do auditório social, já que atribuir sentido ao discurso permeado por figuras de retórica

supõe determinações linguísticas e contextuais que o orador e o público-espectador precisam mobilizar para associar a figura ao objeto referenciado.

Segundo Fiorin (2014, p. 10) “as figuras são operações enunciativas para intensificar o sentido de algum elemento do discurso”. Dessa maneira, ao utilizar uma figura como parte da construção do discurso, ela tanto pode desempenhar uma função estilística, sem comprometimento com o efeito retórico, como pode exercer a função de Dispositivo argumentativo no discurso. Ao assumir o *status* de Dispositivo argumentativo, as figuras de retórica fortalecem a argumentação, tornam o discurso mais atraente, cativam as mentes e despertam sentimentos de ordem positiva ou negativa, a depender da intenção do orador, o que se analisará no gênero discursivo Pronunciamento.

O PRONUNCIAMENTO ENQUANTO GÊNERO DO DISCURSO

Com fundamento nas condições de comunicação e estratégias de formulação, o gênero Pronunciamento, especificamente o discurso de posse, situa-se na esfera política, é um discurso oficial, de planejamento anterior à produção, conceptualmente escrito, mas compulsoriamente falado. Sua tipologia é predominantemente argumentativa, mas se imbrica à tipologia expositiva, dada a sua natureza dinâmica. Conforme Morais (2019, p. 99), “os pronunciamentos ocupam lugares específicos, pois estão agrupados na tipologia do argumentar, dadas as especificidades discursivas onde ocorrem”.

O pronunciamento de posse, notadamente o do presidente Lula, após ele receber a faixa presidencial no Palácio do Planalto, ocupa um lugar de prestígio em meio a outros pronunciamentos da esfera política, pois se comprometeu em pronunciar temas de ordem social, política, econômica, ambiental, ideológica, humanitária, de relevância potencial à nação, ao bem-estar social e à manutenção da democracia brasileira. Seu potencial argumentativo instaura-se pela capacidade linguística do orador (Lula) para sustentar seus posicionamentos, refutar ideias e negociar tomadas de posição (Dolz; Schneuwly, 2004).

No que concerne à questão terminológica que envolve o estudo de gêneros, utiliza-se o termo *gêneros discursivos* por duas razões: por um lado, por ser uma escolha teórico-metodológica de utilização de determinados conceitos e categorias de análise no gênero Pronunciamento político; por outro, estabelece uma relação coerente com os estudos retórico-argumentativos, que reconhecem o texto como discurso. Nesse sentido, os gêneros discursivos são “formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem [...]” (Marcuschi, 2008, p.18) e devem ser vistos

numa relação sinonímica com as práticas sociais, que abrangem atividades discursivas, interacionais, pragmáticas, linguísticas, literárias, entre outras.

O diálogo entre conceitos relativos aos dois campos teóricos aqui referenciados, o da Retórica e o dos gêneros discursivos, permite imbricar a noção de persuasão ao gênero Pronunciamento. A partir dessa breve reflexão, vê-se a abertura de possibilidades de utilização dessas concepções teóricas, por intermédio das quais se investigam as marcas de persuasão num gênero de cunho político-midiático, especificando, entre outros elementos, os aspectos políticos, sociais, ideológicos e culturais interpelados pelos sujeitos nos discursos.

O DISCURSO POLÍTICO MIDIATIZADO E A INFLUÊNCIA DA GEOPOLÍTICA

Para chegar a uma resposta definitiva acerca do que é o discurso político, convém antes compreender que é o discurso produzido por agente do Poder Legislativo e Executivo, que representa um povo (nação) nas instâncias municipais, estaduais e federais. Portanto, é o discurso proferido por esses sujeitos no exercício de seu poder e está situado nas instâncias da ação política e cidadã. De acordo com Charaudeau (2011, p. 18), “a instância política, que é delegada e assume a realização da ação política; e a instância cidadã, que está na origem da escolha dos representantes do poder”.

Quanto ao discurso político midiático e seu impacto social, é possível afirmar que nunca esteve tão presente na vida das pessoas, pois o acesso à informação propicia não só a exposição dos discursos, mas também a produção de diversos sentidos. Segundo Passetti e Arcine (2014, p. 97), “o discurso político tem sido objeto de diversas pesquisas, principalmente na conjuntura contemporânea, em que a mídia veio influenciando a política, fazendo com que esta adquirisse novas modalidades”.

Além de outros fatores, a relação de poder político na comunicação deve primar por uma linguagem contextualizada e representativa do modo de vida social por parte do *ethos* político de um porta-voz, já que quem representa o povo deve ser dotado de uma força enunciativa de ordem moral, validando uma imagem pública por meio da utilização de uma linguagem situada no meio político. Nesse sentido, a escolha das palavras não pode ser aleatória e, muito menos, descontextualizada.

Notadamente, com o advento crescente da midiática das informações, o poder de persuasão em massa é exponencial, pois o alcance argumentativo atinge com mais facilidade e rapidez o auditório social – ouvintes, telespectadores, internautas e outros perfis de auditório. Acerca da função básica da mídia, observam-se algumas características básicas do sistema midiático, que atendem ao propósito de divulgação das informações, quais sejam:

Primeiramente, evidenciar a capacidade de fixar sentidos e ideologias, interferindo na formação da opinião pública e em linhas predominantes do imaginário social. Em segundo lugar, demonstra desembaraço na apropriação de diferentes léxicos para tentar colocar dentro de si todos os léxicos, a serviço de suas conveniências particulares. (Moraes, 2013, p. 18).

Associando esses apontamentos de Moraes (2013) aos discursos políticos, jornalísticos e publicitários, por exemplo, é possível propor estudos com vistas à argumentação, por tais discursos serem palco de investidas persuasivas de oradores, sobretudo, no meio digital, com o propósito de não só alcançar as massas, mas também buscar persuadi-las, levando-as a acreditar que os discursos contemplam suas necessidades, cativando suas crenças e aceitações ou propondo novas formas de enxergar a realidade social sob a ótica do orador, ampliando o maior número possível de seguidores. Daí a função da mídia: se, por um lado, no meio jornalístico (televisivo, radiofônico ou digital), cabe a função informativa; por outro, nas mídias sociais de internet, como em *podcasts*, *reels* e *stories* (*Meta platforms*¹), compete a divulgação do que se reconhece como relevante, com fins de ampliar o número de seguidores.

No mundo globalizado, sob a influência da Geopolítica, os discursos produzidos por lideranças tornam-se mais fortes sob os holofotes das mídias, principalmente aqueles discursos transitáveis na internet, uma vez que influenciam pensamentos, encorajam atitudes e atribuem valor a marcas, a pessoas e suas ações. Semelhantemente, o discurso político gera ou modifica crenças, fortalece laços políticos, mas também ressignifica conflitos entre partidos e sujeitos de diferentes posicionamentos ideológicos, pois a mídia “tem hoje o poder de configurar mentalidades e, portanto, [tem o poder de configurar] o apoio necessário à consolidação do projeto de qualquer liderança internacional” (Steinberger, 2005, p. 24).

Compreende-se por mídia a gênese dos canais de comunicação, desde os de menor alcance aos de maior audiência e mais utilizados pelo público-espectador, numa circunscrição temporal em que as pessoas sentem cada vez mais a necessidade de ter acesso a informações pela TV, pelo rádio, pela internet ou pelas redes. Logo, isso torna o conceito de mídia diverso e dinâmico na contemporaneidade, pelo caráter amplo de sua designação no campo da linguagem ou da comunicação, por exemplo.

ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DO CORPUS

¹Conglomerado estadunidense de tecnologia e mídia social, com sede em Menlo Park, Califórnia.

No tocante à metodologia adotada, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, visando compreender, descrever e explicar os mecanismos argumentativos que compõem o discurso de posse do presidente Lula. A pesquisa é de natureza aplicada, pois o olhar lançado sobre o objeto de análise amplia o conhecimento científico na área dos estudos retóricos, ao investigar o funcionamento argumentativo do pronunciamento de posse de Lula (Flick, 2009; Paiva, 2019).

Segundo os objetivos, o estudo apresenta caráter descritivo e explicativo, visto que não só observa, identifica, registra e analisa o Dispositivo argumentativo que contribui para potencializar a persuasão no gênero Pronunciamento, mas também explica como e por que tal mecanismo linguístico atua na argumentação do presidente eleito, por meio da interpretação viabilizada pelos métodos qualitativos (Gil, 2008; Severino, 2007). Conforme Gil (2008), a pesquisa explicativa busca identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos sociais; é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê desses fenômenos.

Para a análise descritivo-interpretativa, foi necessário seguir etapas que conferiram ao estudo a sistematização e o controle requeridos no plano científico. Nesse sentido, a realização da pesquisa contemplou o seguinte percurso: a) catalogação do *corpus* da pesquisa num banco de dados; b) transcrição integral do pronunciamento de posse; c) escolha da fundamentação teórica mais adequada para o estudo; d) leitura e fichamento da literatura existente acerca da Retórica argumentativa; e) apreciação, identificação e registro do Dispositivo argumentativo do *corpus* (Figuras de retórica); f) formação da amostragem com fragmentos do pronunciamento de posse do presidente para análise; g) análise e interpretação dos dados; e h) produção de dois relatórios (parcial e final) com os resultados da pesquisa.

Na pesquisa que originou este texto, a análise e a interpretação dos dados é feita de maneira linear/sequencial, contemplando todo o *corpus*. Para este artigo, fez-se um recorte do *corpus* analisado, contemplando alguns fragmentos do discurso de posse.

ANÁLISE DOS FRAGMENTOS DO *CORPUS*

A análise que segue é a parte inicial do pronunciamento de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, proferido na Esplanada dos Ministérios, no dia 1º de janeiro de 2023. Na referida data, Lula e Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho foram empossados e tornaram-se, respectivamente, o 39º presidente do Brasil e 26º vice-presidente do Brasil.

Em um discurso histórico, acompanhado em tempo real por todo o mundo, pelas maiores agências de comunicação e por inúmeras plataformas de internet, Lula escreveu seu nome nos anais da história como o primeiro presidente eleito três vezes no Brasil. Em seu pronunciamento relembrou momentos marcantes de sua vida, entre os quais, estão: o período quando esteve preso no estado do Paraná, na sede da Polícia Federal; o seu primeiro pronunciamento de posse presidencial em 2003; e o cenário político conturbado durante o governo Bolsonaro, nos anos de 2019 a 2022, período marcado pelo crescimento da pobreza, ingerência no combate à pandemia de Covid-19, declaração de ódio a vários grupos sociais, descaso às normas ambientais, às instituições públicas, divulgação de *fake news*, escândalos internacionais e muitos problemas divulgados nos meios de comunicação, os quais depreciaram o cenário político, econômico e social do Brasil.

Nas primeiras linhas do pronunciamento de Lula, identifica-se a figura *gradação*, que “consiste em dispor as palavras na ordem crescente de extensão ou importância” (Reboul, 2005, p. 129). Assim, por ocasião da disposição sequencial, o fragmento (1) descreve o cenário de violência política sofrida pelo povo brasileiro e pelas adversidades temporais por que passaram os apoiadores de Lula durante a campanha eleitoral, como aparece em destaque:

- (1) Minha gratidão a vocês *que enfrentaram a violência política antes, durante e depois da campanha eleitoral, que ocuparam as redes sociais e que tomaram as ruas, debaixo de sol e chuva, nem que fosse para conquistar um único e precioso voto.* (Fonte: *corpus* da pesquisa).

Nessa passagem do discurso, o efeito de persuasão mantém a ênfase no protagonismo e na coragem de todas as pessoas que combateram a violência política e demonstraram apoio e solidariedade em todos os momentos da campanha presidencial. O orador desperta as paixões do auditório social a quem se dirige, ao evidenciar as ações dos seus eleitores no período de campanha, por meio da figura de retórica *gradação*, e agradecer a todas essas pessoas tais ações.

No fragmento (2) a seguir, a figura *metáfora* aumenta a intensidade do sentido, torna-o mais tônico e prova seu forte valor argumentativo (Fiorin, 2014). Ricoeur (2000) declara que a metáfora é um empréstimo semântico, que o sentido emprestado se opõe ao sentido próprio de certas palavras, com o fito de preencher um vazio semântico, levando a palavra emprestada a ocupar o lugar da palavra própria.

- (2) Que tiveram a coragem de *vestir a nossa camisa* e, ao mesmo tempo, *agitar a bandeira do Brasil* quando uma minoria violenta e antidemocrática tentava censurar nossas cores e se

apropriar do verde e amarelo, que pertence a todo o povo brasileiro. (Fonte: *corpus* da pesquisa).

Ao emprestar sentido às expressões *vestir a nossa camisa* e *agitar a bandeira do Brasil*, o orador ressaltou a coragem das pessoas que enfrentaram a violência e a antidemocracia. Ao dizer que as pessoas vestiram a camisa e agitaram a bandeira, o orador amplifica o sentido dos termos e realiza uma comparação metafórica para dizer que as pessoas assumiram o risco de combater posicionamentos radicais, violentos e antidemocráticos, aderiram à causa, acreditaram nas propostas de Lula, no sentido de se oporem aos discursos preconceituosos e autocráticos e lutarem pela democracia.

Na sequência, mais uma vez, Lula recorre à figura *gradação*, produzindo um efeito de persuasão ao elencar, numa ordem de importância, o esforço das pessoas que, utilizando-se de variados meios de transportes, deslocaram-se de vários lugares do Brasil para estarem reunidos na Esplanada dos Ministérios. Assim, a sequência ordenada gera o efeito de persuasão, pois a gradação “amplifica o enunciado, numa intensificação crescente, com palavras ou grupos de palavras de significado relacionado” (Fiorin, 2014, p. 147), como pode ser observado no fragmento (3):

- (3) A vocês que vieram *de todos os cantos deste país, de perto ou de muito longe, de avião, de ônibus, de carro ou na boleia de caminhão, de moto, bicicleta e até mesmo a pé*, numa verdadeira caravana da esperança para esta festa da democracia.
Mas quero me dirigir também aos que optaram por outros candidatos. Vou governar para os 215 milhões de brasileiros e brasileiras, e não apenas para quem votou em mim. (Fonte: *corpus* da pesquisa).

No fragmento (4) a seguir, aparece mais uma sequência metafórica, pois, ao proferir as expressões *passado de divisão e intolerância* e *país em permanente pé-de-guerra*, o orador designa uma coisa com o nome de outra que tem com ela uma relação de semelhança (Reboul, 2005), havendo um efeito metaforizado por meio de uma comparação indireta com o governo anterior, que teve a gestão marcada pela violência em suas múltiplas realizações, pelo desrespeito à pluralidade de ideias e pela intolerância de todos os tipos. A tonicidade de sentido da expressão *nosso luminoso futuro em comum*, que recobrirá o passado de divisão, atraso e intolerância, os conflitos e a desarmonia entre as famílias, reforça um possível efeito persuasivo pela construção de um discurso que nomeia um futuro de esperança, união, progresso, harmonia e respeito para todos, o que se depreende no fragmento (4):

- (4) Vou governar para todos e todas, *olhando para o nosso luminoso futuro em comum, e não pelo retrovisor de um passado de divisão e intolerância. A ninguém interessa um país em permanente pé de guerra, ou uma família vivendo em desarmonia.* (Fonte: *corpus* da pesquisa).

O fragmento (5) traz o paralelismo pelo emprego dos segmentos *pelo discurso de ódio e pela disseminação de tantas mentiras*, coordenados quanto ao sentido e à forma, como construções simétricas que se inserem no campo do que não é aceitável numa sociedade democrática, que prima pelo respeito ao outro e à diversidade e pela verdade. Consoante Fiorin (2014, p. 139), “A função do paralelismo é mostrar que os significados transmitidos pelas construções paralelas são simétricos. Dessa forma, intensifica-se o sentido veiculado por elas.”, o que se verifica em:

- (5) É hora de reatarmos os laços com amigos e familiares, rompidos *pelo discurso de ódio e pela disseminação de tantas mentiras*. [pois] O povo brasileiro rejeita a violência de uma pequena minoria radicalizada que se recusa a viver num regime democrático. (Fonte: *corpus* da pesquisa).

Ademais, o ponto simples fratura a conexão entre as duas construções oracionais, por meio da supressão do conector *pois*, que justifica a razão para um movimento de conciliação entre amigos e familiares, bem como evidencia o assíndeto. De acordo com Reboul (2005, p. 126), “O assíndeto é uma elipse que suprime os termos conectivos, tanto cronológicos (antes, depois) quanto lógicos (porém, pois, portanto). O assíndeto é ao mesmo tempo expressivo [...] e pedagógico, pois deixa por conta do auditório o trabalho de restabelecer o elo que falta [...]”. Logo, o efeito retórico é capaz de produzir um efeito de confiabilidade ao discurso, já que Lula convoca os eleitores a reatar os laços fraternos, a combater o ódio, influenciando o auditório (público) a participar como agentes de seu discurso e da reconstrução de um país de regime democrático.

A seguir, no fragmento (6), o efeito de persuasão é construído à medida que o presidente Lula, estrategicamente, realiza uma *gradação* “[...] em que se amplifica o enunciado, numa intensificação crescente, com palavras ou grupo de palavras de significado relacionado (Fiorin, 2014, p. 147). Ao dispor as palavras *ódio*, *fake news*, *armas* e *bombas* na ordem crescente de extensão ou importância (Reboul, 2005), o orador (Lula) constrói, junto ao povo brasileiro, a imagem daquele que chegou para combater e desfazer todo o ódio, as notícias falsas e as violências simbólicas e não simbólicas, construídos ao longo dos quatro anos do governo Bolsonaro.

- (6) *Chega de ódio, fake news, armas e bombas*. Nosso povo quer paz para trabalhar, estudar, cuidar da família e ser feliz. (Fonte: *corpus* da pesquisa).

Como se interpretou no fragmento (6) anterior, a gradação com figura de retórica delineou um encadeamento semântico de elementos negativos (*ódio*, *fake news*, *armas* e *bombas*), “[...] uma

sequência de significados dispostos numa ordem ascendente, em que o posterior diz mais que o anterior” (Fiorin, 2014, p. 147). Além disso, o paralelismo explicita a simetria de significados que se revelam na passagem *Nosso povo quer paz para trabalhar, estudar, cuidar da família e ser feliz* e centraliza as reais necessidades do povo brasileiro, assegurados como direitos e garantias sociais inalienáveis para o bem-estar social.

Posteriormente, no fragmento (7), Lula tende a persuadir seu auditório ao construir uma elipse, omitindo o sintagma verbal *somos*. Essa figura de retórica é “[...] a omissão de um elemento linguístico que pode ser recuperado pelo contexto” (Fiorin, 2014, p.164). Com essa estratégia, ele permite ao seu auditório social participar do processo de construção do discurso (Fiorin, 2014) e do sentido do pronunciamento em seus imaginários, bem como propõe que cada um se enxergue como parte integrante da nação brasileira. Apesar da omissão do termo *somos* em *Somos um único país, [somos] um único povo, [somos] uma grande nação*, o efeito de persuasão permanece em evidência e traz o sentido de união, de nação valorosa, de força, resistência e resiliência, o que se vê no fragmento (7) seguinte:

- (7) A disputa eleitoral acabou. *Repito o que disse no meu pronunciamento após a vitória em 30 de outubro, sobre a necessidade de unir o nosso país. Não existem dois Brasis. Somos um único país, um único povo, uma grande nação. Somos todos brasileiros e brasileiras, e compartilhamos uma mesma virtude: nós não desistimos nunca.*(Fonte: corpus da pesquisa).

Aproximando-se do fechamento desta análise, no fragmento (8), há a imbricação perfeita entre duas figuras de retórica de extrema relevância, a *epanalepse* e a *metáfora retórica*, dando tonicidade ao sentido dos termos *flores, uma por uma, pétala por pétala e primavera*, pois o orador os repete e intensifica o sentido dessas palavras, vinculadas ao caráter forte, à resiliência e à sensibilidade do povo brasileiro diante dos problemas sociais e ambientais enfrentados. Ao metaforizar, Lula ressignifica o sentido dos termos *replantio e primavera*, por meio dos segmentos *é sempre tempo de replantio* e *E a primavera chegou*, e enfatiza que, embora tenham destruído a esperança e a dignidade do povo, retirando direitos básicos, como a alimentação, esse povo resistiu, e, a partir daquele momento, ganha espaço um novo contexto social e político, com a sua chegada à presidência.

A metáfora é uma concentração semântica. No eixo da extensão, ela despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem. [...]. O que estabelece uma compatibilidade entre os dois sentidos é uma similaridade, ou seja, a existência de traços comuns a ambos. (Fiorin, 2014, p. 34).

No fragmento (8), a similaridade está em associar *arrancar todas as flores* a destruir a esperança do povo e o bem-estar social. Já a *epanalepse* é “a repetição pura e simples” (Reboul, 2005, p. 127), para enfatizar as expressões repetidas *uma por uma, pétala por pétala* e parte do segmento *e que a primavera há de chegar. E a primavera chegou*, mostrando a relevância dos sentidos ressaltados, neste caso, a persistência e a coragem do povo para se reerguer após uma grande tragédia, um cenário sociopolítico conturbado. Logo, a *epanalepse* e a *metáfora* causam impacto no auditório e consolidam um efeito de persuasão ao construir a personalidade forte, resistente e guerreira do povo brasileiro, o que pode ser visto em:

- (8) *Ainda que nos arranquem todas as flores, uma por uma, pétala por pétala, nós sabemos que é sempre tempo de replantio, e que a primavera há de chegar. E a primavera chegou. Hoje, a alegria toma posse do Brasil, de braços dados com a esperança.* (Fonte: corpus da pesquisa).

Por fim, ainda no fragmento (8), evidencia-se a figura de retórica *prosopopeia* ou *personificação*, pois, ao dizer que a alegria toma posse do Brasil há um alargamento do alcance semântico de termos designativos de entes abstratos, *alegria* e *esperança*, pela atribuição de traços próprios do ser humano (Fiorin, 2014). Assim, Lula produz um efeito de persuasão ao enfatizar tais termos e atribuir seu discurso a oradores fictícios (Reboul, 2005). Nesse caso, os oradores fictícios são a alegria e a esperança, personificadas na figura do presidente do Brasil e do povo brasileiro, denotando ainda os sentimentos do povo e de Lula ao retornar ao posto de chefe de Estado.

CONCLUSÃO

Durante a realização deste trabalho, buscou-se analisar o funcionamento das figuras de retórica enquanto Dispositivo argumentativo no pronunciamento de posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, proferido no dia 1º de janeiro de 2023, na Esplanada dos Ministérios. Compreende-se que o Pronunciamento de posse presidencial é um gênero discursivo relevante, pois estabelece um acordo entre o chefe de Estado e a nação, assim como promove os votos, as intenções e o cuidado do presidente para com os eleitores.

Os teóricos recrutados para dialogar com o tema e as análises permitiram uma discussão esclarecedora, por meio da qual foi possível verificar o poder persuasivo das figuras de retórica e discorrer sobre o funcionamento argumentativo do gênero Pronunciamento de posse presidencial, a partir do Dispositivo argumentativo investigado. Nesse tocante, o diálogo entre a teoria retórica e o

discurso político, tipificado no gênero Pronunciamento, ressalta a importância dos estudos retóricos, dispostos a explicar de que maneira a teoria se efetivou no referido gênero de cunho político, destacando as figuras de retórica como um meio de produzir e intensificar sentidos previamente organizados no discurso, possibilitando que os efeitos retóricos fossem identificados em sua totalidade.

A análise mostrou que, de fato, as figuras de retórica assumiram lugar de prestígio no pronunciamento de Lula, pois, além de conferirem valor estético ao discurso, também imprimiram o valor argumentativo capaz de influenciar as mentes a aderirem às ideias expostas pelo presidente eleito. Diante desse caráter argumentativo identificado, a análise comprovou, a partir das especificidades de cada figura de retórica e dos sentidos mobilizados no discurso, o modo como cada uma delas intensificou a mensagem transmitida pelo orador, constatando que, realmente, foram utilizadas com a finalidade de exercer força argumentativa sobre o discurso e persuadir o público, sendo, por essa razão, figura de retórica.

As figuras de retórica identificadas na análise foram registradas da seguinte maneira: *gradação*, *metáfora*, *paralelismo*, *assíndeto*, *elipse*, *epanalepse* e *prosopopeia*. A análise revelou que a utilização desse Dispositivo argumentativo cumpriu a função persuasiva destinada ao pronunciamento de posse presidencial, sobretudo, por haver a necessidade de o presidente comunicar-se à nação por meio de um discurso extremamente emotivo, capaz de motivar os brasileiros na crença em dias melhores, na luta por mais qualidade de vida e no combate à pobreza, à violência de todos os tipos, à intolerância de gênero, étnico-racial e religiosa, tão marcadas no governo Bolsonaro.

O pronunciamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva estabeleceu um tratado de paz, de esperança e de tolerância, e um pacto de que lutaria pelo Brasil e pelo povo brasileiro, na tentativa de reconstruir a dignidade do povo e o país. Por intermédio de um discurso emotivo e, ao mesmo tempo, racional, baseado em dados, Lula reescreve seu nome nos anais da história, como uma das personalidades mais influentes do mundo.

REFERÊNCIAS

Aristóteles. (2005). *Arte Retórica e Arte Poética* (17. ed.). Rio de Janeiro: Ediouro.

Charaudeau, P. (2011). *Discurso Político*. São Paulo: Contexto.

Citelli, A. (2002). *Linguagem e Persuasão* (15. ed.). São Paulo: Ática.

- Dolz, J., & Schneuwly, B. (2004). Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In Dolz, J., & Schneuwly, B. (org.), *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Fidalgo, A. (2010). Da retórica às indústrias da persuasão. In Ferreira, I., & Gonçalves, G. (org.), *Retórica e Mediatização: As Indústrias da Persuasão* (pp. 5-25). Covilhã: LabCom.
- Fiorin, J. L. (2014). *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3. ed.). Porto Alegre: Artmed; Bookman.
- Grácio, R. A. (2010). *A interação argumentativa* (1. ed.). Grácio, Coimbra.
- GIL, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6. ed.). São Paulo: Atlas.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.
- Mateus, S. (2018). *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: LabCom.IFP.
- Meyer, M. (2007). *A retórica*. São Paulo: Ática.
- Meyer, B. (2008). *A arte de argumentar: com exercícios corrigidos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Moraes, D. (2013). Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. In Moraes, D. (org.), *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. Rio de Janeiro: FAPERJ; Boitempo.
- Morais, E. P. (2019). *O macroethos racional e o afetivo na argumentação do julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff*. Campinas, SP: Pontes.
- Paiva, V. L. M. O. (2019). *Manual de pesquisa em estudos linguísticos* (1. ed.). São Paulo: Parábola.
- Passetti, M. C. C., & Arcine, R. F. (2014). *Ethos e antiethos no quadro cênico do discurso político eleitoral*. In Tasso, I., Silva, E. (org.), *Língua(gens) em discurso: a formação dos objetos* (pp. 97-118). Campinas, SP: Pontes.
- Perelman, C., & Olbrechts-Tyteca, L. (1996). *Tratado de Argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Reboul, O. (2005). *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ricoeur, P. (2000). *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola.
- Rocha, M. S. (2022). *A retórica no discurso religioso: oradores protestantes e o sermão oral*. Campinas, SP: Pontes.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico* (23. ed. rev. e atual.). São Paulo: Cortez.

Sodré, M. (2002). *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Steinberger, M. B. (2005). *Discursos geopolíticos da mídia: Jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: Fapesp; Educ; Cortez.



ESTRATÉGIAS RETÓRICAS EM VOTAÇÕES DE DEPUTADOS FEDERAIS DO PIAUÍ SOBRE O *IMPEACHMENT* DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF

Patrícia Rodrigues Tomaz
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: patricia.tomaz@ufpi.edu.br

Max Silva da Rocha
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: msrletras@ufpi.edu.br

Resumo: Em abril de 2016, a então presidente do Brasil, Dilma Vana Rousseff, foi retirada do seu cargo, em virtude de um processo de *impeachment*. Através de votações, os deputados federais expuseram as suas justificativas acerca de serem favoráveis ou contrários ao afastamento da referida presidente. Partindo desse contexto, neste trabalho, analisamos as provas retóricas e os efeitos de sentido dos discursos proferidos pelos deputados federais do estado do Piauí/Brasil, decorrentes desses posicionamentos, sendo cinco favoráveis e cinco contrários ao processo de *impeachment*. Para tanto, nos servimos do arcabouço teórico e metodológico da retórica, numa perspectiva argumentativa e discursiva. Como categorias analíticas, selecionamos os meios de persuasão constituídos pelo *ethos*, *logos* e *pathos*. As análises realizadas apresentam uma visão geral de como os deputados federais do estado do Piauí fundamentaram a sua argumentação no momento do voto decisivo. Como resultados alcançados, constatamos que a categoria do *ethos* sobrepôs a do *logos* e a do *pathos*, embora estas tenham desempenhado um papel imprescindível na argumentação dos oradores. O *ethos* de patriota foi o mais frequente entre os oradores, comprovando que os deputados buscaram transmitir imagens positivas de si ante o auditório.

Palavras-chave: Deputados do Piauí. Dilma Rousseff. *Impeachment*. Retórica.

Abstract: In April 2016, the then president of Brazil, Dilma Vana Rousseff, was removed from her position, due to an impeachment process. Through votes, federal deputies explained their justifications as to whether they were in favor or against the removal of the aforementioned president. Based on this

Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

context, in this work, we analyzed the rhetorical evidence and the meaning effects of the speeches given by federal deputies from the state of Piauí/Brazil, resulting from these positions, five of which were in favor and five were against the impeachment process. To do so, we use the theoretical and methodological framework of rhetoric, from an argumentative and discursive perspective. As analytical categories, we selected the means of persuasion constituted by ethos, logos and pathos. The analyzes carried out present an overview of how federal deputies from the state of Piauí based their arguments at the time of the decisive vote. As results achieved, we found that the category of ethos overlapped that of logos and pathos, although these played an essential role in the speakers' arguments. The patriotic ethos was the most frequent among the speakers, proving that the deputies sought to transmit positive images of themselves to the audience.

Keywords: *Deputies from Piauí. Dilma Rousseff. Impeachment. Rhetoric.*

INTRODUÇÃO

Um processo de *impeachment* é um procedimento legal e político pelo qual um funcionário público, geralmente um chefe de Estado ou de governo, pode ser destituído do cargo por violações graves (Santos, 2001). No Brasil, por exemplo, o processo pode ser aplicado ao presidente da República, ministros do Poder Executivo e do Supremo Tribunal Federal, procuradores-gerais da República, governadores e prefeitos. O *impeachment* ocorre quando há acusações de crimes de responsabilidade, os quais são atos que atentam contra a Constituição de um determinado país. O processo envolve várias etapas específicas, incluindo a apresentação de uma denúncia formal, a admissão do pedido pela Câmara dos Deputados, entre outras.

No ordenamento jurídico brasileiro, o *impeachment* é o procedimento iniciado com base em uma acusação de crime de responsabilidade contra uma alta autoridade do Poder Executivo, e é competência atribuída ao Poder Legislativo julgar e determinar a sentença (Brasil, 2016). Os crimes de responsabilidade estão definidos no art. 85 da Constituição Federal (Brasil, 1988) e detalhados de forma mais específica na Lei nº 1.079, de 10 de abril de 1950. Logo, de acordo com essas normas, é responsabilidade da Câmara dos Deputados receber a denúncia e emitir um parecer sobre sua admissibilidade. Desse modo, se a denúncia for admitida, é instaurado, por conseguinte, o processo de acusação, que será julgado pelo Senado Federal.

Assim sendo, em 17 de abril de 2016, por 367 votos a favor e 137 votos contra, a então Câmara dos Deputados aprovou a admissibilidade do processo de *impeachment*, em desfavor de Dilma Vana Rousseff, primeira mulher presidente da República Federativa do Brasil. Dos 513 deputados, apenas dois estavam ausentes e sete parlamentares se abstiveram da votação. Ademais, o procedimento seguiu com destino ao Senado Federal para a decisão final, retirando-a da presidência, apesar das inúmeras

controvérsias em torno do processo e das incontáveis manifestações contrárias e favoráveis que surgiram nas ruas (Prandi; Carneiro, 2017).

Nesse cenário, os discursos midiáticos foram significativos, já que a mídia teve um papel ativo na cobertura do processo, influenciando a opinião pública e o debate político (Charaudeau, 2018), promovendo pontos de vista contrários à Dilma. Algumas análises sugerem que a mídia, por meio de notícias e editoriais, contribuiu para o clima de animosidade e instabilidade política, mobilizando setores da sociedade que apoiaram o *impeachment*. Dijk (2017) argumenta que houve uma manipulação da opinião pública e dos políticos que votaram contra Dilma, especialmente por meio do jornal “O Globo” e do programa de TV “Jornal Nacional”.

Nesse sentido, a mídia da “Corporação Globo” teria, sistematicamente, demonizado e deslegitimado a presidente petista, contribuindo para o resultado do *impeachment*, que o citado autor considera ter sido um golpe da oligarquia conservadora economicamente dominante contra o Partido dos Trabalhadores e todas as suas pautas em defesa dos mais pobres. O artigo de Theófilo Rodrigues (2018) e colaboradores analisa o papel da mídia no processo de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, em 2016. Esse estudo sugere que a mídia impressa teve um papel central e decisivo nos eventos que levaram ao afastamento de Dilma Rousseff, atuando como um ator político influente através da violência simbólica e estimulando inúmeras manifestações conservadoras da classe média brasileira em oposição à petista.

Já segundo o estudo realizado por Souza (2017), a influência da escravidão na formação da sociedade brasileira reflete nas desigualdades raciais e sociais contemporâneas. O referido autor analisa a operação lava-jato e o *impeachment* de Dilma Vana Rousseff como eventos representativos dos interesses da elite escravocrata brasileira. Ademais, esse mesmo autor destaca como a mídia pode moldar eventos políticos significativos e influenciar a democracia, tendo em vista que, no Brasil, a mídia e as redes sociais interpelam a todo instante a opinião pública para que vote em candidatos que tenham como missão estabelecer uma sociedade desigual, privilegiando uma elite econômica que já detém os meios de produção.

Morais (2019), um exímio pesquisador alagoano, estudou os discursos de acusação e defesa, no âmbito do Senado Federal do Brasil, acerca do *impeachment* de Dilma Vana Rousseff. Servindo-se dos estudos retóricos e argumentativos da linguagem, esse autor descobriu que todo esse processo, pelo menos no Senado brasileiro, se deu por ocasião de um discurso excessivamente passional. Por isso, esse pesquisador em retórica afirmou que houve “ausência de elementos que comprovassem a participação de Dilma Rousseff nos possíveis crimes que originaram a abertura do processo de

impeachment, tais como: contratos, leis, atas de reuniões, documentos assinados pelo presidente” (Morais, 2019, p. 286, grifo do autor).

Postas essas informações preliminares e imprescindíveis, neste trabalho, analisamos as provas retóricas e os efeitos de sentido dos discursos proferidos pelos deputados federais piauienses, decorrentes desses posicionamentos, sendo cinco favoráveis e cinco contrários ao processo de *impeachment* da então presidente da República Dilma Vana Rousseff, pertencente ao Partido dos Trabalhadores. De forma mais específica, identificamos quais são as estratégias argumentativas mobilizadas pelos parlamentares durante o voto; descrevemos como esses aspectos retórico-discursivos produzem sentidos diversos; e interpretamos como a visada argumentativa é engatilhada por ocasião dos votos desses parlamentares piauienses.

Metodologicamente, ancorado nos critérios de Paiva (2019), este trabalho segue uma pesquisa de natureza básica, visando aumentar o conhecimento científico em nossa área disciplinar. Quanto ao gênero, é uma pesquisa teórica, já que almeja estudar teorias e contribuir com uma discussão que pode gerar novos conceitos e conhecimentos. No que se refere às fontes de informação, temos uma pesquisa primária, pois coletamos o nosso material de estudo, selecionamos, transcrevemos e analisamos de acordo com a teorização que ancora a nossa pesquisa. O método utilizado segue os postulados de análise retórica (Aristóteles, 2011; Ferreira, 2015; Mateus, 2018; Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014) e argumentativa (Amossy, 2020). Assumimos que esses métodos estão em plena sintonia e dialogam amistosamente, pois todos tomam como base os estudos retóricos que vêm desde o mestre Aristóteles.

Acerca da votação oral, é preciso ressaltar que se trata de um gênero da oralidade, encontrado nos domínios discursivos político e jurídico, “inscrito predominantemente na tipologia argumentativa, que tem como principal função decidir favorável ou não acerca de questões postas em julgamento durante sessões de votações na câmara dos deputados, no senado ou em qualquer outro espaço social de esfera política” (Piancó, 2021, p. 80). Escolhemos esse gênero por sua importância no cenário político brasileiro desde a instauração do afastamento de Dilma Rousseff da presidência da República Federativa do Brasil, em abril de 2016.

O material colhido para análise corresponde à íntegra das votações dos parlamentares que representavam a bancada federal do estado do Piauí. Acerca desses informantes, foram selecionados por questões regionais, já que esses parlamentares representam o nosso povo, as nossas instituições públicas, a exemplo da Universidade Federal do Piauí, na qual estamos filiados institucionalmente. Adquirimos todas as votações no documento oficial do departamento de taquigrafia da Câmara dos Deputados Federais, com acesso público a todos aqueles que tenham interesse em realizar pesquisas ou

apenas em consultá-lo. Também extraímos informações sobre os votos a partir da longa transmissão por meio da televisão.

A transmissão ao vivo pela televisão e outros veículos midiáticos começou no dia 17 de abril de 2016, às 14h. A votação teve início às 17h45 e durou cerca de dez horas. A representação federal do Piauí na Câmara dos Deputados votou por volta das 21h20h. Os dados transcritos são votos, para fins de análise, retirados dos discursos dos deputados piauienses. Dos dez deputados estudados, cinco votaram contra o processo de *impeachment* e cinco a favor.

Para o desenvolvimento deste artigo, dividimo-lo em algumas seções. Na primeira, apresentamos uma discussão acerca dos estudos retóricos da linguagem, abordando algumas definições de retórica e argumentação, além de conceituar e delimitar as provas retóricas formuladas pelo *ethos*, *logos* e *pathos*. Na segunda, apresentamos o nosso gesto de análise sobre as votações orais dos deputados federais do estado do Piauí, observando como eles se utilizaram de técnicas argumentativas específicas para votar. Na terceira, expomos as nossas considerações finais. Por fim, listamos as referências que subsidiaram as nossas discussões.

OS ESTUDOS RETÓRICOS DA LINGUAGEM

As nossas discussões estão fundamentadas nos estudos retóricos da linguagem, numa perspectiva de base aristotélica e perelmaniana. Além disso, nos servimos das contribuições de autores mais contemporâneos, os quais produziram obras que, de maneira pungente, fizeram avançar os estudos em retórica e argumentação. Ainda em seus primórdios, aprendemos com o mestre Aristóteles (2011, p. 44) que a retórica pode ser definida como “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função”. Assim sendo, a retórica estuda de que modo os textos e os discursos apresentam, em suas constituições, estratégias argumentativas que se pretendem persuadir.

Séculos mais tarde, após um longo período em que a retórica passou deslegitimada, os pioneiros da nova retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), servindo-se de todo o arcabouço aristotélico, fizeram um resgate da retórica, nomeando-a de “nova retórica” a partir da publicação de um “tratado da argumentação”. Entendemos que esses autores não fazem uma distinção entre retórica e argumentação, tomando ambos os termos como permutáveis. Na obra dos referidos teóricos, encontramos esse conceito: “Com efeito, o objeto dessa teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 4).

Compreendemos que essa nova retórica não se desfilia da retórica aristotélica, ao contrário, evidencia que as teorizações de Aristóteles estão mais vivas do que nunca. É com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) que identificamos uma tipologia exaustiva sobre os argumentos que o orador dispõe para tentar convencer (no plano das ideias) e persuadir (no plano das emoções) o auditório a que se destina. Entretanto, é preciso notar que esses pioneiros, em sua obra seminal, não discutiram sobre a construção da imagem de si do orador (*ethos*), tampouco trataram do conjunto de paixões que o orador tenta despertar (*pathos*). Na verdade, a nova retórica centra todas as suas forças na classificação dos argumentos (*logos*).

Diferentemente, o mestre Aristóteles preconizou, em sua célebre obra “retórica”, uma discussão sobre os três meios pelos quais, segundo ele, é possível persuadir. Sobre o *ethos*, é dito: “A persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito”. Acerca da *pathos*, ele ressalta: “A persuasão pode ser obtida através dos ouvintes quando o discurso afeta suas emoções; com efeito, os julgamentos que emitimos variam segundo experimentamos sentimentos de angústia, ou júbilo, amizade ou hostilidade”. E sobre o *logos*, ele arremata: “Enfim, a persuasão é obtida através do próprio discurso quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade, graças à argumentação persuasiva apropriada ao caso em pauta” (Aristóteles, 2011, p. 45-46). Para esse teórico, o orador que dominar esses elementos será capaz de agir sobre o seu auditório, a fim de conquistar a adesão pretendida. É com base nessas técnicas argumentativas que iremos analisar as votações aqui selecionadas.

Já no século XXI, o professor português Samuel Mateus escreveu um verdadeiro tratado sobre a retórica midiaticizada. Em seu livro “introdução à retórica no século XXI”, esse autor nos apresenta um imprescindível resgate das teorizações aristotélicas, porém de forma ressignificada, ou seja, com adaptações, considerando que não estamos mais na Grécia antiga, mas sim numa era de tecnologia digital, por meio da qual as formas de comunicação acontecem de diferentes maneiras. Mateus (2018, p. 21) define a retórica do seguinte modo: “Assim, podemos definir a Retórica como a arte que se dedica a dirimir discursivamente uma questão tida por premente, a qual requer uma decisão através do emprego deliberado de estratégias discursivas persuasivas dirigidas a um conjunto particular de pessoas”. Mais uma vez, constatamos que a ideia de descortinar os elementos persuasivos no discurso é mantida.

Ademais, Mateus (2018), em nosso entendimento, é signatário das postulações teóricas de base aristotélica, buscando estabelecer a ideia de que, na contemporaneidade, com esse advento do famigerado discurso digital, a retórica não fica imune, pelo contrário, fornece sólidas categorias analíticas para proceder a diferentes análises no contexto digital. “A Retórica Digital significa, assim,

novas oportunidades de não apenas interrogar a aplicabilidade da teoria retórica, como também, inesperadas ocasiões de confirmar os amplísimos efeitos da Retórica na era dos ambientes e tecnologias digitais” (Mateus, 2018, p. 232). Concordamos com esse autor, tendo em vista que, nesse contexto digital, identificamos discursos retóricos de múltiplas vertentes, uns querendo convencer e persuadir e outros almejando apenas a manipulação.

Ainda no contexto europeu da retórica, a pesquisadora francesa Ruth Amossy produziu uma obra sobremaneira importante, intitulada “a argumentação no discurso”, na qual estabelece a argumentação no quadro da análise do discurso. Obviamente, essa autora magistral ancora a sua teoria com base na retórica aristotélica, mas, sobretudo, na nova retórica perelmaniana, focalizando conceitos centrais de auditório, acordo, argumentos, entre outros. Assim como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), não verificamos uma distinção sobre retórica e argumentação, o que indica existir uma ideia de termos como sinônimos, permutáveis.

Todavia, notamos que Amossy (2020) vai além das contribuições perelmanianas, pois apregoa uma nova definição para a argumentação, como sendo os meios verbais que uma determinada “instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema” (Amossy, 2020, p. 47.). Nessa conceituação inédita, a autora estabelece o cerne de sua proposta, ao trazer à baila uma discussão pertinente. A argumentação, nesses moldes, não objetiva persuadir a todo custo, ao contrário, ela pode “reforçar opiniões”, “orientar maneiras de ver”, “suscitar um questionamento”. Logo, a autora delimita o poder da argumentação, mostrando a importância de enxergar que essa atividade não pertence apenas à persuasão.

Com efeito, esse novo redirecionamento sobre a argumentação leva a autora a propor uma outra novidade: a distinção entre visada argumentativa e dimensão argumentativa. A primeira ocorre quando existe uma intenção clara do orador em tentar fazer com que o auditório pense e aja de acordo com que se deseja. Isso é muito comum em sermões de igreja, pronunciamentos políticos, entre outros gêneros discursivos. A segunda não apresenta um projeto declarado de persuasão. É possível encontrar esse aspecto em gêneros discursivos como manuais de instrução, artigo acadêmico, romances, descrições jornalísticas, entre outros.

Em nosso *corpus* de análise, por exemplo, reconhecemos que existe uma visada argumentativa aflorada, uma vez que os oradores votantes interpelam o auditório acerca da justificativa do voto a favor ou contra o *impeachment*, buscando proteger a imagem de si projetada diante de seu retiro eleitoral. Os eleitores não podem enxergar o seu parlamentar como alguém que pensa e age contra os

valores, as crenças e as opiniões compartilhadas por eles. No momento das análises, mostraremos com mais detalhes como agiu cada deputado ao votar.

Antes de partirmos para as nossas análises, é importante mencionar que, no Brasil, os estudos retóricos encontraram, com o professor Luiz Antonio Ferreira, um lugar de aprimoramento e, sobretudo, continuidade. Esse teórico, juntamente com os membros do profícuo Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos (ERA), com sede na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tem, ao longo dos anos, produzido várias obras que atestam os esforços de Ferreira e de seu grupo com a retórica. Recentemente, esse grupo publicou três volumes: um sobre o *ethos*, um sobre o *logos* e outro sobre o *pathos*. Atualmente, está organizando uma série de livros sobre o sistema retórico e já existe, no mercado editorial, um livro sobre a invenção (*inventio*), que é uma das etapas do discurso retórico.

Ferreira (2015, p. 37) defende que todos nós somos seres retóricos e agimos motivados por diferentes finalidades que podem gerar acordo e desacordo com os nossos semelhantes. “Enfim, é no discurso retórico que os homens e a linguagem se encontram para expor suas diferenças e suas identidades”. Com esse pensamento, na próxima sessão, iremos nos deter em nosso gesto de análise, buscando desvelar as estratégias argumentativas que foram utilizadas pelos deputados votantes, focalizando, sobretudo, os três meios de persuadir já referidos.

Assumimos que analisar as provas retóricas constituídas pelo *ethos*, *logos* e *pathos* é uma possibilidade de entender de que modo os oradores constroem imagens de si e o que elas significam discursivamente; também, é uma oportunidade de identificar quais os argumentos racionais que lançam para justificar seus pontos de vista; e constatar como as paixões despertadas podem, de algum modo, percorrer o campo da disponibilidade afetiva do auditório, buscando impactá-lo para que sinta alguma emoção e possa, então, realizar ações.

ANÁLISE RETÓRICAS DAS VOTAÇÕES

Análise do ato argumentativo 1

Neste primeiro ato argumentativo, temos o deputado federal Assis Carvalho (PT), que foi o primeiro a usar o microfone para expressar o seu voto sobre o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Com uma voz firme e resoluta, esse parlamentar não poupou palavras ao repreender o presidente da câmara, deputado Eduardo Cunha, prognosticando que ele enfrentará as consequências de suas ações nocivas à nação. Assim enunciou o referido orador:

Em defesa da minha nação, do Nordeste, do Piauí, da minha cidade de Oeiras, mas, principalmente, pelo combate à corrupção representada por Eduardo Cunha e Michel Temer, eu digo não a esta corrupção ridícula que envergonha o meu país. Logo, logo Eduardo Cunha você estará pagando por isto detrás das grades, pelo mal que faz ao Brasil e ao mundo.

Neste voto, observamos que o orador, inicialmente, apresenta um *ethos* de patriota, haja vista que se projeta como alguém que está ali para defender o seu povo de um possível ataque ao regime democrático, perpetrado a partir de uma corrupção desenfreada. Em seguida, também visualizamos um *ethos* de justiceiro, tendo em vista que o orador assegura que em breve Eduardo Cunha e Michel Temer estarão presos, em virtude “do mal” que fizeram.

O orador formula essas imagens de si com nuances positivas, ao passo que engendra imagens negativas dos políticos citados, razão por que podemos falar aqui na desqualificação do outro e no ataque ao adversário, elementos que caracterizam o discurso polêmico. Certamente, o orador tenta mostrar ao terceiro, neste caso, a opinião pública que teve acesso a esse voto e à sessão de votação, que os responsáveis pela abertura do processo de impedimento de Dilma Vana Rousseff são, na verdade, corruptos e golpistas que serão condenados.

Além das questões que envolvem o *ethos* do orador, é possível visualizar o uso contundente de pelo menos dois argumentos: a divisão do todo em suas partes e o pragmático. O primeiro ocorre quando o orador inicia sua argumentação trazendo à baila a “nação”, depois o “Nordeste”, adiante, o “Piauí”, finalmente, a cidade de “Oeiras”. Constatamos que o orador parte do maior para o menor, a fim de mostrar ao auditório o seu *ethos* de patriota, de alguém que realmente se preocupa com o país, a região, o estado e a cidade onde vive. O *logos*, neste caso específico, serviu para robustecer ainda mais o *ethos* do orador nesse voto.

O segundo argumento (pragmático) é engatilhado pelo orador para mostrar que os atos de Eduardo Cunha e Michel Temer terão resultados desfavoráveis a ambos. Eles serão presos por causa da corrupção que praticam, segundo o deputado votante. O discurso em tela é potencialmente persuasivo, buscando mostrar ao auditório a importância de rejeitar a corrupção representada por figuras políticas específicas que lideram o processo de impedimento.

No que concerne ao *pathos*, podemos notar que existe um apelo emocional de forma bastante expressiva nesse voto. O orador, ao utilizar expressões como “envergonha meu país”, “corrupção ridícula”, entre outras, poderá despertar no auditório efeitos possíveis das paixões da indignação, uma vez que o auditório é mobilizado a ficar pesaroso ao saber que o plano de políticos golpistas estava dando certo; da cólera, já que o auditório poderá sentir o impulso de vingança, a fim de desejar que esses

políticos sejam presos em algum momento; da confiança, a saber que, se a justiça for colocada em prática, os corruptos serão lançados na cadeia.

Esse orador argumenta, com maior ênfase, com base em um discurso apaixonado, uma vez que as paixões estão afloradas nesse voto. Embora a construção da imagem de si e o encadeamento racional de argumentos estejam presentes, notamos que o despertar de paixões é o que fundamenta esse voto do deputado federal Assis de Carvalho, filiado ao PT.

Análise do ato argumentativo 2

Neste segundo ato argumentativo, foi a vez do deputado Átila Lira (PSB) proceder ao seu voto sobre o *impeachment*. Esse deputado foi mais objetivo do que o anterior e sintetizou a sua fala num voto que, segundo ele, representa esperança. Eis o voto a seguir:

Senhor presidente, senhores e senhoras parlamentares, este é um momento, creio, difícil para todos nós. A minha decisão é pela renovação de esperanças para o nosso país, para todos nós. Pelo meu Estado do Piauí, pelo meu país, não vamos desistir do Brasil, voto sim.

O voto em destaque também nos mostra que o orador engendra diante do auditório um *ethos* de patriota, uma vez que demonstra se preocupar com o seu país e com o seu estado do Piauí. No entanto, essa preocupação não diz respeito à corrupção, tampouco pelo processo de impedimento de uma presidente eleita democraticamente. Na verdade, o referido votante está em plena sintonia com a adesão desse processo, razão pela qual vota sim. Como vemos, o *ethos* de patriota pode servir para um votante a favor ou contra o processo de *impeachment*.

Acerca dos argumentos lançados pelo orador, visualizamos a utilização do argumento da divisão do todo em suas partes. O orador parte do maior (presidente) e vai até o menor (senhores e senhoras parlamentares), mostrando um lugar de ordem a ser seguido em sua fala. Depois, fala sobre o país (maior) e sobre o estado do Piauí (menor). Ao enumerar o todo e suas partes, partindo do maior para o menor, o deputado preleciona uma argumentação que gira em torno de uma ideia de inclusão, ou seja, como se todos os parlamentares, todo o povo brasileiro e todo o povo do Piauí concordasse com o afastamento de Dilma Rousseff. O excerto “este é um momento, creio, difícil para todos nós” estabelece um contexto de adversidade compartilhada, inclusiva, como se todos fossem adeptos desse mesmo sentimento.

Um outro argumento que conseguimos identificar nesse voto do parlamentar é o de superação. A sequência argumentativa “a minha decisão é pela renovação de esperanças para o nosso país, para todos nós” indica um propósito e uma motivação positiva, sugerindo que a presença do orador é motivada por uma mudança futura desejada, no sentido de que sempre é possível ir mais longe, obter um crescimento contínuo. Todavia, para isso acontecer, segundo o próprio discurso do orador, é necessário retirar a presidente Dilma do cargo que ocupa.

Em termos de *pathos*, reconhecemos que esse voto do deputado Átila Lira apresenta efeitos passionais. Por meio desse discurso de apaziguamento, em busca de uma renovação para o país, o auditório poderá ser comovido por meio da paixão da esperança. Esperança por um Brasil melhor, conforme defende esse deputado. Mesmo esse orador votando em desfavor de Dilma Rousseff, o seu voto não é agressivo, ao contrário, confere um sentido de simetria, polidez entre os sujeitos envolvidos na sessão. Assim, também, a paixão da confiança é uma outra possibilidade de ser sentida pelo auditório que acompanha esse discurso pacífico.

Neste segundo voto em destaque, percebemos que o *logos* foi a categoria que mais recorreu, haja vista o uso de argumentos que o orador lançou mão. Mesmo assim, assumimos que o *ethos* e o *pathos* estão funcionando para essa maior utilização do *logos* nesse voto específico, pois a tríade retórica, como sabemos, é inseparável no jogo persuasivo.

Análise do ato argumentativo 3

Neste terceiro ato argumentativo, encontramos o voto do deputado federal Fábio Abreu (PTB), por meio do qual, esse orador, de forma objetiva, lança o seu voto. Sem muitas explicações, esse deputado apresenta apenas duas justificativas. Vejamos a seguir:

De acordo com as minhas convicções, em defesa das leis deste país, eu voto não.

Como podemos notar, o orador em tela declarou votar de acordo com suas convicções pessoais e em defesa das leis brasileiras, sendo contrário ao afastamento de Dilma Rousseff da presidência do Brasil. Por isso mesmo, compreendemos que esse deputado constrói diante de seu auditório um *ethos* de virtude. Isso ocorre porque o votante parece demonstrar sinceridade e honestidade com o seu voto, sem adicionar, por exemplo, elementos de manipulação, impolidez, violência verbal ou algo desse tipo. O orador ainda postula que o seu voto é em defesa das leis deste país, sugerindo que a sua decisão está alinhada com o respeito às leis e normas estabelecidas pela sociedade brasileira, razão por que chancela

esse *ethos* de virtude e formula, também, um *ethos* de patriota, isto é, de um homem que aparenta honrar o sistema jurídico de seu país e defende a higidez de um processo jurídico seja ele qual for.

Para substanciar o seu voto, o orador apresenta um argumento de autoridade, ao mencionar que está agindo “em defesa das leis deste país”. Assim sendo, as leis, que são documentos escritos, constituem o principal motivo do voto contrário ao impedimento, conforme advoga esse orador. Logo, inferimos que quem vota a favor do afastamento de Dilma Rousseff está votando contra as leis do Brasil, segundo esse raciocínio. O orador mostra ao seu auditório a importância de respeitar as leis brasileiras e o que elas prescrevem.

No tocante ao *pathos*, entendemos que existem algumas possibilidades de o orador despertar no auditório as paixões da confiança e da cólera. A primeira pode ser sentida por aqueles que aderem ao discurso desse orador, concordando com o voto dele. A segunda pode ser sentida por todos aqueles que são contrários ao voto manifestado, sendo ou não eleitor desse deputado. Como se trata de efeito possível, as paixões podem ser as mais diversas, embora o discurso do orador apresente marcas e rastros que podem ser interpretados pelo analista. Nesse sentido é que pensamos na possibilidade de o auditório ser impactado com tais paixões.

Neste terceiro voto, constatamos que o *ethos* foi a categoria mais incisiva nesse ato argumentativo, uma vez que o orador mostrou seu compromisso com questões de costume, moral e de respeito às leis brasileiras. O *logos* e o *pathos* corroboraram as diferentes imagens de si que foram projetadas através do discurso desse orador, pois o argumento de autoridade e as paixões da confiança e da ira estão em sintonia com o *ethos* de virtude e de patriota.

Análise do ato argumentativo 4

Neste quarto ato argumentativo, o deputado federal Heráclito Fortes (PSB) afirmou que foi vítima do PT, mas negou que o voto fosse por rancor. Antes de mencionar o voto, o orador faz questão de citar os nomes de seus familiares. É o que podemos observar a seguir:

Senhor presidente, quero deixar aqui o meu abraço à minha mulher Mariana; às minhas filhas Marianinha, Heloísa e Camila; aos meus netos Antônio e João; à minha neta que está por vir, Olímpia; à minha irmã Zélia; e à minha Tia Elzimir, com 96 anos. Esse pessoal sabe o que eu sofri nas mãos do PT de 2010 até agora. O voto que eu vou dar não é um voto de rancor, é o voto da lógica, é o voto do futuro do Brasil. O voto que eu vou dar é o voto que o Brasil está exigindo, é o voto em nome das ruas. Portanto, ele é sim.

O orador começa o seu voto fazendo menção afetiva à sua esposa, às suas três filhas, aos três netos, à sua mãe e à sua tia. Assim sendo, podemos pensar aqui na formulação de um *ethos* de homem de família, sobretudo, de família tradicional, conservadora. Comunicando ao auditório essa imagem de si, o orador busca conquistar a adesão da opinião pública acerca do seu posicionamento em desfavor da então presidente Dilma Rousseff, uma vez que o voto declarado por esse deputado foi a favor do afastamento da líder petista da presidência.

Em seguida, identificamos uma declaração pessoal que expressa experiências passadas e uma decisão de voto baseada em princípios futuros. A asserção “Esse pessoal sabe o que eu sofri nas mãos do PT de 2010 até agora” indica uma experiência negativa prolongada com o Partido dos Trabalhadores (PT). Neste momento, visualizamos um *ethos* de vítima, isto é, de alguém que sofreu algum tipo de injustiça por parte de um agressor, neste caso, o PT.

Ao argumentar sobre o seu voto, o orador nega que seja um voto de rancor, mas sim de futuro do Brasil, em nome do clamor das ruas. Cria-se, neste momento, um *ethos* de patriota, defensor do povo brasileiro e do próprio país. O deputado votante projeta essa imagem de si, a fim de declarar “sim” ao afastamento de uma presidente da República que foi eleita pelo povo brasileiro através de um regime democrático que é transparente e confiável.

No que respeita ao *logos*, entendemos que o orador utiliza o argumento de reciprocidade para apregoar o seu voto. Esse argumento busca estabelecer um tratamento idêntico a seres expostos em uma mesma situação. Portanto, assim como o deputado diz que “sofreu nas mãos do PT”, chegou a hora de o PT também sofrer em suas mãos por ocasião do voto a favor do impedimento da presidente petista. Ademais, o argumento de definição é posto neste ato argumentativo, uma vez que o orador define o seu voto como “voto da lógica”, “voto do futuro do Brasil”, “voto que o Brasil está exigindo”, “voto em nome das ruas”. O conceito de voto foi deslocado de seu sentido e ganhou novas significações a partir desse discurso.

As paixões retóricas também encontram guarida nesse ato argumentativo que vimos analisando. A atitude de mencionar que sofreu “nas mãos do PT” pode despertar, no auditório, a paixão da indignação, no sentido de se enxergar um partido perseguidor dos seus adversários. Assim, uma argumentação apresentada dessa maneira sugere um sentimento de vitimização ou injustiça e tenta criar uma conexão emocional com o auditório que pode ter sentimentos semelhantes em relação ao PT, como um inimigo comum que precisa ser vencido e o processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff era, na época, o começo da vitória.

Neste quarto momento argumentativo, vimos que o *ethos* está em maior evidência nesse voto do referido deputado. Embora o *logos* e o *pathos* estejam engajados nesse contrato de comunicação, constatamos que existe uma sobreposição do *ethos*, a partir das imagens de homem de família, vítima e de patriota, que estão inter-relacionadas nesse discurso.

Análise do ato argumentativo 5

Neste quinto ato argumentativo, a deputada federal Iracema Portela (PP) procedeu ao seu voto a favor do afastamento da presidente Dilma Rousseff, mas, alegando seguir, de forma obrigatória e com tristeza, a orientação do seu partido político. Assim argumentou a votante:

Exclusivamente por orientação partidária, mas com um sentimento de tristeza o meu voto é sim.

A oradora apresenta, em seu voto, um *ethos* de uma mulher obediente, uma vez que atendeu ao que foi orientado por meio do seu partido político. Na política, isso pode ser visto como um exemplo claro de como os membros de um grupo podem ser compelidos a votar de acordo com a linha do partido, mesmo que isso entre em conflito com suas convicções pessoais e éticas, podendo abrir uma discussão sobre as dinâmicas de gênero na política.

Isso levanta questões sobre a liberdade de expressão dentro dos próprios partidos políticos e o papel dos representantes eleitos em defender os interesses de seus eleitores *versus* os do partido. O discurso reflete um conflito interno da deputada, que se vê dividida entre a lealdade ao seu partido e suas emoções pessoais. A escolha das palavras sugere uma decisão tomada com relutância e pesar, o que pode gerar diferentes sentimentos no auditório.

O uso do termo “tristeza” humaniza a fala da deputada, mostrando que, apesar da decisão política, ela é afetada emocionalmente, ficando numa posição desconfortável sobre a decisão do voto. Ainda, sugere que a decisão não é influenciada por fatores externos ou interesses pessoais, mas sim pela lealdade ao partido do qual faz parte. Desse modo, também podemos pensar no *ethos* de vítima, pois a oradora é “obrigada” a votar a favor. O auditório poderá enxergar uma deputada que foi forçada a acompanhar a decisão partidária.

No campo do *logos*, a oradora recorre ao argumento do vínculo causal para argumentar, uma vez que o voto favorável ao afastamento de Dilma Rousseff tem uma justificativa explícita: a orientação partidária. Desse modo, essa argumentação da oradora apresenta uma estrutura que contrasta

duas ideias: a obrigação partidária e o sentimento pessoal. Ambas estão em atrito, como atesta o uso do operador “mas” que apresenta uma oposição de ideias.

Acerca do *pathos*, o auditório poderá sentir indignação e cólera, ao entender que uma parlamentar está votando a favor do *impeachment* exclusivamente porque o seu partido político a obrigou a proceder dessa maneira. Por meio do discurso da oradora, entendemos que ela não queria votar contra Dilma Rousseff, pois o fez “com um sentimento de tristeza”. A paixão da tristeza também poderá ser sentida pelo auditório, caso adira a esse discurso.

Este quinto ato argumentativo trilhou um caminho mais voltado para a questão do *ethos* da oradora, cotejando as imagens de mulher obediente e de vítima. O argumento do vínculo causal, bem como as paixões da indignação, cólera e da tristeza contribuíram para a formulação de um discurso que, ao que tudo indica, serviu para blindar a o *ethos* da oradora, pois de vilã, ao votar sim, ela passou a ser uma vítima de seu próprio partido político.

Análise do ato argumentativo 6

Neste sexto ato argumentativo, o deputado federal Júlio César (PSD) falou do desajuste das contas públicas, da inflação e dos desempregados do país. Vejamos o que ele diz:

Senhor presidente, senhoras e senhores deputados, contra o desajuste das contas públicas, contra o aumento da inflação, contra o desemprego e a favor dos 10 milhões de desempregados do nosso país, em defesa dos 5.570 municípios e para restabelecer a esperança do povo do Piauí e do povo brasileiro, eu voto sim, senhor presidente.

Esse orador começa o seu voto se dirigindo ao presidente da sessão e aos colegas parlamentares da câmara e, em seguida, lança, por meio de excessivas repetições, uma série de oposições (“contra” *versus* “a favor”), para enfatizar os pontos de discordância e de concordância com relação a certas políticas ou situações socioeconômicas vividas no Brasil. Com essa argumentação, percebemos a construção de um *ethos* de humanidade, uma vez que temos um político que demonstra se preocupar com as pessoas que estão desempregadas e que precisam de trabalho, bem como de esperança na busca por dias melhores em seu país.

O discurso é construído para mobilizar apoio e legitimar a decisão do voto desse deputado. Ele se posiciona como defensor dos interesses do povo, especialmente dos desempregados e dos municípios. A referência ao “povo do Piauí e do Brasil” amplia o escopo de sua preocupação,

sugerindo um compromisso com o bem-estar nacional da população, além de seu próprio eleitorado, numa tentativa de despertar credibilidade e insuflar cada vez mais a sua imagem como alguém que aparenta ter humanidade em favor dos que mais necessitam.

Sobre a utilização de argumentos, o de quantidade é o que está em maior recorrência nesse voto do orador. Em primeiro lugar, ele afirma que existem “10 milhões de desempregados em nosso país”. Isso por si só mostra uma imagem negativa do governo federal liderado por Dilma Rousseff à época. Em segundo lugar, o orador preleciona que seu voto é em defesa de “5.570 municípios”, que compõem o Brasil. O deputado em apreço posiciona seu voto como um ato em defesa dos interesses nacionais e locais, sugerindo que a decisão política do afastamento da presidente Dilma é uma ferramenta para a mudança social e econômica do Brasil, em virtude do pungente número de pessoas que estavam desempregadas.

Ao agir desse modo, paixões podem ser suscitadas no auditório. A paixão da confiança pode ser engendrada, visto que o auditório poderá acreditar que a melhoria das contas públicas, da inflação, do desemprego, entre outras problemáticas, serão resolvidas se houver uma destituição da presidente Dilma do seu cargo. Do mesmo modo, a indignação também pode ser despertada nesse voto se o auditório entender que a argumentação do orador não tem aderência na realidade dos fatos, sobretudo, em votar a favor do processo de impedimento como uma forma não razoável de resolver os problemas econômicos e sociais do Brasil.

Observamos que o orador, neste sexto ato argumentativo, se serviu, com maior ênfase, do *logos*, uma vez que a utilização de números e da listagem de problemas encontrados no Brasil têm o poder de impactar as opiniões e as crenças do auditório. Com um *ethos* de humanidade e paixões como confiança e indignação, o orador busca interpelar o auditório para que realmente acredite que a culpa da crise era de Dilma e ela precisava perder o mandato.

Análise do ato argumentativo 7

Neste sétimo ato argumentativo, temos o voto do deputado federal e ex-ministro da saúde, Marcelo Castro (MDB) que, de modo enfático, argumentou que todo o processo de *impeachment* foi, na verdade, forjado para destituir a presidente Dilma Rousseff do seu cargo. É isso que podemos identificar no voto desse parlamentar a seguir:

Senhoras e senhores deputados, isso aqui hoje não é uma eleição indireta, é um processo de impeachment de um presidente da República num país presidencialista. Para isso, pressupõe-se que

haja um crime de responsabilidade. A presidenta Dilma não matou, não roubou, não tem contas no exterior, não descumpriu nenhuma lei do país. Ela é uma pessoa digna, honesta e honrada. Não há crime de responsabilidade, não há crime nenhum. Todo esse processo é artificial, é forjado, é falso. Por isso, eu voto contra.

Essa argumentação apresentada pelo voto desse orador mostra que ele constrói, diante do seu auditório, um *ethos* de advogado, neste caso, de defensor da presidente Dilma. Podemos constatar que o deputado faz uso de expressões como “matou”, “roubou”, “contas no exterior” e “crime de responsabilidade”. Tais palavras carregam uma forte conotação e evocam temas de corrupção e ilegalidade. Logo, o deputado intensifica seus argumentos evidenciados pelo elemento linguístico “não” e reforça seu posicionamento em defesa da presidente.

O *ethos* de humanidade também é engendrado nesse voto, uma vez que o deputado se coloca como um crítico das injustiças que estão sendo feitas contra uma presidente que não cometeu nenhum crime de responsabilidade e que está prestes a perder o mandato. Nesse sentido, a negação repetida (“não matou, não roubou”) serve para enfatizar a ausência de ações negativas associadas à presidente Dilma, reforçando a mensagem de sua integridade.

O orador apresenta seus sentimentos de revolta contra os algozes de Dilma e, ao mesmo tempo, de compaixão, tendo em vista que a presidente é uma “pessoa digna, honesta e honrada” e mesmo assim estava sendo julgada e condenada por um processo “artificial” e “forjado”. Ele destaca, ainda, as diferentes visões e interpretações sobre o comportamento de Dilma Rousseff, não havendo indícios que comprovariam uma conduta criminosa por parte da presidente e nem os requisitos constitucionais necessários para o crime de responsabilidade.

Para fundamentar sua argumentação, o orador apresenta alguns argumentos de ordem racional. O primeiro argumento é o de incompatibilidade, haja vista que, segundo o voto desse parlamentar, a presidente Dilma não praticou nenhum crime e mesmo assim estava sendo julgada, razão por que existe uma contradição polêmica nesse processo. Como uma presidente poderia ser julgada por um crime que não cometeu? Outro argumento apregoado pelo orador é o argumento da definição descritiva, visto que o votante nomeia Dilma como “pessoa digna, honesta e honrada”. Com essas adjetivações, o orador mostra ao seu auditório imagens positivas de uma mulher que estava sendo vítima de um processo ilegal de impedimento.

Entendemos que as paixões estão afloradas nesse voto do deputado Marcelo Castro, sobretudo, a indignação. O auditório poderá ser comovido a ficar indignado contra todo esse processo que, segundo o orador, foi forjado. A compaixão também poderá ser despertada, pois o discurso em tela cria

uma imagem de vítima da então presidente do Brasil, como alguém que estava sendo retirada a força do seu cargo institucional conquistado democraticamente por meio do voto. O orador enfatiza a defesa veemente da inocência da presidente e busca comover o povo brasileiro acerca de um momento muito difícil para a líder petista em seu mandato.

Neste ato de argumentação, compreendemos que o orador se serviu, com maior frequência, do despertar de paixões. É um discurso expressivamente passional, embora o *ethos* e o *logos* estejam contribuindo de forma decisiva com o jogo retórico praticado pelo orador. Mostrar que Dilma era uma vítima, o processo era falso, conclamar o auditório a ficar indignado e ter piedade da presidente foram algumas das estratégias utilizadas por esse deputado.

Análise do ato argumentativo 8

Neste oitavo ato argumentativo, observamos o voto do deputado federal Paes Landim (PTB), o qual declarou que não foi convencido de crime de responsabilidade. Ele afirma:

Senhor presidente, desculpe-me a grande maioria, mas os meus limitados conhecimentos jurídicos não me convenceram da existência de crime de responsabilidade por parte da senhora presidente, razão por que eu voto não.

A argumentação desse político expressa uma posição pessoal de descrença ou não convencimento sobre a existência de um crime de responsabilidade, o que leva o deputado a votar contra algo que está sendo proposto ou julgado. Inicialmente, entendemos existir, nesse voto, a construção do *ethos* de virtude, uma vez que o orador apresenta sinceridade e fidelidade, ao enunciar que possui “limitados conhecimentos jurídicos”, mas que esses conhecimentos não foram suficientes para persuadi-lo ao voto favorável ao *impeachment*.

Nesse mesmo pensamento, verificamos, também, a construção de um *ethos* de caráter, pois esse mesmo orador demonstra possuir um senso equilibrado, um homem que pensa e julga consigo mesmo antes de tomar qualquer decisão importante. O uso da primeira pessoa do singular (“não me convenceram”) enfatiza a experiência pessoal e a autoridade do falante em sua decisão de voto. O orador estabelece sua confiabilidade ao afirmar que não foi convencido, sugerindo que uma decisão de voto deve ser baseada em convicção sólida.

O voto destacado apresenta uma argumentação expressivamente racional, estabelecendo, em seu escopo, o argumento de autoridade e o argumento pragmático. O primeiro ocorre quando o orador

declara que os conhecimentos jurídicos que lhe são facultados não corroboram a ideia de crime por parte da presidente. Assim, o orador tira de si a responsabilidade e a coloca nos “limitados conhecimentos jurídicos”, ou seja, nos documentos e nas leis constitucionais. O segundo aparece porque o ato de não ter um profundo conhecimento da questão jurídica gerou um acontecimento: o não convencimento de prática criminosa da presidente Dilma e, portanto, não se deve afastá-la do cargo. Ambos os argumentos servem de sustentação para que o orador vote contrário ao *impeachment*.

Em se tratando de termos passionais, compreendemos que esse voto está, em maior evidência, carregado de racionalidade. Todavia, expressões de polidez como “desculpe-me a grande maioria”, “meus limitados conhecimentos”, “não me convenceram de crime de responsabilidade”, têm o poder de comover os ânimos do auditório que poderá sentir confiança no discurso desse orador, considerando-o como alguém de virtude e de caráter, que se apresenta com honestidade, sinceridade e que se utiliza de uma linguagem polida.

A partir da análise deste ato argumentativo, verificamos que a questão do *ethos* foi a mais incisiva, já que, por meio de uma argumentação elocutiva, o orador se mostra como alguém respeitoso, ético, mas que se posiciona. Os argumentos racionais e a passionalidade confirmaram as imagens de si de virtude e de caráter que foram projetadas.

Análise do ato argumentativo 9

Neste nono ato argumentativo, encontramos o voto da deputada federal Rejane Dias (PT), a qual fez parte da bancada a favor da então presidente, falou na democracia e no respeito ao voto dos eleitores brasileiros que elegeram Dilma, a primeira mulher presidente do país, em relação à vontade soberana do povo brasileiro. A oradora votou desse modo:

Senhor presidente, demais deputados e deputadas aqui presentes, em primeiro lugar, eu oro para que Deus abençoe a nossa querida nação, o Brasil. Em segundo lugar, pelo desenvolvimento do meu querido Estado do Piauí, pela democracia, pelo Estado Democrático de Direito e em respeito aos milhares e milhares de brasileiros e brasileiras que votaram em Dilma, elegendo-a a primeira presidenta mulher, eu voto não!

Ao iniciar o seu voto, a oradora projeta para o seu auditório um *ethos* de mulher religiosa cristã, ao ressaltar que, em primeiro lugar, “eu oro para que Deus abençoe a nossa querida nação, o Brasil”. Essa estratégia de evocar o nome de Deus é sobremaneira persuasiva, pois, como sabemos, o Brasil é

um país predominantemente cristão e mencionar ideologias de natureza religiosa ao votar tem o poder de transmitir a ideia de que a oradora estivesse direcionando a sua asserção para esse auditório mais específico, isto é, que acredita em Deus.

O *ethos* de patriota também é encenado nessa argumentação da oradora, uma vez que ela apresenta, em seu voto, uma defesa do país, do estado do Piauí, da democracia, do Estado Democrático de Direito, dos brasileiros e das brasileiras e do voto popular. A construção dessa imagem de si conclama o auditório a enxergar uma oradora que defende sua nação, seu povo, as leis constitucionais, a democracia como um todo. A partir dessa imagem como patriota e da outra como mulher religiosa, a deputada procede ao voto contrário ao impedimento.

Além dessas construções da imagem de si, a construção dos argumentos está posta de forma consistente nesse voto da oradora. A repetição “em respeito aos milhares e milhares de brasileiros” reforça a mensagem de que a decisão da deputada é tomada considerando o desejo da população. Ademais, o uso de paralelismo com a repetição da estrutura “pela... e pelo...”, mostra a ênfase na sequência de justificativas que são apresentadas ao assentimento do auditório. Desse modo, o discurso tem a intenção de comunicar a posição da deputada de forma clara, justificando seu voto como um ato de respeito à vontade democrática.

O argumento pelo lugar da ordem é utilizado nesse voto, já que a oradora “em primeiro lugar” começa agradecendo a Deus. Depois, “em segundo lugar”, elenca uma sequência de justificativas que parte desde o desenvolvimento do estado do Piauí até o voto popular que elegeu a presidente Dilma Rousseff. As premissas desse argumento são os valores democráticos e o respeito ao voto popular. A conclusão do ciclo, que é o voto “não”, é apresentada como consequência lógica do compromisso com esses valores. Embora não explicitada, há uma refutação implícita de qualquer argumento que contrarie os princípios democráticos.

O argumento de autoridade é engatilhado na medida em que a oradora convoca o nome de Deus para ressaltar que ora pela nação brasileira. O discurso religioso cristão é persuasivo por natureza e trazê-lo aqui nesse momento do voto declara um direcionamento estratégico do argumento, visando impactar o auditório que, como sabemos, é expressivamente cristão. A combinação desse arsenal argumentativo serve para justificar a posição da deputada e persuadir a audiência da validade de seu voto, ancorando suas razões em fundamentos de crença, mas também em valores constitucionais de linha democrática como é o caso brasileiro.

É importante avaliar como o discurso constrói uma significação em torno da figura da presidente, bem como o significado simbólico da eleição de Dilma como a primeira representante mulher, legitimando sua posição e do processo político em questão. Ao destacar seu compromisso com

a democracia e com o Estado de Direito, a deputada busca reforçar sua credibilidade como representante política e persuadir os ouvintes a compartilharem de sua visão. Para isso, se serve do argumento de quantidade, já que foram “milhares e milhares” de pessoas que votaram e elegeram Dilma como primeira presidente mulher. Novamente, o lugar de ordem “primeira presidenta mulher” revela a estratégia argumentativa da oradora a fim de mostrar ao auditório a gravidade de afastar Dilma do seu cargo na presidência.

Verificamos que existe um expressivo apelo emocional (*pathos*) na referência à oração dirigida a Deus, aos “milhares de brasileiros” e ao marco histórico da eleição da primeira mulher presidente, buscando ressonância com os sentimentos e experiências do auditório. A paixão da confiança poderá ser engendradora nesse discurso, pois a argumentação centraliza-se na ideia de proclamar o nome de Deus, interpelando os cristãos de um modo geral. A compaixão também poderá ser sentida pelo auditório, uma vez que Dilma foi a primeira mulher eleita presidente do Brasil, mas estava sofrendo um afastamento do cargo por causa de um *impeachment*.

Percebemos que o *logos*, a partir do encadeamento de diferentes argumentos racionais, foi a categoria retórica que mais sedimentou esse fazer argumentativo. O *ethos* da oradora, bem como as paixões suscitadas foram elementos decisivos na construção dos argumentos, a fim de que o auditório fosse interpelado a aceitar que Dilma não deveria perder o mandato.

Análise do ato argumentativo 10

Neste décimo ato argumentativo, o deputado federal Rodrigo Martins (PSB) encerrou a votação dos parlamentares do estado do Piauí na sessão do *impeachment* na câmara. O orador apresentou diferentes justificativas para fundamentar seu voto contra a presidente Dilma Rousseff. Eis a argumentação proferida pelo referido parlamentar:

Pelo meu Estado do Piauí; pelo futuro do povo do Brasil, em especial, dos piauienses e da cidade de Teresina; em respeito a todos os homens e mulheres de bem que estão lutando, estão nas ruas por um Brasil melhor; pelo futuro das minhas filhas Maria Luísa e Ana Maria; eu voto sim ao *impeachment*.

Com esse voto do orador, é possível depreender a constituição do *ethos* de patriota. Essa construção se dá porque o deputado votante justifica seu voto a partir do “estado do Piauí”, do “futuro do Brasil”, do “respeito a todos homens e mulheres de bem que estão lutando”, do “futuro das minhas

filhas”. Aqui, o orador expressa um voto favorável ao impedimento, que é justificado pelo bem-estar de um grupo específico de pessoas – os brasileiros em geral, e, mais especificamente, os habitantes do Piauí e de Teresina, bem como das filhas do orador.

O uso de expressões como "homens e mulheres de bem" sugere uma polarização moral entre aqueles que são considerados virtuosos e os que não são, o que pode ser interpretado como uma estratégia para legitimar sua própria posição política, construindo um *ethos* de patriota que se dirige a um auditório composto por “homens e mulheres de bem”, mas que também são a favor e se identificam com o voto para o afastamento da presidente Dilma. O deputado Rodrigo Martins está justificando seu voto afirmativo (sim) com base no futuro desejado para o povo brasileiro e em respeito às pessoas que ele considera estarem lutando por um país melhor.

Quando o orador faz menção específica aos piauienses e à cidade de Teresina indica uma representação localizada, sugerindo que o deputado está alinhado com os interesses de seus eleitores. No entanto, quando o orador preleciona: “pelo futuro das minhas filhas Maria Luísa e Ana Maria”, entendemos que ele projeta um *ethos* de pai, isto é, de um homem que se importa com o futuro de suas filhas e busca sempre o melhor para a sua família.

Ademais, a asserção do deputado pode ser vista como um ritual político que reafirma laços sociais e identidades culturais. Ao destacar os piauienses e a cidade de Teresina, esse político reforça a identidade regional e o sentimento de pertencimento dos indivíduos a essas comunidades. Assim sendo, o orador recorre ao argumento da inclusão das partes no todo pelo fato de mencionar o estado do Piauí (parte), cidade de Teresina (parte) e o Brasil (todo). Embora o auditório do orador seja, de fato, de alcance incalculável, ele sabe que o povo do Piauí é o seu auditório idealizado, particular, que julgará o seu voto a favor do *impeachment*.

Também verificamos a utilização do argumento pelo sacrifício. O orador postula que existem homens e mulheres que estão nas ruas lutando por um Brasil melhor. Assim sendo, o voto declarado a favor do *impeachment*, conforme esse deputado, é uma forma de contribuir com as ações realizadas por esses manifestantes brasileiros que, como acompanhamos à época, encheram as ruas protestando contra o governo da presidente Dilma Rousseff.

O apelo às paixões acontece nesse voto porque o orador tenta suscitar a paixão da esperança, a fim de que o auditório creia que a saída de Dilma da cadeira de presidente proporcionará um melhor futuro para os brasileiros de um modo geral. O orador conclama o povo do Piauí, especialmente da cidade de Teresina, seu eleitorado mais próximo, além demonstrar todo o seu afeto de um pai preocupado com o futuro das filhas. Essa argumentação tem o poder de tocar o campo passional do auditório para que adira ao discurso.

Após essa análise, compreendemos que o *ethos* foi mais enfático nesse voto. As imagens de patriota e de pai fizeram com que a argumentação do orador trilhasse um caminho mais passional do que racional. Os argumentos da inclusão das partes no todo e do sacrifício contribuíram com as imagens de si constituídas. A paixão da esperança engatilhou uma visada emocional que, de alguma maneira, interpelou o auditório para acreditar no discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Servindo-se dos postulados teóricos e analíticos da retórica, investigamos de que maneira estratégias argumentativas foram encenadas por todos os deputados federais do estado do Piauí quando votaram, na Câmara dos Deputados, acerca do processo de *impeachment* da então presidente do Brasil Dilma Vana Rousseff. Detemo-nos, com maior ênfase, na questão do *ethos*, do *logos* e do *pathos*, observando como esses elementos foram constituídos por ocasião do voto de cada parlamentar piauiense. Foram dez votos, sendo cinco favoráveis e cinco desfavoráveis ao processo de impedimento da presidente petista.

Os resultados alcançados em nossa pesquisa revelam que a categoria do *ethos*, como estratégia argumentativa, foi a mais utilizada pelos oradores piauienses, sendo encontrada, como elemento retórico principal, em cinco votações, sendo três favoráveis e duas contrárias ao *impeachment*. Em seguida, três votações recorreram mais ao *logos*, demonstrando uma argumentação mais racional, sendo duas favoráveis e apenas uma contrária ao impedimento da presidente Dilma. Finalmente, apenas duas votações obtiveram uma ênfase maior no *pathos*, sendo ambas contrárias ao processo de *impeachment* da presidente.

Em se tratando do *ethos*, as nossas análises evidenciam que os deputados federais do estado do Piauí, neste processo de votação, se utilizaram de um *ethos* de patriota, pois essa construção da imagem de si foi encontrada em seis votações, ou seja, na maioria dos votos, revelando que os oradores se preocuparam em transmitir para o auditório alguns valores, tais como: eram defensores do povo, da democracia, das leis, do país como um todo. Vale ressaltar que esse *ethos* foi utilizado por votantes favoráveis e contrários ao *impeachment*.

No que concerne ao *logos*, os resultados alcançados atestam que os deputados votantes se utilizaram, com maior frequência, do argumento de autoridade, formulando suas argumentações com base no discurso religioso e nas leis brasileiras. Esse argumento apareceu em três votos, seguido de outros argumentos com menor frequência, a exemplo do pragmático, da definição e da divisão. Isso mostra o caminho racional trilhado pelo discurso.

Quanto ao *pathos*, identificamos que a paixão da confiança foi a que mais os oradores almejaram angariar diante do auditório, haja vista que era necessário fazer com que a opinião pública, sobretudo a do estado do Piauí, acreditasse na argumentação dos parlamentares. Em seis votações, visualizamos a tentativa de gerar no auditório a paixão da confiança. É importante destacar que a paixão da indignação apareceu em quatro votos, revelando, desse modo, a sua importância nesse fazer persuasivo que foi engatilhado pelo discurso dos oradores.

Portanto, como podemos constatar, os deputados federais do estado do Piauí se mantiveram divididos, sendo metade a favor e metade contra o processo de *impeachment*. As estratégias argumentativas empregadas nos mostram como esses oradores justificaram seus votos no momento de proceder decisivamente sobre ficar ao lado da democracia ou lado de um golpe que provocou, de forma avassaladora, uma derrocada em nosso país.

Esperamos que este trabalho contribua, de algum modo, com os estudos sobre discurso político na seara retórica e argumentativa, despertando um olhar mais crítico e reflexivo sobre os sentidos suscitados através de votos de parlamentares no Brasil. Descortinar esses discursos e os seus possíveis elementos persuasivos é uma tarefa atual dos estudos retóricos, tendo em vista o clima de polarização social estabelecido em nossa sociedade dividida em classes. Concluímos as nossas discussões com a seguinte citação: “O discurso político relaciona-se com a paixão e com a razão, mas também com a imagem, pois, em última análise, não há adesão a ideias que não passe pelos homens” (Charaudeau, 2018, p. 94).

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (2020). *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto.

ARISTÓTELES. (2011). *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro.

BRASIL. (2016). Senado Federal. *Impeachment: o julgamento da Presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal*. Brasília: Senado Federal, SAJS.

BRASIL. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal.

CHARAUDEAU, P. (2018). *Discurso político*. 2. ed. São Paulo: Contexto.

DIJK, T. A. v. (2017). How Globo media manipulated the impeachment of Brazilian President Dilma Rousseff. *Discourse & Communication*, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 199-229.

FERREIRA, L. A. (2015). *Leitura e persuasão: princípios de análise Retórica*. São Paulo: Contexto.

- MATEUS, S. (2018). *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: Editora LabCom.IFP.
- MORAIS, E. P. (2019). *O macroethos racional e o afetivo na argumentação do julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff*. Campinas/SP: Pontes Editores.
- PAIVA, V. L. M. O. (2019). *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola.
- PIANCÓ, E. M. S. (2021). O fenômeno da recategorização em votações orais durante o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. In: ROCHA, M. S.; SANTOS, M. S.; PIANCÓ, E. M. S. *Estudos do texto e do discurso: perscrutando diálogos*. Maceió, AL: Editora Olyver.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (2014). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- PRANDI, R.; CARNEIRO, J. L. (2017). Em nome do Pai: Justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma Rousseff. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, 33(96).
- RODRIGUES, T. *et al.* (2018). O papel da mídia nos processos de impeachment de Dilma Rousseff (2016) e Michel Temer (2017). *Contracampo*, [S.l.], v. 37, n. 3, p. 6-25.
- SANTOS, W. (2001). *Dicionário jurídico brasileiro*. Belo Horizonte/MG: Del Rey.
- SOUZA, J. (2017). *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya.



A RETÓRICA DA IDENTIDADE EM “POEMA DE UM ASSIMILADO”, DE AGNELO REGALLA

João Adalberto Campato Jr.
Universidade Brasil (UB/BRASIL)
E-mail: campatojr@gmail.com

Resumo: A assimilação nomeia um processo em que grupos culturais adquirem os costumes de outros povos, o que ocorre com frequência numa situação de contato entre grupos dominadores e grupos dominados principalmente do ponto de vista de poderio militar e econômico, como se verificou, por exemplo, durante períodos de colonização. O processo de assimilação é realizado de forma mais ou menos tensa, dependendo das negociações de identidade que aí ocorrem. A assimilação tornou-se um programa sistemático no governo do ditador português António Salazar (1889-1970), que, entre outros planos, pretendia com ela enfraquecer a cultura original dos africanos colonizados por Portugal, estabelecendo uma elite colonizada europeizada e colaboradora da metrópole. No centro desse contexto, situa-se “Poema de um Assimilado” (1973), do escritor guineense Agnelo Regalla. Trata-se de um texto confessional no qual se vislumbra um posicionamento militante do escritor a respeito da fragmentação da identidade cultural que o colonialismo e a assimilação ocasionam. Com efeito, pretende-se, neste artigo, de delineamento qualitativo e bibliográfico, submeter o poema de Regalla ao método retórico de análise textual de modo a evidenciar a sua organização persuasiva e os numerosos efeitos de sentido daí advindos.

Palavras-chave: *Retórica. Assimilação. Agnelo Regalla.*

Abstract: Assimilation names a process in which cultural groups acquire the customs of other peoples, which often occurs in a situation of contact between dominant groups and dominated groups mainly from the point of view of military and economic power, as was verified, for example, during periods of colonization. The assimilation process is carried out in a more or less tense way, depending on the identity negotiations that take place there. Assimilation became a systematic program under the government of Portuguese dictator António Salazar (1889-1970), who, among other plans, intended to weaken the original culture of Africans colonized by Portugal, establishing a Europeanized colonized elite that collaborated with the metropolis. At the center of this context is “Poema de um Assimilado” (1973), by Guinean writer Agnelo Regalla. It is a confessional text in which the writer's militant

position regarding the fragmentation of cultural identity that colonialism and assimilation cause is glimpsed. In fact, the aim of this qualitative and bibliographical article is to submit Regalla's poem to the rhetorical method of textual analysis in order to highlight its persuasive organization and the numerous meaning effects arising from it.

Keywords: *Rhetoric. Assimilation. Agnelo Regalla.*

Introdução

A Guiné-Bissau situa-se na costa oeste da África, tendo sido “descoberta” em 1446 pelos portugueses. Trata-se de nação composta de variadas etnias e de costumes singulares. Dos cerca de 2 milhões de habitantes, 99% deles são africanos negros. No que tange a grupos religiosos, mencionem-se os animistas, os mulçumanos e os cristãos, caracterizando um vigoroso e rico cadinho cultural.

Ex-colônia de Portugal, herdou o português como língua oficial, embora o Kriol seja o idioma mais amplamente falado. As lutas independentistas, iniciadas em 1963, foram violentas e complexas, levando a Guiné-Bissau à independência política a 24 de setembro de 1973. Todavia, a nova situação foi reconhecida por Portugal somente em 1974. O país apresenta dificuldades econômicas e relativa instabilidade política interna traduzida em golpes de estado, ações de autoritarismo, ameaças aos direitos humanos e problemas advindos da sua condição de ex-colônia.

Diferentemente da literatura oral, a literatura escrita é tardia na Guiné-Bissau. Isso se explica pela colonização a que o país foi submetido, a saber, a modalidade de exploração e não a de assentamento. Surgiu daí algum desinteresse pela educação formal e institucional, com modesta implantação de estruturas educacionais e culturais. Nessa situação, era pequena a porcentagem de guineenses que dominavam o português na modalidade escrita.

A Guiné-Bissau, do conjunto das colônias lusas, foi aquela em que mais tardiamente a literatura se desenvolveu. Os elementos que explicam essa condição são múltiplos. Primeiramente, uma política educativa colonial restritiva e tardia. O primeiro estabelecimento de ensino secundário funcionou, na Guiné-Bissau, tão somente a partir do ano de 1958. Data de 1924 a fundação do primeiro jornal do país, o *Pró Guiné*. A instituição pioneira de ensino secundário apenas foi fundada em 1958. A primeira editora privada do país, a Ku Si Mon, estabeleceu-se em 1994. Em quase tudo, verificou-se o atraso das condições socioculturais instigadoras de vocações e carreiras literárias. (Campato Jr, 2013).

As condições precárias resultantes do colonialismo, do neocolonialismo, da colonialidade e da globalização – todas mantendo uma estrutura de poder econômico e simbólico herdada do imperialismo europeu e do “imperialismo” daquelas mentalidades guineenses colaboradoras da metrópole - explicam

uma sociedade guineense fraturada, cuja identidade foi fragmentada, marginalizada e alvo de um processo sistemático de preconceito racial e de alienação a ponto de muitos africanos negarem suas raízes.

Conforme se nota, o presente artigo gira em torno de questões relativas à identidade de povos que foram colonizados por processos imperialistas dos quais ainda sentem as consequências desestabilizadoras tanto no aspecto material quanto simbólico.

Afunilando essa perspectiva de estudo, será realizada uma reflexão de como tal processo atuou na Guiné-Bissau levando em consideração um dos seus literatos mais influentes, Agnelo Regalla. Para tanto, o *corpus* de análise será constituído por sua célebre composição “Poema de um Assimilado” (1973), submetida a um exame retórico baseado em Tringali (1998, 2014). Objetiva-se evidenciar que o modelo retórico de análise contribui para trazer à tona de forma apurada e sistematizada múltiplos sentidos relativos à concepção de identidade fragmentada, típica de sujeitos colonizados e presente em “Poema de um Assimilado”

Em termos de composição, há de adiantar que a próxima seção do artigo será consagrada a uma sintética visão da periodização da literatura em língua portuguesa na Guiné-Bissau. No seguimento, a retórica e seu modelo de análise textual ocuparão o centro das atenções, que, depois darão lugar, a uma discussão sobre a identidade. Por fim, na seção mais densa, será examinado do ponto de vista retórico o “Poema de um Assimilado”, de Agnelo Regalla.

PERIODIZAÇÃO LITERÁRIA DA GUINÉ-BISSAU

Até o momento não há periodização sistemática e completamente funcional da literatura da Guiné-Bissau em língua portuguesa, descrevendo em detalhes seu processo evolutivo, incluindo origens, sedimentação e eventuais inovações.

Em *A Literatura na Guiné-Bissau* (1997), de Aldónio Gomes e Fernanda Cavacas, existem menções a uma literatura colonial e a uma literatura de “sabor nacional”. Cabem nesta última etiqueta “aqueles que tragam estilística e sociologicamente a marca de algo que seja verdadeiramente guineense, que expressem pela forma e pelo conteúdo, algo que lhes dê individualidade guineense” (1997, p. 33).

Moema Parente Augel não estabeleceu períodos literários em *A Nova Literatura da Guiné-Bissau* (1998). Nada obstante, ela distinguiu uma literatura de temática ou de inspiração guineense (perspectiva exógena e eurocêntrica, discriminatória, pejada de exotismo e de paternalismo) de uma literatura guineense propriamente dita, cujo marco temporal seria o ano de 1963, quando aparece, ainda

na época colonial, o livro *Poemas*, de Carlos Semedo, “a primeira publicação individual no âmbito da beletrística de autoria de um filho da terra na ainda colônia da Guiné” (1998, p. 65).

Verbetes consagrados à literatura guineense de duas obras enciclopédicas de indiscutível mérito e profundidade, também, abdicam de dividir a literatura do país em períodos ou estilos. Trata-se da *Enciclopédia Biblos* (1997, v.2, p. 934-938) e do *Dicionário Temático da Lusofonia* (2005, p. 629-630). O primeiro verbete é da lavra de Maria Aparecida Ribeiro, ao passo que o segundo é assinado por Maria Luísa Baptista.

Em 2010, surgiu o número 20 da *Papia: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, cujos autores são Hildo Honório do Couto e Filomena Embaló. Com efeito, aí se encontram duas tentativas de periodização mais metódica da literatura da Guiné-Bissau em língua portuguesa. A primeira das tentativas remonta a 2004, e foi publicada, originalmente, no sítio da Associação Contributo, com o título de “Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau”, de autoria de Filomena Embaló.

As quatro fases em que Filomena Embaló dividiu a literatura da Guiné-Bissau são:

- 1) Fase anterior a 1945: autores coloniais;
- 2) Período entre 1945 e 1970: surgimento da poesia de combate;
- 3) Dos anos 1970 ao fim dos anos 1980: literatura exclusivamente poética, com poesia de combate e poesia intimista;
- 4) Da década de 1990 em diante: poesia mais intimista.

A segunda tentativa de periodização – de Hildo Honório do Couto e feita à luz da história política do país – propõe as seguintes fases: 1) Período Colonial (1594-1962); 2) Período da Luta pela Independência (1962-1973); 3) e Período Pós-Independência (1973 aos dias de hoje).

Consoante se repara, aguardam-se novos e alentados estudos centrados na literatura da Guiné-Bissau tematizando não apenas sua periodicidade como também seus escritores, sua temática, ideologia e estilo. Dos países africanos de língua portuguesa, a Guiné-Bissau é aquele que menos tem recebido a atenção especializada dos críticos literários e historiadores da literatura.

A RETÓRICA

O fenômeno da linguagem tem sido abordado de diversas maneiras no decurso do tempo resultando em consequências teóricas e práticas que se revelam de destacado valor e de incalculado alcance até mesmo filosófico.

As concepções de teor tradicional descrevem a linguagem como uma espécie de representação do mundo e do pensamento e como instrumento de comunicação. Mais recentemente, no entanto, desenhou-se uma trilha que conduz o estudioso a examinar a linguagem como forma de ação ou lugar de interação. Nessa concepção, a linguagem constitui um verdadeiro espaço de confronto das subjetividades e das identidades, em que os interlocutores procuram agir uns sobre os outros, negociando sentidos, trocando percepções e estimulando ações. (Koch, 2010; Travaglia, 2009; Rodrigues, 1996).

É preciso cada vez mais acentuar que a linguagem já não se esgota em seu aspecto referencial, beirando o ato mecânico de designar o mundo sem levar em consideração o outro da comunicação, tampouco a maquinaria do processo de enunciação. Igualmente não se esgota na tarefa de transmitir linearmente mensagens sem perceber que a linguagem se situa num quadro de referências comunicacionais muito mais completo e interativo do que habitualmente se crê.

Isso considerado, a linguagem como atividade ou processo de ação e reação, voltada para um evento prático e palpável, vem à tona uma vez que ela constitui espaço de interação humana, modo de operação social, favorecendo os interlocutores a se exercitarem em atos persuasivos que implicarão diretamente na alteridade do processo dialógico e na transformação desses mesmos interlocutores,

Essa última concepção de linguagem é a que melhor ilustra a filosofia e o funcionamento da retórica, suporte teórico e método de análise dos quais se valerá este artigo. É possível afirmar que a retórica se revela o primeiro exame metódico sobre a linguagem humana.

Inserida no quadro da pólis grega em que o debate das questões públicas é favorecido, a retórica aborda a comunicação com base na persuasão. Ademais, inaugura-se com a retórica o estudo da linguagem não com base na “língua”, mas do “discurso”. Ao esquadrihar a persuasão, a retórica enveredou-se por temas que, até hoje, ecoam no Direito, na Psicologia, nas Ciências da Linguagem, na Literatura e nas artes em geral. (Campato Jr., 2023)

A retórica concerne à persuasão pelo discurso verbal, que pode convencer, comover e agradar em diversas combinações. Convencer situa-se no campo da lógica; comover é uma persuasão de ordem afetiva. Já agradar liga-se a uma persuasão estética, baseada no gosto (Tringali, 1998, 2014).

A retórica greco-latina empenha-se na construção do conjunto de todas as partes do discurso persuasivo: a invenção, a disposição, a elocução, a ação e a memória. A invenção caracteriza-se como a atividade de encontrar provas sobre um assunto verossímil, provável ou que gera opiniões. As provas

classificam-se como lógicas ou psicológicas. Se lógicas, dividem-se em silogismos e exemplos; quando psicológicas, em éticas (imagem positiva do orador) e patéticas (emoções provocadas no auditório).

A disposição é um plano padrão da composição do discurso (Reboul, 2004). Assim, costuma-se balizar o discurso em exórdio (início do discurso), proposição (tese), partição (tópicos a serem seguidos pelo orador), narração (os acontecimentos importantes para a persuasão), argumentação (apresentação e refutação das provas) e peroração (conclusão do discurso). A elocução, terceira etapa da preparação da peça retórica, consiste na expressão linguística e estilística do discurso, em que se reveste de linguagem verbal o material encontrado na invenção e ordenado pela disposição. Segue-se a tudo isso a memória, exercício de decorar o texto a ser apresentado, haja vista que os discursos eram decorados e expressos de forma oral. Compõe o derradeiro estágio de formulação do discurso a ação, atividade de pronunciar o texto. (Campato Jr, 2023)

Estabelecido um ou outro elemento da técnica retórica, resta apoderar-se de um modelo de análise textual nela estribado (Tringali, 1998, 2014) e com o amparo do qual se efetuará a interpretação do texto literário africanos de língua portuguesa “Poema de um Assimilado”, fazendo vir à tona sua dimensão persuasiva no contexto mais genérico de uma visão colonialista e identitária. Saliente-se que o citado método consta de várias etapas, que, neste trabalho, foram reduzidas a um número inferior.

Figura 1

A Retórica como método de abordagem textual

<i>TEMA e QUESTÃO</i>	Avaliar o tema do discurso e o que se discute. A questão surge da problematização do tema.
<i>PROPOSIÇÃO</i>	Indica-se o que o orador pretende provar (tese)
<i>ORADOR/AUDITÓRIO</i>	Determina-se o orador e o auditório do discurso, e como o primeiro adapta sua argumentação ao segundo.
<i>GÊNERO DO DISCURSO</i>	Se o discurso faz parte do gênero judiciário, demonstrativo ou deliberativo.
<i>INVENÇÃO</i>	Examinam-se as provas lógicas, patéticas e éticas. Estudo da Argumentação e da refutação.

<i>ELOCUÇÃO</i>	Análise estilística e gramatical do discurso
<i>IDEOLOGIA</i>	Considera-se a ideologia que o texto retórico encerra.

Fonte: Adaptado de Tringali (1998, 2014) pelo autor.

QUESTÕES IDENTITÁRIAS EM PAÍSES COLONIZADOS

No debate das questões essenciais que tocam os seres humanos atualmente, a identidade ocupa papel sem dúvida nuclear. Mais nuclear ainda é semelhante reflexão se tais pessoas são povos originários, LGBTQia+, minorias políticas, sociais ou povos subalternizados e periféricos silenciados e oprimidos, como, por exemplo, as mulheres, os negros, os indígenas, os mestiços, os quilombolas, os homossexuais, os ribeirinhos, entre outros.

Perscrutar as literaturas africanas de língua portuguesa pode figurar auspicioso nessa exata direção, porquanto “a linguagem está no cerne da construção, tanto individual quanto coletiva, do sujeito”, conforme acentua Charaudeau (2015, p.13), que prossegue notando que é por meio da linguagem que se instaura a relação de si com o outro. Mediante a linguagem, conceitua-se tudo, extraíndo-se o mundo da sua realidade empírica a fim de que ele possa significar. Não passe sem comentário, por sinal, que é com o concurso da linguagem que se exerce o ato de valorar. Ao fim e ao cabo, pela linguagem, destina-se às pessoas a possibilidade de interrogarem-se a si próprios e aos outros

A relação entre discurso e identidade – e igualmente retórica – é bem explicitada por Moita Lopes (2002, p.31) nestes termos:

O discurso como construção social é, portanto, percebido como uma forma de ação no mundo. Investigar o discurso a partir dessa perspectiva é analisar como os participantes envolvidos na construção dos significados estão agindo no mundo por meio da linguagem e estão, desse modo, construindo a sua realidade social e a si mesmos.

O dispositivo de construção identitária origina-se na convergência da percepção de uma diferença e no estabelecimento de uma relação com o outro, em movimento de atração (absorver o outro) e de repulsa (estereótipos, preconceito). Sendo objeto de um processo imperialista de colonialismo - que ainda prossegue oprimindo numa ação de colonialidade e de globalização -, o literato africano problematiza naturalmente sua identidade fragmentada à força: (Quem sou eu? Quem é

o outro que me vê e que, por vezes, me impõe uma identidade? Qual é a minha cultura? A que modo de vida pertença? Posso pertencer, a um só tempo, a um modo de existência africano e europeu? Devo me alinhar ao antigo colonizador ou recuperar a minha identidade? Minha cultura é inferior à do europeu? Até que ponto posso ceder ao antigo colonizador sem trair minhas origens? Como opera a identidade do africano em tempos de identidades fragmentadas de que trata Stuart Hall (2006)?). Essas questões fomentam e produzem considerável parcela dos significados dos textos africanos.

Menciona-se aqui “uma” identidade africana por força de expressão, tendo em vista que o mais acertado são identidades africanas, no plural. Ainda por cima, cabe compreender que as identidades não se assentam em supostas essências, não sendo fixas, nem unificadas. Pelo contrário, demonstram-se mutáveis, inacabadas. Trata-se de construções culturais, discursivas, efeitos de processos de negociação mais ou menos tensos, mais ou menos rápidos. As identidades, quanto ao mais, são influenciadas pelos multipertencimentos e suas circunstâncias contextuais: por ser homem negro, alguém é oprimido; mas, por ser homem, alguém pode ser opressor; e, por ser operário, alguém pode ser oprimido. Para dizer isso em outros termos, são as mesmas pessoas em diferentes posições de sujeito.

Portugal (e também outras potências coloniais), no decurso do sistema de colonização e de diversas maneiras, buscou abafar a civilização dos africanos e impor-lhes a cultura europeia e ocidental, valorizando os africanos assimilados, aqueles que abandonavam o modo de ser reconhecido como mais africano e se comportavam, tanto quanto possível, como europeus. Tais dúvidas, questionamentos e reflexões integram numerosos livros literários africanos produzindo enorme gama de sentidos e operando também como peças retóricas buscando provar teses.

Por mais violenta, agressiva e sistemática que tenha se caracterizado a ação ocidental contra a identidade negra, mostra-se fundamental não perder de vista manifestações identitárias de resistência dos negros africanos, como a negritude. A negritude conceitua-se como um sentimento de solidariedade que une os negros, historicamente vítimas de inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental (Munanga, 2009, p.20). À luz da negritude, busca-se revalorizar a cultura e a identidade negras e fazer do negro o agente de sua história. Nesse sentido, pode ser vista como arma de combate, de engajamento e de união.

A literatura africana de língua portuguesa exterioriza fortemente a negritude, que, segundo se notou, expressa o orgulho de ser negro, convocando todos os negros a se unirem e a se libertarem da opressão histórica. Trata-se do sentimento positivo e eufórico de pertencer à cultura negra. A literatura acolhe a redescoberta do próprio passado, da própria cultura e identidade, dos próprios ancestrais, da própria língua, valorizando a visão de mundo do negro. Nessa ordem de proposta, a África passa a ter globalmente uma posição de destaque que o eurocentrismo lhe negou sistematicamente.

Por evidente que a experiência da diáspora insuflou a questão identitária dos africanos e de todos que se sentiram exilados de suas nações de origem. Caracteriza-se o fenômeno diaspórico como dispersão desagregadora de pessoas, que acabam vivendo distantes da terra natal em experiência de exílio. Aschcroft et al (2012, p.254) indicam que a diáspora não se limita à percepção geográfica uma vez que termina por originar espinhosas questões de identidade, de memória e de pátria, ligadas, antes, a questões existenciais, religiosas, espirituais, culturais e simbólicas.

Logo, tal processo acarreta nas vítimas da diáspora sentimento de deslocamento forçado, de alienação, de perda, de desenraizamento, de nostalgia, de enfraquecimento, de crise identitária (Cashmore, 2000). Segundo informações de Lopes (2004, p.236), a Diáspora Africana deve ser entendida como fenômeno dividido em dois momentos. O primeiro, a partir do século XV, fundamentou-se no comércio de escravos de cerca de 10 milhões de africanos, e o segundo, a partir do século XX, representado pela imigração para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais.

De outro ângulo, é possível enxergar na diáspora também uma ação da qual se originou, em boa escala, o multiculturalismo e suas consequências. O multiculturalismo lida com a figura do outro, que, por seu turno, participa da construção da identidade, pois as pessoas apenas se percebem ao perceberem o outro (princípio da alteridade). Com frequência, o outro surge como uma ameaça, porque, sendo diferente, explicita a incompletude de alguém, bem como a possibilidade deste alguém não se enquadrar no padrão universal e de não poder ditar normas de comportamento e valores de alcance geral. Daí assomam, como defesa, os julgamentos negativos sobre o outro e o preconceito e suas variantes detestáveis.

Os europeus colonizadores consideram-se o centro da existência, o núcleo, a régua, enfim, o parâmetro baseado no qual a realidade seria mensurada e valorada. Dessa ótica, natural que os colonizados de outros continentes seriam os diferentes, a margem, a periferia, precisando ser “corrigidos” por serem, em essência, os errados.

Numa sociedade em que resiste a antiga dominação do colonizador sobre o colonizado estruturalmente (colonialidade), toda culpa é do outro (o que foi colonizado), mesmo porque o outro atua como bode expiatório. Dessa forma, se existe cabelo feio, este é o do outro; se há uma cultura inferior, esta é a do outro; se há costumes ditos bárbaros e selvagens, estes são dos outros. O outro foi e continua sendo plasmado pelo discurso maniqueísta e imperialista do colonizador, em que o centro age ideologicamente na criação da periferia. (Campato Jr., 2016).

Um fenômeno decorrente dessa situação consiste na tentativa da parte do centro de criar e divulgar mitos desabonadores a respeito dos nativos colonizados e a serem colonizados (Bonnici, 2005). O colonizador europeu para ressaltar sua hipotética superioridade e a necessidade de colonizar

os africanos forja mitos negativos sobre eles que ecoam até hoje. O discurso europeu instila a concepção de que os nativos – como os negros e os indígenas - são preguiçosos, incivilizados, perversos, sexualmente exagerados, selvagens e violentos. Tal como arremata Munanga (2009, p.35): “Todas as qualidades humanas vão ser retiradas do negro, uma por uma”.

Mediante essa estratégia de cunho ideológico e preconceituoso, criava-se na consciência do próprio nativo a ideia de que ele é desumano, requerendo a ajuda do colonizador para chegar à civilização legítima. Não é difícil de concluir que semelhante construção da identidade do outro lista-se entre uma das formas de legitimação de seu controle.

Nota-se, da mesma forma, que os mitos até aqui ilustrados se amparam na concepção de raça dos racistas, que, em certa quadra, sob falsa base científica, eram do firme parecer de que existiam raças – cada uma com particularidades biológicas bem evidentes e singulares - umas superiores às outras, legitimando o preconceito, a exploração econômica e a discriminação racial.

O conceito de raça dos racistas não passou de embuste científico, invenção mal-intencionada para naturalizar relações de poder escoradas na injustiça, “socialmente eficazes para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” (Guimarães, 2009, p.67). Inexistem raças humanas; todos seres humanos fazem parte de uma mesma espécie, a humana. A esse respeito, é suficientemente explícito Guido Barbujani (2007, p.158):

Quando dizemos que no homem não há raças, (...) queremos falar do fato de que não se encontrou nunca, em que pesem séculos de tentativa, um modo para traçar fronteiras biológicas claras entre as populações humanas. Na África, na Ásia, na Europa, na Oceania e na América encontramos essencialmente as mesmas variantes gênicas, em proporções diferentes; ninguém ainda conseguiu definir uma raça com base em características genéticas, tomadas isoladamente ou em combinação, compartilhadas por todos os seus membros e raras ou ausentes em quem não faz parte daquela raça.

A noção de raça humana, embora continuando a ser biologicamente inaceitável, ainda se mostra útil e operacional quando empregada no campo das ciências sociais e no terreno político, visto que essa noção de raça auxilia no entendimento de olhares desvalorizadores ou valorizadores com relação a algumas populações, etnias, grupos, que ficam à mercê das potências ocidentais. Nunca se deve esquecer que tais ideias – principalmente sua gênese, desenvolvimento, mudanças e histórias – são discursos que se concretizaram, se concretizam e se concretizarão em textos, que, por seu turno, formarão a literatura de uma nação, país, etnia, etc.

Como consequência desse complexo ideológico racial, instaurou-se a concepção segundo a qual certas nações tinham como destino civilizar outros povos de estágios pretensamente inferiores de desenvolvimento, isto é, os outros. Trata-se de uma forma de camuflar e de legalizar a natureza

exploradora das relações entre colonizador e colonizado, salientando que o jugo colonial serve aos interesses dos colonizados, que se encontram num estágio parecido ao da infância, da imaturidade, da irresponsabilidade; enfim, da selvageria. (Bonnici, 2005).

ANÁLISE RETÓRICA DE “POEMA DE UM ASSIMILADO DE AGNELO REGALLA”

Agnelo Augusto Regalla nasceu a 09 de julho de 1952, em Campeane, na região de Tombali, na Guiné-Bissau, graduando-se em jornalismo na França. Atuou como Secretário da Informação da Guiné-Bissau por dois mandatos. Em 1995, fundou a Rádio Bombolom FM e, em 2013, tomou parte na criação da Associação de Escritores da Guiné-Bissau. Desempenhou, entre 2009 e 2012, as funções de Conselheiro e de Porta-Voz de Malam Bacai Sanhá, ex-Presidente da República da Guiné-Bissau.

Entre suas principais obras na esfera literária, contam-se as participações nas seguintes antologias coletivas de poesia, todas de elevada relevância histórica e estética para a arte da Guiné-Bissau: *Antologia Temática de Poesia Africana* (1976), com um poema; *Mantinhas para quem luta* (1977), com sete poemas; *Antologia Poética da Guiné-Bissau* (1990), com dezesseis poemas; *No Ritmo dos Tantãs* (1991), com um poema; *Eco do Pranto* (1992), com seis poemas; e *Portuguesia* (2009), com cinco poemas. Publicou, ademais, composições em revistas da Guiné-Bissau, da França e da Alemanha. (Campato Jr., 2016).

Aderindo a uma feição nuclearmente política, a arte de Agnelo Regalla está em consonância com boa parcela de sua biografia. Isso porque o poeta, para além de ter vivenciado o colonialismo e a guerra de independência na Guiné-Bissau, foi membro do Comitê Central do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde, o PAIGC, tendo sido, em duas oportunidades, eleito deputado na Assembleia Popular Nacional. Em decorrência de uma biografia de lutas, é compreensível que o conteúdo social seja o protagonista de seus versos. Trata-se de poesia militante para a qual importa propagar com eficiência mensagem libertadora e conscientizadora aliada à intermediação da arte.

O texto de Agnelo Regalla em análise é “Poema de um Assimilado”, clássico das literaturas africanas de língua portuguesa, vindo a lume em Conacri, no ano de 1973, antes, pois, da independência guineense. Foi publicado na coletânea *Mantinhas para quem Luta*. A criação tematiza a ideologia da assimilação. Concebida no contexto do Estatuto do Indigenato (1929-1961), e intensificada durante a ditadura de António Salazar, a assimilação admitia reconhecer os africanos como civilizados com a rigorosa condição de que aceitassem passar por um processo identitário de europeização. Para que essa nova condição se consumasse, cabia ao colonizados abandonar

vestimentas, costumes, religião, línguas originais em favor de um modo europeu de ser e de se comportar. (Rusell Hamilton (2006, p.xii):

No juízo de Munanga (2009, p. 83), a assimilação cultural consiste no “processo pelo qual o negro colonizado deveria adotar a cultura do branco colonizador, para nela se integrar”. À primeira vista, o evento poderia ser recepcionado favoravelmente, já que se apresentaria a possibilidade de diminuir a distância entre os “comandados” e os “comandantes”. Todavia, o projeto ocultava um posicionamento colonizador, que poderia, por sinal, conduzir o colonizado a adotar a autoimagem que o dominador queria lhe impingir.

Segundo Souza (2019, p. 84), tornavam-se assimilados

os membros da população nativa que fossem falantes de português e adotassem hábitos europeus como comer de garfo e faca, ter religião católica e abandonar a prática da cultura(s) africana(s). Essas pessoas deixariam de ser chamados de indígenas para serem considerados assimilados, uma espécie de civilizados de segunda ordem, abaixo dos portugueses, que são civilizados desde o nascimento.

Eis “Poema de um Assimilado”:

Fui levado
A conhecer a Nona Sinfonia
Beethoven e Mozart
Na música
Dante, Petrarca e Bocácio
Na literatura.
Fui levado a conhecer
A sua cultura...
Mas de ti, Mãe África,
Que conheço eu de ti?
Que conheço eu de ti?
A não ser o que me impingiram?
O tribalismo, o subdesenvolvimento,
E a fome e a miséria
Como complementos...
Não me falaram de ti
E dos teus filhos, Mãe África.
Esqueceram-se
De Samory e Abdelkader,
Cabral e Modlane,
Lumumba e Henda,
Lutuli e Ben Barka.
Não me falaram da revolução
De Canhe Na N’Tuguê e Domingos Ramos
De Areolino e Pansau,
De Guerra Mendes e Ludjero
Mas falaram-me dos Bandas e Honórios,
Dos que te esqueceram

E fugiram à doce melodia
Dos Corás.

(Regalla, 1993, p.15-16)

Antes de avançar na análise retórica proposta, vale a pena transcrever as palavras esclarecedoras de Augel (1998, p.190) a respeito de “Poema de um Assimilado”:

Os jovens intelectuais dos primeiros momentos da pátria libertada conhecem muito bem a ambiguidade em que vive o africano esclarecido e consciente, sofrendo as consequências da secular colonização que traz consigo o alheamento, o desenraizamento por parte do colonizado. A perda de seus valores, distanciando-se da sua cultura ao esforçar por internalizar, por oportunismo ou por educação, valores alienígenas, provoca um grande drama interior, fazendo-o estranho e estrangeiro dentro do seu próprio país. O assimilado é um ser ambivalente e controverso. E o motivo desse estranhamento e dessa alienação, que vem provocar uma verdadeira ruptura na identidade africana, é expresso de modo exemplar por Agnelo Regalla

Esposando a terminologia de Amossy (2018) e julgando a argumentatividade inerente a qualquer discurso (Grácio, 2013), em “Poema de um Assimilado”, está-se diante de um discurso de dimensão argumentativa e não de visada argumentativa. Isto quer dizer que a composição de Regalla não se exhibe explicitamente como um texto arquitetado deliberada e explicitamente para persuadir, para impactar retoricamente, como é o caso de um manifesto, de um editorial, de um sermão, de um debate eleitoral, de uma sustentação no tribunal, em que a intenção de persuadir mostra-se a própria razão de existência do texto. “Poema de um Assimilado” é, de preferência, um poema do modo lírico-confessional, escrito com a finalidade de ser reconhecido, principalmente, como um poema e para ser lido e valorado como tal, solicitando, por isso, certo protocolo convencional de leitura literária. Apesar disso, textos de dimensão argumentativa apresentam configurações persuasivas em seu projeto estético, e, no texto de Regalla, essa configuração é saliente, contribuindo de forma decisiva para a produção de sentidos do texto. Essa quase indecisão entre visada e dimensão argumentativa explica-se, para além da faceta militante da literatura guineense, como uma entre as várias tensões que o texto enuncia.

O poema compõe um discurso originário de uma questão envolvendo posições, que, por sua vez, dão existência a partidos contrários cada um dos quais defendendo, concretamente ou apenas virtualmente, uma proposição ou tese singular. A situação retórica estriba-se numa tomada de posição do eu lírico/orador diante de uma questão dialética que gira em torno da identidade híbrida de um cidadão que, nascido em país colonizado, é tornado/torna-se assimilado. Uma das muitas possibilidades de verbalizar essa questão seria a seguinte: “A negociação identitária de um assimilado ocorre de forma tensa ou distensa?”. Trata-se de pergunta dialética cuja resposta não se enquadra no

campo da ciência nem dos fatos, mas apenas do verossímil e das opiniões, que é exatamente o mundo da retórica.

No que atende ao estado da questão, o orador não nega que tenha existido uma tensão, uma fragmentação identitária responsável por seu desconforto existencial e político, o qual se tornou tema e título do poema em análise. Também não nega – mesmo que isso esteja expresso nas entrelinhas do texto – que essa tensão é relativa a aceitar ou não um processo chamado de assimilação muito em virtude de uma ignorância que o conduziram a ter. Com exatidão, pode-se asseverar que a causa que alimenta o debate não se situa nem no estado da conjectura nem no estado da definição. O orador sinaliza, pelo contrário, que o centro do embate retórico se posiciona nas circunstâncias que explicam ou relativizam a assimilação.

O poema configura-se como um projeto retórico por meio do qual o orador/eu lírico quer persuadir – ainda que com a intermediação do modo lírico - o auditório da tese segundo a qual levaram a ter uma vida de alienação identitária em que a cultura europeia do colonizador foi valorizada demasiadamente em detrimento da cultura guineense, numa hierarquização de valores de base assimilacionista, na qual o importado reveste-se de um status mais valorizado do que o nativo. Desde já, fique assente que o poema é, nas suas linhas fundamentais, um caso em que a vivência do orador pode servir de lição mostrando que sua experiência particular pode ilustrar e esclarecer o estado de muitos africanos. Para além da lição, não se deve esquecer seu alcance modelar, o que só intensifica a persuasão.

Tal posicionamento alienado – quer igualmente o orador provar - não lhe sobreveio naturalmente, mas procedeu, ao mesmo tempo, de injunção sistemática, voluntária e calculada do europeu que desejou fazer do africano o “outro”, o marginal e o periférico, para, em seguida, cooptá-lo em direção ao centro, o que equivale a dizer para o Ocidente imperial. A cooptação foi tão bem realizada que o orador ficou em estado de ignorância em relação à realidade guineense, mormente em suas facetas mais positivas. Ao que tudo indica, a tensão que move o orador em seu discurso proveio principalmente de um projeto ideológico europeu, mas também de uma relativa apatia do próprio orador em romper com essa ignorância.

A assimilação ilustra o discurso imperial que pode conceder foros de civilidade aos outros e agir contrariamente a uma eventual visão multicultural da realidade. O multiculturalismo refere-se à coexistência entre grupos étnicos e culturalmente diferentes em uma sociedade pluralista (Cashmore, 1996, p.371). Candau (2010) enumera três abordagens habituais do fenômeno multicultural: a assimilacionista (incorporação de todos numa cultura hegemônica), a diferencialista (reconhecimento das diferenças e em espaços próprios e específicos) e a interativa (promoção da inter-relação de

diferentes grupos culturais, concebendo as culturas em contínuo processo de elaboração; hibridização cultural). Da presença ou não da prática multicultural dependerá um proceder que reconheça o outro, uma educação aberta para o diálogo e para a negociação cultural e que favoreça a construção de um projeto humano comum.

A imposição no caso em estudo deixa-se fixar, pela vertente linguística, no manuseio de numerosas formas verbais do poema: “fui levado a”, “não me falaram de”, “a não ser o que me impingiram”, “mas falaram-me de”. É como se o orador pretendesse convencer o auditório de que a ação externa do colonizador dá azo a uma lavagem cerebral à qual muito dificilmente se resiste. E, se ele foi atingido, qualquer um pode sê-lo, num raciocínio patético que busca provocar a piedade e o temor no auditório. Por certo que essa conscientização ocasiona um drama interior no eu lírico, expresso, de quando em quando, por sentimento de relativa culpa, como na apóstrofe de sabor altissonante: “Mas de ti, Mãe África, / Que conheço eu de ti? / Que conheço eu de ti”, que, também, por conta da repetição dos versos, acaba por atingir a camada mais emotiva do auditório, fortalecendo a comunhão entre o orador e o auditório, bem como captando sua atenção.

Ainda sobre o autor-orador, cuide-se para não passar despercebido que ele possui reputação prévia (*ethos* pré-discursivo) positiva, que não se choca com os valores da maioria dos leitores do poema, a não ser a minoria colonialista da Guiné-Bissau: trata-se de Agnello Regalla. Regalla, diante de assunto controverso, endereça-se, com autoridade e conhecimento de causa (provas éticas), ao auditório visando persuadi-lo a respeito de uma questão de vivo interesse para uma coletividade. No mais, é válido ressaltar o quanto o orador inscreve suas marcas na materialidade do discurso mediante o emprego de formas verbais e pronomes que remetem à primeira pessoa gramatical, acentuando a presença do orador na consciência do auditório.

Cumpra tentar caracterizar, na medida do possível, o auditório que o poema-discurso de Agnelo Regalla, dotado de relativa consciência, constrói e busca influenciar explícita ou implicitamente pela argumentação. Apesar das lacunas, fluidez e incertezas desse exercício de crítica retórica, é inescapável que se trata de um público interlocutor interessado em questões político-históricas, no contexto das quais sobressai o problema do colonialismo, do pós-colonialismo, da colonialidade e da identidade.

Mais particularmente, o auditório pretendido guarda fortes implicações com a cultura lusitana e com sua presença na África, de cuja civilização os leitores também exibem determinado conhecimento, sendo as alusões do orador à história da África prova inequívoca disso e uma estratégia para estabelecer um eficaz sentimento de comunhão. O discurso de Regalla, igualmente, ao reproduzir um diálogo, constrói um auditório interno, o próprio continente africano, a quem se dirige nominalmente por várias

ocasiões, intensificando a carga emotiva do poema e oferecendo força às provas éticas, que apontariam, assim, para uma relação de intimidade com uma África personificada, com quem o enunciador tem a máxima intimidade para se dirigir.

Ao meditar a respeito da alienação e do fato de que tentaram inculcar-lhe, à força, imagem negativa e desfocada de sua cultura e de seu povo (o tribalismo, a fome, a miséria, o subdesenvolvimento surgidos numa enumeração intensificadora e patética), o eu lírico parece dar um passo em direção a uma conscientização, a uma afirmação cultural e a busca de uma identidade renovada, ao mesmo tempo, coletiva e singular, que passa pela africanidade, pela negritude e pela guienidade, num enfrentamento de valores e de sua hierarquia,

Representar negativamente a cultura autóctone do africano – artifício que o sujeito poético/orador desvenda – é típico do discurso colonial. Nas palavras de Homi K. Bhabha (2007, p.111), tal discurso tem por finalidade “apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução”.

É como foi atrás aludido uma junção eurocêntrica e racista da veiculação dos mitos sobre os nativos associados à visão civilizadora ocidental. Isso tudo termina por oferecer ensejo ao orador para avançar o discurso de molde a sistematizar uma oposição bem clara entre africanos e europeus colonialistas. Os últimos empenham-se num processo cujo objetivo final é denegrir a identidade dos habitantes da África pela ignorância de sua cultura; os primeiros militam na direção de desconstruir esse objetivo e reconstruir uma imagem positiva da África.

Por conta disso, um dos processos argumentativos mais importantes de que o orador se vale avizinha-se do argumento por dissociação (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 1998; Fiorin, 2015). No caso, dissociação da noção de África, que, de constructo uno e inteiriço, passa a ser uma realidade complexa não apenas constituída dos tópicos que os europeus querem divulgar e sedimentar sobre ela na mente do auditório, mas também daquilo que deve ser enaltecido como sendo características da África que sempre foram caladas por motivos ideológicos e por interesses políticos e econômicos.

Nessa mesma esfera argumentativa, identifica-se uma tentativa de revelar que a aparência do continente africano é enganosa, devendo sua essência ser exposta urgentemente. Isso porque é de rotina associar uma suposta inferioridade da África em relação à superioridade da Europa como sendo da ordem da pobreza econômica e cultural, num par mecanicamente associado: Europa >África, em que o primeiro termo é avaliado positivamente de forma maniqueísta e distante da neutralidade.

Assim sendo e apesar de seu relativo estado de ignorância, o orador contrapõe a cada dado da realidade africana que repercute mal informações que, diferentemente, exemplificam uma África da

qual os africanos têm de se orgulhar no campo da arte, dos costumes, dos líderes políticos, dos heróis nacionais, entre outros elementos com os quais se desconstrói uma visão distorcida, que tentava reduzir a África múltipla a uma realidade una e engessada. Eis uma das estratégias – quer afirmar o orador – usadas para que os africanos se distanciem da sua identidade primeira e desejem aproximar-se de outras culturas às quais querem se assimilar de corpo e alma. Se bem que nesses aspectos sobressaia um fato subjetivo, há um processo exterior que torna alheios os africanos ao valor de suas terras e hábitos. É um processo seletivo e ideológico que se cala a respeito das coisas boas e divulga aos quatro cantos o que existe de pernicioso na África.

Nesta altura das ponderações, vale ocupar-se, embora brevemente, dos gêneros retóricos nos quais se enquadra “Poema de um Assimilado”. Predomina o gênero judiciário na medida em que o discurso se volta ao passado refletindo a propósito do processo de assimilação imposto ou nem tanto ao orador e de sua posterior descoberta. O orador semelha, a um só tempo, acusar-se (não reagiu devidamente à ignorância, sendo passivo) e defender-se (o fato de ter sido vítima de ação orquestrada poderosa) do distanciamento em relação à África, originado daí uma tensão identitária que percorre o texto por inteiro. No gênero judiciário, o auditório age como um juiz, condenando ou absolvendo, com base nos valores do justo e do injusto, daí a razão do esforço argumentativo do orador.

Similarmente, reconhecem-se traços do gênero deliberativo em “Poema de um Assimilado”. Isso porque o texto também se projeta no tempo futuro haja vista que a argumentação do orador planeja ser válida também para as novas gerações de africanos que se depararão com questões identitárias. Nessa vertente, o texto constrói-se como um guia de aconselhamento futuro que se deseja útil, apontando para a necessidade de abandonar as mistificações nocivas sobre o continente africano, que deve ser abordado sem eurocentrismo e sem mitos sobre os nativos. Por fim, o texto de Regalla também se encaixa no gênero epidítico ou laudatório, pois é possível significá-lo como um discurso de louvor, de renovação positiva dos valores africanos, gerando uma atitude no auditório de revalorizar-se como africano e como negro com base no bom e no belo.

Os três versos com os quais o texto se encerra (“Dos que te esqueceram / E fugiram / À doce melodia dos Corás”) ostenta apreciável fecho lírico, além de condensar expressivo pensamento desenvolvido durante o poema. Sob esse prisma, atente-se para as palavras de Martinho (1978, p.160), no ensaio publicado no segundo número da revista *África*: “No final do poema, ‘a doce melodia / doscorás’ assume a dimensão emblemática dos valores traídos pelos africanos que não puseram em questão a cultura do colonizador”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao submeter “O Poema de um Assimilado” ao modelo retórico de análise textual, cunhado por Dante Tringali (1988, 2014) com esteio em Aristóteles e em outros retores antigos de destacado relevo, programou-se realçar de maneira sistemática o quanto o texto de Agnelo Regalla deve considerável quinhão de seu significado à técnica retórica, técnica esta que, no decorrer de fartos anos, constituiu o repertório intelectual de inúmeros acadêmicos, estudiosos e artistas, quer seja diretamente, quer seja indiretamente.

A retórica no exame do poema/discurso em tela explicitou e problematizou o quanto a questão da identidade cultural está imersa em oceano profundo de complexidades, contradições e indefinições, culminando no tensionamento gerado pela assimilação, condição social, cultural e histórica a que chegou o orador/eu-lírico/autor do texto.

O orador tira partido das estratégias da retórica com vistas a tentar persuadir o auditório de sua existência desconfortável – e inelutável, quase se diria - diante da condição de assimilado, que não deixa de ser um uma condição também produzida pela ação da palavra e do discurso da elite. Ao fim e ao cabo, o orador demanda compreensão de seu destino relativamente vexatório, mas, na mesma proporção, parece alertar, com certo empenho, os que ainda virão a não cometerem o mesmo erro de cair na alienação por força da ignorância, da passividade e do preconceito que surge dos outros. Nada em questões identitária é simples.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. (2018). *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto.
- ASCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (2012). *L'empire vous répond: théorie et pratiques des littératures post-coloniales*. Bourdeaux: Presses Universitaires de Bordeaux.
- AUGEL, M. P. (1998). *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, (Coleção Kebur, 8).
- BARBUJANI, G. (2007). *A invenção das raças*. São Paulo: Contexto.
- BHABHA, H. K. (2007). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- BONNICI, T. (2005). *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringa: Eduem.
- CAMPATO JR. J. A. (2013). *A Poesia da Guiné-Bissau: história e crítica*. São Paulo: Arte & Ciência.

- CAMPATO, JR., J. A. (2016). *Manual de literaturas de língua portuguesa: Portugal, Brasil, África Lusófona e Timor-Leste*. Curitiba: CRV; Rio de Janeiro: OPLOP.
- CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. (2010). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 5.ed. Petrópolis Vozes.
- CASHMORE, E. (Org.) (2000). *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus.
- CHARAUDEAU, P. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, G. P; LIMBERTI, R. P. (2015). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto.
- COUTO, H. H.; EMBALÓ, F. (2010). Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Um país de CPLP. *Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, Pápiá*, n. 20, Brasília, 256 p.
- FIORIN, J. L. (2015). *A argumentação*. São Paulo: Contexto.
- GOMES, A; CAVACA, F. (1997). *A literatura na Guiné-Bissau*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- GRACIO, R. A. (2013). *Vocabulário crítico de argumentação*. Coimbra: Grácio Editor.
- GUIMARÃES, A. S. A. (2009). *Racismo e antirracismo no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Editora 34.
- HALL, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- HAMILTON, R. Introdução. In: SEPÚLVEDA, M. C.; SALGADO, M. T. (2006). *África & Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul: Yendis.
- KOCH, I. G. V. (2010). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- LOPES, N. (2004). *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro.
- MARTINHO, F. J. B. (1978). A nova poesia da Guiné-Bissau. *África*, Lisboa, v.1, n.2, p.157-163.
- MOITA LOPES, L. P. (2002). *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras.
- MUNANGA, K. (2009). *Negritude: usos e sentidos*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. (1996). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- REBOUL, Olivier. (2004). *Introdução à retórica*: São Paulo: Martins Fontes.
- REGALLA, A. (1993). Poema de um assimilado. In: *Mantinhas paraquem luta: a nova poesia da Guiné*. 2.ed. Bissau: Conselho Nacional de Cultura, p.15-16.
- RIBEIRO, M. A. (1997). Guiné-Bissau. In: *Biblos*. Lisboa: Editorial Verbo, v.2. p.934-938.

RODRIGUES, A. D. (1996). *Dimensões pragmáticas do sentido*. Lisboa: Cosmos.

SOUZA, S. P. (2019). Educação em Moçambique: a política do assimilado trilhando o caminho de privilégio da língua portuguesa no ensino. *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), v. 5, n. 1, p. 77-91.

TRAVAGLIA, L. C. (2009). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática*. São Paulo: Cortez.

TRINGALI, D. (2014). *A retórica antiga e as outras retóricas: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Musa.

TRINGALI, D. (1988). *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades.

[Digite texto]



A ARGUMENTAÇÃO NA CANTIGA DE CAPOEIRA “DONA ISABEL”, DE TONI VARGAS: EM BUSCA DA VERDADE E DA LIBERDADE

Dalila Maria Silva de Macedo
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: dalilamariabm@ufpi.edu.br

João Benvindo de Moura
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: jbenvindo@ufpi.edu.br

Resumo: Este trabalho busca analisar, a partir do viés argumentativo, uma cantiga de capoeira que aborda como temática os verdadeiros abolicionistas da escravização. Para tanto, utilizamos como referencial teórico-metodológico a Análise do Discurso Semiolinguística de Patrick Charaudeau, com ênfase na organização argumentativa do discurso. O *corpus* é composto por uma cantiga de capoeira intitulada “Dona Isabel”, de Toni Vargas, publicada na plataforma *YouTube*, em 2019. Os resultados revelam asserções de partida que procuram expor uma nova visão de mundo em relação aos verdadeiros abolicionistas da escravização. Já as asserções de passagem são representadas a partir das ações dos negros escravizados durante esse período. Os discursos destacam como modos de encadeamento a oposição, a causa e a consequência, no eixo do obrigatório. Quanto aos procedimentos da lógica argumentativa, observamos o modo de raciocínio da dedução, da explicação e da escolha alternativa. O dispositivo argumentativo é formado a partir de um projeto de fala que se utiliza de uma situação de troca monológica. Assim, concluímos que as cantigas possuem sujeitos que interagem entre si e que buscam romper e ressignificar imaginários relacionados aos verdadeiros responsáveis pela abolição da escravização, expondo a situação comunicativa em que tais discursos foram organizados.

Palavras-chave: *Semiolinguística; Escravização; Argumentação.*

Abstract: This study analyzes into the argumentative mode employed in a capoeira song that challenges the conventional narrative of abolitionism, emphasizing the contributions of enslaved Africans in bringing an end to slavery. To achieve this, we adopted Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Discourse Analysis as a theoretical and methodological framework, with a focus on the argumentative mode of organization. The corpus comprises a capoeira song "Dona Isabel" by Toni Vargas, released on YouTube in 2019. The analysis reveals the enunciator's initial proposal, which presents a new perspective on who really defended the abolition of slavery. This statement is followed by a passing statement that highlights the actions of enslaved Africans during this period. The discourses employ chaining modes, including opposition, cause, effect, obligatory axis, tailored to a specific case. In terms of argumentative logic, music employs deductive, explanatory and alternative modes of reasoning. The argumentative device is constructed through a speech project that uses a monological exchange situation. In conclusion, the results demonstrate that capoeira songs present interacting subjects who strive to break and give new meaning to the predominant narratives about those truly responsible for the abolition of slavery. Furthermore, the study highlights the communicative context in which these discourses are organized.

Keywords: *Semiolinguistics; Enslavement; Argumentation.*

INTRODUÇÃO

A Teoria Semiolinguística (TS) aborda nos seus estudos e análises diversos *corpora* sob um olhar discursivo e psicossocial. No meio dessa diversidade, nos debruçamos sobre as cantigas de capoeira, objeto de estudo deste trabalho, o que consideramos uma inovação na aplicabilidade desse campo linguístico-discursivo, proporcionando novas compreensões e possibilidades de análise.

A capoeira foi por muito tempo marginalizada e excluída pela sociedade brasileira. Segundo Silva (2008, p. 28) “a capoeira teve um longo caminho no processo de crescimento e reconhecimento da arte, momentos que marcaram sua importância para o povo brasileiro”. Diante disso, as cantigas de capoeira surgem não só para descrever a arte/jogo/dança/luta, como muitos ainda não sabem definir, surge também com o objetivo comunicativo de denunciar fatos, criticar comportamentos e contar histórias de um povo escravizado e maltratado ao longo de séculos.

Desse modo, faz-se presente a necessidade em analisar a cantiga de capoeira “Dona Isabel” com base na organização dos discursos. A composição dos modos de organização dos discursos, definidos por Charaudeau (2008), os configura como meios essenciais para a realização das análises e da compreensão de tais discursos, tendo em vista que se voltam para uma finalidade comunicativa. Além de que, especificamente, o modo de organização argumentativo busca ativar o racional lógico do sujeito, de modo que ele possa convencer e persuadir a mudança de comportamento do interlocutor.

Baseado nisso, esse trabalho tem como principal objetivo analisar a organização argumentativa de uma cantiga de capoeira que retrata o período da escravização no Brasil e a atualidade, compreendendo também os elementos e estratégias argumentativas para alcançar a finalidade.

É importante ressaltar, ainda, que tal trabalho partiu de uma escolha pessoal dos autores, reconhecendo a importância de trazer o gênero discursivo cantiga de capoeira para dentro da academia, explorando a produção de sentidos que dele emana, sua musicalidade, além de sua relevância social e cultural. Tal atitude põe em evidência questões socioculturais no campo científico, no intuito de provocar discussões e, conseqüentemente, mudanças no cenário social atual, quando nos referimos ao racismo e à discriminação.

O ATO DE LINGUAGEM E OS SUJEITOS DO DISCURSO

O ato de linguagem é uma categoria pertencente a Teoria Semiolingüística (TS), uma corrente teórica da Análise do Discurso que surgiu por volta de 1980 a partir das pesquisas do linguista francês Patrick Charaudeau, tendo encontrado terreno fértil no solo brasileiro. É de conhecimento dos pesquisadores e estudiosos da área, a capacidade que a ADS (Análise do Discurso Semiolingüística) tem de englobar diversos estudos para análise, além de compreender o papel dos sujeitos no discurso, suas intencionalidades e suas influências no processo de semiotização do mundo a partir de um contexto psicossocial.

Nessa perspectiva, Charaudeau (2001), destaca em sua teoria a importância e os papéis dos sujeitos do discurso, indo de encontro com os objetos de estudo das outras teorias lingüísticas mais valorizadas, como o estruturalismo, por exemplo, que focava seus estudos na estrutura interna da língua. Esses estudos tiveram forte influência da Teoria da Enunciação e, posteriormente, de outras correntes teóricas como a Pragmática, a Semiótica e a Psicologia Social.

Macêdo (2022) usa os estudos de Charaudeau para afirmar que a Semiolingüística engloba as dimensões implícita e explícita no estudo da linguagem e que ela é o produto de um meio social e dos aspectos psicológicos dos sujeitos que interagem entre si na construção e realização do discurso. Para entender melhor essas dimensões, Charaudeau (2001, p. 26) afirma:

discurso está relacionado ao fenômeno da encenação do ato de linguagem. Esta encenação depende de um dispositivo que compreende dois circuitos: um circuito externo, que representa o lugar do *fazer psicossocial* (o situacional) e um circuito interno que representa o lugar da *organização do dizer*.

A definição do ato de linguagem está interligada com as dimensões que fazem parte dos discursos, considerando as outras composições dadas por Charaudeau para formalizar o processo de

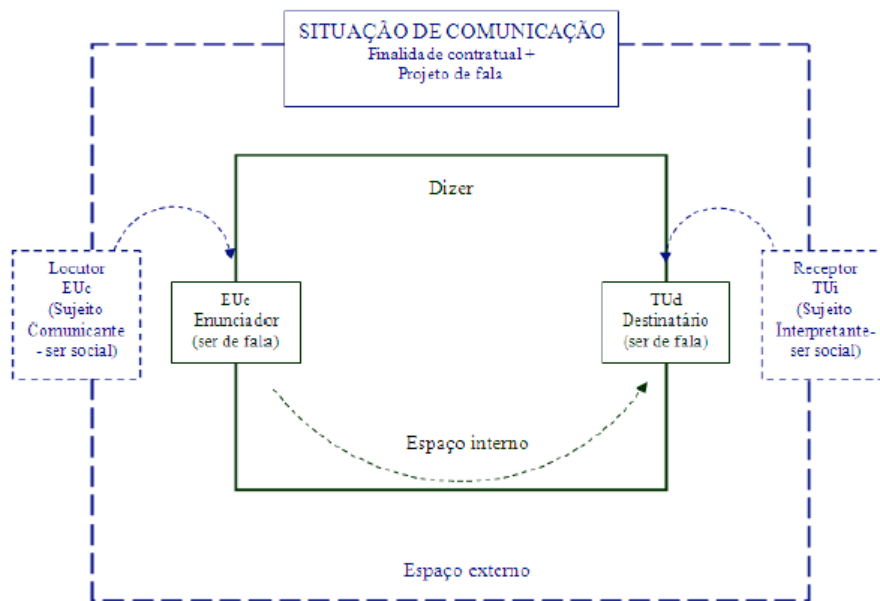
semiotização de mundo. Charaudeau (2001, p. 28) considera “o ato de linguagem uma totalidade que se compõe de um circuito externo (fazer) e de um circuito interno (dizer), indissociáveis um do outro”. Assim, podemos entender que o ato de linguagem é um fenômeno que relaciona o grupo/contexto social do sujeito com a encenação discursiva que promove uma interação entre os seres dos discursos, os quais possuem uma intencionalidade, para produzir a significação das coisas do mundo, seja de forma consciente ou não.

Dessa forma, essas composições do ato de linguagem são baseadas nas Circunstâncias do Discurso. Para Machado (2019) as Circunstâncias do Discurso são meios compostos por saberes compartilhados pelos sujeitos, que determinam as condições para a realização de um determinado discurso, ou seja, essas circunstâncias estabelecem a configuração e a construção de um ato de linguagem.

Os elementos destacados até agora contribuem para a construção de um quadro teórico do ato de linguagem. Vejamos abaixo:

Figura 1

Representação do ato de linguagem



Fonte: Charaudeau (2008)

No quadro acima, percebemos a organização e a função dos sujeitos do discurso dentro das dimensões do *dizer* e do *fazer*. Corrêa-Rosado (2014) afirma que as duas dimensões surgem das circunstâncias do discurso e são inseparáveis. Assim, Charaudeau (2001) determina que a semiótica de mundo é formada pela participação ativa dos sujeitos: Eu enunciador (Eue), Eu comunicante (Euc), Tu destinatário (Tud) e Tu interpretante (Tui).

No circuito externo (*fazer*) o Euc e o Tui se caracterizam como parceiros e são considerados como seres sociais. O Euc é um ser real, que planeja a encenação a ser realizada por outro sujeito. E o Tui seria qualquer interlocutor que reaja, interprete, interaja com a proposta do enunciador. Sobre essa instância, não há qualquer controle.

No circuito interno (*dizer*) o Eue e o Tud são considerados protagonistas e seres de fala. O Eue coloca em prática a encenação idealizada pelo comunicante. É ele quem realiza e projeta o discurso planejado e construído no ato de linguagem. O Tud é o sujeito idealizado, uma projeção a partir da ótica do Euc. Trata-se do público-alvo para o qual se destina a enunciação.

É importante compreender como acontece a construção e a realização da encenação discursiva através do ato de linguagem, pois os sujeitos, as circunstâncias do discurso e as informações explícitas e implícitas também estão presentes em outros aspectos do discurso e contribuem, ainda, para o modo como ele é organizado.

MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

Os modos de organização do discurso fazem parte do arcabouço teórico da Semiologia e são essenciais para se compreender a realização da comunicação durante o ato de linguagem. De acordo com Charaudeau (2008), os modos de organização se voltam para a finalidade comunicativa do discurso por meio de categorias de língua, estas sendo: enunciativa, descritiva, narrativa e argumentativa. Cada categoria tem sua organização do discurso de acordo com o projeto de fala do sujeito comunicante.

Essas categorias exigem organizações baseadas em dois princípios: mundo referencial e a organização da encenação desses mundos construídos. Tessaro (2016), ao analisar um artigo científico a partir dos modos de organização do discurso, observa que todos eles podem estar presentes em um mesmo discurso, ainda que o modo enunciativo possa servir de base para todos os outros.

Considerando-se o corpus deste trabalho, por razões metodológicas, nosso foco será o modo de organização argumentativo, ainda que reconheçamos a importância de todos os outros. Vale ressaltar

que esse modo de organização tem a intenção de legitimar uma encenação a partir da argumentação e da persuasão.

Apesar dessa reflexão, é válido esclarecer que nem todo ato de linguagem é realizado para persuadir um sujeito a concordar ou discordar de alguma coisa, ainda que as encenações possuam, naturalmente, certa manipulação sobre os interlocutores. Conforme Moura (2011, p.3).

A princípio, o ato de utilizar a palavra nem sempre se destina a convencer alguém de alguma coisa. No nosso cotidiano podemos encontrar diversos textos que não possuem orientação estritamente argumentativa. Entretanto, mesmo não tendo a intenção de convencer, toda situação comunicativa acaba por exercer alguma influência, orientando maneiras de ver e de pensar. (Moura, 2011, p.3)

Dessa maneira, o modo argumentativo considera relevante o pensamento humano como resultado das experiências dos sujeitos, além de que a argumentação realizada pode ser validada e anulada a depender da contestação de alguém.

Tendo em vista o contexto de surgimento da argumentação, “...a própria existência da sociedade pressupõe a presença imprescindível do ato de argumentar. Em nosso dia a dia estamos constantemente em processo de interação com o outro, interferindo na sua maneira de pensar, agir e sentir.” (Moura, 2011, p.3). Um outro ponto inicial da argumentação ocorreu na Antiguidade através da retórica dos gregos que a utilizavam como a “arte de falar” para persuadir os sujeitos, trazendo como estratégia o dizer comovente e não necessariamente verdadeiro. A partir dessa reflexão, a argumentação se compreende em uma dupla articulação: racional, desvinculada das emoções e voltada para a linguagem formal; e persuasiva, que se utiliza da comoção como elemento para a realização argumentativa.

MODO ARGUMENTATIVO

Em conformidade com a introdução do modo argumentativo, importa refletir sobre conceitos que o integram. Charaudeau (2008) define argumentação como um ato discursivo que envolve elementos racionais lógicos explícitos e implícitos, ou seja, uma simples sentença, a depender do contexto de realização, pode ativar, implicitamente, um significado maior e expressar o que o sujeito discursivo quer realmente dizer. Pode-se perceber uma dimensão argumentativa em gêneros discursivos diversos, tais como os anúncios publicitários, as postagens políticas, as cantigas, dentre tantos outros. Além disso, é válido enfatizar que a argumentação vai além de discordar ou concordar, pois carrega

características individuais e coletivas de quem a realiza e traz mais informações do que uma simples resposta de “sim ou não”.

Dessa maneira, a argumentação busca ativar o racional lógico do sujeito, de modo que ele possa convencer, persuadir e provocar uma mudança de comportamento do interlocutor. Sendo assim, conforme Charaudeau (2008), a argumentação inicia-se com uma proposta sobre o mundo, a qual coloca em indagação a legitimidade da informação. Em seguida deve haver dois sujeitos, um persuasivo, que busque por meio da racionalização propor uma verdade individual ou geral, e um interlocutor/destinatário que vai agir perante a proposta.

O sujeito, através da sua argumentação vai fazer buscas para alcançar uma veracidade. A primeira busca seria de um “mais verdadeiro”, que vai depender dos imaginários sociodiscursivos (conhecimentos socialmente compartilhados) de um determinado grupo social e a outra seria a busca “de influência”, a qual vai tentar compartilhar uma verdade universal e apresenta-se por meio de um arcabouço racional lógico utilizando-se da sedução, recurso presente nos modos narrativo e descritivo.

Portanto, é compreensível que a argumentação não seja um modo organizado somente pelo racional lógico ou somente com intenções de manipulação do interlocutor a aderir a uma única verdade de mundo. A argumentação vai intencionar a capacidade de persuadir um interlocutor, mas com a possibilidade de que ele possa concordar ou não, levando em conta a não contradição e a interação discursiva que possam ter na comunicação.

Desse ponto de vista, o modo argumentativo é realizado de forma dialógica, escrita ou oratória. A argumentação pode representar suas propostas de mundo, de maneira demonstrativa ou persuasiva, através de explicações. A razão demonstrativa visa impor causalidades construindo uma lógica argumentativa; já a razão persuasiva vai tentar provar as asserções de mundo através de argumentos que são dependentes da encenação argumentativa.

Em virtude do proposto acima, é válido o aprofundamento dessas duas causalidades. A começar pela lógica argumentativa, a qual utiliza da razão e do raciocínio para sua realização. Tais raciocínios voltam-se para a dedução, explicação, associação, escolha, alternativa e para a concessão restritiva. Essa lógica utiliza como ferramentas argumentativas a proposta, a proposição e a persuasão e é composta por alguns componentes: a relação argumentativa, o modo de encadeamento, as condições de realização e o escopo do valor de verdade.

A relação argumentativa vai contar com elementos necessários para a sua composição, sendo a informação inicial dada pelo sujeito locutor (asserção de partida), a interferência da mensagem e a resposta (asserção de passagem) e o resultado representado pelo interlocutor (asserção de chegada).

A asserção de partida, vai ser um momento primordial da lógica argumentativa, pois é quando a informação sobre o mundo é exposta por um sujeito e a partir dela é que se tem a continuidade da argumentação, ou seja, "... representando um dado de partida destinado a fazer admitir uma outra asserção em relação à qual ela se justifica" (Charaudeau, 2008, p. 209). Já a asserção de passagem é uma relação direta que ocorre entre a asserção de partida e a de chegada, sendo uma prova ou um argumento que verifica e que convence os interlocutores a aceitarem a proposta. Quanto à asserção de chegada, ela determina os resultados e, portanto, a legitimidade da proposta, além de estabelecer relações de causalidade ou de consequência com a asserção de partida.

Ainda, é possível discorrer acerca dos modos de encadeamento e das condições e realização argumentativa. Charaudeau (2008), expõe que existem outras articulações lógicas que se encaixam no modo de encadeamento de causalidade da lógica argumentativa, em que estabelecem relações de sentido entre as asserções, as quais se resumem em conjunção, disjunção, restrição, oposição, causa, consequência e finalidade.

Além disso, quanto às condições da produção argumentativa pode-se compreender que durante a interferência ocorrida na relação de argumentação existem condições, ou seja, locais e funções em que ocorre a argumentação, chamadas de eixo do possível e eixo obrigatório. Outrossim, a lógica argumentativa ainda vai incluir um escopo de valor de verdade, o qual é compreendido como finalidades argumentativas que podem ser causadas de forma generalizada- abrangência de todos; particular- casos específicos a depender da circunstância do discurso; hipótese- a informação passa a ser uma suposição.

Além do mais, a composição da lógica argumentativa vai resultar em modos de raciocínios. Esses modos vão fazer parte da formação da encenação argumentativa e vão propor alguns elementos. A começar pela dedução, observa-se que é um raciocínio de conclusão dependente do que diz a asserção de partida, na qual é considerada todo o percurso e a interferência da argumentação, e podem se subdividir em dedução por silogismo, pragmática, cálculo ou condicional. Seguindo com o modo de raciocínio de explicação, compreende-se como um recurso que também se baseia na asserção de partida para alcançar o resultado, mas nesse modo a asserção de chegada é o motivador da proposta, ou seja, é a causa da asserção de partida. Esse modo também se subdivide em silogismo, pragmática, cálculo e hipotética.

Outro modo de raciocínio é a associação através da qual pode-se estabelecer uma situação de contrariedade ou de identidade na relação entre a asserção de partida e a de chegada. Já a associação de paradoxo é mais presente em textos intencionais de sedução. A associação de identidade utiliza bastante da repetição idêntica dos termos, mas pode causar redundância ou ambiguidade e até uma

fraca argumentação. Tem-se como modo também a alternativa, em que o raciocínio corrente se volta para a dedução e explicação vinculados aos conhecimentos de mundo dos interlocutores, e que estabelecem possibilidades para escolhas (de incompatibilidade, positivo/negativo, dois negativos/dois positivos). Por fim, existe o modo de raciocínio relacionado à concessão restritiva. É por meio dele que se determina a asserção de partida como verdadeira.

Assim sendo, é importante aprofundar acerca da própria encenação argumentativa que é também componente do modo argumentativo, a qual vai considerar importante o contrato de comunicação estabelecido pelos sujeitos e pela situação o discurso. Uma encenação argumentativa não se inscreve somente como uma asserção qualquer, ela deve estar inclusa em um dispositivo argumentativo para ser validada como tal. Como afirma Charaudeau (2008, p. 221) “Longe de pensar, como certos teóricos, que toda asserção é necessariamente argumentativa[...] toda asserção pode ser argumentativa desde que se inscreva num dispositivo argumentativo.”.

Posto isso, o dispositivo argumentativo vai ser composto por discursos realizados a partir de um contrato de fala, também pelos sujeitos que realizam a encenação e que tomam partido da argumentação e pelos meios semânticos, discursivos e de composição usados pelo sujeito argumentante. Esse dispositivo é organizado em uma estrutura de proposta – proposição- persuasão. A proposta é um conjunto de asserções que formam o processo argumentativo, a proposição seria a comprovação de que essa proposta é real e a persuasão é uma forma de convencer ou confirmar a encenação para que a proposição seja aceita pelo interlocutor.

As asserções feitas na proposta devem correlacionar os elementos explícitos e implícitos de forma que se complementem, essa proposta também é denominada de tese. Além disso, proposição é uma orientação para que o sujeito possa argumentar acerca da proposta colocando-se a favor ou contra ela. E é por meio dessa proposição que o sujeito vai elaborar a persuasão para convencer se algo é verdadeiro ou falso justificando ou refutando a proposta de maneira geral ou parcial. Entretanto, pode ocorrer também do sujeito não se posicionar quanto a proposta e essa falta de posicionamento pode ou não ser temporário, mas é considerada como uma proposta em questionamento ou em ponderação.

Isso posto, reflete-se também o uso do dispositivo argumentativo de acordo com a situação de comunicação que vai ser considerada no caráter de troca e no contrato de fala. A situação de troca recorre de maneira monologal, em que um sujeito realiza toda encenação estabelecendo a proposta, a proposição e a persuasão ou pode acontecer de maneira dialogal, na qual a encenação argumentativa acontece na interação linguageira. O contrato de comunicação é o mediador para a interpretação da encenação, essa ocorrendo de forma explícita ou implícita.

Outro ponto importante, é a posição que os sujeitos tomam perante aos elementos do dispositivo argumentativo, podendo colocar-se na posição em relação à proposta, ao emissor da proposta e em relação à própria argumentação. Portanto, para que a encenação argumentativa ocorra deve-se seguir procedimentos que verifiquem uma determinada encenação através da apresentação da situação e das intenções comunicativas além da forma que o sujeito destinatário recebe a proposta. Daí capta-se os procedimentos semânticos que compõem os domínios de avaliação- definição dos termos utilizados na argumentação- e dos valores- representações sociais de cada domínio de avaliação.

Outrossim, pode-se apontar também os procedimentos discursivos da encenação argumentativa, nos quais compõem: a definição- estratégia de qualificar ou descrever algo através do saber popular ou do saber científico e pode definir um ser ou um comportamento; a comparação- meio de reforço e de melhor compreensão, que realiza-se por semelhança, dessemelhança, objetiva ou subjetiva; a descrição narrativa- reforço da prova por meio da descrição; a citação- relato fiel de maneira escrita ou oral de um dizer, de uma experiência ou de um saber; a acumulação- uso de argumentos a partir de uma simples acumulação, de uma gradação ou de uma tautologia; e o questionamento- coloca em hipótese a proposta.

Por fim, os procedimentos de composição também fazem parte dessa encenação e vão ser necessários na produção do texto escrito ou oral do sujeito, esse procedimento organiza melhor a argumentação destacando uma certa ordem de elementos que forneça uma compreensão lógica e argumentativa. Esses procedimentos podem ser de caráter linear ou classificatória.

O modo argumentativo, assim como os outros modos, possuem um vasto compositório de categorias a serem analisadas nos diversos discursos, mas que são essenciais na construção de estratégias argumentativas para alcançar uma intencionalidade discursiva entre os sujeitos do ato de linguagem. É nessa perspectiva, que poderemos observar abaixo um exemplo da organização desse modo para a formalização de um discurso.

OS DIVERSOS SENTIDOS DE ABOLIÇÃO: UMA ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA

A cantiga coletada como *corpus* para análise desse trabalho possui como título “Dona Isabel” e foi composta pelo capoeirista Toni Vargas, sua publicação foi feita na plataforma *Youtube* no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=NIU2daD9HY4>.

Dona Isabel

Código Penal da República dos Estados Unidos Do Brasil

Decreto número 847

De 11 de outubro de 1890

Capítulo 13

Dos vadios e capoeiras

Artigo 402

“Fazer nas ruas e praças públicas

Exercícios de agilidade e destreza corporal

Conhecido pela denominação "Capoeiragem"

Andar em correrias com armas e instrumentos

Capazes de produzir lesão corporal

Provocando Tumulto ou desordem

Ameaçando pessoa certa ou incerta

Ou incutindo temor de algum mal

Pena: De Prisão celular de 2 a 6 meses”

Parágrafo único

“É considerável circunstância agravante

Pertencer o capoeira a algum bando ou malta

Aos chefes ou cabeças

Se em porá pena em dobro”

Dona Isabel que história é essa?

Dona Isabel que história é essa

Oi, ai, ai!

De ter feito abolição?

De ser princesa boazinha que libertou a escravidão

tô cansado de conversa

tô cansado de ilusão

Abolição se fez com sangue

Que inundava este país

Que o negro transformou em luta

Cansado de ser infeliz

Abolição se fez bem antes

E ainda há por se fazer agora

Com a verdade da favela

E não com a mentira da escola

Dona Isabel chegou a hora

De se acabar com essa maldade

De se ensinar aos nossos filhos

O quanto custa a liberdade

Viva Zumbi nosso rei negro

Que fez-se herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo
A liberdade verdadeira
Que já corria nos Quilombos
E já jogava capoeira
Iê! Viva Zumbi
(Iêê Viva Zumbi, Camará)
Iê! Rei de Palmares
(Iêê Rei de Palmares, Camará)
Iê! Libertador
(Iêê Libertador, Camará)
Iê! Viva Meu Mestre
(Iêê Viva Meu Mestre, Camará)
Iê! Quem me ensinou
(Iêê quem me ensinou, camará)
Iê! A Capoeira
(Iêê a Capoeira, Camará)

(Toni Vargas, 2019)

Inicialmente, podemos identificar os sujeitos e as circunstâncias do discurso que estão presentes na cantiga, para assim, compreender melhor como os discursos presentes na cantiga estão organizados para alcançar os sentidos que iremos desvendar logo em seguida.

Nesse sentido, podemos destacar alguns sujeitos presentes nessa cantiga de capoeira, enquanto ato de linguagem. De maneira mais didática, Rebello (2021) compreende o Eu- comunicante como um ser de “carne e osso”, ou seja, é o parceiro que detém a iniciativa do processo de produção. Tendo em vista isso, o Eu- comunicante presente na cantiga seria o próprio compositor, Toni Vargas, no seu papel social de capoeirista e músico que possui certo projeto de fala para alcançar o Tu- interpretante (outro sujeito de “carne e osso” que vai interagir naquele ato de linguagem).

Além disso, o Eu- comunicante vai projetar um Eu- enunciador, o Toni Vargas cantor, que executa a letra da música. Através da sua voz, ecoam as vozes de outros sujeitos escravizados. O enunciador é uma projeção do sujeito comunicante. É ele quem executa o projeto de fala.

É importante entender que a Semiolinguística observa além de uma estrutura fixa e mecânica, atribuindo sentidos ao subjetivo. É por isso que Charaudeau (2008) propõe quatro ou mais sujeitos

presentes em um determinado ato de linguagem pois, ao longo dos discursos, pode haver uma movimentação ou mudanças de papéis que os sujeitos podem assumir ou deles se desvincular.

Ao executar a cantiga, o Eu- comunicante Toni Vargas assume a posição de Eu- enunciador e declama, sob o toque do berimbau (instrumento com uma representatividade divina e ao mesmo tempo de aviso aos capoeiristas quando o inimigo estava próximo), o Código Penal de 1890, que considera a capoeira como uma prática criminosa.

A leitura acaba se adequando dentro do quadro situacional, proposto por Charaudeau (2008) de maneira que há uma materialização da finalidade e do projeto de fala através do contraste significativo da lei e do instrumento berimbau, ou seja, a lei representa a prisão e o berimbau, a liberdade. De certa visão, parece ser uma afronta direta em busca dos direitos dos negros no período em que a lei foi criada. Ao longo da cantiga, há uma relação temporal entre as principais épocas de violência, momentos em que o negro está colocado sempre de maneira mais vulnerável e inferior perante a sociedade.

A ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVA NA CANTIGA DE CAPOEIRA “DONA ISABEL”

Considerando o reconhecimento dos sujeitos no quadro estabelecido por Charaudeau, podemos compreender como os discursos presentes na cantiga foram organizados de modo a possuírem, já uma conclusão premeditada, uma finalidade argumentativa. Baseado nisso, buscaremos a partir de agora reconhecer alguns elementos da lógica e da encenação argumentativa que constituem tais discursos e que possuem um papel significativo na produção de sentidos e no alcance do projeto de fala.

Em vista disso, notamos a materialização de alguns aspectos da lógica argumentativa a partir do trecho abaixo:

Dona Isabel que história é essa?

Dona Isabel que história é essa

Oi, ai, ai!

De ter feito abolição?

De ser princesa boazinha que libertou a escravidão

tô cansado de conversa

tô cansado de ilusão

O Eu- enunciador faz perguntas, de certa forma retóricas, a um outro indivíduo que não pode mais responder, a Princesa Isabel, personagem do período imperial que teve seu marco com a assinatura da abolição da escravatura, em 1888. Essas perguntas caracterizam uma proposta inicial (asserção de partida) ao colocar em pauta uma acusação, pois é uma nova perspectiva que põe em

evidência a veracidade dos fatos acerca do verdadeiro protagonista por trás da abolição da escravização.

Nos dois últimos versos, o enunciador expõe sentimentos de revolta e de cansaço e acusa ser mentira ou uma ilusão o conhecimento compartilhado pela história de ter como abolicionista a princesa Isabel. A exposição direta e, ao mesmo tempo indireta, exprime a ação do sujeito enunciador se referindo a um outro sujeito, a ele mesmo e ao próprio interpretante de maneira que represente uma contestação a um poder que no período imperial não podia ser refutado, principalmente, por um grupo de pessoas vistas socialmente, inferior a qualquer outro grupo.

*Abolição se fez com sangue
Que inundava este país
Que o negro transformou em luta
Cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes
E ainda há por se fazer agora*

No trecho acima da cantiga o enunciador apresenta como asserção de passagem, ou seja, provas para a proposta inicial, as ações verdadeiras realizadas pelos próprios negros, através das batalhas e fugas, afirmando o que realmente desencadeou a abolição da escravização argumentando que é uma luta constante e diacrônica, já que ela é contínua até os dias atuais, com a constante prática de discriminação e racismo, sequelas de um período de violência.

Ainda, há uma comparação nos dois últimos versos –*Abolição se fez bem antes E ainda há por se fazer agora*– entre duas épocas, a da escravização e a época atual com as constantes práticas de racismo na sociedade. Nos trechos seguintes podemos identificar os modos de encadeamento de oposição, causa e consequência ambos no eixo do obrigatório.

*Com a verdade da favela
E não com a mentira da escola*

O encadeamento por oposição se dá na relação dos dois versos quando explicita a verdadeira realidade que comprova a luta social diária, travada pelos negros, em busca de igualdade, respeito e valorização. Há uma crítica direta à prática escolar que, ao tratar da história do Brasil, mascara ou modifica fatos históricos, distorcendo a realidade para favorecer a versão do homem branco acerca do processo de escravização dos negros.

A causa e a consequência ocorrem no trecho abaixo:

*Abolição se fez com sangue
Que inundava este país
Que o negro transformou em luta
Cansado de ser infeliz*

Constatamos uma tentativa de explicação e argumentação com a ideia de que o negro transformou o “sangue”, ou seja, o sofrimento, em luta porque estava cansado de tanta dor e violência e, portanto, essa resistência resultou na abolição da escravização. Assim, percebemos que a cantiga direciona todo o crédito da abolição aos negros que passaram pelas maiores dificuldades e desumanidades e, mesmo assim, resistiram e conseguiram uma das suas liberdades tão merecidas.

Para além disso, destacamos também que o escopo de valor de verdade dos discursos presentes na cantiga se enquadra para um caso específico (particularização), pois, partem de sujeitos que estão dentro de circunstâncias de discurso específicas, as quais reconhecem como falsa a assertiva de que a princesa Isabel seria a abolicionista dos escravizados. Essas conclusões podem ser visualizadas nos trechos abaixo:

*Viva Zumbi nosso rei negro
Que fez-se herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo
A liberdade verdadeira
Que já corria nos Quilombos
E já jogava capoeira*

As circunstâncias de discurso e o escopo de valor de verdade presentes nos versos acima constata os verdadeiros heróis que aboliram a escravização. Percebe-se a tentativa de mostrar que a abolição não se resumiu a uma assinatura, mas foi o produto de um longo período de resistência, sofrimentos, violências e mortes vivenciadas pelos negros escravizados. Utilizar Zumbi dos Palmares como exemplo de herói traz toda uma representatividade social e cultural para a persuasão dessa proposta, já que é um personagem reconhecido na história e respeitado como influenciador e protetor dos habitantes do Quilombo dos Palmares.

É válido ressaltar também que a liberdade é representada pela chegada e exploração do quilombo e da prática de capoeira, pois, o quilombo era o refúgio daquelas pessoas e a capoeira,

enquanto arte, também possui essa função, tanto para os negros escravizados, que a praticavam, quanto para os praticantes atuais que disseminam essa arte ao longo do tempo.

Outrossim, observamos a ocorrência da organização da lógica argumentativa através do modo de raciocínio de dedução e de explicação por pragmática. Apesar de não termos uma constatação do resultado da proposta inicial, podemos prever que a asserção de partida possui um efeito de sentido que provavelmente convencerá o interpretante a concordar com sua colocação. Ocorre, assim, uma relação de causalidade colocando em primeiro contato a consequência (questionamento retórico à personagem princesa Isabel contrariando-a diretamente) para depois demonstrar as causas para a acusação da falta da verdade.

Além do mais, o modo de dedução e de explicação por pragmática consideram também um caráter narrativo e de qualificação causando ao mesmo tempo uma compreensão por entrelinhas (dedução) como também um entendimento explicativo com um forte teor causal, justificando sempre as ações e as propostas com um “porquê” implícito.

Outro modo de raciocínio identificado é o de escolha alternativa já que coloca em oposição duas relações argumentativas e a incompatibilidade entre elas, as quais seriam: a princesa Isabel como abolicionista ou os negros escravizados como abolicionistas da escravização. Aparentemente, seria uma escolha entre a verdade/falsa verdade e ao mesmo tempo uma escolha do sentido positivo/ um sentido negativo.

Tratando da encenação argumentativa, observamos a materialização de alguns elementos que compõem o dispositivo argumentativo, como o projeto de fala (intencionalidade) que utiliza de uma situação de troca monologal. Assim, notamos um sujeito que toma uma posição em relação a sua proposta, posição essa de resistência, luta e defesa de uma verdade socialmente distorcida.

Tendo isso em vista, é válido ressaltar que Charaudeau (2008) reconhece a importância das propostas, esclarecidas dentro da lógica argumentativa, se inscreverem em um quadro de questionamento que gere uma persuasão. Nesse caso, a encenação só é argumentativa se estiver inserida em um dispositivo argumentativo.

Assim sendo, a proposta presente nesse dispositivo é uma composição de diversas asserções simbolizadas por vários versos da cantiga que expomos e discutimos anteriormente. Diferente da lógica não é só uma frase, uma oração, é um conjunto de elementos explícitos e implícitos que formam a proposta do dispositivo. É nesse momento, que o sujeito toma uma posição em relação a sua argumentação, sustentando em todos os discursos a mesma tese que defende, validando a veracidade de tais ideias.

A reafirmação da sua proposta é nomeada como proposição, pois, são defesas com diferentes estratégias, racionais e emocionais, para defender a sua tese e alcançar a finalidade dos seus discursos, ou seja, para chegar à persuasão. A tentativa de persuasão ocorre através das experiências e sentimentos dos negros escravizados que colocam como protagonistas sujeitos que sempre foram marginalizados e inferiorizados social e culturalmente, de maneira que sua “voz” seja ouvida e valorizada.

Diante das análises realizadas, percebemos diversos discursos presentes na cantiga de capoeira “Dona Isabel” elaborados e estruturados de certa maneira que cause efeitos de comoção e revolta nos sujeitos destinatário e interpretante para que junto ao enunciador tome posição a favor de um grupo historicamente excluído. Apesar de ser uma situação de troca monologal, é perceptível o poder argumentativo em questionar um certo poder social e político e convencer o leitor/ouvinte em refletir e se autoquestionar de tais discussões.

CONCLUSÕES

Após a análise, podemos concluir que as cantigas de capoeira possuem sujeitos que interagem entre si e que buscam, através da argumentação, romper e ressignificar imaginários relacionados aos verdadeiros responsáveis pela abolição da escravização, além de outros imaginários que reproduzem e fortalecem comportamentos racistas e desumanos para com pessoas negras dentro da sociedade brasileira. Notamos também a possibilidade de expor a situação comunicativa em que tais discursos foram organizados de maneira a representar também as experiências individuais e sociais dos negros escravizados naquela época.

Por fim, concluímos que a Teoria Semiolinguística é um campo teórico capaz de analisar tal gênero discursivo, de maneira que especifica de forma detalhada e clara os componentes argumentativos que fazem parte da elaboração dos discursos presentes na cantiga analisada mesmo que tenham sido projetados hora consciente, hora inconsciente. O trabalho possibilitou enxergar além dos versos da cantiga, pois conseguimos reconhecer a validação e a representatividade que cada discurso desvelado carrega social e culturalmente para um grupo tão desvalorizado historicamente.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. (2001). Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: MARI, H; MACHADO, I; MELLO, R. de (orgs.). *Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas*. Belo Horizonte, (pp. 23-38) NAD/FALE/UFMG.

- CHARAUDEAU, P. (2008). *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coordenação da equipe de tradução Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto.
- CORRÊA-ROSADO, L. C. (2014). Teoria Semiociuística: alguns pressupostos. *Revista memento*, v. 5, n.2, julho-dezembro.
- MACEDO, D. M. S. de. (2022). Os posts como ato de linguagem: uma análise semiociuística dos discursos anticomunistas. (p. 107-118) *Revista Formare.v.1.jan./jun. Teresina- Piauí*.
- MACHADO, I. L. (2019). O ato de linguagem segundo a Semiociuística: implicações, explicações e aplicações práticas.(pp.760-772) *Revista Gragoatá*,v, n. 50, set-dez.
- MOURA, J. B. de. (2011). Por uma análise argumentativa do discurso: o hibridismo nos editoriais do jornal Meio Norte. *Revista Desenredos*. Ano 3, n.10.
- TESSARO, B. (2016). Análise de um artigo científico sob o viés dos modos de organização do discurso de Patrick Charaudeau. *RevistaDisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem*, v.13, n.62.
- REBELLO, I. A (2021). A Semiociuística vai para a escola. In: XAVIER, G.; Rebello, I.; MONNERAT, R. (org.). *Semiociuística aplicada ao ensino*. São Paulo: Contexto.
- SILVA, M. S. da. (2018). *Musicalidade na capoeira: uma construção oral através da musicalidade da capoeira*. Monografia (TCC em História)- Universidade Federal de Alagoas. (pp.38). Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió-AL.



ANÁLISE DO ETHOS DA PERSONAGEM YOON SE-RI NO K-DRAMA POUSANDO NO AMOR

Flávio Passos Santana
Universidade de Pernambuco (UPE/BRASIL)
E-mail: flavio.passos@upe.br

Daniela Santos Macedo
Universidade Federal de Sergipe (UFS/BRASIL)
E-mail: dany.macedo427@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar as imagens discursivas da personagem *Yoon Se-ri* no *K-drama Pousando no Amor*, disponível na plataforma de *streaming Netflix*. Essa análise terá como base o conceito de *ethos* de Ferreira (2015) e Mosca (2001), transcorrendo pela construção desses *ethos* ao longo da série. Além disso, os pressupostos por Amossy (2013) e Maingueneau (2013) a respeito do *ethos* pré-discursivo e estereotipagem, serão fundamentais para a análise que concerne esse trabalho, visto que construímos a imagem previamente dessa personagem baseado no que já conhecemos sobre a cultura coreana e as temáticas abordadas, normalmente, nos doramas asiáticos. Essa pré-construção não foi atendida, de início, pois a personagem era caracterizada como fora do padrão tradicionalista perante sua conduta mostrada no primeiro episódio. Outro aspecto importante nesse trabalho é a observação das figuras de discurso pressupostos por Guimarães (1997) e Santana e Mariano (2013), sendo possível observar como se deu o uso dessas figuras em nosso *corpus*.

Palavras-chave: Argumentação; Retórica; *Ethos*; Estereotipagem; Dorama; Cultura coreana.

Abstract— This research aims to analyze the discursive images of the character *Yoon Se-ri* in the *K-drama Pousando no Amor* available on the *Netflix streaming platform*. This analysis will be based on the concept of *ethos* by Ferreira (2015) and Mosca (2001), going through the construction of these *ethos* throughout the series. In addition, the assumptions by Amossy (2013) and Maingueneau (2013) regarding the pre-discursive *ethos* and stereotyping will be fundamental for the analysis concerning this work, since we previously built the image of this character based on what we already know about the

Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

culture Korean and the themes usually addressed in Asian dramas. This pre-construction was not met, at first, because the character was characterized as outside the traditionalist pattern due to her behavior shown in the first episode. Another important aspect in this work is the observation of figures of speech assumed by Guimarães (1997) and Santana and Mariano (2013), making it possible to observe how these figures were used in our corpus.

Keywords: Argumentation; Rhetoric; Ethos; Stereotyping; Dorama; Korean culture.

INTRODUÇÃO

A telenovela sul-coreana *Crash Landing on You*, traduzida para o português como *Pousando no Amor*, teve seu primeiro episódio lançado no dia 14 de dezembro de 2019 e seu último episódio no dia 16 de fevereiro de 2020. A série tornou-se, de imediato, um sucesso e inaugurou a era dos doramas a serem transmitidos pela *Netflix*.

O *k-drama*¹ ganhou os corações dos dorameiros² ao contar a história de *Yoon Se-ri*, uma empresária conhecida na Coreia do Sul, que acidentalmente cai na Coreia do Norte e é resgatada pelo capitão *Jeong-hyeok*. De início, ele pensa em entregá-la para as competências de segurança do país, mas por contado jeito atrapalhado e a tagarelice de *Se-ri*, ele resolve ajudá-la a fugir e assim inicia a saga em devolver aquela moça estranha ao seu país. *Se-ri* também encanta os soldados (camaradas), amigos do capitão, os quais topam ajudá-la. No desenrolar da série, a temática passa a ser, além da missão de devolvê-la ao sul em segurança, a construção de um amor romântico proibido, pois as duas Coreias, apesar de serem tão próximas, vivem isoladas e com alta tensão de guerra.

A escolha do corpus em análise se deu pelo interesse ficcional do gênero televisivo caracterizado por dorama. Visto que o *K-drama* em análise teve seu ápice de sucesso na época da pandemia do *Covid 19*, e foi o divisor de águas para que entrasse no mundo das dorameiras. É válido ressaltar que, o fato do trabalho abordar um fenômeno recente, esta pesquisa tem relevância por contribuir com os trabalhos relacionados aos estudos da Argumentação e Retórica, sob uma ótica atual.

A respeito da protagonista da série, podemos observar que enquanto vivia na Coreia do Sul, *Yoon Se-ri* era caracterizada como uma mulher autônoma e de muitos romances, estando frequentemente em jornais de fofoca de *Seul*. Ao ter contato com a cultura da Coreia do Norte, é possível observar essa imagem sendo reformulada, agora ela é caracterizada como uma mulher frágil e apaixonada. Ao percebermos essas mudanças na imagem discursiva da personagem feminina, o interesse por esse trabalho se deu em entender a construção do *ethos* de *Yoon Se-ri* no decorrer da série.

¹ Produções de séries realizadas na Coreia do Sul. O K de K-drama se refere à Korea (inglês).

² Adjetivo designado para os fãs de doramas.

É importante lembrar que os estudos da Retórica e Argumentação têm como base o *ethos* aristotélico, mas devido ao meio de circulação de nosso *corpus* ser um canal de *streaming*, vimos a necessidade de considerar o *ethos* prévio, abordagem desenvolvida por Ruth Amossy (2013), que por ser prévio acaba sendo uma visão estereotipada desse *ethos*. Nessa mesma linha de raciocínio, Maingueneau (2013) fala sobre a afirmativa de que criamos a imagem do orador antes do discurso, ele chama de *ethos* pré-discursivo, pois a construção da imagem do orador baseia-se no que se sabe dele, seja onde mora, as suas crenças, o seu *status*. Mas essa imagem pode ou não ser confirmada no discurso.

Em vista das considerações iniciais, passamos ao desenvolvimento do nosso trabalho, o qual está estruturado em cinco momentos. O primeiro, essa introdução. O segundo reflete sobre a origem da retórica e as suas definições, a partir de Ferreira (2015) e Mosca (2001); o triângulo retórico, com foco maior no *ethos* e no *ethos* prévio, a partir de Amossy (2013) e Maingueneau (2013); as figuras de discurso a partir de Guimarães (1997) e Santana e Mariano (2013). No terceiro, apresentamos a metodologia, uma breve contextualização sobre a cultura coreana e o sucesso dos doramas. O quarto momento ficou reservado para as nossas análises. O último, por sua vez, são as nossas considerações finais.

A RETÓRICA E SUA ORIGEM

A retórica originou-se sendo associada ao discurso judiciário em Siracusa, na Magna Grécia, no século V. a.C., sendo que “O surgimento da Retórica na Grécia Antiga prende-se à luta reivindicatória de defesa de terras na Sicília, que havia caído em poder de usurpadores” (Mosca, 2001, p. 26). Dessa forma, como não existiam advogados na época, surgiu uma oratória voltada ao Direito e aos aspectos judiciários do discurso retórico.

Assim, é com Córax e um dos seus discípulos que surge o primeiro Tratado da Retórica, no ano 465 a.C., que era uma coletânea de preceitos práticos para uso dos cidadãos que precisassem recorrer à justiça. Segundo Ferreira (2015), esse Tratado da Retórica apresentava uma “oratória caracteristicamente probatória, que buscava provas (*pisteis*), assumia o aspecto técnico de uma arte com preceitos assentados cientificamente e tinha por objetivo demonstrar a verossimilhança de uma tese proposta” (Ferreira, 2015, p. 41). Com isso, surge a primeira definição de retórica: “criadora de persuasão”.

Seguidamente, em meados de 485 a.C, surge uma nova fonte de retórica com Górgias, um siciliano que chega a Atenas em 427, e a retórica passa a ser reconhecida como: estética e literária.

Górgias começa a espalhar a “a arte do falar” por toda a Grécia, ganhando fama com seus discursos belos e elegantes. Então, por se tornar famoso, ele atrai muitos discípulos, como Pitágoras, Pródicus e Hípias – denominados de sofistas.

Com os sofistas, “o discurso, então, passou, gradativamente, a se apresentar como sedutor e belo”. No entanto, por esses discursos terem relação com a vida na prática, esses discípulos ensinavam “a bem argumentar e persuadir em qualquer situação, para aparentar ter razão em qualquer circunstância.” (Ferreira, 2015, p. 42). Contudo, os sofistas possuíam vocação pedagógica, pois assumiram um viés educativo, ao questionarem a tradição, as reflexões centradas no homem e promoviam o desenvolvimento da eloquência.

Apesar de os sofistas criarem uma retórica que atendesse a diversas dificuldades dos gregos, essa pretensão em caminhar sobre todos os discursos como questões judiciais, filosóficas e de ensino, não foi possível agradar a todos, como é o caso de Aristóteles, Platão e Isócrates, que não concordavam com as intenções de Górgias e os seus discípulos. No entanto, é em Isócrates (436-338 a.C.) que a retórica é “libertada” dos pensamentos sofistas, passa a apresentar um tom mais moralista e plausível. Por ser um professor de grande admiração, opõe-se às ideias dos sofistas e mostra que o ensino não é todo poderoso.

Tempos depois, Aristóteles (384-322 a.C.) vai pensar em uma retórica que, inicialmente, se integrará a um sistema filosófico bem diferente daquele dos sofistas, e, depois, transforma-se em sistema mais rigoroso: a Arte Retórica. A respeito disso, Ferreira (2015) pontua que:

Com a Arte da retórica – um estudo que inovou e sintetizou as visões dos estudos retóricos de seu tempo –, forneceu-nos um verdadeiro guia sobre como criar um texto persuasivo e trouxe ensinamentos, muitos válidos até hoje, sobre elementos de gramática, de Filosofia, de Filosofia da Linguagem, Lógica e Estilística. (Ferreira, 2015, p. 44)

Sendo assim, Aristóteles cria uma retórica legítima, com o poder de defender-se e não o de dominar, como acreditava Górgias e Isócrates. Para os sofistas, a retórica se tornava um instrumento neutro, valendo-se apenas de seu uso; já Aristóteles, dava-lhe um valor positivo.

Portanto, a Retórica serviu de alicerce para os Estudos do Discurso e da Argumentação na atualidade, seus conceitos retóricos criados e apresentados na antiguidade foram retomados na contemporaneidade e evoluíram passando a ser reconhecida por “Neorretórica”; repaginada com uma série de novas concepções/abordagens. Na seção seguinte, apresentaremos um breve panorama sobre as Neorretóricas.

Assim, por conseguinte, é nos anos 1960 que surgem as teorias retóricas modernas representadas pela teoria argumentativa de Perelman e seus continuadores e pela Retórica Geral, estes retomam e atualizam a velha retórica, que a partir de então, passa a ter caráter literário. Então, essa tendência que se desenvolveu, esteve presente nos manuais do século XIX, sendo um preceituário de soluções que deveriam nortear toda produção e também a avaliação de obras concretas.

Mesmo a retórica sendo muito importante para a arte do falar, ela caiu em desuso, mas não chegou a ser extinta, foi apenas limitada. Após algumas tentativas de movimentos em ressuscitá-la, é no século XX que ela ressurge e ganha prestígio novamente. No século XX, surge uma retórica contemporânea com o intuito de “ensinar e produzir textos, mas, sobretudo, objetiva oferecer caminhos para interpretar os discursos” (Ferreira, 2015, p. 46).

É válido ressaltar que a Neorretórica surge retomando aspectos da velha retórica e também renovando-a. Assim, as ideias de Aristóteles, usadas como alicerce durante muitos anos, foram fundamentais para evitar a extinção da disciplina. Sobre a importância das concepções aristotélicas, Mosca (2001) comenta:

De qualquer forma, ao mostrar a ligação da retórica com a persuasão, desvinculando-a da noção de verdade, Aristóteles estabeleceu as bases dessa disciplina e que iriam persistir em seus desdobramentos modernos. A sua concepção de discurso convincente, como sendo aquele que consegue fazer o público sentir-se identificado com o seu produtor e a sua resposta, é aproximadamente a mesma adotada por Perelman e Tyteca em seu Tratado da argumentação. (Mosca, 2001, p. 21)

No entanto, ao mostrar a ligação da Retórica com a persuasão, Aristóteles desvincula-a da noção de verdade. Desse modo, a retórica contemporânea acaba abrangendo todos os discursos e passando a não se limitar mais aos três gêneros oratórios da retórica aristotélica – judiciário, epidítico e deliberativo.

Assim, a descrença nos efeitos da Retórica tem um fator importante que é o mundo da opinião, pois é na *doxa* que acontecem as relações sociais, políticas e econômicas, visto que é a ela que se tem acesso e não ao “mundo da verdade” intitulando-a de “retórica do verossímil”.

[...] foi em Aristóteles que se encontrou a possibilidade de uma dialética entre verdade e aparência de verdade, ou seja, o verossímil, podendo-se falar mais propriamente em representação da verdade, que emerge do senso comum e que se corporifica nos discursos do homem. (Mosca, 2001, p. 21)

Dentre essas novas retóricas, destaca-se a do filósofo polonês, Chaïm Perelman, que, em 1958, em coautoria com Lucie Olbrechts-Tyteca, lançou uma das obras responsáveis pela retomada das ideias retóricas, o Tratado da Argumentação – a nova retórica. Pode-se dizer que o Tratado da Argumentação está vinculado aos estudos da Nova Retórica, apresentando a lógica do verossímil com o intuito de conseguir adesão aos espíritos. No entanto, embora a argumentação seja contextualizada e pessoal, a persuasão só é alcançada a partir da adesão do auditório, para tanto, é fundamental que o orador organize seu discurso em função do seu público.

Assim, as neoretóricas, revelam a natureza dialógica e polifônica da linguagem, dando ênfase para as relações que se estabelecem entre os discursos e os sujeitos do discurso: as provas lógicas. Elas são os meios de persuasão responsáveis pela formação de sentido: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Sob esse viés, buscaremos analisar os possíveis *ethos* que são construídos da personagem *Yoon Se-ri* presente no *K-drama* estudado.

De certo modo, por ser considerado o triângulo retórico, discorreremos a seguir sobre essas provas lógicas que são fundamentais para a construção deste trabalho. Visto que, devemos levar em conta, também, as paixões reveladas pelo auditório (*pathos*) ao ser provocado por esses oradores, e que, de certo modo, refletem no discurso (*logos*).

CONCEITOS RETÓRICOS: ETHOS, PATHOS E LOGOS

Entendendo que a retórica não se aplica a todos os tipos de discurso, mas somente àqueles que têm como objetivo persuadir ou que levam ao caminho da persuasão, em seu trabalho sobre análise retórica, Ferreira (2015) pontua que por sermos seres retóricos, valemo-nos da argumentação para persuadir e convencer, pois o discurso retórico equivale à intenção da persuasão, visto que

Por termos crenças, valores e opiniões, valemo-nos da palavra como um instrumento revelador de nossas impressões sobre o mundo, de nossos sentimentos, convicções, dúvidas, paixões e aspirações. Pela palavra, tentamos influenciar as pessoas, orientar-lhes o pensamento, exercitar ou acalmar as emoções para, enfim, guiar suas ações (Ferreira, 2015, p.12)

Assim, para Ferreira (2015), é pela palavra que nos tornamos “construtores sociais, sujeitos ativos que, de um modo ou de outro, se revelam no convívio com as pessoas.” (Ferreira, 2015, p. 13) e é por meio da palavra que somos influenciadores. Para tanto, usamos de meios racionais e afetivos para convencer um auditório, visto que o discurso retórico é dirigido ao homem no sentido mais amplo, a persuasão leva em conta três ordens de finalidade. Essas três ordens são chamadas de: *docere* (lado

argumentativo do discurso – ensinar, transmitir), *movere* (lado emotivo do discurso – comover, atingir), e *delectare* (lado estimulante do discurso – agradar e manter viva a intenção do auditório).

Mosca (2001) pontua que todo discurso é uma construção retórica, visto que para produzir efeito de sentido é necessário mobilizar diversos recursos retóricos como as formas de discurso, o modo, os procedimentos de avaliação e outros índices observando traços enraizados na enunciação, voltando a afirmativa de que a retórica é uma técnica.

Ainda, Lineide Mosca (2001) afirma que para decidir em que medida um discurso visa persuadir e como faz, levam-se em conta as características essenciais da situação em que se dá, e as relações de intersubjetividade dos interlocutores. Portanto, a linguagem é instrumento não só de informação, mas basicamente de argumentação e esta, por sua vez, se dá na comunicação a razão pela qual a argumentação é sempre situada, dando-se basicamente num processo de diálogo, em contato entre sujeitos. Ela completa que nos discursos persuasivos “são mobilizados todos os recursos retóricos para produção de efeitos de sentido, isto é, com vista a um determinado fim, havendo, pois, um caráter manipulador em seu funcionamento” (Mosca, 2001, p. 22).

Outro aspecto que podemos destacar com a neorretórica é a apresentação de “técnicas argumentativas” que podem ser vistas de duas formas: a positiva, que consiste no estabelecimento de solidariedade entre as teses que se procuram promover e as teses já admitidas pelo auditório, ou seja, os argumentos de ligação; e a forma negativa, que visa abalar ou romper as teses admitidas e as que se opõem às teses do orador, os argumentos de dissociação. As técnicas argumentativas agrupam-se em três classes: *os argumentos quase lógicos, os argumentos fundados na estrutura real, e aqueles que fundam a estrutura do real.*

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), os argumentos quase lógicos são aqueles que se apresentam explicitamente e que têm sua força persuasiva nas semelhanças com argumentos formais. Os argumentos baseados na estrutura do real tomam como base a realidade para constituir as conexões que o orador busca constituir com o seu auditório, já os argumentos que fundamentam a estrutura do real levam em consideração as argumentações baseadas pelo “recurso particular”.

Vale ressaltar que, dentro da retórica, existem os lugares retóricos, que podem ser entendidos como “depósitos de argumentos” com o intuito de construir acordos com o auditório. Esses lugares são divididos em lugares de qualidade, lugares de quantidade e outros lugares. O lugar da qualidade é a afirmação de que algo se sobressai por ter mais qualidade, porque é único ou raro; o lugar da quantidade é quando se afirma que algo é melhor que por motivos quantitativos; os outros lugares se dividem em: lugares da ordem, lugares da essência e lugares do existente.

Ultimamente, com a intenção de persuadir em propagandas, surgem outros lugares que foram adicionados àqueles definidos por Aristóteles, que são: lugar da juventude, lugar da beleza, lugar da sedução, lugar da saúde, lugar do prazer, lugar do status, lugar da diferença, lugar da tradição, lugar da modernidade, lugar da autenticidade e lugar de qualidade/preço. (Ferreira, 2015, p. 70).

A retórica também trabalha com as provas lógicas que são os meios de persuasão, como o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O *ethos*, com base em Aristóteles (2011 [384-322 a.C.]), é a imagem que o orador estabelece de si em seu discurso. Vale mencionar que, para isso, não é necessário que ele fale sobre si mesmo, pois essa imagem vai ser observada por meio das competências linguísticas, pelo estilo e pela ideologia apresentar em seu texto (Amossy, 2005). O *Pathos*, refere-se ao conjunto de emoções e paixões suscitadas em seu auditório. O *Logos*, por sua vez, em sentido amplo, se encarrega do discurso, pois, é por meio dele que demonstramos o que parece verdade.

Assim, no jogo discursivo, os acontecimentos, as imagens dos interlocutores e as paixões disputam para impor quem pode ser mais útil, mais justo e mais verdadeiro. Dentre os três meios de persuasão apontados pela retórica, o *ethos*, para Ferreira (2015), além de ser a imagem que o orador constrói de si em seu discurso, também leva em conta a imagem dos outros no interior do discurso, pois o orador precisa construir sua imagem levando em consideração qual será o seu auditório e buscar argumentos eficazes para conseguir obter a adesão dos espíritos.

Para essa construção de imagem, o orador leva em consideração a imagem que ele faz de seu auditório, a imagem que ele acredita que o auditório faz dele e as imagens discursivas que ele constrói no *logos* (discurso). Desta forma, diferentes *ethos* podem ser apresentados em um discurso. A partir disso, é interessante pensar como as imagens discursivas da personagem *Yoon-Se-ri* são construídas, e como elas mostram diferentes *ethos* em seus discursos.

O ETHOS

O conceito de *ethos* teve diversas definições ao longo dos anos. Para muitos estudiosos antigos, definiam-o como a construção da imagem de si garantindo o sucesso na arte de falar. A respeito das discussões sobre *ethos*, Amossy (2013) pontua que é de suma relevância saber se é realmente necessário privilegiar a imagem de si que o orador projeta em sua fala, ou antes de tudo, a imagem prévia do conhecimento que tem sobre sua pessoa.

Aristóteles considerava o *ethos* como a prova do discurso mais importante. Para ele, é no momento do discurso que o orador constrói a imagem de si. Sob essa perspectiva, Amossy (2013) pontua que é o próprio enunciado que fornecerá instruções sobre o(s) autor(es) eventual(ais) da

enunciação. Ela diz também que foi Ducrot que retomou o uso do termo *ethos* em uma pragmática semântica. Assim, “ao designar por enunciação a aparição de um enunciado, e não o ato de alguém que o produz, Ducrot evita relacioná-lo preliminarmente a uma fonte localizada, a um sujeito falante” (Amossy, 2013, p. 14).

Sobre o estudo discursivo, Maingueneau ganhou muito destaque por considerar a ideia de discurso eficaz, o linguista acredita que não devemos nos contentar com a retórica tradicional, pois o *ethos* ajuda a construir a cena de enunciação “O discurso pressupõe essa cena da enunciação para poder ser enunciado [...] qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação da enunciação que o torna pertinente” (Maingueneau, 2013, p. 75).

Essa cena de enunciação é composta por três cenas que são chamadas de cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; por exemplo: religioso, literário. A cena genérica é associada a um gênero; por exemplo: o sermão, o editorial. Já a cenografia é constituída pelo próprio texto e não é imposta pelo gênero; por exemplo: o sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral.

Sobre a cenografia, Maingueneau (2013) pontua que o leitor é quem pode construir a cenografia de um discurso a partir de indícios diversificados, podemos pensar assim, em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação correlacionar a figura do enunciador e do coenunciador a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar), é assim que surge o discurso. Ele também sinaliza que:

[...] o enunciador não é um ponto de origem estável que se “expressaria” dessa ou daquela maneira, mas é levado em conta em um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado. (Maingueneau, 2013, p. 75)

Assim, ao mesmo tempo, a cenografia é aquela de onde o discurso vem e aquela que ele forma: “ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala surge é precisamente a cena requerida para enunciar”, revelando a personalidade discursiva do enunciador. (Maingueneau, 2013, p. 77).

Sob a afirmativa de que criamos a imagem do orador antes do discurso, Maingueneau chama de *ethos* pré-discursivo, pois a construção da imagem do orador baseia-se no que se sabe dele, seja onde mora, suas crenças, seus *status*. Mas, essa imagem pode ou não ser confirmada no discurso. Essa construção do *ethos* pré-discursivo está ligada ao estereótipo, peça fundamental para a construção do *ethos*. Para Amossy, a estereotipagem “é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado.” (Amossy, 2013, p. 125). Ou

seja, a sociedade pré-constrói uma percepção de um indivíduo. Sendo assim, o *ethos* pré-discursivo e o estereótipo são semelhantes.

Dessa forma, ressalta-se que a sociedade tem uma avaliação e uma percepção do indivíduo de acordo com o modelo pré-construído. Visto que Amossy considera que criamos uma imagem do orador antes de ele realizar seu discurso, ou seja, levamos em conta o que já sabemos desse orador, como o meio em que ele vive, suas crenças, etc., ela denomina de *ethos* prévio que está interligada à noção de estereótipo.

Sendo o *ethos* prévio e o estereótipo semelhantes, então nesse sentido “os antecedentes morais, éticos e as atribuições de caráter formariam uma imagem, antecipadamente construída pelo auditório, capaz de afetar e de condicionar aquela que o próprio enunciador constrói de si em seu discurso” (Ferreira, 2015, p. 91).

De fato, a ideia prévia que é feita do orador e a imagem de si construída em seu discurso não podem ser isoladas. O *ethos* prévio vai engendrar a construção do *ethos* discursivo e determinará a recriação dos estereótipos desfavoráveis, sabendo que a primeira impressão é difícil de corrigir, mas acredita-se que essa reelaboração seja capaz de aumentar a eficácia dos argumentos. Consequentemente, a noção de *ethos* se relaciona com a de *pathos*, visto que a imagem do orador será construída a partir do conhecimento prévio de seu auditório.

Sabemos que o estudo retórico tem como base o *ethos* aristotélico, mas tendo em vista as mudanças que se configuraram ao longo do tempo a respeito do *ethos*, assim como os meios de circulação que esses discursos caminham, a noção do *ethos* prévio na construção do *ethos* discursivo, que se efetua no momento da enunciação, é a que melhor atende a proposta deste trabalho.

AS FIGURAS DE DISCURSO

A respeito dos gêneros de discurso, Mosca (2001) comenta que eles remontam à antiga Retórica e hoje se atualizam assumindo novos formatos. São eles: o discurso judiciário ou forense que visa destruir os argumentos contrários, tendo que combater a parte oposta, ou seja, a tese proposta e apresentar provas técnicas; o discurso deliberativo ou político que trata de questões ligadas à coletividade, à *polis* em sua totalidade, quanto à sua administração e às decisões a serem tomadas em benefício público; e o discurso epidítico ou cerimonial que procede ao elogio ou à censura e, por explorar todos os recursos literários, oscila entre o funcional e o estético. Os discursos podem, assim, apresentar lugares comuns (*Topoi*)

Sobre os componentes retóricos, segundo Mosca (2001), para os gregos eram quatro: a *inventio* que é a retórica de conteúdo, sendo o estoque do material, de onde se tiram os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso; a *dispositio* que é a organização interna do discurso, ou seja, é a maneira de dispor as diferentes partes do discurso; a *elocutio* que é o estilo ou as escolhas que podem ser feitas no plano de expressão para que haja adequação forma/conteúdo; e *actio* que é a ação que atualiza o discurso, a sua execução e nela se incluem os elementos suprasegmentais e a gestualidade.

Os romanos acrescentaram mais uma: a *memória* que “é a retenção do material a ser transmitido, considerando-se sobretudo o discurso oral, em que um orador transmite mensagem a um auditório.” (Mosca, 2001, p. 29). Portanto, a *memória* permite não somente reter, mas também improvisar.

Nos trabalhos da Idade Média, as figuras foram temas de estudos primorosos constituindo uma das questões bases da Retórica na Antiguidade, reduzindo a Retórica a estudo exclusivo sobre o papel da figura. A metáfora constitui um dos recursos mais importantes da *elocutio*, “Aristóteles trata da metáfora tanto na Arte Retórica como na Arte Poética, mas a sua função difere de uma para outra, uma vez que na Retórica o seu valor é argumentativo, antes de mais nada.” (Mosca, 2001, p. 35).

Sob esse viés, a metáfora é tratada como “um elemento de modulação na construção do enunciado.” (MOSCA, 2001, p. 38). Pois, ela quebra, de certa forma, um estereótipo, tendo como fundo um recorte social muito amplo buscando considerar as variações subjetivas de um enunciado. Portanto,

Qualquer que seja, entretanto, a forma assumida pelo processo metafórico, prevista ou não pelo código, ele irá necessariamente trazer uma visão de mundo, que pode ir da estereotipia ao contra-senso, seja reiterando saberes partilhados, seja estabelecendo relações inéditas entre as coisas. (Mosca, 2001, p. 39)

Fontanier, em 1830, distinguiu sete classes de figuras: as figuras de significação ou tropos; figuras de expressão; figuras de dicção; figuras de construção; figuras de elocução; figuras de estilo e as figuras de pensamento. (Fontanier, 1830 *apud* Mosca, 2001, p. 36). Já Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) consideram as figuras segundo o fim a que se prestam na argumentação e as classifica em figuras de presença, figuras de seleção e figuras de comunhão.

Segundo Guimarães (1997), as figuras de retórica têm uma estrutura, que ocorre desde sua essência, que não depende do conteúdo, sendo a forma e o emprego capazes de atrair a atenção do leitor ou ouvinte. O termo figura é marcado por dois aspectos: o efeito de concretude que provoca no leitor ou ouvinte; o distanciamento que é considerado, em relação a outra forma de linguagem, próprio e estritamente dentro dos padrões gramaticais.

Nesse processo, as figuras de retórica identificam-se como uma sobreposição de linguagens e “o plano da expressão e o plano do conteúdo não são anulados, mas trespassados pelo acréscimo de significados.” (Guimarães, 1997, p. 151). Todavia, Aristóteles descreve a figura como “processo produtor de surpresa”, em que a expectativa do receptor é alcançada e, sendo assim, a produção de duplo sentido não é descartada pela retórica antiga. (Aristóteles *apud* Mosca, 2001, p. 152).

Para tanto, Guimarães (1997) pontua que o jogo de ocultamento e sugestões das figuras eram baseadas em estratégias tríplexes para prender o interlocutor que são feitos por meio da *movere* - uma emoção suscitada; pelo *docere* - por um conhecimento transmitido e pelo *delectare* - por um prazer oferecido. Portanto, “trata-se de posições que não contrariam a meta almejada pelo emprego das figuras de retórica, ou seja, a produção de efeito persuasivo.” (Guimarães, 1997, p. 152).

Guimarães (1997) pontua que as figuras chamadas de presença despertam o sentimento da presença do objeto do discurso na mente tanto de quem o profere quanto daquele que o lê ou ouve, e é notável a presença dessa figura em repetições, sendo um exemplo comum os Sermões de Pe. António Vieira. Santana e Mariano (2013) caracterizam as figuras de presença como sendo “aqueles argumentos que vêm para manter no texto a presença daquilo que está sendo falado, como acontece no uso excessivo de repetições e nas paráfrases, que tem como objetivo fazer com que o outro se convença pela exaustão.” (Mariano; Santana, 2013, p. 7).

Sobre as figuras de escolha, elas “dizem respeito à seleção de estratégias linguísticas e discursivas; inclusive a opção pela abordagem de um determinado tema ou por variantes de um dialeto específico podem ser figuras de argumentação e retórica, caso provoquem a sensação de surpresa.” (Mariano; Santana, 2013, p.7). Ou seja, nas figuras de escolha, é possível trazer elementos dentro do texto que não são feitos habitualmente.

Já os efeitos argumentativos, oferecem, também, um conjunto de caracteres referentes à comunhão com o auditório. Visto que, “uma das idéias sobre as quais insiste Perelman é a de que, efetivamente, em função de um auditório é que se desenvolve qualquer argumentação.” (Guimarães, 1997, p. 156). Guimarães aponta que é de Perelman a classificação da figura de comunhão nas formas de *alusão*, *citação*, *apóstrofe* e *enálage*. “Pela alusão, cria-se ou confirma-se a comunhão com o auditório por força de referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comum entre o emissor do discurso e o ouvinte ou leitor.” (Guimarães, 1997, p. 156).

Já a *citação* visa corroborar o que se diz com o peso de uma autoridade. “A utilização da citação é um caso típico de argumentação através do raciocínio por autoridade.” (Guimarães, 1997, p. 157), ou seja, o discurso apoiado em alguém de reconhecida autoridade ganha mais força argumentativa. Pelo recurso da *apóstrofe*, o emissor “converte sua intervenção numa espécie de

interpelação, num pedido de atenção por parte do receptor sobre a situação em que se encontra [...]” (Guimarães, 1997, p. 157), ou seja, ele não espera uma aprovação e nem pretende informar-se.

Dessa forma, nas figuras de comunhão, necessita-se que o auditório esteja em comunhão com o orador e “espera-se que o outro se identifique com o argumento do sujeito enunciador; com essa finalidade, utilizam-se, por exemplo, conhecimentos compartilhados entre orador e auditório.” (Mariano; Santana, 2013, p. 7). “Em síntese: na sua função cumulativa de figura argumentativa e de figura de estilo, as chamadas figuras de comunhão tendem a obter do auditório uma participação ativa na exposição.” (Guimarães, 1997, p. 158).

METODOLOGIA E CULTURA COREANA

Como especificado anteriormente, o objetivo principal de nosso trabalho é analisar as imagens discursivas (*ethos*) da personagem *Yoon Se-ri*, na série “Pousando no amor” disponível na *Netflix*. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi seguida, inicialmente, uma abordagem de natureza descritiva/bibliográfica, sendo de fundamental importância para estabelecer quais características e conceitos seriam necessários para a análise do *corpus*.

A pesquisa, também, é de natureza qualitativa, tendo em vista que se busca os indícios de construção de diferentes *ethos*, por meio de fragmentos da fala dos personagens, o que revelará as estratégias linguísticas e discursivas dos oradores e do auditório. Conforme os estudos da Argumentação e da Neorretórica, todas as escolhas e usos do enunciador em todos os níveis linguísticos, nos revelam os *ethos* enquanto imagem do orador e de outros de quem ele fala no seu discurso.

A CULTURA COREANA E O SUCESSO DOS DORAMAS

A nação Sul-coreana está localizada no Leste asiático e surgiu após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando o território da antiga Coreia foi dividido em dois, dando origem à Coreia do Norte e à Coreia do Sul. Após o final da Guerra, a Coreia passou por um rápido processo de industrialização, mas não obteve grande sucesso.

Foi apenas nos anos 1990 que os sul-coreanos precisaram pensar em novas estratégias para manter o país no ritmo ideal para o crescimento econômico. É sob esse panorama que

[...] começam a surgir movimentos por parte de atores nacionais sul-coreanos em relação a uma maior promoção da cultura popular do país não só internamente – frente ao maior fluxo de entrada de mídias culturais estrangeiras no país – mas também no exterior, iniciando-se programas de investimento massivo na música pop, no cinema, nas novelas e em outros elementos culturais sul-coreanos, idealizando a cultura como um dos novos eixos que permitiriam a Coreia do Sul a manter não só seu crescimento econômico [...] (Sernagiotto, 2021, p. 7)

A partir daí acontece o fenômeno chamado de *Hallyu* (ou “onda coreana”), que “remete à elevação da figura sul-coreana no cenário global através de uma exaltação dos valores intangíveis do país. Logo, o canal optado foi o que mais se aproxima e mais se intimiza com o público – a cultura pop.” (Cavalcanti *et al*, 2020, p. 4).

Sob esse viés, a Coreia do Sul tem ganhado bastante destaque e se transformando em um enorme centro de produção de cultura pop. A exemplo do grupo BTS, mundialmente conhecido como “líderes da nova geração”, “houve comparações, inclusive, com a febre dos *Beatles* e da *One Direction*, bandas conhecidas sobretudo pela intensa dedicação dos fãs.” (Cavalcanti *et al*, 2020, p. 2).

Com a propagação das mídias sociais e englobado pela internet, a cultura coreana é disseminada. E um dos meios de extrema importância para essa ampla divulgação, além da cultura pop, são os dramas, que são originalmente seriados japoneses, “o termo deriva da palavra ‘drama’, sendo na verdade, o modo de leitura em japonês, utilizando o katakana, para indicar a maneira de se pronunciar ‘drama’” (França, 2011, p. 12).

O consumo de dramas fora do eixo oriental foi crescendo ao longo dos anos. No Brasil, imigrantes coreanos foram fundamentais na disseminação dos produtos, mais tarde apoiados pela comunidade asiática que recebia os programas dublados ou legendados em japonês. “Devido ao grande sucesso no Japão, as telenovelas acabaram sendo exportadas para outras regiões da Ásia, ganhando subdivisões que determinariam sua localidade e sua identidade cultural, tais como C-drama, J-drama, K-drama.” (Fonseca, 2019, p. 29).

Atualmente, segundo Sernagiotto (2021), observa-se um aumento no consumo de séries coreanas e sua alta distribuição em serviços de *streaming* internacionais como a *Netflix*. Os dramas de TV foram pioneiros para a difusão da cultura coreana e “com uma configuração diferente dos trazidos por grandes representantes do entretenimento mundial, os Estados Unidos, por exemplo, essas novelas apresentaram ao público o estilo de vida e os traços culturais presentes na sociedade coreana.” (Fonseca, 2019, p. 37).

É, justamente, essa mistura entre os valores tradicionais, ideias modernas e um visual atraente, por tratar de temas universais, acaba atraindo telespectadores globais. Esse fenômeno só foi possível graças à internet, modificando a forma como as pessoas leem, pensam, e consomem bens culturais.

Em relação a algumas características presentes nos dramas sul-coreanos, “destaca-se a influência de alguns aspectos da cultura sul-coreana como a reprodução de valores confucionistas tendo como exemplo a presença e valorização da família em suas tramas.” (Andrade, 2021, p. 56). A autora completa que, além da importância da família, “as hierarquias sociais, por exemplo, também são consideradas como herança dos valores confucionistas na sociedade sul-coreana. Além das influências confucionistas, os dramas sul-coreanos também possuem inspiração em valores ocidentais.” (Andrade, 2021, p. 56).

Já em termos de produção, os K-dramas, em sua grande maioria, têm episódios com duração de mais de uma hora e apenas uma temporada variando a quantidade de episódios entre 16 a 32, pois seus roteiros “são desenvolvidos de forma que a história seja finalizada dentro da quantidade de episódios que foram determinados para aquele drama. Ou seja, não se pensa em estender esses títulos em uma segunda temporada ou mais temporadas.” (Andrade, 2021, p. 57).

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO CORPUS

O drama *Crash Landing On You* - ou “Pousando no Amor”, como é traduzido para o português, está disponível na plataforma de *streaming Netflix*, conta a história de amor de *Yoon Se-ri* e *Ri Jeong-hyeok*. O *k-drama* conta com 16 episódios de duração de mais de uma hora cada e apenas uma temporada, classificação A12.

A personagem *Se-ri* mora na Coreia do Sul e é dona de uma grande empresa de moda. A relação dela com sua família é apenas sobre negócios, desde seu primeiro aniversário ela passa a ser odiada por seus meio-irmãos, estes, temem que no futuro ela seja a sucessora de seu pai. Isso porque, na cultura coreana, quando a criança completa um ano de idade, há uma cerimônia em que são dispostos diversos objetos na frente do bebê (dinheiro, livros, canetas, etc.) para saber qual vai ser o futuro daquela criança se baseando em sua escolha. Nesta cerimônia, *Se-ri*, ao invés de escolher um dos objetos, segura a mão do pai, o que causou comoção de todos, menos de seus dois irmãos *Yoon Se-joon* e *Yoon Se-hyung*.

Por ser filha do segundo casamento de seu pai, *Yoon Se-ri* cresce sendo menosprezada por seus meio-irmãos e a mãe a abandona afetivamente, isso gera muitos traumas durante sua vida. Já adulta, ela se torna uma grande empresária e faz muito sucesso no ramo da moda feminina, mas ela sempre está nos jornais com escândalos amorosos com famosos, ela aproveita esses holofotes para promover sua marca de roupa. Ao lançar uma vestimenta para esportistas, a protagonista resolve testá-la pulando de parapente; enquanto estava no alto fotografando sua roupa, sofre um acidente causado por um tornado

inusitado, e pousa na área desmilitarizada entre Coreia do Sul e Coreia do Norte. Lá, é encontrada por *Jeong-hyeok*, um comandante do exército norte coreano e um grupo de soldados.

Quando tenta fugir, após o primeiro contato com *Jeong-hyeok*, e retornar ao sul, *Se-ri* tem sua fuga frustrada ao terminar em uma vila norte coreana. *Jeong-hyeok* e seus soldados a encontram novamente e, então, inicia a saga do grupo de escondê-la do Departamento de Segurança do país, entendido como uma ameaça à vida de *Se-ri*. Esse Departamento também é o local responsável pela punição de comandantes e soldados.

Logo após *Se-ri* ser descoberta por outros militares na vila, *Jeong-hyeok*, que estava na capital, aparece, inesperadamente, para dizer aos militares que ela é a noiva dele e, com isso, salvá-la daquela situação. Essas cenas se repetem ao longo da série, onde *Jeong-hyeok* sempre aparece para resgatá-la de situações perigosas.

Como já relatado anteriormente, os *k-dramas*, em sua origem, são produtos que nascem da intersecção de culturas e essas trocas aparecem de forma contínua na série. Ao passar a viver na Coreia do Norte, *Se-ri* transmite elementos inovadores (sul) para a cultura do país, apesar do dorama ser uma produção sul-coreana, mostra aspectos, também, da cultura norte coreana. Por exemplo, em uma das cenas, *Jeong-hyeok* prende o cabelo de *Se-ri* e diz que daquela forma não parecerá “louca” frente às mulheres que vivem ali. Isso demonstra uma distinção entre os hábitos estéticos e das vestimentas entre as culturas, mesmo assim padrões estéticos vão existir e se impor sobre as mulheres dos dois países, ainda que de forma diferente.

Todavia, o nosso *corpus* consiste nos episódios 1, 2, 5 e 9 que podemos observar o comportamento da personagem enquanto levava sua vida na Coreia do Sul e sua reformulação enquanto vive na Coreia do Norte, assim será possível entender a construção dos *ethos* da personagem *Yoon Se-ri*. A escolha desses episódios se deu por eles apresentarem, de forma mais clara, elementos a respeito do comportamento da personagem fruto de nossa análise, em detrimento dos demais. Para a construção da análise, verificaremos os comportamentos evidenciados da protagonista na série, além de fragmentos que nos ajudarão a comprovar esses fatos. A seguir, daremos início à análise.

ANÁLISE DO *ETHOS* DA PERSONAGEM YOON SE-RI

Como já citado previamente, o foco principal de nosso *corpus* é a personagem *Yoon Se-ri* da série “Pousando no amor”. Para iniciar a análise, no primeiro episódio da série a personagem *Yoon Se-ri* é retratada como uma mulher famosa, dona de uma grande empresa de moda e que se relaciona com

diversos homens. Escândalos amorosos e perseguição de *paparazzis* são comuns em sua vida, mas ela usa essa curiosidade midiática para dar visibilidade aos seus produtos.

Ainda no primeiro episódio, quando é fotografada com um famoso, ela não se importa com a repercussão de um possível romance, apenas reclama por ter seu rosto totalmente borrado em um dos flagras, pois assim ninguém enxergaria os brincos, da marca dela e completa:

Fragmento 1: Gostei de como a história ficou. Gostei! Mas tem uma coisa... aquele desfoque ali, será que tem como melhorar? Pois eles borraram meus brincos também. São os brincos da linha que estou me esforçando pra promover.

Por meio desse discurso, podemos perceber que a sua imagem vai sendo construída por meio de um *ethos* de uma mulher enquanto alguém de poder e com autonomia sobre si mesma.

Logo mais, *Se-ri* apresenta ter um rancor de sua família, e, para ela, o seu trabalho está acima do vínculo familiar, pois ainda no episódio 1, quando o irmão mais velho liga para reprovar mais um de seus escândalos, ela não tinha o seu contato salvo no celular.

Fragmento 2: Esse aqui é seu número? Não muda de número tá?! não me faz ter o trabalho de te bloquear de novo.

Sob esse viés, podemos inferir os lugares retóricos, que segundo Ferreira (2015), como já citado neste trabalho, classifica os lugares como sendo armazéns de argumentos, sendo dispostos o lugar de qualidade e o de quantidade. Dessa forma, a protagonista, no início da série, constrói um *ethos* que perpassa o mais importante ser o lugar da quantidade, tendo dinheiro, fama e reconhecimento no ramo da moda. Em reunião com seus funcionários a respeito do escândalo que ela provocou ao ser fotografada com um ator famoso, ela se assusta com o grande número de visualizações e descobre que é devido às “fãs raivosas” do ator famoso que atacaram-na nas redes sociais. Para consolá-la, seu funcionário diz

Fragmento 3: Senhorita Yoon, por favor se acalme! Fizemos metade da nossa receita anual e o valor das ações estão subindo também.

A respeito de sua relação familiar, é construída uma imagem de mulher que fora abandonada, afetivamente, pela figura paterna e materna, visto que no primeiro episódio da série, em um jantar

familiar, quando o pai a chama e diz que ela será sua sucessora, a mãe está na mesa de jantar, mas torna-se alguém distante. Nessa perspectiva, a semelhança entre a vida real faz com que os argumentos quase lógicos criem conexões entre o orador e seu auditório. Todavia, o auditório, que não conhece os fatos até aquele momento, pois serão expostos mais a frente, se comove (pathos) com o sentimento de *Yoon Se-ri* e constrói a imagem da personagem tentando justificar as características apresentadas sobre ela no início do episódio, tornando seus argumentos verossímeis.

A respeito do seu auditório, os doramas comumente têm como público-alvo as pessoas que queiram conhecer mais sobre a cultura ocidental, na maioria das vezes, eles vendem uma estereotipagem de como é ser asiático. Para isso, eles utilizam de ferramentas como temáticas supérfluas, como o amor romântico asiático. A exemplo do *K-drama* em análise, eles vendem um estereótipo de um amor romântico que ultrapassa barreiras, no caso as duas Coreias, que vivem em conflito, tentando persuadir emotivamente, valendo-se das imagens dos interlocutores, *Yoon Se-ri* e *Jeong-hyeok*, e com o desencadear dos acontecimentos desperta a paixão de seu auditório sob o argumento de que o amor pode unir dois países em guerra.

A personagem *Yoon Se-ri* é retratada por diversas vezes como uma mulher frágil que precisa ser salva por alguém. Nesse sentido, o caráter de fragilidade da personagem feminina *versus* a salvação masculina nos é apresentado no sentido geral da série. Por exemplo, quando *Se-ri* aterrissa em terras norte-coreanas e fica presa em uma árvore, é *Jeong-hyeok* quem a resgata e assim acontece, também, no último episódio da série, quando ele a salva em um pequeno confronto entre os exércitos das duas Coreias. Essa fragilidade também é usada como um meio de persuasão, pois é com esse retrato que cria-se um estereótipo de que a mulher precisa de um homem como o *Jeong-hyeok* para viver esse tipo de amor romântico comum nos doramas asiáticos.

Como acredita Ferreira (2015), que o *ethos*, além de ser a imagem que o orador constrói de si, acaba sendo a imagem que o orador constrói dos outros. Nesse sentido, podemos dizer que a imagem construída do público que assiste a esse gênero precisa ser levada em conta, pois requer conhecer o que se espera, como será pensado o desenrolar da temática e o que não pode faltar nela baseado nas paixões de seu auditório.

Por esse lado, podemos levar em consideração, também, o *ethos* pré-discursivo disposto por Maingueneau (2013), sendo a imagem que os telespectadores têm previamente da protagonista, baseando-se em seu conhecimento sobre o que encontra, normalmente, nos doramas como um romance clichê e a modulação de uma mulher bruta pelo homem apaixonado ou vice-versa. Essa criação de imagem antecipada do orador, Amossy (2013) assemelha à estereotipagem, e no caso do drama, seus telespectadores pré-constroem uma percepção de um indivíduo, essa construção prévia pode ser criada

com os *trailers* ou até mesmo leva-se em conta o que já sabemos desse orador, como o meio em que ele vive, suas crenças, etc.

Ao longo da série é possível observar a construção do *ethos* da personagem feminina sendo reformulada. Enquanto vivia na Coreia do Sul, ela era modelada como uma mulher de muitos homens e de autonomia invejável. Em uma das cenas, que inicia o primeiro episódio, o irmão dela ao telefone fala:

Fragmento 4: Da última vez era um jogador de beisebol, de futebol e dessa vez é um cantor famoso? Ator?

Já no episódio cinco, em uma crise de ciúmes com *Jeong-hyeok*, ela reafirma o *ethos* de que sua vida no sul é agitada além de ter diversos homens à sua espera:

Fragmento 5: Também tenho um homem. Eu tenho muitos homens em Seul. Eles devem estar chorando por mim

Mais adiante, ao aceitar ser sucessora de seu pai, ela diz que precisa de um tempo, pois está ocupada com o sucesso de sua empresa:

Fragmento 6: Amanhã não posso, estou finalizando os testes de um produto novo importante.

Essa imagem muda quando ela passa a viver na Coreia do Norte, agora, a todo momento ela é apontada como um ser frágil e que precisa que a figura masculina esteja sempre presente para mantê-la viva e sem autonomia, aos prantos. No segundo episódio ela desabafa

Fragmento 7: Eu sei que você deve estar muito confuso, mas é que eu não tô acreditando nisso que eu tô passando

Essa fala acaba confirmando o *ethos* de uma mulher frágil à frente de um homem frio.

Assim como Mosca (2001) pontuou que nos discursos persuasivos é possível mobilizar recursos retóricos para a produção de sentido, os dramas têm um caráter manipulador latente para obter seu funcionamento, visto que essas produções visam lucrar com os números. Ou seja, quanto mais gente assistindo e dando visualização, maior é o seu lucro, pois segundo Sernagiotto (2021), o

consumo de séries coreanas e sua alta distribuição em serviços de *streaming* internacionais como a *Netflix* vem se tornando pioneiros e grandes representantes do entretenimento global.

Em vista disso, observa-se que a estereotipagem é um fenômeno presente na produção dos *K-dramas*, já que concerne na ideia de pensar o real por meio da representação cultural coreana, que nem sempre é confirmada. No entanto, a imagem construída por seus telespectadores sobre os coreanos, antes mesmo de assistir a série, nem sempre tem semelhança com o *ethos* efetivo.

Com isso, o *ethos* pré-discursivo da personagem *Yoon Se-ri* no *K-drama* “Pousando no amor” é de uma mulher frágil que, ao parar na Coreia do Norte, acidentalmente, será salva por um príncipe que mudará seus comportamentos. No entanto, a imagem transmitida dela, no início da série, é de uma mulher que tem muitos romances, quebrando a expectativa com a construção prévia criada e esperada pelos telespectadores que conhecem a cultura coreana como sendo tradicionalista e machista.

Na busca por prender a atenção de seus telespectadores, a série em questão baseia-se em uma das estratégias tríplices pontuadas por Guimarães (1997), pois é por meio do *movere* que é possível causar emoção no auditório. A estratégia emotiva da saga do resgate de uma mulher sul-coreana, que está em um território desconhecido e precisa ser enviada de volta sã e salva sem ser pega pelo departamento de segurança daquele país, pois seria considerada desertora ou espiã o que custaria sua vida. Assim, podemos perceber a figura de escolha presente nessa temática.

A figura de presença pode ser observada em algumas cenas, nas quais é possível perceber a repetição de matrizes de sentidos conservadoras. No terceiro episódio, o qual *Se-ri* é descoberta por outros militares na vila, *Jeong-hyeok* aparece, inesperadamente, para dizer aos militares que ela é sua noiva e, com isso, salvá-la daquela situação. Esse roteiro segue ao longo de toda a série, ou seja, momentos em que *Se-ri* está em apuros, frágil demais para se livrar de uma situação perigosa, o homem estará lá para resgatá-la. Assim, podemos entender essa forma de representação como uma repetição de costumes já organizados na memória coletiva da cultura coreana.

Já a figura de comunhão, Santana e Mariano (2013) pontuam como a expectativa em que o outro se identifique com o argumento do sujeito enunciador; com essa finalidade os conhecimentos compartilhados entre orador e auditório estão presentes ao longo de toda a série. A comunhão do auditório com *Yoon Se-ri* é marcada quando percebe-se que seus irmãos não gostam dela, chamando-a de “vagabunda” e não ajudam nas buscas, quando ela está desaparecida. Outro momento que causa a comunhão é o fato de sua mãe não demonstrar seus sentimentos, apenas quando ela “some” esse amor por *Se-ri* é apresentado ao auditório.

Vale mencionar que, quando ela passa a viver na Coreia do Norte, é criado um elo de amizade com os soldados, sentimento que não era comum ter com seus irmãos e sua mãe. A comunhão com o

auditório também acontece em torno da temática da série, quando *Se-ri* precisa ser resgatada da Coreia do Norte e nesse meio tempo vive um romance dado como impossível com o capitão *Jeong-hyeok*.

Finalmente, com a sucessão dos fatos que acontecem na série, podemos observar, agora, o “argumentos da qualidade”. Ferreira (2015) diz que esse tipo de argumento consiste na afirmação de que algo se impõe sobre os demais, sendo único ou raro. Ao voltar do norte, *Yoon Se-ri* afirma:

Fragmento 8: Dizem que as coisas que você não pode comprar com dinheiro são as mais inestimáveis. Esta é uma experiência inestimável.

e com tudo o que ela construiu quando passou a morar na Coreia do Norte e ter interações com a cultura de lá, com os hábitos, as vestimentas, ela começa a dar valor às coisas inestimáveis, construindo um *ethos* que julga ser mais importante o amor e a empatia.

Por essa nossa análise, foi possível observar a construção de diversos *ethos* da personagem *Yoon Se-ri*, e essa diversidade acaba sendo influenciada pelo lugar que ela está inserida, provocando diferentes *ethos*.

Nesse sentido, enquanto vivia na Coreia do Sul, um país que se permite inserir um pensamento inovador e bem desenvolvido tecnologicamente, em comparação com a Coreia do Norte que vive em regime militar, percebe-se a construção de um *ethos* de uma mulher empoderada e que visa o lucro de sua empresa sem se preocupar com sentimentos, nesse âmbito *Yoon Se-ri* dá valor apenas à bens materiais. Quando passa a ter contato com a cultura do norte, e o decorrer de sua passagem conturbada por lá, ela constrói um *ethos* de uma mulher frágil e passa a não se importar, apenas, com bens materiais e se permite demonstrar seus sentimentos, tanto na Coreia do Norte quanto no seu retorno à Coreia do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo material utilizado como base teórica e analisado, pudemos perceber que através da retórica e dos estudos da argumentação contemporânea é possível compreender melhor os diferentes discursos e imagens discursivas, podendo notar que, a partir do âmbito em que o indivíduo está inserido, sua imagem discursiva é modulada.

A partir desse ponto, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar a construção das imagens discursivas da personagem *Yoon Se-ri*, da série *Pousando no amor*, de acordo com o meio vivenciado por ela. A transformação desses *ethos* foi observada no que concerne esse trabalho, sendo

possível atingir nosso objetivo. Inicialmente, introduzimos o conceito de Retórica e sua reformulação para Neoretórica, como também discorreremos sobre o triângulo da Retórica: *ethos*, *pathos* e *logos*. Essa introdução foi fundamental para a análise, pois percebemos o quanto seria importante considerar o *ethos* prévio disposto por Amossy (2013).

Considerando o objetivo da presente pesquisa, ao transcorrer pela construção desses *ethos* sobre o pressuposto por Ferreira (2015) e Mosca (2001), ao longo da série, foi possível observar o *ethos* de Se-ri, enquanto vivia na Coreia do Sul, de uma mulher autônoma e de muito sucesso em seu trabalho, o qual ela dava muito valor. Já no meio tempo em que vive na Coreia do Norte ela perpassa um *ethos* de fragilidade, sem autonomia.

O *ethos* pré-discursivo e a estereotipagem, pressupostos de Amossy (2013) e Maingueneau (2013), foram fundamentais para a análise que concerne esse trabalho, visto que construímos a imagem previamente dessa personagem baseado no que já conhecíamos sobre a cultura coreana e as temáticas abordadas, normalmente, nos doramas asiáticos. Essa pré-construção não foi atendida, de início, pois a personagem era caracterizada como fora dos padrões tradicionalistas perante sua conduta mostrada no primeiro episódio. Outro aspecto importante nesse trabalho foi a observação das figuras de discurso pressupostos por Guimarães (1997) e Santana e Mariano (2013), sendo possível observar como se deu o uso dessas figuras em nosso *corpus*. Pois foi possível compreender como se deu o uso dos três tipos de figuras na série.

Contudo, tendo em vista que o nosso objeto de pesquisa se trata de um fenômeno recente e, portanto, ainda pouco difundido e explorado no âmbito acadêmico, nossa pesquisa se torna relevante por ser, além de caráter exploratório, também documental, uma vez que o *corpus* estudado se trata de uma série da *Netflix* e de um gênero ficcional pouco analisado. Finalmente podemos concluir que a Retórica pode ser utilizada como meio de persuasão em telenovelas seja de forma intencional ou não.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (2013). Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. AMOSSY, R. (Org.). 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto.

ANDRADE, N. T. (2021). *Fãs e a prática Fansubbing: uma análise dos fansubs brasileiros de dramas de TV asiáticos*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza.

CAVALCANTI, M. C.; SOBRAL, M. L.; TORRES, M. T.; COVALESKI, R. (2020). O grupo BTS no DNA ocidental: um estudo de caso da Hallyu e sua influência no mercado musical globalizado. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020*.

Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

- FERREIRA, L. A. (2015). *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto.
- FONSECA, P. F. (2019). *A representação da cultura Sul-Coreana para o mundo por meio dos doramas*. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação na Universidade de Brasília (UnB). Brasília.
- FRANÇA, B. L. (2011). *Hana Yori Dango: o fenômeno do dorama no brasil*. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador.
- GUIMARÃES, E. (2001). Figuras de Retórica e Argumentação. In: MOSCA, L. L. S. (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas Editora/FFLCH/USP.
- MAINGUENEAU, D. (2013). Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto.
- MOSCA, L. L. S. (2001). Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos. In: MOSCA, L. L. S. (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas Editora/FFLCH/USP.
- Santana, F., & Mariano, M. R. (2013). A construção do ethos de uma cidade e de seus habitantes em uma revista local. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, 5(1), 74-88. <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/433>
- SERNAGIOTTO, F. A. *O fenômeno Hallyu: A cultura sul-coreana como instrumento de soft power no século XXI*. Monografia (Curso de Relações Internacionais) - Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, p. 28. 2021.

FILMOGRAFIA

- Pousando no Amor. Direção: Lee Jeong-Hyo. Produção de CJ ENM e Netflix Internacional. Studio Dragon. Coreia do Sul, 2019.



ANÁLISE DE ASPECTOS RETÓRICO- CRÍTICOS EM DISCURSOS DE ÓDIO NA INTERNET

Marcos Vinicius Lucio Fragoso
Universidade Federal de Alagoas (UFAL/BRASIL)
E-mail:marcosviniciusarapiraca@gmail.com

Deywid Wagner de Melo
Universidade Federal de Alagoas (UFAL/BRASIL)
E-mail:deywid@arapiraca.ufal.br

Resumo: Este artigo objetiva analisar como a retórica e os aspectos críticos da linguagem constituem discursos de ódio em ambientes digitais. A princípio, com base em uma revisão da literatura, examinamos as características fundamentais desse fenômeno, incluindo seus padrões linguísticos, estratégias persuasivas e implicações socioculturais. Fundamentamo-nos em Abreu (2009), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (1998), Pedro (1997), Fairclough (2001), Paveau (2017, 2021), entre outros. O presente trabalho apresenta uma abordagem metodológica qualitativa, centrado-se na descrição e interpretação do fenômeno em foco. Nossa análise revela que o discurso de ódio online é, frequentemente, construído por sujeitos que buscam desumanizar, estigmatizar e incitar hostilidade por meio dos recursos da linguagem contra grupos específicos com base em características como raça, etnia, religião, gênero e orientação sexual. Além disso, investigamos o papel das plataformas digitais na disseminação e amplificação do discurso de ódio. Este estudo busca contribuir para uma compreensão mais aprofundada do discurso de ódio na *internet* e oferece perspectivas para a reflexão e promoção de uma cultura digital mais inclusiva e respeitosa.

Palavras-chave: *Discurso de ódio. Retórica. Aspectos críticos.*

Abstract: This article aims to analyze how rhetoric and critical aspects of language constitute hate speech in digital environments. Initially, based on a literature review, we examine the fundamental characteristics of this phenomenon, including its linguistic patterns, persuasive strategies and sociocultural implications. We are based on Abreu (2009), Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (1998), Pedro (1997), Fairclough (2001), Paveau (2017, 2021), among others. The present work presents a qualitative methodological approach, focusing on the description and interpretation of the

phenomenon in focus. Our analysis reveals that online hate speech is often constructed by individuals who seek to dehumanize, stigmatize and incite hostility through language resources against specific groups based on characteristics such as race, ethnicity, religion, gender and sexual orientation. Furthermore, we investigated the role of digital platforms in the dissemination and amplification of hate speech. This study seeks to contribute to a deeper understanding of hate speech on the internet and offers perspectives for reflection and promotion of a more inclusive and respectful digital culture.

Keywords: Hate Speech. Rhetoric. Critical aspects.

INTRODUÇÃO

Sabemos que o mundo, atualmente, está entrelaçado em uma grande rede conectada, em virtude da ascensão tecnológica no âmbito digital e suas proliferações na sociedade. Nesse contexto, surgem inúmeras práticas comunicativas e de interação social, implicando a ressignificação ou aparecimento de gêneros textuais/discursivos nativos do meio digital.

Com isso, de acordo com Recuero (2007), não podemos pensar que as redes que se formam através da *internet* ligam apenas aparelhos eletrônicos; mas, sobretudo, pessoas. Desse modo, os atores encontrados nesse espaço podem se conectar através da linguagem, essa que pode representar “o ódio e o amor, a raiva e a calma, o poder e o medo, a esperança e o desespero, o perdão e a culpa, a alegria e a tristeza” (Ferreira, 2010, p. 8), concretizada em discursos, estabelecendo relações virtuais que refletem nas estruturas sociais.

Nesse viés, partimos do pressuposto do conceito de discurso, conforme afirma Fairclough (2001), que entende discurso como uma ação social reprodutora e modificadora dos contextos reais da sociedade e dos indivíduos. Entendemos que a *internet* é um dos espaços com uma extrema diversidade de discursos, ora coerentes e respeitosos, tendo uma boa aceitabilidade pelos internautas, ora incoerente e desrespeitosa, ferindo grupos e representatividades humanas, incitando ódio e comoções sociais.

Adotamos o conceito de retórica dado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), na obra *Tratado da Argumentação*. De acordo com estes teóricos da nova retórica, este campo do saber é a arte de convencer e persuadir o outro por meio do discurso, objetivando a adesão do auditório. Com isso, conforme Melo (2013), podemos afirmar que o homem é um ser retórico, pois, frequentemente, apropria-se da linguagem para conduzir aqueles com os quais estabelece comunicação. A condução retórica do pensamento do outro aquilo que se deseja é firmada através de elementos retóricos, técnicas utilizadas para construir discursos convincentes, seja na escrita, na fala ou em outros meios de comunicação.

Os aspectos retórico-críticos presentes em discursos de ódio denunciam as estratégias de ataques a comunidades diversas e fortes elementos constitutivos para a manifestação de desrespeito e violência, reafirmando uma falsa hegemonia de poder, ideologias que provocam desarmonia social e falácias populares como “a *internet* é uma terra sem dono”, intuindo, assim, que não haja regras e punições para manifestações linguísticas carregadas de ódio contra pequenos ou grandes grupos sociais.

Nesse panorama, o presente artigo centra-se em procurar saber quais aspectos retórico-críticos que são mais recorrentes em discursos de ódio na *internet*, bem como analisá-los, buscando investigar até que ponto a análise retórica-crítica pode revelar as estratégias discursivas empregadas no discurso de ódio, especialmente aquelas que visam legitimar e perpetuar a intolerância e a discriminação em diversos contextos sociais. Ao examinar essas estratégias, o presente estudo pode proporcionar uma compreensão mais aprofundada desses mecanismos que sustentam o discurso de ódio e contribuir para a conscientização e o desenvolvimento de ações para combater essas práticas discriminatórias.

Esta pesquisa busca elucidar conceitos e práticas retórico-discursivas que oferecem análises destas áreas do saber manifestadas em discursos encontrados nas mais populares mídias sociais da rede mundial de computadores como Instagram, Facebook e Twitter, já que nelas os gêneros do texto e do discurso possuem uma “interação altamente participativa”, conforme afirma Marcuschi (2008, p. 198), além de serem espaços ricos para os aspectos retóricos e críticos do discurso serem encontrados e estudados.

Esta pesquisa torna-se pertinente por provocar reflexões sociais para comunidades virtuais e reais acerca de até que ponto se pode ir com a liberdade de expressão, conceitos sobre crimes cibernéticos e como combater, através da linguagem, os discursos violentos nos ciberespaços. Para a comunidade acadêmica, esta pesquisa vem auxiliar e reforçar os estudos já existentes sobre retórica e discurso, áreas que, com o passar das décadas, têm ganhado grande espaço e importância nos estudos linguísticos, bem como contribuir com os novos estudos que surgem sobre os textos discursivos desse espaço.

A escolha por analisar o discurso de ódio justifica-se pela recorrência da usabilidade dessa ação no meio digital nos últimos tempos, além dos impactos negativos e desarmônicos que esses discursos têm causado para toda a sociedade. Assim, acreditamos que analisar os discursos de ódio da *internet*, sob a perspectiva da retórica e da análise crítica do discurso, pode conscientizar as pessoas por meio das reflexões possíveis a fim de combatermos o ódio em forma de discurso.

Portanto, a proposta deste estudo é, em primeiro plano, reconhecendo os discursos de ódio presentes na *internet*, elencar quais são os aspectos retórico-críticos utilizados pelos oradores desses enunciados e analisar essas estratégias retórico-discursivas. Em segundo plano, uma vez identificados e

analisados os aspectos retóricos e críticos desses discursos, propõe-se explicitar tais mecanismos a fim de evitar o compartilhamento de tais publicações eivadas de ódio e, consecutivamente, conscientizar a todos do meio digital sobre essas transgressões virtuais que se estendem ao social, para combater a dualidade do equívoco entre discurso de ódio legitimado sob o manto da liberdade linguística de expressão.

BASE TEÓRICA E CONCEITUAL

Este trabalho aborda referências sobre discurso, mais especificamente sobre o discurso de ódio e a análise do discurso digital, bem como bases bibliográficas ligadas à história e à evolução da Retórica, incluindo seus primórdios e também as contribuições decisivas de Aristóteles a partir de alguns autores.

Concebemos a ideia de que o plano discursivo não pode ser visto e analisado como algo estático e isolado, ou seja, fora de contexto, muito menos como uma atividade de decodificação centrada apenas no funcionamento linguístico. Nesse sentido, observamos as relações sociais que são, por sua vez, dinâmicas e contextuais, nas quais os sujeitos se estabelecem, já que são por meio deles que encontramos relações de poder, ideologias, processo de consolidação de identidades, entre outras manifestações humanas.

Tomaremos por base os estudos de Fairclough (2001) acerca do discurso e de seus aspectos críticos. Para o autor, o discurso é um conceito amplo que envolve não apenas a linguagem em si, mas também os aspectos sociais, políticos e culturais relacionados à produção, circulação e interpretação do discurso. O autor aborda o discurso como uma prática social que reflete e reproduz relações de poder, ideologias e estruturas sociais.

Segundo Pedro (1997), os objetivos da Análise Crítica do Discurso (ACD) são estabelecidos em temas de cunho social, político e cultural, já que tal teoria concebe a linguagem como uma prática social carregada de ideologia e as relações entre os falantes permeadas de dominação, relação de poder, resistência e afins. Nesse sentido, justifica-se, pois, o porquê da ACD observar com afinco pautas como desigualdades sociais, racismo, xenofobia, gênero, pobreza e identidade.

Para adentrar aos estudos do discurso digital, é necessário aludirmos aos contributos de Marie-Anne Paveau. A autora (2017) apresenta o conceito de tecnodiscurso ou discurso nativo do meio digital como sendo um conjunto de produções verbais elaboradas *on-line* nas mais variadas mídias digitais e ferramentas de escrita. Para a autora, os tecnodiscursos apresentam como características: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e a imprevisibilidade.

Segundo Paveau (2021), os discursos digitais não devem ser analisados apenas a partir do que é linguístico, cultural, social, ético e político, mas também como produções que relacionam o linguageiro e o tecnológico de natureza informática. Assim, a linguista (2013) orienta que as abordagens a serem feitas devem levar em consideração não a linguagem pela linguagem, mas todo o ambiente em que ela e suas faces estão inseridas.

Referindo-se ao discurso de ódio, recorreremos a Santos (2016), que remonta a origem desta prática ao termo em inglês *hate speech*, o qual pode ser definido como um conjunto de expressões que objetiva intimidar, insultar ou hostilizar seres em decorrência da sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que tem a capacidade de suscitar ódio, violência e discriminação contra pessoas ou grupos sociais, na maioria das vezes, minorias sociais.

Para Ruediger (2021, p. 19), “A questão do discurso de ódio é muito anterior à internet, porém, a proliferação das mídias digitais e o uso intensivo de redes sociais on-line trazem questões específicas para sua discussão e combate.”. Por muito tempo, as atividades discursivas de ódio *on-line* eram muito pontuais, consideradas práticas de nichos, mas, ultimamente, sua supereminência e apresentação em espaços *mainstream* da *web 2.0* torna essa temática cada vez mais presente.

De acordo com Brown (2018), as mídias digitais apresentam algumas características que facilitam a proliferação do ódio em tecnodiscursos como: a anonimidade, a invisibilidade, a criação de comunidades por afinidades, a “pseudoliberalidade de expressão”, a instantaneidade e o baixo custo de tempo e recurso para a manifestação desses discursos.

Na presente pesquisa, também nos deteremos, na análise retórica desses discursos. Em linhas gerais, é importante saber que a Retórica possui dois momentos com aspectos bem definidos: a Antiga Retórica se preocupava com a ação retórica, no sentido da oratória, enquanto a Nova Retórica está inclinada para a estrutura da argumentação.

Por isso, evocamos alguns estudos, como os de Reboul (1998, p. 14), que concebe retórica como “a arte de persuadir pelo discurso”; Meyer (2007) que nos apresenta três conceitos que podem ser admitidos à retórica: i. manipulação do auditório (Platão); ii. exposição de argumentos que devem ou pretendem persuadir (Aristóteles) e iii. a arte do bem falar (Quintiliano). Tais concepções estão plenamente relacionadas com a tríade aristotélica: a eloquência deve estar subordinada à virtude do retor (*ethos*), as paixões do auditório (*pathos*) e ao bom e racional uso da linguagem (*logos*).

Ademais, a retórica “ocupa-se de examinar, descrever, prescrever e avaliar atos e eventos que visem influenciar percepções, sentimentos, atitudes e ações, com palavras e outros símbolos” (Halliday, 1999, p. 9). Essas influências dar-se-ão por meio da argumentação, que, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 16), objetiva conduzir o outro a ideias e discursos proferidos, ou seja, a

“adesão dos espíritos”. Nessa perspectiva, Abreu (2009, p.97) defende que argumentar é “motivar o outro a fazer o que queremos, mas deixando que ele faça isso com autonomia, sabendo que suas ações são frutos de sua própria escolha”.

Após a verificação deste arsenal bibliográfico, acreditamos que a presente pesquisa seja pertinente aos estudos do discurso e da retórica, com fundamentações em teóricos sobre os pressupostos aqui abordados.

OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

O objetivo deste trabalho é analisar como a retórica e os aspectos críticos do discurso são utilizados em discursos de ódio de ambientes digitais, especialmente, nas redes sociais, investigando os aspectos retórico-críticos empregados para desumanizar, estigmatizar ou marginalizar grupos minoritários junto com os impactos dessas práticas.

Ao longo do trabalho, esse objetivo precisou ser desdobrado em outros para que pudéssemos atingir o objetivo principal, quais sejam: a) identificar os traços que compõem os discursos de ódio na *internet*, observando quais são os mais recorrentes na proliferação dessa prática discursiva; b) descrever como se constrói a argumentação no interior do plano discursivo do ódio e a adesão/compartilhamento desses discursos; e c) demonstrar e descrever os aspectos retóricos e críticos encontrados no discurso de ódio, refletindo sobre eles.

METODOLOGIA

O trabalho adota uma abordagem metodológica qualitativa, pois se detém na descrição e interpretação do objeto de estudo da pesquisa em questão, não elegendo a quantificação como instrumento relevante para a análise dos dados. Segundo Larsen e Lony (1991 apud. SANTOS, 1999, p. 67), ela “é marcada pela observação naturalista e não controlada e pela existência de dados reais, válidos, ricos e profundos”. Nesta abordagem de pesquisa, não se tem uma suposição definida dos resultados, entretanto há questões que norteiam a pesquisa, quais sejam: quais os aspectos retórico-críticos são mais recorrentes em discursos de ódio em redes sociais? Qual é a função social desses mecanismos? A busca por essas respostas motivou o desenvolvimento desta pesquisa.

Além disso, Paiva (2019, p. 13) afirma que as formas de análise de uma pesquisa qualitativa “incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interação, de documentos (textos, imagens, filmes ou música) etc. Esse tipo de pesquisa é também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística”, e todos esses procedimentos de compreensão, interação e análises de produções, bem

como os resultados que serão traduzidos em conceitos/ideias são seguidos no presente trabalho, confirmando sua natureza qualitativa.

O *corpus* foi coletado na *internet* através de publicações oriundas das redes sociais, especialmente, Instagram, Facebook e Twitter, de perfis abertos, por serem as que mais oferecem possibilidades para que o retor explique o seu discurso, já que são as mais acessadas e possuem um número maior de ferramentas para a interação no plano virtual. O *corpus* da pesquisa será apresentado por meio de duas amostras compostas por postagens em redes sociais, de modo especial, Instagram e o X(antigo Twitter), da qual emanam discursos de ódio em publicações e comentários dessas publicações.

Após a constituição do *corpus* e a coleta de dados, procedeu-se à análise desses discursos, destacando, principalmente, os aspectos retóricos encontrados nas produções discursivas digitais, bem como as estratégias de argumentação e o como os interactantes ridicularizam pessoas e grupos sociais, incitando o ódio e a violência.

Dessa maneira, esperamos que os possíveis resultados da pesquisa, em conformidade com os estudos retóricos e discursivos, mostrem como os discursos de ódio apresentam, de maneira velada ou não, estratégias que corroboram o seu estabelecimento no meio digital e, em alguns casos, quando o auditório é persuadido por tais manifestações discursivas através da argumentação, até o seu compartilhamento ou mesmo ações.

ANÁLISES

A publicação em análise foi encontrada no perfil @josafathmussaba, no Instagram, e postada no dia 28 de junho de 2023. A conta pertence a Josafath Mussaba, mentor e profeta cristão. O angolano tornou público alguns discursos que recebe em ferramentas da rede social, no caso acima, a postagem adveio das “caixas de perguntas” do Instagram.

Figura 1

Post em Instagram



Fonte: Mussaba (2023)

Nesse panorama, podemos observar que a publicação apresenta três faces composicionais deste discurso de ódio: racismo, xenofobia e intolerância religiosa. Em linhas gerais, encontramos estratégias retórico-persuasivas, especialmente, no nível das emoções (*páthos*), como apelo à raiva e ao preconceito pela diferença racial, religiosa e regional que formam Josafath, causando movimentos de repúdio por parte dos seguidores do africano, mas também de certa “aceitabilidade” por internautas que, infelizmente, simplificam e banalizam tais pautas.

Além disso, o discurso em análise molda, constrói e reforça identidades sociais, criando uma narrativa que enfatiza a superioridade de dados grupos raciais, regionais e religiosos em relação a outros (relações e hegemonia de poder), reforçando estereótipos negativos e marginalizando certas comunidades, proliferando, portanto, ideologias intolerantes e violentas, por meio das práticas sociais. Ademais, a linguagem (*logos*) revela desumanização e deslegitima alguns grupos sociais, o que pode gerar a aplicação de rótulos pejorativos, uso de termos degradantes e associação de características negativas a determinadas comunidades, levando-as a exclusões e discriminações sociais. Ainda há o uso do *emoji* que resplandece a ideia, através da ironia, de desconforto, desagrado e até mesmo nojo com algo ou alguém.

Verificamos também um *anti-ethos* construído pelo autor do comentário, pois quando uma pessoa produz um discurso que explicita “sua opinião”, para não já dizer crime, apresentando-se racista em “sua pele me irrita”; xenófoba em “vá embora de nosso país”, de modo injuntivo (vá) e raivoso como expulsasse a pessoa ofendida; e intolerante em “tu e seu Deus”, realiza uma confusão linguística com relação à segunda pessoa (tu e seu) do discurso para apontar a religião do africano como algo que deve estar longe do “nosso país”, segundo o autor desse discurso constituído de ódio. Infere-se, portanto, um *anti-ethos* racista-xenófobo-intolerante religioso.

Esse tipo de discurso deve despertar a indignação humana (*pathos*), pois não se deve ignorar como um ser humano trata o outro, questões como essa beiram a violência física, pois o discurso é tão enfático corroborado por um *emoji* que pode intuir o próprio ato de violência. Trata-se de um homem negro, com suas características naturais que representa o povo africano, representando seu país, Angola, em solo brasileiro, não obstante, sendo discriminado em redes sociais, possivelmente por uma pessoa branca que tenta imprimir a supremacia branca nas relações (de poder) na sociedade, reproduzindo isso no ambiente digital.

Nesse sentido, a análise do discurso de ódio em tela apontou aspectos críticos (hegemonia branca e representação social) da linguagem que fazem com que se indigne (*pathos*) diante da desumanidade constituída, refletindo-se que não se aceitem atos (linguísticos) dessa natureza em quaisquer ambientes, sobretudo, no digital que se prolifera muito rapidamente com os compartilhamentos, repostagens, comentários, constituindo-se como discurso digital.

A publicação adiante é um *repost* de uma conta encontrada na rede social X, antigo twitter. A republicação é do perfil @michelcandidos2 (de direita) que se torna acessível novamente no perfil @hospicio_brasil no dia 05 de maio de 2024. Nessa perspectiva, a postagem em evidência põe em pauta a polarização das regiões norte e sul do país devido às eleições presidenciais, em que sulistas, em sua maioria, por terem votado em um candidato de direita, seriam considerados seres humanos e nortistas e/ou nordestinos, em sua maioria, por terem escolhido um presidenciável de esquerda, para o autor do *post*, são bestas, considerando ser o perfil do autor do *post*, assumidamente, de direita conforme o teor das suas postagens.

Figura 2

Post em X (antigo twitter)



Fonte: Hospício Brasil, 2024

Percebe-se, no *post* em tela, explorações também o nível das emoções (*pathos*), uma vez que são mobilizados sentimentos de indiferença, para manipular a opinião pública (auditório) e incitar ações hostis contra o grupo-alvo, aos que optaram por um determinado candidato. Observa-se também uma linguagem incendiária (*logos*), usando-se palavras carregadas de conotações negativas (bestas) para aumentar a polarização e inflamar os ânimos dos internautas.

Constata-se, nessa linha de raciocínio, um preconceito aos nordestinos. Isso pode ser desvalado por se examinar como o discurso de ódio foi utilizado para reforçar estruturas de poder existentes e perpetuar ideologias dominantes, as quais se presumem sempre uma supremacia do sul sobre o norte, em que aqueles sabem mais bem escrever, ler e votar comparados a estes, simplesmente, por opinião política diferente. Apesar de os resultados reais, como as notas de redação do ENEM, não apontarem isso, ou seja, baseiam-se numa questão puramente ideológica, sem base de dados para proliferar ódio nas redes sociais.

Percebem-se as representações sociais bem demarcadas entre o sul (composto pelas regiões sul, sudeste e centro-oeste) e norte (composta pelas regiões Norte e Nordeste) do país. Mesmo havendo pessoas apoiadoras de ambos os lados nessas regiões, como a maioria se define por uma tendência ideológico-partidária, assume-se uma demarcação mais nítida de desenho polarizado do país, ainda repleto de ódio proliferado nos tecnodiscursos constituídos digitalmente, ou seja, além dos aspectos

linguístico-ideológico-sociais, há os tecnodigitais inerentes à especificidade que são os recursos das redes, como as interações por meio de comentários, (des)curtidas (*likes* e *dislikes*), entre outros.

Ainda sobre os aspectos retóricos, o produtor do *post* fez uso de um argumento quase-lógico que foi o da definição “bestas”, referindo-se a um lado do país, no caso a região Nordeste, mais especificamente, assim definidas as pessoas nordestinas. Essa definição deve causar indignação (*pathos*), pois fere os direitos humanos pela animalização e pelo rebaixamento de um ser humano em detrimento de outros. Esse comportamento denuncia também um *anti-ethos* do produtor do *post* que se assume como uma pessoa que discrimina e segrega brasileiros por sua região e posicionamentos políticos, podendo-se constituindo um produtor do ódio na ocasião instaurado ou reproduzido.

Ademais, constrói-se, por intermédio de uma linguagem estereotipada, identidades negativas, destacando características estigmatizadas e promovendo a diferenciação entre o dado grupo dominante e dominado (os nordestinos), criando uma dinâmica de alteridade.

CONCLUSÕES

A presente pesquisa investigou os aspectos retórico-críticos presentes no discurso de ódio na *internet*, fornecendo *insights* significativos sobre a natureza desse fenômeno complexo e suas implicações socioculturais. Ao longo deste estudo, exploramos como o discurso de ódio é construído e disseminado *online*, identificando aspectos que visam desumanizar, estigmatizar e incitar hostilidade contra determinados grupos sociais, além de poder apontar até mesmo crimes de linguagem, como alguns estudiosos estão tratando a questão. Nossa análise revelou que esses discursos frequentemente empregam estratégias destinadas a manipular emoções, reforçar estereótipos negativos e perpetuar ideologias de exclusão e superioridade.

Além disso, examinamos o papel das redes sociais na amplificação do discurso de ódio, destacando a necessidade urgente de políticas e medidas eficazes para combater essa forma de violência *online*. Observamos como a falta de regulamentação adequada pode permitir que o discurso de ódio se espalhe rapidamente, ampliando seu impacto prejudicial sobre as comunidades virtuais.

Ao finalizar este trabalho, ressaltamos a importância de abordagens interdisciplinares na análise do discurso de ódio *online*, integrando perspectivas da linguística e de outras disciplinas relevantes. Também destacamos a necessidade de ações coletivas e colaborativas para promover uma cultura digital mais inclusiva, na qual o respeito pela diversidade e a tolerância sejam valores fundamentais. Acreditamos que este estudo contribui para uma compreensão mais aprofundada do discurso de ódio na

internet e fornece uma base sólida para continuarmos a pesquisa e buscar intervenções destinadas a mitigar seus impactos negativos sobre a sociedade contemporânea.

O fenômeno do discurso de ódio é amplo e demanda estudos de várias áreas, conforme supracitado, como a psicologia, a psicanálise, as ciências sociais e afins. No entanto, nossa pesquisa se interessa por aspectos linguísticos, dentro dos campos da retórica e do discurso, tendo em vista uma delimitação teórica e metodológica. Destarte, o ódio e suas interfaces discursivas sempre emanam, de acordo com Seara (2020), a partir da não compreensão do outro, da não escuta às suas características e particularidades, incitando violências plurissemióticas, cibercrimes e polarizações, criando uma falsa concepção de que o diverso não é normal.

REFERÊNCIAS

- Abreu, A. S. (2009). *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção* (13ª ed.). Cotia: Ateliê Editorial.
- Brown, A. (2018). Whatissospecialabout online (as comparedto offline) hate speech?Ethnicities, 18(3), 297-326.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e Mudança Social*. Coordenação da trad.: Izabel Magalhães. Brasília: UNB.
- Ferreira, L. A. (2010). *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto.
- Halliday, T. L. (1999). *O que é retórica*. São Paulo: Brasiliense.
- Hospício Brasil. [@hospicio_brasil]. (2024, 5 de maio). [fotografia]. Rede Social X (antigo twitter). https://x.com/hospicio_brasil/status/1787187692796604591?s=46.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Melo, D. W. de. (2009). *Análise retórica do gênero discursivo oral defesa pública*. Maceió: EDUFAL.
- Melo, D. W. de. (2013). *Análise retórico-textual dos gêneros discursivos orais do judiciário: acusação e defesa*. 2013. 247 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013
- Meyer, M. (2007). *A retórica*. Revisão técnica Lineide Salvador Mosca. Tradução Marly N. Peres. São Paulo: Ática.
- Mussaba, J. [@josafathmussaba]. (2023, 28 de junho). [vídeo]. Instagram. https://www.instagram.com/reel/CuCjP6MrodH/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBi%20NWFIZA%3D%3D

- Paiva, V. L. M. de O. (2019). *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola.
- Paveau, M.-A. (2013). *Technodiscursivités natives sur Twitter*. Une écologie du discours numérique, *Epistémè* 9, 139-176.
- Paveau, M.-A. (2017). *L'Analyse du Discours Numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs.
- Paveau, M.-A. (2021). *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Pontes.
- Pedro, E. R. (Org.). (1997). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho.
- Perelman, C., Olbrechts-Tyteca, L. (2005). *Tratado da argumentação – A nova retórica* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Reboul, O. (1998). *Introdução à Retórica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Ruediger, M. A., Grassi, A. (Coord.). (2021). *Discurso de ódio em ambientes digitais: definições, especificidades e contexto da discriminação on-line no Brasil a partir do Twitter e do Facebook*. Policy paper. Rio de Janeiro: FGV DAPP.
- Santos, M. A. M. dos. (2016). *O discurso de ódio em Redes Sociais*. São Paulo: Lura Editorial.
- Santos, M. F. O. (1999). *As relações de poder: Análise do Discurso*. Curitiba: HD Livros.
- Seara, I. R. (2020). *Violência verbal nos discursos político e midiático contemporâneos: da dicotomização ao insulto*. *Revista Estudos Linguísticos*, 28(4), 1507-1518.



“O BRASIL É UM SÓ POVO”: UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DA ARGUMENTAÇÃO EM UMA PROPAGANDA DO GOVERNO FEDERAL

Luis Felipe da Silva Castelo Branco
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: felipecastelobranco@ufpi.edu.br

João Benvindo de Moura
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: jbenvido@ufpi.edu.br

Resumo: Este trabalho parte de um questionamento acerca da argumentação presente no discurso propagandista do Governo Federal. Filiamo-nos ao arcabouço teórico-metodológico da Teoria Semioliolinguística. Seleccionamos como objeto de análise um vídeo do governo brasileiro sobre o programa Farmácia Popular. Buscamos analisar a propaganda como ato de linguagem, desvelar as restrições e estratégias do seu contrato de comunicação e verificar a sua dimensão argumentativa. Como resultados, identificamos uma dimensão argumentativa na encenação do ato de linguagem analisado e um contrato de comunicação que utiliza das estratégias de neutralidade, engajamento e captação para a construção de um *ethos* positivo para o sujeito comunicante, aliado aos ideais de democracia, responsabilidade e compromisso com a saúde da população.

Palavras-chave: *Argumentação. Discurso propagandista. Teoria Semioliolinguística.*

Abstract: This work begins with a questioning of the argumentation present in the Federal Government’s propaganda discourse. We align ourselves with the theoretical-methodological framework of Semioliolinguistic Theory. We have selected as our object of analysis a video from the Brazilian government about the Popular Pharmacy program. We aim to analyze the propaganda as an act of language, to unveil the restrictions and strategies of its communication contract, and to verify its argumentative dimension. As results, we identified an argumentative dimension in the staging of the

analyzed language act and a communication contract that uses strategies of neutrality, engagement, and captivation to construct a positive ethos for the communicating subject, aligned with the ideals of democracy, responsibility, and commitment to the health of the population.

Keywords: *Argumentation. Propaganda Discourse. Semiolinguistic Theory.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Análise do Discurso é uma disciplina dos estudos da linguagem que se preocupa em analisar diferentes discursos sociais e descrever o modo como eles produzem sentidos a partir de práticas de linguagem concretas. Partindo desse pressuposto, selecionamos como objeto de análise um vídeo da campanha “O Brasil é um só povo”, do Governo Federal do Brasil, sobre o programa Farmácia Popular. Diante desse *corpus*, traçamos a seguinte questão de pesquisa: *de que forma a argumentação está presente no discurso propagandista do Governo Federal?*

Para respondermos a esse questionamento norteador, filiamos-nos à perspectiva teórico-metodológica da Teoria Semiolinguística. Utilizamos como base, principalmente, os trabalhos de Charaudeau (2001, 2005, 2010, 2016a, 2016b). Mobilizamos, dessa forma, conceitos como ato de linguagem, contrato de comunicação e discurso propagandista.

Nosso objetivo geral foi realizar uma análise semiolinguística da argumentação em uma propaganda do Governo Federal. Como objetivos específicos, a partir do vídeo selecionado para investigação, propomos: a) analisar a propaganda como ato de linguagem; b) desvelar as restrições e estratégias do contrato de comunicação propagandista; e c) verificar a dimensão argumentativa do discurso propagandista do Governo Federal.

Nossa pesquisa é de abordagem qualitativa; de cunho descritivo quanto aos objetivos; documental no tocante aos procedimentos de coleta de dados; e de natureza aplicada. Para sua execução, investimos no seguinte percurso metodológico: I) leitura do referencial teórico; II) análise prévia do objeto; III) identificação das categorias propostas; e IV) registro dos resultados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No campo dos estudos da linguagem, a Análise do Discurso (AD) consiste, de modo geral, em uma área voltada para analisar a relação entre a língua e o seu uso por sujeitos inscritos em determinados contextos sociais, históricos e ideológicos. Entretanto, como salientado por Maingueneau (1997), esse modo de apreensão da linguagem não é homogêneo, visto que a AD reúne diferentes teorias e metodologias para apreensão do seu objeto de investigação: o discurso. Neste trabalho,

filiamo-nos a uma de suas vertentes, a Teoria Semiolinguística (TS), que foi originada, nos anos 1980, a partir dos trabalhos do linguista francês Patrick Charaudeau – professor emérito da Universidade de Paris-Nord (Paris XIII).

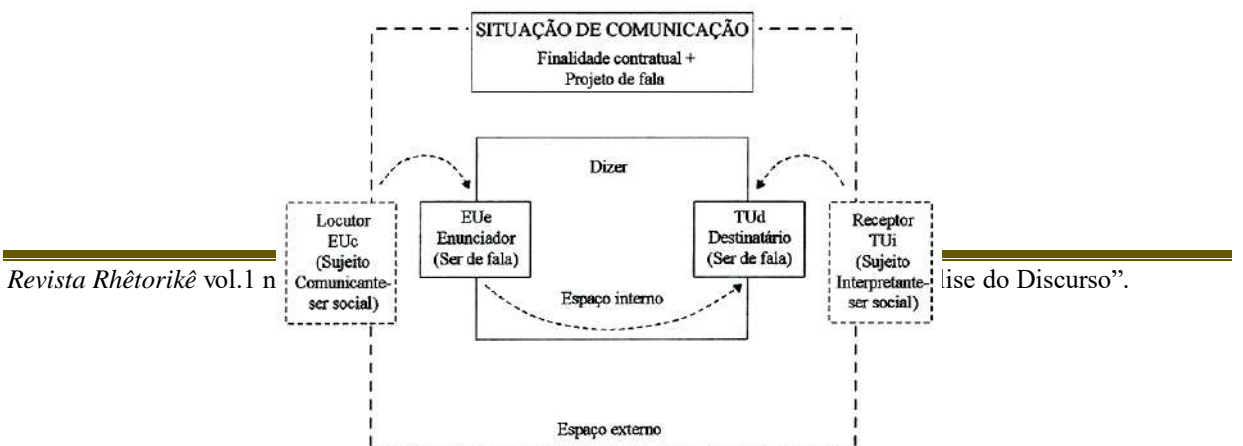
A TS introduz uma forma de analisar os diferentes discursos sociais que tem como princípio norteador o reconhecimento da linguagem como um veículo de comunicação social. Nessa perspectiva, há uma ênfase na dimensão psicossocial do fenômeno linguageiro. Em outras palavras, direciona-se um olhar para os sujeitos da linguagem e o papel de suas intencionalidades na produção de sentidos (Machado, 2001).

O nome “Semiolinguística” sintetiza a proposta teórico-metodológica dessa corrente da Análise do Discurso. O termo “Semio-” vem de “semiósis” e aponta para um entendimento de que os sentidos são construídos e se apresentam a partir de uma relação forma-sentido, que pode ocorrer através de diferentes sistemas semiológicos e está relacionada ao projeto de influência social de um sujeito de intencionalidades, inscrito em um quadro de ação. Já o termo “linguística” destaca a forma das línguas naturais, a qual é o material privilegiado por essa teoria para a análise do fenômeno linguageiro (Charaudeau, 2005).

Um dos conceitos-chave da TS é o de ato de linguagem. Ele é definido por Charaudeau (2016b) como uma totalidade que se apresenta sob o duplo aspecto de um explícito e de um implícito. O explícito diz respeito ao espaço do dizer – concreto, perceptível na forma material da linguagem–, enquanto o implícito corresponde ao espaço do fazer – as circunstâncias de discurso que orientam a produção e a interpretação. Dessa forma, o ato de linguagem, longe de ser uma troca simétrica, pode ser pensado como uma encenação, na qual temos, no mínimo, quatro sujeitos distribuídos em dois circuitos.

Figura 1

Representação do dispositivo de encenação da linguagem



Fonte: Charaudeau (2016b, p. 77).

Conforme ilustrado na Figura 1, todo ato de linguagem parte de um dispositivo de encenação específico. No espaço do fazer – circuito externo –, teríamos os parceiros do ato de linguagem, seres sociais e psicológicos, caracterizados por determinados traços identitários. De um lado, o sujeito comunicante (EUc), responsável pela produção do ato de linguagem; de outro lado, o sujeito interpretante (TUi), aquele que recebe, interpreta e reage ao discurso daquele outro.

No espaço do dizer – circuito interno –, haveria os protagonistas do ato de linguagem, seres fala, identificados por determinados papéis languageiros, sendo ambos resultantes de uma projeção do EUc. De um lado, o sujeito enunciador (EUe), um papel languageiro mobilizado para a encenação do ato de linguagem; de outro lado, o sujeito destinatário (TUD) – o sujeito-alvo do EUc para o seu projeto de fala. Podemos dizer, com isso, que a significação do ato de linguagem é resultado da relação de interdependência entre um espaço do fazer – a relação contratual entre os parceiros – e um espaço do dizer – a encenação do dizer entre os protagonistas –, os quais possuem como elo um projeto de fala de um sujeito de intencionalidades e um contrato comunicacional.

Conceber o fenômeno languageiro a partir da representação do dispositivo de encenação da linguagem nos possibilita traçar uma definição de discurso. De modo mais específico, no viés da Semiologia, o termo discurso pode ser empregado em dois sentidos.

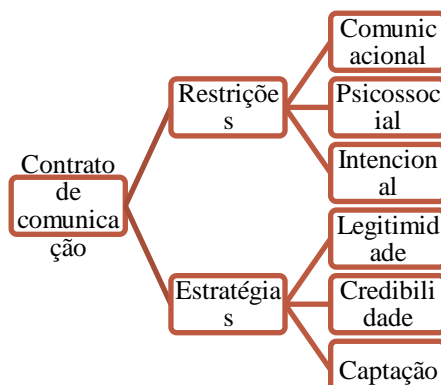
Em um primeiro sentido, *discurso* está relacionado ao fenômeno da encenação do ato de linguagem. Esta encenação depende de um dispositivo que compreende dois circuitos: um circuito externo, que representa o lugar do *fazer psicossocial* (o situacional) e um circuito interno, que representa o lugar da *organização do dizer*. Reservaremos o termo *discurso* ao domínio do *dizer*. [...] Em um segundo sentido, *discurso* pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados, construído, na maior parte das vezes, de modo inconsciente, pelos indivíduos pertencentes a um dado grupo social (Charaudeau, 2001, p. 26).

Em outras palavras, o discurso está tanto em uma encenação linguageira particular quanto nas representações sociais que circulam a partir da linguagem. Além do mais, “O discurso ultrapassa os códigos de manifestação linguageira na medida em que é o lugar da encenação da significação, sendo que pode utilizar, conforme seus fins, de um ou vários códigos semiológicos” (Charaudeau, 2001, p. 25). Por isso, o discurso não se resume a textos verbais, ele também pode se manifestar em imagens sons, gestos, sinais, na interação dessas diferentes formas de expressão, entre outras possibilidades.

A encenação de todo ato de linguagem é influenciada por um contrato de comunicação (ou contrato de fala), ou seja, um ritual sociolinguageiro que “[...] pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais” (Charaudeau, 2016b, p. 56). O contrato de comunicação é determinado pela situação de comunicação, isto é, o quadro físico e mental em que os parceiros do ato de linguagem se encontram. Por conseguinte, o contrato comunicacional faz com que a encenação do ato de linguagem se realize mediante um espaço de restrições e estratégias.

Figura 2

O contrato de comunicação



Fonte: elaborado com base em Charaudeau (2005).

As restrições impostas pelo contrato de comunicação são de três tipos: comunicacional – o quadro físico da situação de comunicação: os parceiros, o canal de comunicação, o modo de dizer etc. – , psicossocial (ou situacional) – a identidade dos parceiros e como ela é vista por eles próprios e pelo outro: faixa etária, gênero, profissão, relações de parentesco/amizade, estado emocional etc. – e intencional (discursivo) – os saberes e os rituais partilhados entre os parceiros: aquilo que é esperado, por exemplo, por um telespectador ao ligar a televisão para assistir a um telejornal.

As estratégias do contrato de comunicação, por sua vez, podem ser de três tipos: legitimação – a construção ou identificação das maneiras de conquistar a legitimação através de uma imagem de si (*ethos*) –, credibilidade – as atitudes assumidas pelo locutor para parecer crível: neutralidade, distanciamento e engajamento – e captação – as atitudes do locutor ancoradas na polêmica, sedução e dramatização com a finalidade de atingir o interlocutor.

Ao analisarmos como os diferentes discursos sociais se manifestam a partir de práticas de linguagem, não pretendemos atribuir a eles julgamentos de valor, mas, ao invés disso, descrever o jogo de máscaras que eles instauram para a produção de sentidos. Nessa direção, Charaudeau (2016a, p. 4) pontua que “[...] a análise de discurso não tem por objetivo a descoberta da verdade, mas a descoberta de jogos de apresentação da verdade, como ‘crer’ e ‘fazer crer’”. Esse processo, que Charaudeau denomina de problemática de influência, está estreitamente relacionado à dimensão argumentativa dos discursos

Existem, por um lado, as práticas de linguagem inseridas em um contrato de comunicação argumentativo e que possuem uma visada argumentativa, como o discurso jurídico, por exemplo. Por outro lado, temos os discursos que possuem uma simples dimensão argumentativa, não estando, assim, inseridos em um contrato argumentativo, como é o caso do discurso literário. Dito de outro modo, “[...] a simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário, não se confunde com uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo” (Amossy, 2018, p. 44).

De maneira análoga, Charaudeau (2016b, p. 204) nos diz que “[...] o aspecto argumentativo de um discurso encontra-se frequentemente no que está *implícito*”. Sendo assim, na busca pela dimensão argumentativa de um determinado ato de linguagem, é pertinente considerarmos a relação entre o espaço do dizer e do fazer em sua encenação, os contratos e os sujeitos. Ainda segundo o autor, a argumentação é definida como uma relação que se estabelece entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo desse projeto de influência.

Em gêneros textuais/discursivos como a propaganda publicitária, que é geralmente veiculada em canais de comunicação de massa e utilizada para promover uma ideia, produto ou serviço, temos um exemplo de como a dimensão argumentativa pode se fazer presente nos discursos, principalmente quando encontra-se a serviço do discurso político. Charaudeau (2010) discute que, no discurso político, parte-se do princípio de que nem tudo pode ser dito e, por essa razão, as instâncias políticas precisam encontrar estratégias para propagação de suas ideias de uma maneira que atinja um grande número da população.

A atividade de persuasão e de sedução é constitutiva do discurso político, já que, na democracia, é necessário conquistar o poder ou geri-lo com a aprovação popular. [...] Quer se trate de conquistar o poder ou de geri-lo, a instância política se encontra em situação de dever fazer aderir à sua política uma maioria de indivíduos sobre os quais não tem poder de injunção (Charaudeau, 2010, p. 66-67).

Na prática, as instâncias políticas costumam utilizar daquilo que Charaudeau (2010) define como discurso propagandista. Trata-se de um processo discursivo de caráter abrangente que reúne diversos gêneros, como o publicitário, o promocional e o político. Dentre as suas características, temos: um discurso de incitação a fazer; uma instância de produção (individual ou coletiva) em posição de não autoridade; um interlocutor em uma posição de dever crer; uma instância coletiva como alvo; a inscrição em um dispositivo de difusão e circulação de ideias; e o uso de um duplo esquema cognitivo: narrativo e argumentativo (Charaudeau, 2010).

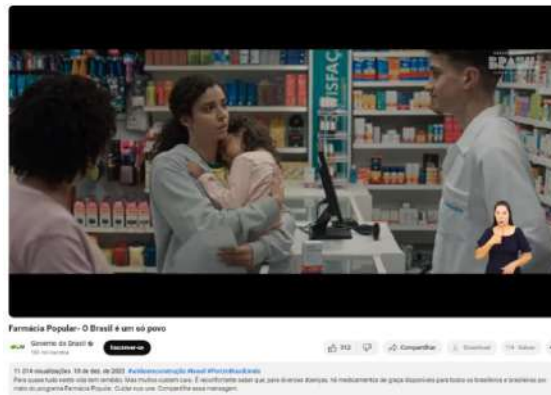
Diante do que foi exposto, compreendemos o motivo de a Semiologia ser considerada uma teoria de análise do discurso. Apresentamos alguns de seus principais conceitos que serão mobilizados neste trabalho, tais como o ato de linguagem e o contrato de comunicação, além de promovermos um diálogo com as noções de argumentação e discurso propagandista, as quais também serão pertinentes para analisarmos a propaganda publicitária selecionada como nosso objeto de análise. Feito isso, a seguir, apresentamos nossos resultados e discussões alcançadas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Selecionamos como objeto de análise um vídeo da campanha “O Brasil é um só povo”, do Governo Federal, a qual foi lançada em 10 de dezembro de 2023 com o objetivo de mobilizar os brasileiros para aderir à proposta do novo governo, liderado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, divulgando, assim, uma mensagem pautada nos ideais de união e reconstrução. O tema do vídeo em questão é o Programa Farmácia Popular do Brasil (PFPPB), uma iniciativa que garante, de forma gratuita ou com descontos, medicamentos utilizados na atenção primária à saúde, por meio de uma parceira com farmácias e drogarias da rede privada. O vídeo, divulgado nas mídias a partir de 15 de dezembro de 2023, retrata uma mãe que, ao procurar uma bombinha de asma para a filha em uma farmácia, considera o preço alto, mas, logo em seguida, é informada por outra mulher, cujo filho também enfrenta o mesmo problema de saúde, que, desde que tenha a receita médica, pode levar o produto sem pagar, porque o benefício do Farmácia Popular é para todos que precisam.

Figura 3

Vídeo da propaganda da Farmácia Popular

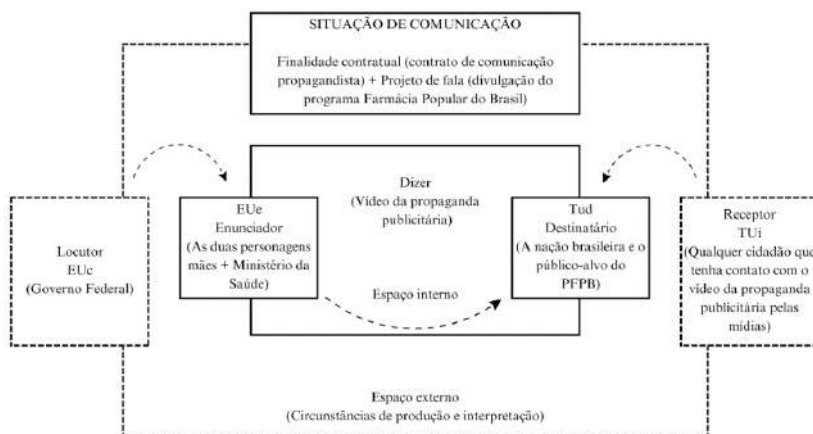


Fonte: Governo do Brasil (2024)

Ao analisarmos essa propaganda como um ato de linguagem, temos um processo comunicativo que se desenrola em dois circuitos – externo (do fazer) e interno (do dizer) –, reunindo, no mínimo, quatro sujeitos, distribuídos nas instâncias de produção e interpretação. Na Figura 4, temos uma representação do dispositivo de encenação da linguagem desse ato de linguagem propagandista.

Figura 4

Representação do dispositivo de encenação da linguagem da propaganda do Governo Federal

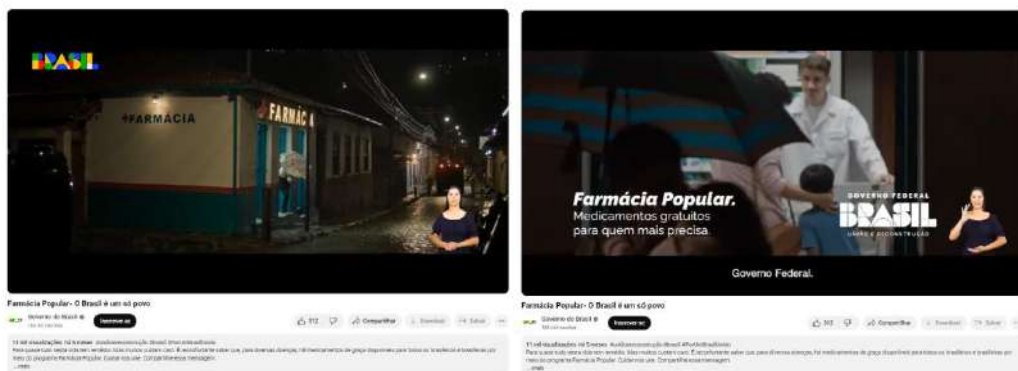


Fonte: adaptado com base em Charaudeau (2016b, p. 77)

Em primeiro lugar, no espaço externo, temos os dois parceiros do ato de linguagem ligados por um contrato de comunicação propagandista. O EUC é o Governo Federal, detentor de um projeto de fala que visa à divulgação do programa Farmácia Popular. Como o vídeo foi divulgado em diversas mídias de informação e comunicação – televisão, redes sociais, plataformas de vídeo etc. –, o TUi pode ser qualquer cidadão que tenha contato com o vídeo da propaganda publicitária e a ele possa reagir.

Figura 5

Primeiro e último quadro da propaganda da Farmácia Popular



Fonte: Governo do Brasil (2024)

Nas duas imagens apresentadas na Figura 5, temos, respectivamente, o primeiro e o último quadro do vídeo. Como eles sugerem, o EUC Governo Federal é o responsável pela propaganda, o que pode ser confirmado pela presença de sua logomarca ao longo de todo o vídeo, além da parcela verbal “Brasil. União e Reconstrução. Governo Federal.” (Governo do Brasil, 2023, 0 min 42 s) que encerra o vídeo. O TUi apresenta-se, por sua vez, na audiência da propaganda, a qual não conseguimos mensurar com exatidão, em razão de ter sido divulgada em múltiplas plataformas, mas podemos ter como exemplo os mais de 11 mil acessos apenas nesse vídeo publicado no canal do YouTube do Governo Federal.

Em segundo lugar, no espaço interno, estão os protagonistas do ato de linguagem. O EUC projeta para a encenação do seu projeto de fala um EUE compósito: as duas personagens no papel discursivo de mães de filhos que precisam de medicamentos para o tratamento da asma e o Ministério da Saúde – o órgão do Poder Executivo Federal responsável pela organização e elaboração de políticas públicas voltados para a promoção, a prevenção e a assistência à saúde dos brasileiros. Já a temática

Revista Rhētorikē vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

tratada acerca do Farmácia Popular e a mensagem de união e reconstrução propagada ao longo de vídeo indicam que o TUD da propaganda, isto é, o público-alvo almejado pelo EUC Governo Federal, seria não apenas os possíveis beneficiários do PFPB, mas também a sociedade brasileira como um todo.

Esse jogo de máscaras é encenado mediante circunstâncias de discurso próprias. É relevante, nesse cenário, a transição, no ano de 2023, do governo de Jair Messias Bolsonaro – representante da direita brasileira – para o de Luiz Inácio Lula da Silva – representante da esquerda brasileira. Além disso, no tocante ao programa Farmácia Popular, é significativo também o corte proposto pelo governo do ex-presidente Bolsonaro para o PFPB no ano de 2023, cerca de R\$ 1,2 bilhão, o que equivale a 59% do orçamento, segundo dados divulgados pela Associação Médica Brasileira¹.

Essas informações, que estão implícitas, são fundamentais para a construção da significação da parcela explícita, do dito. A título de exemplo, os versos que ecoam na parte final do vídeo: “Quero ver um novo dia. Um Brasil e um só povo.” (Governo Federal, 2023, 0 min 27 s). Há, então, discursos que apontam para a superação da polarização política em prol da reconstrução de um país que teria sido alvo de retrocessos nos anos anteriores, sobretudo nas políticas de assistência à população.

Partindo da tipologia proposta por Charaudeau (2010), dizemos que o vídeo em questão se enquadra como um exemplar de discurso propagandista, mais especificamente, de um discurso promocional, visto que é voltado para prevenir adversidades (a ausência de medicamentos), convencendo as pessoas a agirem de certa maneira (buscar a assistência oferecida pelo Governo) e incitando a adoção de determinados comportamentos (união da população brasileira). A instância promotora seria o Governo Federal, apresentado como um benfeitor e conselheiro. O objeto de fala seria um benefício coletivo: o programa Farmácia Popular. Já a instância público seria civil e cidadã, levada a reconhecer-se em um comportamento estigmatizado (ausência de informação e/ou união) e a dever querer seguir um modelo de comportamento em benefício da solidariedade social (superação das diferenças para a reconstrução do país).

Trata-se de um quadro comunicacional que apresenta aquilo que Amossy (2018) define como dimensão argumentativa. Isso porque o aspecto argumentativo, como trata Charaudeau (2016), encontra-se implícito. Ainda assim, conseguimos identificar um sujeito-argumentante (Governo Federal), uma proposta sobre o mundo (a mensagem de união para a reconstrução do país) e um sujeito-alvo (a população brasileira em geral, beneficiários ou não do PFPB, aliados ou não ao governo).

Como todo ato de linguagem, a referida propaganda do Governo Federal sobre o Farmácia Popular também está inscrita em um contrato de comunicação. Trata-se, como já mencionado

¹Disponível em: <https://amb.org.br/brasil-urgente/governo-reduz-recursos-do-farmacia-popular-para-garantir-valor-do-orcamento-no-proximo-ano/>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

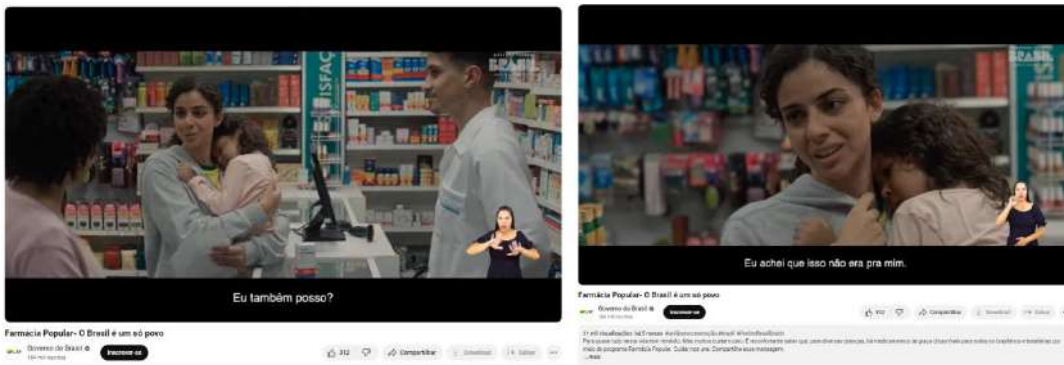
anteriormente, de um contrato de comunicação propagandístico, que se desenrola em um espaço de restrições e estratégias. Mas quais seriam as suas especificidades?

No que diz respeito às restrições, no nível comunicacional, é imprescindível destacar a identidade que o EUC projeta para si de governo populista, associando a sua imagem à preocupação e ao amparo da população como um todo, sem discriminação. Para reforçá-la, projeta na encenação da propaganda duas mulheres, uma delas negra, ambas mães de crianças e de classe social menos favorecida, simbolizando uma parcela significativa da população brasileira que é constituída por mulheres, negras ou pardas, encarregadas do cuidado da família. O EUC mobiliza também o Ministério da Saúde, responsável pela execução da propaganda, um órgão que socialmente é referência na saúde, amparo e proteção da população.

No nível psicossocial, é relevante mencionarmos a forma como o EUC possivelmente vislumbra o receptor da propaganda publicitária. O cenário de uma farmácia localizada aparentemente em um centro urbano de uma cidade pequena (conferir Figura 5), a temática em torno de um programa de assistência à saúde e o perfil das mulheres que encenam a propaganda – mulheres, mães, pobres – indicam um provável endereçamento aos adultos brasileiros. De maneira mais específica, levando em consideração o nível intencional, conseguimos captar os conhecimentos que o EUC revela ter do TUI.

Figura 6

Cena da propaganda da Farmácia Popular



Fonte: Governo do Brasil (2024)

Nos dois quadros do vídeo destacados na Figura 6, temos a reação de surpresa e emoção da mulher que foi à farmácia em busca de medicamento ao ser informada pela outra mãe que poderia levá-lo gratuitamente. Na combinação de diferentes linguagens que atuam na construção de sentidos da

Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”.

propaganda, temos um gesto significativo entre uma cena e outra: a mulher, que traz uma camisa nas cores verde e amarelo embaixo do seu casaco, busca escondê-la, fechando a vestimenta superior no mesmo momento em que constata: “Eu achei que isso não era pra mim.” (Governo Federal, 2023, 0 min 21s). Quem seria ela?

As circunstâncias de discurso da propaganda trazem uma informação relevante. Segundo Alcântara (2022), no contexto de polarização política recente no Brasil, as cores da bandeira brasileira, sobretudo o verde e o amarelo, foram utilizadas como um símbolo pelos eleitores de Jair Bolsonaro, assim como o vermelho foi associado aos eleitores do Lula. Diante desse fato, a moça do vídeo que esconde a sua camiseta verde e amarela foi utilizada possivelmente com a intencionalidade de evocar os diferentes posicionamentos políticos dos brasileiros. Assim, mobilizando esses elementos simbólicos, o EUC demonstra reconhecer que o seu TUI está inserido em uma sociedade polarizada, marcada, dentre outras coisas, pelo enfraquecimento de políticas sociais e uma dificuldade para reconhecer o real impacto delas na sociedade, a importância e o alcance que elas possuem para todos.

Diante dessa rede de discursos, o nível intencional nos leva a indagar ainda a suposta intencionalidade do EUC dessa campanha. De acordo com a Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal, o vídeo foi elaborado para informar a população sobre os benefícios do programa Farmácia Popular e, ao mesmo tempo, apresentar uma mensagem de união e reconstrução para o país.² Semelhante propósito é linguisticamente marcado, respectivamente, nos dizeres: “Farmácia Popular. Medicamentos gratuitos para quem mais precisa.” (Governo Federal, 2023, 0 min 37 s) e “Querer o melhor para nossos filhos. Isso é o que nos une.” (Governo Federal, 2023, 0 min 36s).

Os dois enunciados destacados são pertinentes para averiguarmos as estratégias discursivas utilizadas pelo EUC no intuito de atingir o sucesso em seu projeto de fala. Do ponto de vista das estratégias de credibilidade, em “Farmácia Popular. Medicamentos gratuitos para quem mais precisa.” (Governo Federal, 2023, 0 min 37 s), o EUC Ministério da Saúde utiliza de um comportamento delocutivo em sua enunciação, ou seja, marca em seu dizer a relação com um terceiro, indicando, por meio de uma asserção, como o mundo se impõe, o que representa uma estratégia de neutralidade, porque produz efeitos de sentido de objetividade e imparcialidade. Já em “Querer o melhor para nossos filhos. Isso é o que nos une.” (Governo Federal, 2023, 0 min 36s), o EUC, ao marcar em seu dizer uma relação consigo mesmo, usa de um comportamento elocutivo, o qual se configura linguisticamente através de uma constatação, o que indica, por sua vez, uma estratégia de engajamento e produz efeitos de sentido de cuidado e humanidade.

²Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/12/campanha-do-governo-reforca-que-farmacia-popular-atende-a-todos-os-brasileiros>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

Nesses exemplos, há um apelo ao estado emocional do interlocutor, visto que são invocados temas com um potencial de sensibilizar aqueles que ocupem o lugar de pai ou mãe ou que prezem pelo cuidado de seus familiares. Trata-se, portanto, de uma estratégia de captação, a qual é empregada com o intuito de seduzir o TUi da propaganda a aderir à ideia divulgada. Ademais, os elementos analisados nos conduzem a identificar, no tocante às estratégias de legitimação, que o EUc, por meio do EUE compósito trazido na propaganda, projeta para si um *ethos* positivo, ou seja, uma imagem de governo democrático, responsável e comprometido com o país e o bem-estar da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, realizamos uma análise semiolinguística da argumentação em uma propaganda do Governo Federal sobre o programa Farmácia Popular. Partimos de um questionamento acerca do modo como a argumentação estaria presente no discurso propagandista do governo brasileiro. Para respondermos a essa questão motivadora, analisamos o ato de linguagem, o contrato de comunicação e a dimensão argumentativa da propaganda selecionada como nosso objeto de análise.

Analisando o dispositivo de encenação do ato de linguagem, demonstramos que a sua encenação é comandada pelo EUc Governo Federal, que projeta um EUE compósito – duas personagens mães e a voz do Ministério da Saúde – e um TUD que seria não apenas o público-alvo do PFPB, mas a nação brasileira como um todo. Por se tratar de um vídeo amplamente divulgado nas mídias, o TUi seria qualquer cidadão em contato com a propaganda e que a ela possa reagir. A situação de comunicação que une esses sujeitos é caracterizada por um contrato de comunicação propagandista.

De modo mais específico, notamos que o vídeo analisado é um exemplar de um tipo de discurso propagandista: o promocional. Nele, conseguimos identificar uma dimensão argumentativa. Há um sujeito-argumentante (Governo Federal), uma proposta sobre o mundo (a mensagem de união para a reconstrução do país) e um sujeito-alvo (a população brasileira em geral, beneficiários ou não do PFPB, aliados ou não ao governo).

Ademais, verificamos as especificidades do contrato de comunicação no qual se desenrola a propaganda analisada. No que diz respeito às restrições, o EUc incorpora uma identidade de governo populista, associando a sua imagem à preocupação e ao amparo da população, além revelar uma imagem do seu destinatário como alguém inserido em uma sociedade polarizada, marcada, dentre outras coisas, pelo enfraquecimento de políticas sociais e uma dificuldade para reconhecer o real impacto delas na sociedade, a importância e o alcance que elas possuem para todos.

Como parte das estratégias discursivas, destacamos a presença de estratégias de neutralidade e engajamento, promovendo efeitos de sentido de objetividade e imparcialidade, assim como estratégias de engajamento, usadas para construção de efeitos de sentido de cuidado e humanidade. As estratégias de captação foram utilizadas no intuito de sensibilizar o TUi da propaganda a aderir à ideia divulgada. Em meio a isso, por fim, apontamos que o EUc, por meio de um EUE compósito, projeta para si um *ethos* positivo, aliado aos ideais de democracia, responsabilidade e compromisso com a saúde da população.

REFERÊNCIAS

- Alcântara, C. (2022). *Verde, amarelo e vermelho: depois das eleições, vamos voltar a usar essas cores?* O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2020/noticia/2022/10/verde-amarelo-e-vermelho-depois-das-eleicoes-vamos-voltar-a-usar-essas-cores.ghtml>. Acesso em: 19 de maio de 2024.
- Amossy, R. (2018). *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto.
- Charaudeau, P. (2001). Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: Mari, H.; Machado, I.; Mello, R. (org.). *Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG.
- Charaudeau, P. (2005). Uma análise semiolinguística do discurso. In: Pauliukonis, M. A. L.; Gavazzi, S. (org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 05 out. 2023.
- Charaudeau, P. (2010). O discurso propagandista: uma tipologia. In: Machado, I. L. & Mello, R. *Análises do Discurso Hoje*, vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), p.57-78.
- Charaudeau, P. (2016a). *A argumentação em uma problemática da influência*. ReVEL, edição especial, vol. 14, n. 12. Tradução de Maria Aparecida Lino Pauliukonis. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/82cdc76251f39fa72a9aa561bec1216a.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- Charaudeau, P. (2016b). *Linguagem e Discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto.
- Governo do Brasil. (2024, 19 de maio). Propaganda da Farmácia Popular (vídeo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PC44f7qm74w>. Acesso em: 19 de maio de 2024.
- Machado, I. L. (2001). Uma teoria de Análise do Discurso: a Semiolinguística. In: Mari, H. *et al* (org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, p. 39-62.
- Maingueneau, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas/SP: Pontes.



(CONTRA)ATAQUES IDENTITÁRIOS ENTRE DIREITA E ESQUERDA: ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DE MEMES NO *INSTAGRAM*

Eveline Coelho Cardoso (UERJ / GPS LeiFEn UFF)
E-mail: cardoso.eveline@uerj.br

Rafael Guimarães Nogueira (IFRJ / GPS LeiFEn UFF)
E-mail: rafael.nogueira@ifrj.edu.br

Resumo: Este artigo consiste na investigação de imagens da direita e da esquerda política do Brasil construídas em memes no Instagram. Pela análise semiolinguística das formas (verbo)visuais que compõem os quatro memes selecionados como corpus, pesquisa-se de que maneira cada grupo político confere, para seu opositor, traços identitários negativos e, paralelamente, constrói, para si mesmo, uma imagem positiva. Portanto, o objetivo central deste trabalho é identificar imagens discursivas da direita e da esquerda brasileira, descrevendo as estratégias de persuasão e de sedução de que se serviu, pela via do humor, cada polo político.

Palavras-chave: *semiologia; identidades discursivas; matrizes político-ideológicas; direita; esquerda; memes.*

Abstract: This paper consists of an investigation of images from the political right and left Brazilian wings constructed in memes on Instagram. Through Semiolinguistics analysis of the verbal-visual forms that make up the four memes selected as corpus, we research how each political group confers negative identity traits on its opponent and, in parallel, constructs a positive image for itself. Therefore, the main goal of this paper is to identify discursive images from the Brazilian right and left wings, describing the strategies of persuasion and seduction that each political pole used through humor.

Keywords: *Semiolinguistics; discursive identities; political-ideological matrices; right-wing; left-wing; memes.*

Pressupondo que a democracia exige o diálogo entre discursos antagônicos, as redes sociais – de amplo acesso e expressivo engajamento – representariam, idealmente, espaços virtuais produtivos para o debate político e o exercício da cidadania. Especialmente no Brasil, no entanto, os conteúdos (re)produzidos em redes refletem a cisão político-ideológica do país e, por isso, visam, muitas vezes, a apenas atingir, negativamente, potenciais inimigos. Nesse cenário de conflito, palavras e imagens configuram-se como armas, apontadas àqueles cujo posicionamento, tomado como ameaça, deve ser aniquilado. Em consequência disso, a argumentação enclausura-se na troca de insultos, o que extermina o debate democrático.

Nesse sentido, este artigo consiste na investigação de imagens da direita e da esquerda política do Brasil construídas em memes no *Instagram*. Pela análise semiolinguística das formas verbo-visuais que compõem os quatro memes selecionados como *corpus*, pesquisa-se de que maneira cada grupo político confere, para seu opositor, traços identitários negativos e, paralelamente, constrói, para si mesmo, uma imagem positiva. Portanto, o objetivo central deste trabalho é identificar imagens discursivas da direita e da esquerda brasileira, descrevendo as estratégias de persuasão e de sedução de que, pela via do humor inerente ao gênero discursivo em questão, serviu-se cada polo político.

Para tal, elegeu-se, como principal embasamento teórico, a Teoria Semiolinguística, uma vez que essa vertente de Análise do Discurso abarca todo o ato de linguagem, permitindo relacionar a materialidade de uso da(s) linguagem(s) a dados socio-histórico-interacionais. Nessa perspectiva, a investigação semiolinguística consiste, sumariamente, na construção de hipóteses acerca da significação que usos linguageiros podem suscitar com vistas à concretização do projeto de influência de seu produtor.

Quanto às motivações para este trabalho, destacam-se as justificativas para a escolha não só do gênero *meme*, que se caracteriza, em linhas gerais, pela replicação/reprodução de informações, como também do objeto central de análise, que se revela um importante fenômeno da atualidade. Assim, em primeiro, salientam-se indicadores das potencialidades meméticas do Brasil, sublinhando seus amplos índices de tempo de acesso à Internet e de usuários inscritos em redes sociais – fatores que, somados ao baixo custo de (re)produção de memes, tornam o país uma potência global de criação de textos meméticos. Em segundo, explicitam-se traços da dinâmica digital: construídos com um excesso de estímulos sensoriais e um controle (quase) absoluto de algoritmos, os memes não só reforçam as fronteiras entre grupos político-ideológicos, como ainda podem condicionar suas formas de interpretação e de expressão. Em terceiro, por seu teor humorístico, tais textos podem tornar mais

acessíveis à grande massa os debates públicos, constituindo-se, a um só tempo, como forma de entretenimento e de informação.

Dessa forma, analisar, em memes de Internet, as imagens da direita e da esquerda brasileiras é uma maneira de pôr em evidência como, no embate político, tais identidades consolidam valores e crenças subjacentes aos textos que as veiculam. A partir desse estudo interdisciplinar de base semiolinguística, espera-se, portanto, descortinar a inscrição desse movimento no discurso e seus efeitos possíveis de sentido, com foco na tematização da incoerência na defesa/crítica de fatos políticos atuais e da representação da masculinidade, sob as lentes de valores como a *pátria* e a *família*, próprios da matriz ideológica de direita, ou a *igualdade*, reconhecidamente de esquerda.

PRESSUPOSTOS SEMIOLINGUÍSTICOS

Na investigação científica de como o sujeito, sob restrições situacionais, manipula, estrategicamente, diferentes formas semióticas objetivando atingir, afetiva e/ou intelectualmente, seu destinatário ideal, destaca-se, no rol dos basilares conceitos semiolinguísticos, o processo de *semiotização do mundo*, a significação do mundo a partir de diferentes semioses, que se realiza, segundo Charaudeau (2005), por um duplo processo: a *transformação* e a *transação*. De um lado, o processo de transformação consiste na conversão de um “mundo a significar” em um “mundo significado”, compreendendo, para isso, quatro operações: i) a identificação: a nomeação dos elementos do mundo, realizada, principalmente, pelo uso de substantivos e/ou de formas figurativas; ii) a qualificação: a atribuição de características às identidades nominais, por meio, em geral, de substantivos e de expressões adjetivas e adverbiais e/ou de traços constitutivos de elementos imagéticos; iii) a ação: a inserção das identidades descritivas em esquemas narrativos, conferindo-lhes razão de ser; e iv) a causação: a construção de relações de causalidade entre as ações de que participam as identidades narrativas. De outro lado, o processo de transação diz respeito à interação dos sujeitos, que é regida por quatro princípios: i) a alteridade: o reconhecimento dos parceiros da troca linguageira, em suas semelhanças e diferenças; ii) a pertinência: a adequação do projeto de fala ao contexto sociodiscursivo e aos objetivos dos interlocutores; iii) a influência: a adesão do enunciatário ao projeto de fala do enunciador; e iv) a regulação: a utilização de estratégias para garantir o sucesso da comunicação.

Como exemplificação, apresenta-se, a seguir, breve análise de dois memes acerca de Elon Musk, o homem mais rico do mundo e dono da plataforma X (antigo *Twitter*), acusado por incitação ao crime, como a criação de milícias digitais que estariam promovendo ataques às instituições brasileiras.

Figura 1. Meme “Liberdade tóxica”¹



Fonte²: Esquerda pensante

Figura 2. Meme “O esmagador de ovos”



Fonte³: Martelo da direita

O primeiro meme é constituído pela associação de enunciados antitéticos a diferentes representações visuais da atividade cerebral. Desta forma, cria-se uma gradação na qual, em um polo, a defesa da absoluta “liberdade de expressão” representaria um discurso menos inteligente, proferido por sujeitos cognitivamente limitados. No outro polo, a nomeação de “Elon Musk” e sua qualificação como “um macho tóxico vagabundo que não resolveu seus traumas de infância” representariam um discurso extraordinário, uma iluminada revelação. Paralelamente, a partir de inferências interdiscursivas (saberes de conhecimento e de crença evocados pelos dois enunciados anteriores), pode-se inserir esse objeto de discurso em um esquema narrativo (Elon Musk não respeitou o debate político e a Constituição brasileira) e em uma lógica de causalidade (porque tem interesses financeiros e políticos).

Considerando o processo de transação, as escolhas linguísticas e imagéticas que compõem essa imagem negativa de Elon Musk não são aleatórias ou neutras, mas determinadas pelas identidades dos sujeitos languageiros. Se o primeiro meme se destinaria, primordialmente, àqueles que defenderiam a diminuição da desigualdade social promovida, em grande parte, por empresas multinacionais, o segundo meme, ao contrário, teria como público-alvo ideal defensores da não intervenção do Estado na regulação e na promoção de direitos, como a liberdade de expressão. Dessa forma, o mesmo elemento do mundo é, no segundo texto, representado com atributos positivos: sua identificação é expressa pela fotografia de seu rosto; sua qualificação denota força e virilidade (pela constituição e postura de um

¹ Para tornar mais simples a identificação dos memes, bem como da interpretação construída, neste artigo, para esses textos, optou-se por atribuir-lhes título.

² perfil @esquerdapensante do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

³ perfil @martelo.da.direita do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

corpo musculoso), bem como patriotismo (pelos símbolos nacionais presentes na blusa que traja); sua ação é, portanto, quebrar o(s) ovo(s), isto é, metaforicamente, sobrepujar o ministro Alexandre de Moraes – apelidado de “cabeça de ovo” pelo deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) –, como ainda garantir a liberdade do Brasil, sugerida pela semelhança entre a casca do ovo quebrado e os limites geográficos do país. Assim, a causação estabelecer-se-ia pela relação entre a quebra de ovos (o ataque a Moraes) e sua motivação (a defesa da liberdade de expressão e dos ideais patrióticos da direita).

Constata-se, assim, que os dois perfis – ao selecionarem um assunto que julgam pertinente para ser exposto na arena midiática das redes sociais, conferirem significação a esse elemento do mundo (Elon Musk) e/ou a esse fato bruto (o embate judicial frente a justiça brasileira) e manipularem expressões (verbo)visuais com vistas à intercompreensão mínima do enunciado – mobilizam valores compartilhados com seu destinatário ideal, tentando captá-lo, ao mesmo tempo em que confrontam seus oponentes políticos e reforçam os traços característicos de sua própria subjetividade. A fim de se observar como um elemento da realidade é semiotizado segundo a intencionalidade do enunciador e da imagem que constrói para o seu enunciatário, aborda-se, a seguir, a questão das *identidades sociodiscursivas*.

Concebendo o *ato de linguagem* como uma encenação em que os sujeitos, dialogicamente, constroem-se e são construídos pela linguagem, Charaudeau (2009) propõe uma ampliação do modelo estruturalista de comunicação, diferenciando dois circuitos de produção do saber. Por um lado, o espaço externo da situação de comunicação engloba os seres agentes: o sujeito comunicante (EUc) e o sujeito interpretante (TUi). Por outro lado, o espaço interno da situação de comunicação reúne os protagonistas da enunciação: o sujeito enunciador (EUe) e o sujeito destinatário (TUD). Nessa perspectiva, as imagens discursivas do EU e do TU resultam “da combinação de atributos de sua identidade social [enquanto ser biológico e psicossocial – EUc e TUi] com traços construídos por seus atos de linguagem [enquanto ser de fala – EUe e TUD]” (Charaudeau, 2006, p. 342).

Quanto à constituição da identidade social, cumpre salientar que os papéis exercidos em determinado grupo ou espaço institucional permitem, pelo princípio da alteridade, que se tome consciência da existência. A identidade social, construída e instaurada pelo outro, funda a *legitimidade* do sujeito, seu direito à palavra e sua forma de manipulá-la (Charaudeau, 2006). Segundo normas institucionais, determina-se quem está autorizado a tomar a palavra, seja por meio da atribuição de prêmios ou de títulos honoríficos, por sua expertise, por sua filiação, por seu engajamento pessoal ou por suas experiências. Tal identidade é, portanto, anterior ao ato linguageiro, podendo, nele, ser reconstruída, mascarada ou deslocada.

Se a identidade social do sujeito, assim como sua legitimidade, depende de um acordo anterior à troca linguageira, a identidade discursiva, por sua vez, é construída pelo sujeito enunciador, segundo a maneira como, no discurso, revela-se (ou mascara-se) ao TU interpretante. No confronto entre as intenções do enunciador e as expectativas do enunciatário, evocam-se estratégias de *credibilidade* – pelas atitudes discursivas de neutralidade, de distanciamento e/ou de engajamento – e de *captação*, a persuasão (fazer-pensar, recorrendo à razão) e/ou a sedução (fazer-sentir, recorrendo à emoção) – pelas atitudes de polêmica, de sedução e/ou de dramatização (Charaudeau, 2006).

Com base em tais conceitos, é possível afirmar que, nos dois perfis destacados, as identidades do EU enunciador são forjadas, sobretudo, por suas submissão a um contrato comunicativo específico, determinado por restrições particulares das mídias digitais, e por sua inserção em um polo político: em sua autodescrição, @*esquerdapensante* afirma estar “[l]evando a informação até você!” [grifo nosso], sugerindo ter como missão a apresentação da verdade; o segundo perfil, por seu turno, afirma estar “martelando a esquerda diariamente”, sublinhando seu empenho em combater os ideais “esquerdistas”. Dessa forma, cada perfil projeta como leitor ideal um TU destinatário que compartilhe sua perspectiva político-ideológica, podendo, sob o controle dos algoritmos, ser este outros tantos para além de seus milhares de seguidores.

Tanto a identidade do EU comunicante quanto a do TU interpretante são pouco transparentes, pois não se pode precisar quem, de fato, (re)produziu um meme e/ou quem gerencia cada perfil, tampouco quem, concretamente, irá ler o texto memético: os dois perfis não apresentam, em suas autodescrições, seus reais autores/usuários, podendo ser estes uma instância compósita (um grupo de pessoas); paralelamente, os seus reais leitores podem não coincidir com a imagem do TU destinatário, construída pelo EU comunicante.

A legitimidade dos perfis é instaurada por normas institucionais e, ao mesmo tempo, por um engajamento pessoal. Isso porque, antes de tudo, conforme apregoa o art. 19º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir [...] informações e ideias por qualquer meio de expressão”⁴. Sob essa perspectiva, as redes sociais seriam, teoricamente, um espaço democrático para a expressão/refutação de posicionamentos políticos, possibilitando, inclusive, uma participação mais ampla de toda a sociedade. Correlativamente, o próprio engajamento – na política (pelo evidente posicionamento) e no *Instagram* (pelo expressivo número de seguidores) – licencia cada perfil a tomar a palavra.

⁴ Acesso à Declaração Universal dos Direitos Humanos: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

Por fim, a credibilidade do enunciador de memes políticos é construída, em primeiro, por uma atitude de engajamento, haja vista a explicitação de um ponto de vista político, e, em paralelo, pelas atitudes – não excludentes – de polêmica, de dramatização e de sedução. A propósito disso, talvez se pudesse considerar que, no primeiro meme, predominaria a polêmica (dada a pressuposição de que “redes sociais não são terra sem lei”⁵), ao passo que, no segundo, predominaria a sedução (dada a manipulação de imaginários sociais de força/masculinidade/poder e de fragilidade/impotência referentes, respectivamente, a Elon Musk e a Alexandre Moraes).

A relação entre estratégias e visadas – intenções pragmáticas do enunciador – constrói uma identidade discursiva própria aos sujeitos, à medida que estes podem escolher se colocar em acordo ou em desacordo com as restrições do contrato comunicativo em questão ao sabor de seu projeto de fala. O ato linguageiro pode, nesse sentido, ser compreendido como uma aposta, um jogo de máscaras identitárias, no qual o EU comunicante busca se aproximar da imagem que constrói para seu público-destinatário, utilizando, para isso, diferentes recursos verbo-visuais e apoiando-se em diferentes imaginários discursivos. Assim, na seção a seguir, descrevem-se, segundo Charaudeau (2008; 2016; 2022), traços característicos das duas grandes tendências políticas vigentes em todo o mundo – direita e esquerda –, a fim de contemplar sua manifestação no *corpus* selecionado nesta pesquisa.

MATRIZES IDEOLÓGICAS DE DIREITA E DE ESQUERDA

O processo intersubjetivo de reconhecimento e legitimação identitária, como destacado acima, realiza-se pela aceitação de uma semelhança entre os parceiros, uma vez que devem partilhar saberes que se constituirão em universos de referência para a troca comunicativa, mas também se efetiva pelo reconhecimento de uma dessemelhança, tendo em vista que ambos, enunciador e destinatário, devem reconhecer, no outro, um papel enunciativo diferente do seu. Nesse sentido, conforme Silva (2000), uma definição de identidade como “aquilo que se é” depende intrinsecamente de uma cadeia de negações de outras identidades, de tal forma que identidade e diferença se tornam noções dependentes e inseparáveis, produzidas como criações sociais e culturais.

No contexto do discurso político e midiático, o reconhecimento de traços identitários e diferenciais é fundamental, uma vez que fazer política, tradicionalmente, pressupõe dominar a arte de se dirigir a grandes grupos de indivíduos a fim de, por meio do apelo a valores comuns, criar uma “opinião média”. Com efeito, para que o discurso político atinja diferentes grupos, deve indagar quais

⁵Trecho extraído da Band Jornalismo. Acesso Uol: <https://www.band.uol.com.br/noticias/moraes-x-musk-redes-sociais-nao-sao-terra-sem-lei-dizem-ministros-16680043>.

imaginários são característicos deles e tentar conectá-los, o que facilmente pode gerar contradições devido à impossibilidade de harmonia plena entre vários traços desses imaginários. No caso de uma sociedade polarizada como a brasileira, o movimento contrário parece ser, inclusive, “lucrativo”: manter bem separados os traços característicos de diferentes grupos sociais fomenta a disputa política e a radicalização e favorece a exploração da polêmica, a fim de atingir, mais diretamente, o terceiro – o público eleitor.

Por outro lado, segundo Charaudeau (2008, p. 250), nos regimes democráticos, o discurso político resulta de encontros e tensões entre o olhar de influência da instância política (a quem é delegada a ação política) e o olhar de reivindicação da instância cidadã (que escolhe os representantes). Dada a assimetria de intenções entre essas instâncias, “analisar o discurso político não consiste, portanto, em interessar-se somente pelo que é fabricado por atores que têm responsabilidade na vida política; é preciso igualmente olhar o que é fabricado pela opinião pública” (Charaudeau, 2008, p. 251), produção que, segundo o analista, é, ao mesmo tempo, atravessada por uma *essencialização*, que explora a conversão de uma opinião relativa em opinião coletiva absoluta, em nome de uma razão identitária; e por uma *fragmentação*, decorrente da manifestação de múltiplas, até superpostas, opiniões coletivas em conflito. Isto posto, o teórico fundador da semiolinguística prefere tratar de *opiniões públicas*, no plural, uma vez que tal fenômeno oscila sempre entre opinião coletiva e relativa, incidindo diretamente sobre os sentidos em circulação na sociedade – potencialmente inscritos, por exemplo, na produção memética atual.

Para compreender as identidades e os imaginários entrelaçados no domínio discursivo político brasileiro, convém diferenciar três instâncias subjetivas, descritas por Charaudeau (2008). A chamada *sociedade civil* corresponde a um lugar de pura opinião, concentrado em exprimir seu ponto de vista sem exigir a persuasão do outro (“estar junto”). A *sociedade cidadã*, subconjunto da anterior, é caracterizada por um engajamento e pela consciência de ter uma função a desempenhar no curso da vida política, preocupando-se com a adesão do outro em discussões e debates para defender/esclarecer suas ideias (“viver junto”). Por fim, *os grupos militantes*, que fazem parte da sociedade cidadã, almejam a transformação de uma situação em nome de uma causa superior; sua opinião apoia-se em um duplo imaginário: *político* e de *protesto*, que corresponde a um “agir junto” e a um “dizer é fazer”, em nome de uma reivindicação que exige o engajamento do sujeito na ação. O militante é, então, aquele que “assume determinada identidade discursiva feita de paixão em função de suas declarações, de suas sentenças peremptórias a favor ou contra ideias ou pessoas, julgamentos performativos na medida em que [...] deve crer, como foi dito, que ‘dizer é fazer’” (Charaudeau, 2008, p. 272).

A figura contemporânea do militante, contudo, não é uma categoria uniforme. Charaudeau sinaliza, inclusive, mudanças em relação aos objetivos desse grupo e a seu modo de organização. No primeiro caso, os interesses mais atuais da militância têm se concentrado em causas menos nacionais e mais societárias (a exemplo de políticas ambientais e de saúde), bem como ganham contorno jurídico mais evidente, pressionando os políticos em relação a escândalos de corrupção, por exemplo. Quanto ao modo de organização da vida militante, tais grupos tradicionalmente eram mais próximos dos partidos e sindicatos vinculados à governança política, que os instrumentalizava. Hoje se constituem às margens desses atores, de forma menos espontânea e em situações de crise, o que se poderia reconhecer, por exemplo, nas manifestações de junho de 2013, no Brasil, que, motivadas pelo aumento no preço das passagens de ônibus, agregaram diversos grupos e se desdobraram em uma série de fatos políticos que culminaram no impeachment da então presidenta, Dilma Rousseff, em 2016.

Potencializadas pelas tecnologias digitais de comunicação e informação, novas formas de apelo e de ajuntamento também definem o perfil mais recente de grupos militantes, cujo efeito multiplicador da internet é um prato cheio para a produção de textos como memes e charges. Como afirma Charaudeau, em situações de posicionamento contra fatos da sociedade em geral, observam-se manifestações da sociedade civil, que se torna, naquele instante, sociedade cidadã. Já o ativismo militante é sempre exteriorizado de maneira tonitruante, opondo-se ao que está institucionalmente instalado e que goza, no sistema democrático, de certa legitimidade. Pode-se, pois, reconhecer essa intencionalidade típica do discurso político nos memes, uma vez que ensinam a construção de um sistema de pensamento favorável à construção de opiniões e de posicionamentos, promovem uma interação que, claramente, deseja influenciar e obter adesão/rejeição e, por fim, configuram-se como um comentário avaliativo da ação e/ou do próprio discurso político (Charaudeau, 2008).

Charaudeau pondera, ainda, que o reconhecimento de particularidades da massa de internautas que pode atuar na militância mais ou menos direta e de sua consciência cidadã permanece como questão para os analistas; não se sabe até que ponto esse grupo constitui um eco do militantismo virtual ou um protesto verdadeiramente significativo. Em todo caso, para entender melhor o comportamento desses grupos – mormente para os fins a que este trabalho se destina –, convém partir da distinção dos sistemas de crenças que caracterizam os posicionamentos de direita e esquerda, os quais se constituem em *matrizes ideológicas* dos discursos desses grupos e permitem explorar diferentes estratégias de manipulação, como a exaltação de valores comuns.

Tendo como ponto de partida a sociedade francesa de seu tempo, Charaudeau(2008) descreve a esquerda contemporânea não-extremista desvinculada da perspectiva histórica e utópica que, tradicionalmente, a teria definido, o que, segundo o autor, explicaria certo desencantamento da

militância. Novos temas, por outro lado, surgem e deslocam um imaginário de *esquerdaquente* – da vontade revolucionária, do desejo de transformação, da pulsão combativa – para um imaginário mais *frio*, da submissão à gestão parcimoniosa das restrições econômicas e de uma nova razão de Estado (a do equilíbrio mundial). Quanto à direita, o autor aponta, igualmente, para um enfraquecimento e ausência de uma perspectiva histórica e mística relacionada a valores reconhecidamente tradicionais de seu pensamento, como o soberanismo, a autoridade e o individualismo, razão pela qual são pontos chave da apropriação de discursos extremistas. Temas novos, antes inesperados, também são mobilizados nesse contexto, como a redução das desigualdades sociais, a fim de se aproximar da parte da população contrária aos ideais de direita, mais numerosa na França. Assim, propõe-se, a seguir, no Quadro 1, uma pequena síntese dos principais traços que configuram esses dois grandes polos de pensamento político:

Quadro 1. Matrizes ideológicas de esquerda e direita

ESQUERDA	DIREITA
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Visão geral de mundo: o homem se impõe à natureza. ▪ Não se defende um estado de coisas, mas se procura fazê-lo evoluir. O homem deve reduzir as diferenças e lutar contra as relações de força impostas pela natureza. ▪ Valor único: IGUALDADE → Confere igual dignidade de ser, de identidade e de direitos a todo indivíduo. ▪ A ação revolucionária deriva desse valor único. Impõe-se, por meio de um contrapoder, a uma autoridade de origem divina ou profana, indicando-se a soberania popular. Derivam dessa lógica também o <i>antirracismo</i> e a <i>laicidade</i>. ▪ Divide-se entre duas forças identitárias antagônicas: homogeneização do grupo e abertura ao pluralismo, à diversidade. ▪ Espírito fundamentado sobre a solidariedade social e o compartilhamento do lucro, para o melhor equilíbrio entre as diferentes classes sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Visão geral de mundo: a natureza se impõe ao homem. ▪ Propõe a ordem da natureza como princípio hierárquico para os valores definidos e sustenta o movimento de conservação do estado de coisas. A metáfora da árvore, nesse sentido, simboliza a ordem orgânica do mundo. ▪ Entende que a desigualdade é fruto de relações de força “naturais” entre os indivíduos, derivadas da dominação entre fortes e fracos; ▪ Valores: <ul style="list-style-type: none"> ✓ FAMÍLIA, origem do indivíduo. Princípio: grupo fabrica o indivíduo e não o contrário. ✓ TRABALHO, garantia de ordem hierárquica entre os membros da cadeia produtiva. ✓ PÁTRIA, essência fundadora da identidade, que justifica guerras de defesa e conquista contra ameaças exteriores. ▪ Como forma de pensamento, em geral, é autoritária e tem como horizonte a ordem e a defesa dos interesses particulares.

Fonte: Elaboração dos autores, com base em Charaudeau (2016; 2022).

Segundo Charaudeau (2008; 2016), as matrizes de direita e de esquerda são de natureza discursiva e constroem imaginários políticos diferentes, cruzando-se em um terceiro lugar: o *populismo*. O autor defende que todo discurso político, na democracia, é por definição demagógico, na medida em que procura sempre a aprovação do povo. Nesse sentido, partidos extremistas de direita e de esquerda, em sua atuação discursiva, procuram generalizar e multiplicar determinados aspectos do

Revista Rhêtorikê vol.1 n°10 (2024): Número Especial “Argumentação, Retórica e Análise do Discurso”

dispositivo ideológico e identitário de suas bases, colocando sempre em evidência direta seus adversários. Segundo Charaudeau (2008, p. 253), enquanto partidos políticos clássicos tendem a atenuar as oposições, promovendo um discurso apoiado em um imaginário razoável, a fórmula recorrente para os grupos mais radicais e populistas é reclamar mais do que propor determinados valores e, ao mesmo tempo, denunciar o adversário como obstáculo a sua chegada ao poder⁶ ou como fonte de um mal que deve ser combatido, o que tem forte apelo identitário:

Não ter inimigo, para os membros de um grupo social, é privar-se de uma parte do que lhes permite construir sua identidade: a fonte do mal deixa de ter rosto, os valores simbólicos que devem constituir o cimento identitário do grupo cai na deliquescência. Os membros do grupo não mais encontram elo social, não mais acham marcas identitárias, nenhuma razão para agir. Ter um adversário é inverter todas essas proposições. (Charaudeau, 2008, p. 303)

Sabendo-se que “quanto mais a opinião é generalizada e partilhada por um grande número de indivíduos, maior é sua capacidade de atração e mais sua racionalização se torna sutil” (Charaudeau, 2008, p. 253), demonstra-se, a seguir, de que maneira determinados grupos de direita e esquerda exploram, em memes publicados nas redes sociais, os imaginários que sustentam sua base ideológica em defesa de sua identidade e, paralelamente, em oposição a seus adversários políticos.

MARTELO DA DIREITA X ESQUERDA PENSANTE: (CONTRA)ATAQUES IDENTITÁRIOS EM REDE(S)

Sem ignorar a complexidade na definição do gênero *meme* – amplamente discutida por Menezes (2021, p. 93-104), que, em um percurso cronológico, trata do termo *gene*, de Darwin, aos termos (*mi*)*meme*, de Dawkins, para, então, caracterizar os atuais memes de Internet e, em específico, os memes políticos –, concebe-se, conforme a pesquisadora (2021, p. 99-100), o meme político como um gênero digital que, emergindo pela imitação ou replicação de outro dito, pode, dentre outros critérios, ser definido por i) sua função de avaliar, pelo humor, um elemento da esfera política, ii) seu suporte material, os dispositivos e as plataformas em que é (re)produzido, iii) sua organização textual em diferentes semioses, servindo-se, especialmente, de fotografias e demais imagens figurativas, e iv) seus recursos linguísticos específicos, como as recorrentes construções metafóricas e paródicas.

Nessa perspectiva, consideram-se exemplares de memes políticos não apenas os de organização prototípica – tal como o Meme 1. “Liberdade tóxica” – em que há, conforme cunhou Costa (2017), um

⁶Vale lembrar que, na França, a extrema direita nunca ocupou o cargo máximo do poder executivo. No Brasil, isso aconteceu durante a gestão Bolsonaro (2019-2022).

evidente elemento *réplica*, uma configuração semiótica reproduzida/imitada (como a representação visual de níveis de atividade cognitiva), e um elemento *contextualizador* verbal ou imagético que lhe atualiza o sentido (como os enunciados atrelados a cada imagem em gradação). Contemplam-se, nesta pesquisa, também memes que – tal como o Meme 2. “O esmagador de ovos –, mesmo sem um elemento *réplica*, alinham-se aos quatro critérios listados acima, configurando-se, por sua possibilidade de reprodução de informações, como uma prática discursiva memética.

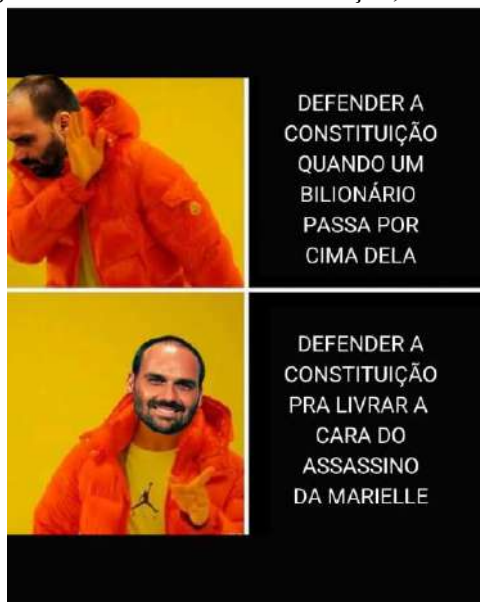
Na seleção dos textos a serem analisados neste trabalho, utilizou-se, em primeiro, a ferramenta de busca da rede *Instagram*, pesquisando, a partir das palavras-chave “direita” e “esquerda”, perfis digitais que representassem esses ideais políticos. Em seguida, verificou-se, pelo número de seguidores e de publicações, o engajamento em cada perfil, a fim de selecionar aqueles que motivariam mais interações. Desse modo, elegeram-se como produtivos estes dois perfis: *@esquerdapensante* (com 147 mil seguidores e mais de 13 mil publicações) e *@martelo.da.direita* (com 42 mil seguidores e mais de 1.500 publicações).

Para compor um *corpus* representativo e contrastivo (como orienta Charaudeau, 2005, p. 22) e, então, evidenciar os distintos posicionamentos subjacentes a cada texto, optou-se, na análise, por agrupar, em pares, os memes (um da esquerda e outro da direita) segundo dois embates políticos: defesas incoerentes e masculinidade forte (ou frágil), totalizando, portanto, quatro exemplares.

Quanto às etapas e às categorias de análise, elegeram-se as seguintes: i) breve contextualização sobre a tematização de cada par de memes, haja vista a possível distância temporal de alguns exemplares e, sobretudo, a importância dessas informações na interpretação dos textos; ii) identificação e interpretação dos elementos verbo-visuais que, constituintes do processo de transformação, representam, em cada texto, um fato e/ou um personagem da cena política brasileira; iii) identificação, em cada texto memético, de traços identitários da matriz ideológica da esquerda ou da direita política brasileira. A seguir, inicia-se, pois, a análise dos memes.

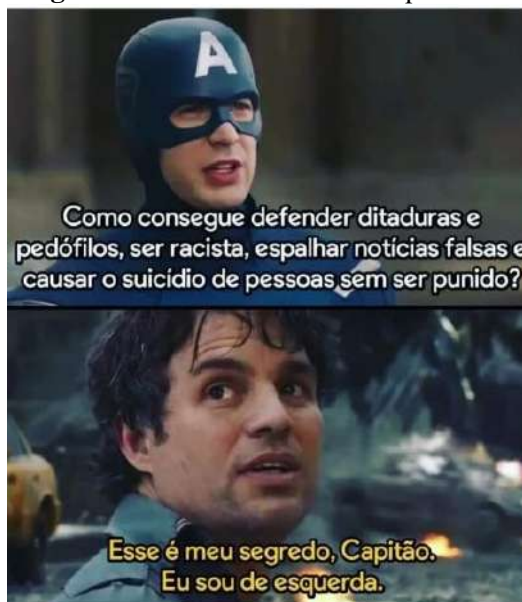
O embate sobre defesas incoerentes:

Figura 3. Meme “Uma Constituição, dois usos”



Fonte⁷: Esquerda pensante

Figura 4. Meme “A máscara esquerdista”



Fonte⁸: Martelo da direita

Se o principal critério na caracterização de um grupo ideológico é o que ele defende, ao se analisarem ataques identitários proferidos em memes políticos, um conteúdo proposicional recorrente é a crítica a defesas incoerentes, as quais, se evidenciadas, podem atingir a legitimidade do grupo que as sustenta. Assim, o 3º meme (“Uma Constituição, dois usos”) alude à utilização da Constituição Federal como argumento para a irrestrita liberdade de expressão e a prisão de deputados tão somente em flagrante de crime inafiançável⁹. O 4º meme (“A máscara esquerdista”) evoca (supostas) práticas desse grupo político, tal como o apoio às ditaduras de Maduro, na Venezuela, e de Daniel Ortega, na Nicarágua¹⁰.

Isso posto, observa-se que o meme (re)produzido pela Esquerda Pensante é constituído pela replicação de uma composição semiótica muito comum nas redes digitais: seus signos fotográficos consubstanciam um elemento *réplica* (o clipe de *HotlineBling*, do cantor Drake), que se atualiza pela associação a orações estruturadas a partir do verbo “defender” (podendo, em sua forma infinitiva, sugerir um “dever-fazer”). A significação das imagens fotográficas é ampliada pelo emprego destes procedimentos de conotação: a *trucagem*, um truque fotográfico realizado pela inserção do rosto de Eduardo Bolsonaro (deputado federal filiado ao Partido Social Liberal e admirador de Olavo de

⁷ perfil @esquerdapensante do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

⁸ perfil @martelo.da.direita do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

⁹ Cf. <https://www.cartacapital.com.br/politica/ccj-retoma-analise-da-ordem-de-prisao-do-deputado-suspeito-de-ser-o-mandante-da-morte-de-marielle/>.

¹⁰ Cf. <https://jovempan.com.br/noticias/mundo/conceito-de-democracia-e-relativo-diz-lula-sobre-ditadura-e-eleicoes-na-venezuela.html>.

Carvalho, teórico de extrema-direita) sobre o corpo de Drake; a *pose*, a evocar, pelo gesto e pela fisionomia, recusa no primeiro quadro e aprovação no segundo; e a *sintaxe*, a seleção e disposição das imagens no texto, configurando, nesse meme, uma oposição (Barthes, 1990).

A partir dessas estratégias imagéticas, o “03 de Bolsonaro” é identificado e qualificado no meme, ao mesmo tempo em que a associação entre as parcelas visual e verbal insere esse objeto de discurso em um universo narrativo: Eduardo Bolsonaro estaria avaliando negativa e positivamente cada uma das afirmações (ou mesmo se revelando como autor desses dizeres). Nesse sentido, o cotejo entre as atitudes de não defender a Constituição sob o ataque de um bilionário (como Elon Musk), mas utilizá-la na defesa de um assassino (no caso, o deputado federal Chiquinho Brazão, preso em março de 2024, acusado de ser um dos mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco, socióloga, ativista e vereadora do Partido Socialismo e Liberdade - RJ) revela a incoerência de Eduardo Bolsonaro e, metonimicamente, daqueles que se filiam às suas ideias e práticas.

Do ponto de vista ideológico, tal elaboração verbo-visual alinha-se, perfeitamente, ao imaginário de esquerda, em primeiro lugar por dar ênfase ao valor primordial da *igualdade* em favor de uma mulher negra, lésbica, detentora de um cargo político e assassinada no exercício de suas funções, na companhia de seu motorista, Anderson Gomes. A defesa de justiça por Marielle é, portanto, simbólica para o discurso progressista em muitas dimensões, dado que apregoa a recusa e o posicionamento contrário a toda forma de dominação e de discriminação naturalizada desde sempre pela sociedade. Além disso, no Meme 3, a figura de Marielle é contrastada com a do bilionário Elon Musk, qualificação igualmente importante por tematizar a desigualdade social e a defesa de interesses particulares dos possuidores de bens e privilégios, alvo direto da ação revolucionária esquerdista. Nesse sentido, o enunciador busca impor-se à natureza dada de um mundo desigual e fazer evoluir um estado de coisas, para que “o homem reduza as diferenças e lute contra as relações de força” (Charaudeau, 2016, p. 103), como o machismo, o racismo e a homofobia.

Em paralelo à defesa veemente da igualdade, o enunciador do Meme 3 também explora a exposição direta de seu adversário e, conseqüentemente, evidencia suas crenças e opiniões. Ao enfatizar o posicionamento omissivo e contraditório de uma das vozes mais representativas do discurso da direita brasileira diante do caso Marielle, o enunciador põe em xeque uma das diretrizes temáticas do adversário, que é a *pátria*, consubstanciada na Constituição como fundadora da identidade nacional. Assim, questiona-se e, de certa forma, denuncia-se, diante do público (e)leitor, por meio da relação causal estabelecida entre os signos verbais e visuais, a postura tida como hipócrita de Eduardo Bolsonaro e de seus correligionários, cuja suposta valorização ou completa ignorância da ordem

constitucional se dariam, exclusivamente, por razões pessoais e políticas e não por apreço às suas diretrizes.

Focalizando agora o meme (re)produzido pelo Martelo da Direita, que, igualmente se serve de uma réplica de obra cinematográfica, nota-se que é estruturado, em sua parcela visual, pela retomada de uma cena do filme *Os Vingadores* (de 2012): especificamente, o diálogo que, em um cenário de guerra, antecede à transformação de Bruce Banner em Hulk. No confronto entre os personagens do meme, sublinha-se que, se, de um lado, o Capitão América exige atributos como liderança, moderação e, sobretudo, fidelidade à nação, de outro, Banner vive uma crise identitária entre a racionalidade do cientista e a impulsividade e a destrutividade do Hulk. No plano imagético, tal oposição é reforçada, sobretudo, pela *sintaxe*, na disposição dos dois *frames* (recortes do filme), referentes a cada personagem.

No plano verbal, opera-se a atualização da réplica. Sob o modo *alocutivo* de organização do discurso, o primeiro enunciador implica o segundo, impondo-lhe o papel de interrogado e um *questionamento* que é, ao mesmo tempo, um pedido de informação (“Como consegue defender...?”) e de anuência (“Você defende ditaduras...?”). Assim, a pergunta feita pelo Capitão é, indiretamente, também um *juízo*, por meio do qual o enunciador não só atribui a si mesmo a autoridade moral daquele que pode sentenciar, como postula ser seu enunciatário o responsável pela ação descrita e, neste caso, reprovada. Sob o modo *elocutivo* de organização do discurso, o segundo enunciador implica a si mesmo no dizer, realizando uma *declaração*, um saber que, supostamente existindo em verdade, confirma os jugos que lhe foram destinados. Dessa maneira, a resposta apresentada por Bruce Banner é uma forma de *confissão*, uma vez que ele “escondia um saber que o colocaria em causa” e, então, “transmite esse saber ao interlocutor reconhecendo sua culpa” (Charaudeau, 2008, p. 98). Sob tal lógica, se, na saga cinematográfica, é a raiva o fator que provoca a transformação do personagem no devastador Hulk, no meme, este elemento é sua identificação como pertencente à esquerda política.

Tendo em vista as modalidades que estruturam o diálogo, talvez seja possível considerar que, não obstante os dois personagens serem aliados na referida saga ficcional, no Meme 4, o Capitão pode personificar a fala da direita política. Dessa maneira, a esquerda, em sua iminente transformação em um ser monstruoso, é identificada e qualificada como aquela que, além de realizar ações maléficas à nação, mascara sua essência destrutiva, para se disfarçar de “mocinho” (benfeitor), quando, em realidade, seria uma ameaça a ser combatida pelos heróis da direita.

A semiotização analisada corresponde, pois, à visão de mundo e à matriz ideológica da direita, cuja valorização da *ordem*, da *pátria* e da *família* favorece a defesa de uma postura submissa do homem a um movimento de conservação do estado das coisas. A exaltação identitária por parte do

enunciador, novamente, realiza-se pelo contraste direto com comportamentos associados à esquerda que feririam os princípios citados, a exemplo da suposta defesa de ditaduras, sistemas de governo que encarnam o inimigo exterior do comunismo e do socialismo, o qual precisaria ser eliminado a qualquer custo para a manutenção da pátria, elo orgânico e simbólico da identidade democrática e capitalista que se deseja preservar como algo natural. Da mesma forma, a menção à defesa de pedófilos faria possível referência deturpada a pautas relacionadas a gênero e à educação sexual nas unidades escolares, caras aos grupos progressistas. Ao qualificar tais posicionamentos de esquerda como passíveis de punição e como uma ameaça, o Meme 4 reforça os ideais identitários de seu grupo, que se coloca como solução legítima e capaz de promover uma sociedade íntegra e coerente.

O embate sobre a masculinidade forte (ou frágil):

Figura 5. Meme “Menos testo na política”



Fonte¹¹: Esquerda pensante

Figura 6. Meme “Seja homem (de direita!)”



Fonte¹²: Martelo da direita

Na leitura dos dois memes que compõem o par acima, um questionamento inicial seria acerca da relação entre atuar na política (da esfera pública) e ter testosterona/sentir-se homem (da esfera privada). Convém pontuar, pois, que a testosterona é um hormônio produzido, principalmente, por pessoas portadoras de órgãos sexuais masculinos e atua, segundo especialistas, no crescimento de pelos faciais e corporais, na modulação da voz, no aumento da massa muscular, na função erétil e na produção de esperma, o que explica a associação comum dessa substância orgânica com a

¹¹ perfil @esquerdapensante do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

¹² perfil @martelo.da.direita do Instagram. Acesso em: 10 de maio de 2024.

masculinidade. Paralelamente, parece oportuno lembrar que a figura política deve corresponder à imagem do chefe idealizado pela instância cidadã, em seus valores e em suas emoções. Pode-se dizer que “[o] *ethos* político [a imagem que constrói de si mesmo] deve, portanto, mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados, uma vez que deve atingir o maior número, em nome de uma espécie de contrato de reconhecimento implícito.” (Charaudeau, 2008, p. 87). Em consequência disso, até mesmo imagens que não estão diretamente ligadas ao campo político, como, por exemplo, a de “virilidade” (daquele que é destemido), a de “sedutor” (que expõe sua vida/seu vigor sexual) ou a de “potência”/“força” (física), podem promover a adesão cidadã (Charaudeau, 2008, p. 88-89).

Nesse sentido, fundado na recusa do imaginário que associa a identidade masculina à sexualidade e à agressividade, o meme “Menos testo na política” representa o conflito entre um militante histérico (que, aos berros, busca defender a necessidade de se inserirem, na política, “mais homens com testosterona”) e um sereno interlocutor (que, placidamente, refuta tal afirmação, valendo-se de um contra-argumento por exemplificação: no recente cenário político, o país conseguiu “se livrar”, ou seja, libertar-se de figuras públicas preocupadas com suas imagens de virilidade e potência, em uma clara alusão à compra de milhares de comprimidos para disfunção erétil e de dezenas de próteses penianas feita pelo Exército brasileiro em 2022 e defendida pelo então presidente, Jair Bolsonaro¹³. Em lados (físicos e ideológicos) opostos, os personagens representados são qualificados visualmente, em especial, pela extensão de suas massas cerebrais, que, metonimicamente, apontam, em respectivo, menor e maior inteligência. Por meio desse signo imagético, portanto, a enunciadora do meme (@vek__tra) avalia, positivamente, o segundo personagem, com o qual seu TU destinatário é motivado a se identificar.

Em síntese, poder-se-ia dizer que, nesse texto memético, a esquerda pensante, em resistência à brutalidade e à masculinidade frágil, é identificada como racional, o que evoca a diretriz progressista da matriz do pensamento da esquerda, que propõe ao homem, por seu saber-fazer, superpor-se à suposta ordem natural das coisas (biológica e socialmente construída), expressa por relações de força não condizentes com o princípio básico da *igualdade* humana. Do outro lado dessa moeda, o projeto de fala construído no Meme 5 ataca, diretamente, os eixos do corpo de doutrina da direita política, para o qual “os seres não são iguais entre si, nada se pode fazer quanto a isso, é uma essência, uma marca da humanidade” (Charaudeau, 2016, p. 101). Na arena do discurso midiático e político, a estratégia empregada é, ainda uma vez, a captação ancorada na defesa dos valores de base do imaginário de esquerda, sustentando-se, pela representação de uma figura masculina lógica e ponderada, espelhada em modelos clássicos fundadores da democracia ateniense, a concepção igualitária dos indivíduos e a

¹³Cf. <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-defender-compras-de-viagra-e-proteses-penianas-para-o-exercito/>.

oposição veemente “ao exercício de uma autoridade que aproveite de sua posição de poder para submeter os indivíduos” (Charaudeau, 2016, p. 104).

Contrariamente, o meme “Seja homem (de direita!)” exalta um modelo masculino mais conservador, próprio do sistema de crenças tradicional. Isso porque, em sua parcela visual, o texto retoma a figura do caubói, que, desde, pelo menos, os anos 1970, pela importação da cinematografia norte-americana, tanto inspirou o comportamento dos homens brasileiros. Como procedimentos de conotação do signo fotográfico, destacam-se, dessa forma, além da ativa e austera *pose* do personagem, os *objetos* que sustenta: chapéu, sobretudo, distintivo e armas compõem a imagem do patrulheiro Cordell Walker, protagonista da série *Walker, Texas Ranger* (de 1993 a 2001), estrelada por Chuck Norris. Assim, se, por si só, o ator é, ainda hoje, considerado como símbolo de homem “durão” e vigoroso¹⁴, essa representação simbólica é ampliada ao se recuperar o fato de que, na série, seus golpes e tiros se contrapunham aos métodos científicos de seu parceiro no grupo de rangers do Texas – o que sugere a ênfase recair sobre a agressividade, em detrimento da racionalidade.

Em sua parcela verbal, o meme apresenta, inicialmente, uma enunciação que revela o ponto de vista interno ao sujeito falante: tratar-se-ia de uma *confissão* do locutor em relação à sua disforia de gênero, termo que designa o desconforto ou sofrimento causado por uma incongruência entre o sexo atribuído ao nascimento e a identidade de gênero. Paralelamente, a forma adverbial “também”, que, no contexto, pode ser considerada como um marcador de pressuposição (“não somente eu já me senti...”), implicaria o interlocutor, com quem se estaria compartilhando a não identificação com o sexo biológico. Haveria, desse modo, uma referência à “ideologia de gênero”, veementemente criticada (ou mesmo negada) pela direita política, como, por exemplo, nesta afirmação de Bolsonaro: “Não existe essa conversinha de ideologia de gênero. Isso é coisa do capeta.”¹⁵. O segundo enunciado do meme, no entanto, como uma estratégia humorística, realiza uma quebra de expectativa: se, em primeiro, sentir-se “um homem preso dentro do corpo de uma mulher” seria interpretado como uma expressão figurada/conotativa da transexualidade, a afirmação “Depois nasci”, junto à imagem do herói aguerrido, opera um reenquadre cognitivo, apontando para um sentido denotado: o confinamento físico à parte interna de um corpo feminino, concebido, pois, como um contêiner.

Dessa forma, no Meme 6, a articulação das formas verbais e imagéticas reforça a representação do ideal patriarcal e potente da figura masculina gestada no imaginário da direita, a qual se alinha tanto ao eixo temático da *ordem*, como uma alegoria do bem e da moral na luta contra às possíveis ameaças de reinterpretação/flexibilidade das identidades de gênero masculino e feminino pregadas por ativistas

¹⁴ Cf. <https://www.folhavoria.com.br/entretenimento/noticia/03/2024/aos-84-anos-ator-ainda-inspira-memes-chuck-norris-nao-faz-flexao-ele-empurra-o-planeta>.

¹⁵ Cf. <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-ideologia-de-genero-e-coisa-do-capeta.html>.

de esquerda, contrárias à realidade biológica natural; quanto ao eixo da *família*, entendida como berço e matriz do indivíduo, contrariamente ao que defende o imaginário de esquerda, para quem o indivíduo tem papel ativo na construção de estruturas sociais.

Convém notar, contudo, que a valorização familiar subjacente à peça em análise pressupõe uma qualificação positiva apenas do ideal masculino, expresso pelo homem livre (desde o nascimento) para se impor e dominar o mundo, o que, segundo Charaudeau (2016), reflete-se nos modelos de corpo social legitimados pela direita, a exemplo do político, centrado no rei e em seus súditos, e do religioso, orientado para o papa ou para os clérigos e seus os fiéis. Além disso, afirma-se uma única performance de gênero possível, ou seja, a que é coerente com a determinação biológica. Com efeito, a figura da mulher pressuposta nesse meme também legitima o predomínio da natureza sobre o homem e a manutenção de um estado de coisas, uma vez que é reduzida à objetividade de um corpo destinado à reprodução e desassociada da possível figura da mãe, que poderia ter conotação mais afetiva e, assim, pôr em xeque o ideal de masculinidade viril e impassível ao qual o enunciador deseja promover a adesão.

CONCLUSÕES

Na abertura da obra que dedica ao discurso político, Charaudeau toma como ponto de partida o entrelaçamento entre as identidades e sua(s) máscara(s), salientando que a constituição subjetiva nesse domínio discursivo – como em qualquer outra esfera de atividade humana – sempre se realiza em um jogo de ser e parecer mediado pela palavra, no qual “há sempre o que é dito e o que não o é, um não-dito que, entretanto, também se diz” (2008, Prólogo). Os memes eleitos como *corpus* deste estudo evidenciam, pois, de forma privilegiada, tal jogo identitário, revelando a complexidade do contrato comunicativo pactuado entre as instâncias política, adversária e cidadã em busca da promoção de pautas e teses caras a diferentes bases políticas, bem como da conquista do (e)leitorado. Paralelamente, tais textos meméticos permitem observar a atuação das mídias de informação como tática da militância, que, sendo parte da sociedade cidadã engajada em uma proposta de “dizer é fazer”, utiliza as redes sociais como tribuna para fazer ecoar suas manifestações e promover debates mais ou menos contraditórios e agitados.

Para que esse projeto de fala intencional dos enunciadores tenha sucesso, observou-se que os valores e as crenças que sustentam a matriz ideológica da esquerda e da direita compõem em todo o projeto de semiotização de mundo nos textos analisados e espelham, diretamente, valores, imaginários e identidades em conflito, marcados, em especial, pela estratégia dos ataques *ad hominem*. Dessa

forma, uma vez que prima pela imitação de imagens e ditos com a intenção de avaliar e provocar humor, ensejando representações metafóricas e paródicas de intertextos amplamente conhecidos de uma comunidade, o gênero *meme* reúne condições para o fazer simples – ideal à discussão política que, cada vez mais, ganha espaço no mundo conectado às tecnologias, em oposição à famosa argumentação mais pesada, complexa ou sutil do discurso político tradicional, que corre o risco (real e concreto muitas vezes) de não ser compreendida pela massa dos cidadãos (Charaudeau, 2008, p. 93).

Com efeito, ao tematizar a incoerência na defesa ou crítica de acontecimentos da atualidade brasileira e a representação da masculinidade, o corpus em estudo exemplificou a tentativa memética de redução da complexidade do mundo a uma expressão mais simples, ancorada em procedimentos de essencialização (condensação de ideias) e desqualificação do adversário (ou sua qualificação como “mal”), ao mesmo tempo em que ambos os polos – direita e esquerda – colocam-se como instrumento para o bem comum da nação. Exploram-se, nesse sentido, as grandes referências identitárias que criam o vínculo social da direita – a *pátria*, a *família*, a *nação* – e da esquerda – a *igualdade* e o *progresso* – como arma e, ao mesmo tempo, como escudo na intenção de conquistar a opinião pública. Trata-se, como propõe Charaudeau (2016, p. 114), de uma questão de manipulação discursiva, antes de tudo, e de disputa por um capital ideológico, uma vez que “[e]xaltar o sentimento identitário é lembrar que o pertencimento é, ao mesmo tempo, uma natureza dada por filiação e um ato de reconhecimento voluntário”.

REFERÊNCIAS

- Barthes, R. (1990). *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Charaudeau, P. (2005). Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: Pauliukonis, M.; Gavazzi, S. (org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna (pp. 11-29).
- Charaudeau, P. (2006). Identitésociale et identitédiscursive, lefondement de lacompèntencecommunicationelle. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, pp. 339-354.
- Charaudeau, P. (2008). *Discurso político*. Tradução Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto.
- Charaudeau, P. (2009). *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto.
- Charaudeau, P. (2016). *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto.

Charaudeau, P. (2022). Do discurso político ao discurso populista. O populismo é de direita ou de esquerda? *Calidoscópio*, 20(1), pp. 351-363.

Costa, W. (2017). Um estudo da relação entre referenciação e gênero textual. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, pp. 127-141.

Menezes, T. (2021). *Parece piada, mas não é*: análise cartográfica dos discursos em memes políticos na cena política brasileira. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Silva, T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T. (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes (pp. 73-102).